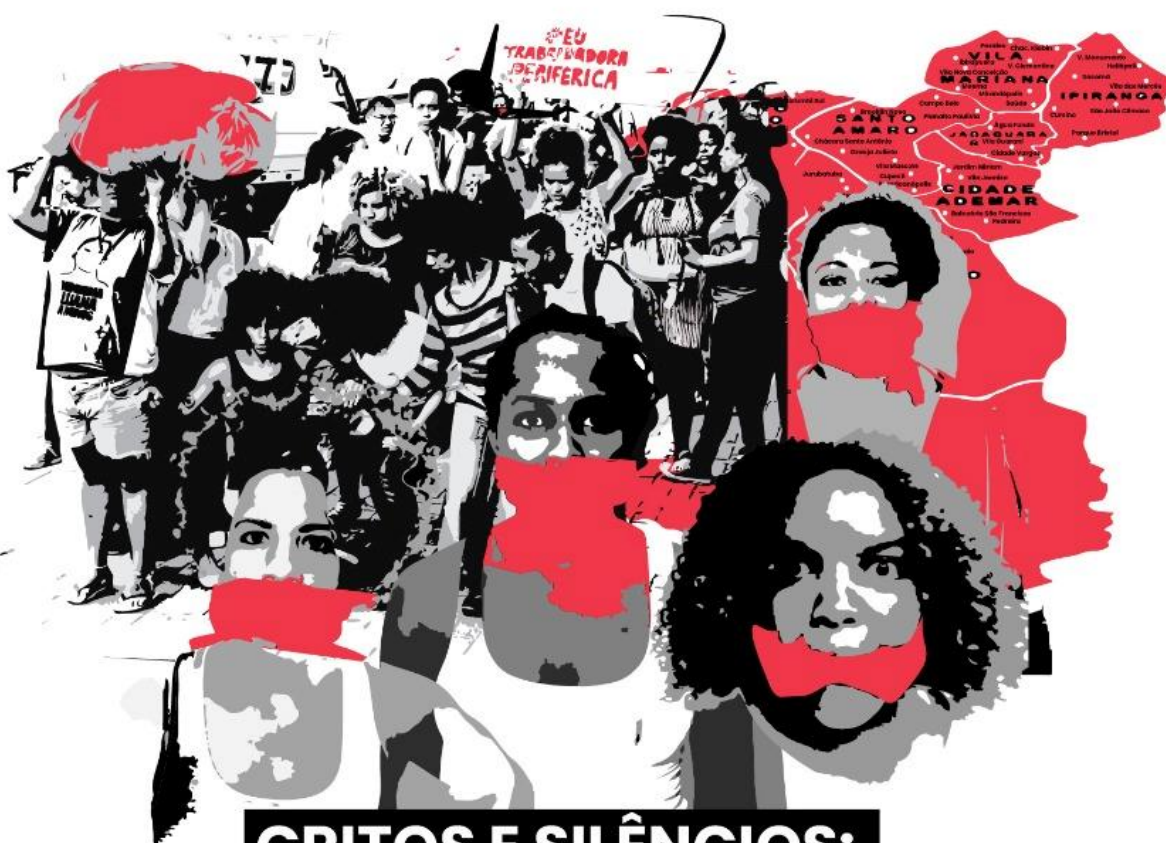


# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ALESSANDRA KELLY TAVARES DE OLIVEIRA



## GRITOS E SILÊNCIOS:

um mergulho no cotidiano e na intimidade  
de mulheres negras ativistas da  
periferia sul de São Paulo



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ALESSANDRA KELLY TAVARES DE OLIVEIRA

**Gritos e silêncios:  
um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres  
negras ativistas da periferia sul de São Paulo**

**Versão corrigida**

São Paulo

2022

ALESSANDRA KELLY TAVARES DE OLIVEIRA

Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras  
ativistas da periferia sul de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestra em Antropologia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Livre Docente Laura Moutinho.

**Versão corrigida**

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

048g      Oliveira, Alessandra Kelly Tavares de  
            Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na  
            intimidade de mulheres negras ativistas da periferia  
            sul de São Paulo. / Alessandra Kelly Tavares de  
            Oliveira; orientadora Laura Moutinho - São Paulo,  
            2022.  
            229 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Antropologia. Área de  
concentração: Antropologia Social.

1. Interseccionalidade. 2. Gênero. 3. Raça. 4.  
Cuidado. 5. Silenciamento. I. Moutinho, Laura,  
orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a): Alessandra Kelly Tavares de Oliveira**

**Data da defesa: 29/06/2022**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Laura Moutinho**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 30/09/2022



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

OLIVEIRA, Alessandra Kelly Tavares de. **Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras ativistas da periferia sul de São Paulo.**

Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em: 29 de junho de 2022

Banca examinadora

Prof. Dra. Suely Aldir Messeder

Instituição: Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Assinatura: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dra. Silvia Aguião Rodrigues

Instituição: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Assinatura: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Pedro Lopes

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Orientadora

Prof. Dra. Laura Moutinho

Instituição: Universidade de São Paulo -USP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Para Dona Maria de França, minha avó, uma mulher “forte sem ser” que tanto me ensinou sobre contar história e construir um mundo-linguagem.*

*Em memória de Dona Creuza, minha mãe, que na ocasião da aprovação na seleção do mestrado me ensinou gentilmente que “todas as mulheres guardam seus segredos” e ainda criança ensinou-me que minha cor não era sujeira. Seu amor pulsa em mim!*

*Para as mulheres negras e periféricas da zona sul pela beleza, sabedoria, audácia e coragem para construir cotidianamente espaços potenciais de vida em dias ensolarados ou diante tempestades torrenciais.*

## **Poesia do Silêncio**

Eu tenho muita coisa a dizer,  
mas eu tenho medo  
A palavra não dita  
é um sonho sem casa rastejando  
nas esquinas da solidão...

É uma poesia escrita nas poeiras das estradas,  
que o vento ardeiro apaga os traços...  
Laços do tempo em descompasso...  
Esventro-me no silêncio gritante desta pária sociedade,  
Voando vazia em mundo em desmundo...

Desabitando os esconderijos dos segredos das folhas  
Das verdades rabiscadas nas pétalas dos girassóis...

Sol, meu amigo mais constante,  
que ávido de tesão, testemunha meus segredos e tênue,  
acaricia meus africanos espíritos...

Neste instante já nem sei quem sou...

*Elizandra Souza e Sininho Paco*



## **LISTAS**

### **SIGLAS**

CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

PUC - SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CDHEP – Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo

NMN – Núcleo de Mulheres Negras (NMN)

COOPERIFA – Cooperativa Cultural da Periferia

MSE – Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto

CCAN – Cia Capulanas de Arte Negra

PB – Preto e Branco

SUS – Sistema Único de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PCC – Primeiro Comando da Capital

CDHEP - Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo

AMMA - Instituto AMMA Psique e Negritude

### **LISTA DE MAPA**

Mapa 1 – Mapeamento realizado pelo Google Maps a partir dos registros de caderno de campo sobre a circulação das mulheres negras pela cidade em busca de atividades de lazer e cultura.

## Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, Maria Creuza (*in memória*), por ter me feito *miss caipirinha* aos 5 anos de idade e ter me ensinado, que a *gente é gente* independente do que nos digam e de como nos tratem. Agradeço todas as vezes que me foi legitimado a fala, por não ter faltado nem alimento e nem colo, apesar das durezas da vida. Agradeço a ela por ter sido espelho, ter lutado por creches e por ter me mostrado *tudo sobre o amor*.

Agradeço aos afetos que nunca me faltaram no seio de minha família, agradeço por terem me feito irmã, tia, filha, sobrinha e neta. Essa narrativa carinhosa me permitiu me construir outras identidades. Às mulheres da minha família pelas inúmeras negociações e por favorecer as expressões dos meus sentimentos. Especialmente, à minha avó, Dona Maria de França e às minhas tias: Roseli, Leninha, Cicinha e Cilene.

Agradeço meu pai, Zé Antônio, pelo encontro, amor e cuidado. Sou grata por ter me estimulado o conhecimento. Por ler todas as Revistas Fala Guerreira e por valorizar minhas ideias, às vezes. Agradeço às ligações no meio do dia, para consolar meu desespero e me lembrar que *vou passar nas provas e que não posso deixar de acreditar*, te amo.

Ao meu irmão que me trouxe a Ana Julia, obrigada por ser me presenteado com minha pessoa preferida, Alex. À Ana Julia, pelas conversas, trocas, dia a dia e por aceitar meu colo. Agradeço à minha esposa que me trouxe o Rhyan, obrigada pela confiança. Agradeço ao Rhyan pela presença e pelo carinho. Agradeço à Fernanda Gomes, minha amora, a troca diária, o amor e cuidado. Obrigada paciência nos dias difíceis de escrita e luto. Agradeço a generosidade intelectual e as intermináveis conversas que em parte compõe essa dissertação. Nosso quilombo cresce e se fortalece a cada dia!

Motumba Baba, Carlos Adriano Ty Ayra, sua benção! Gratidão pelo enorme amor e pelos cuidados. Agradeço a você pelo lugar neste asè e família. Aos meus irmão e filhos. Nosso asè é madeira que não dá cupim!

Às minhas parcerias, amigas e irmãs dos coletivos feministas da zona sul e do mundão a fora, ofereço esse velho samba. *E a gente chegou muito bem, sem desmerecer a ninguém, enfrentando no peito um certo preconceito e muito desdém(...). Por isso vê lá onde pisa, respeite a camisa que a gente suou, respeite quem pode chegar onde a gente chegou.* Especialmente, Anabela Gonçalves, Araidla Carla Aguiar, Silvana Costa Martins, Danielle Braga, Renata Alves, Aline Anaya, Elaine Lima, Dayse Oliveira, Luana Oliveira, Cristiana Roseno, Flávia Rosa, Débora Marçal, Adriana Paixão, Priscila Obaci,

Sil Bahia, Livia Vidal, Gislene, Andrea Arruda, Carol Itzá, Cris Uchoa, Sulamita Assunção, Juliana, Jéssica, Yasmin, Mariana Faustino, Carmen Faustino, Jerusa Machado, Jussara Machado, Julinha, Amada, Dona Nice e tantas outras que compartilharam seus dias comigo.

Agradeço imensamente às minhas amigas, estou e sou repletas de vocês, obrigada pelos caminhos, encontros e construções. Agradeço às deusas todas as vezes que estivemos em círculo aqui pela América Latina, pelos cortejos e rodas do Periferia Segue Sangrando, os círculos e jantares do Núcleo de Mulheres Negras, pelas intervenções no 8M na quebrada. Aos afetos, risadas e fofocas, aos sambas na laje do Bloco do Beco e às trocas poéticas nos saraus da quebrada e na vida. Um salve especial às mulheres que construíram a coletiva Fala Guerreira, agradeço cada linha escritas nas revistas que circula nesse mundão.

Ao Jardim Nakamura, todos amigos e vizinhos e pela possibilidade de ser mais uma flor dessa quebrada: favela. Agradeço o conhecimento, a tecnologias e estratégias para além do imaginável. O território é a sabedoria ancestral viva! Agradeço a força ancestral que é a zona sul, zona show. Obrigado por me permitir ser educadora, artista, ativista, professora e aprender coletivamente todos os dias.

À Jenyffer Nascimento, minha amiga, por ser essa pessoa no mundo. Parceira intensa que me constitui. Aos seus escritos e poesias que me inspiram ao escrever, agradeço o colo, as reflexões, os experimentos e experiências. Agradeço a nossa intimidade e nossos silêncios. Agradeço à sua vida, amiga. Aqui agradeço também à Dandara Kunte, por me mostrar o tamanho que és, para que eu pudesse enxergar o meu próprio tamanho, somos grandes. À Danielle Regina, pelas trocas, pelo colo, pelo incentivo, pela alegria e rebeldia dos nossos dias. À Mari Brito pelo carinho, amizade e trajetória.

Sou grata a existência da potencialidade desta que é minha irmã e parceira, Milena Mateuzi, que bom lhe encontrar nas encruzilhadas da vida. Pelas trocas, escuta, apoio e colo. Pelo tempo que dedicou e dedica ao meu trabalho. Agradeço sua estrada e por me conduzir por ela até a Pós-Graduação em Antropologia Social. Agradeço por nunca ter largado a minha mão. Agradeço por me trazer a pesquisa como força vital e a academia como espaço de vida. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de maneira admirável, sua generosidade é inenarrável.

À Bruna Galicho e Shislene Macedo, pelas trocas e apoio, como o nome do nosso grupo de WhatsApp diz: *Só o amor orienta*. Gratidão pelo amor, pelas trocas e pelo apoio.

Pedro Lopes, obrigada por ter aceitado participar desta banca. Minha admiração por você é imensa. Agradeço a sua generosidade durante todos esses anos e por partilhar conosco suas leituras tão refinadas sobre o campo, a antropologia e a vida, conviver contigo é encantador. Thaís Tiriba, agradeço o carinho e disponibilidade. Ao Jesser Ramos, obrigada pelas inúmeras trocas e pelos sonhos e projetos dentro da universidade. Aos colegas da turma do mestrado, também quero agradecer a partilha, os trabalhos realizados, as trocas nas disciplinas cursadas, as conversas sobre escrita e desenvolvimento dos projetos apresentados, agradeço o apoio constante.

Obrigada ao grupo de orientandos da Professora Laura Moutinho pelo carinho, atenção, apoio, pela leitura de trechos dessa dissertação e por me abraçarem e me mostrarem que nunca estive sozinha.

À banca de qualificação, Silvia Aguião e Ana Claudia Duarte Rocha Marques, pela leitura e direcionamento. Quero agradecer especialmente ao aceite da banca, Silvia Aguião e Suely Messeder pela potência e sensibilidade de seus trabalhos e por compor minha história. A produção intelectual de vocês é realmente inspiradora para a minha construção.

Agradeço a todos os funcionários e funcionárias da USP, em especial os da FFLCH, do departamento de antropologia, por serem sempre prestativos, agradeço a disposição e o respeito.

Agradeço à CAPES por ter me agraciado com o financiamento para que essa pesquisa pudesse existir.

Finalizando pelo começo, quero agradecer à minha orientadora Laura Montinho, você foi um presente muito especiais. Obrigada pela paciência, pela compreensão, por me apoiar nos momentos mais difíceis do luto e por não me permitir desistir. Agradeço todo carinho, apoio e reconhecimento que sinto nestes anos de trabalho conjunto. Obrigada por acreditar nesta pesquisa, pelos elogios e incentivos, não tenho dúvidas que seu apoio foi fundamental para finalização desta dissertação. Agradeço o ato de ter conduzido esse trabalho com excelência com tanta potência e afeto.

Aos meus ancestrais, espíritos e seres que me acompanham e me conduzem!

## RESUMO

OLIVEIRA, Alessandra Kelly Tavares de. **Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras ativistas da periferia sul de São Paulo.** Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta dissertação partiu da denúncia do silenciamento entre mulheres negras dentro de uma rede ativista na zona sul de São Paulo. Esse caminho conduziu a pesquisa para dimensões da vida cotidiana em que silêncios e vozes são tecidos por meio do cuidado, da ancestralidade, da morte, da cura e da memória, produzindo um interessante mosaico que conecta território, raça, gênero, arte e política, dentro de um emaranhado de relações de afeto que produzem também conhecimento e sentidos políticos. Este trabalho demonstra, a partir de uma perspectiva de quem também compõem o campo, como estratégias de silêncio, de fala e de produção de memória são costuradas no complexo das relações pessoais, de intimidade e de luta. Foi a partir da negociação, partilha e agenciamento de sentidos e percepções no interior desta rede, que pesquisa e escrita foram produzidas. Realizo, assim, uma autoetnografia de um contexto do qual também faço parte buscando destacar as diferenças, as afinidades, as negociações, as controvérsias e os afetos entre mulheres negras, mobilizando tanto minha experiência a partir de relações de confiança e intimidade - construídas ao longo dos últimos 20 anos na periferia da zona sul de São Paulo-, quanto a perspectiva de uma antropologia multi-situada.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade; Gênero; Raça; Cuidado; Silenciamento.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Alessandra Kelly Tavares de. **Shouts and silences: a dive into the daily life and intimacy of black women activists from the southern suburb of São Paulo.** Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This thesis started from the complaint of the silencing among black women within an activist network in the south of São Paulo. This path led the research to dimensions of everyday life in which silences and voices are woven through care, ancestry, death, healing and memory, producing an interesting mosaic that connects territory, race, gender, art and politics within a tangle of affective relationships that also produce knowledge and political meanings. This thesis demonstrates, from the perspective of those who are also part of the field, how strategies of silence, speech and memory production are sewn into the complex of personal relationships, intimacy and struggle. It was from the negotiation, sharing and assembly of meanings and perceptions within this network that research and writing were produced. Thus, I carry out an autoethnography of a context that I am also a part of, seeking to highlight the differences, affinities, negotiations, controversies and affections between black women, mobilizing both my experience from relationships of trust and intimacy built over the last 20 years. years on the outskirts of the southern zone of São Paulo, regarding the perspective of a multi-situated anthropology.

**Keywords:** Intersectionality; Gender; Race; Care; Silence.

## Sumário

<b>Apresentação: Oferenda</b> .....	17
<b>Prólogo</b> .....	21
<b>Introdução</b> .....	28
Entre vida, política e antropologia: trajetória de fronteira .....	34
Um mapa das entrelinhas: resumo dos capítulos.....	41
Trança do tempo: como se constituiu a rede de mulheres negras da zona sul de São Paulo?.	43
<b>Capítulo 1 - <i>Eu tenho a chave do mundo: grupo de mulheres negras na periferia sul de São Paulo</i></b> .....	48
1.1 Nós, mulheres negras .....	50
1.2 Quem pode conter esse redemoinho que é ser mulher preta? .....	55
1.3 Um grito entalado na garganta: narrativas femininas e feministas.....	59
1.4 O que se quer dizer ecoa de outras maneiras.....	63
1.5 Nem toque de recolher me põe para dentro: circulação e mobilidade .....	68
1.6 Por dentro das <i>margens</i> .....	71
1.7 Ultrapassando fronteiras.....	76
1.8 Toque de recolher ou as memórias da guerra que não existiu.....	81
<b>Capítulo 2: Regimes de visibilidade e invisibilidade</b> .....	90
2.1 <i>Um defeito de cor</i> : disputas e legitimidades na rede de mulheres negras .....	90
2.2 Mares de desterro e invisibilidade .....	100
2.3 A indizível parte da experiência negra lésbica.....	105
2.4 <i>Dar conta</i> : narrativas de cuidado e abandono.....	113
2.5 Tempo para os outros.....	116
2.6 Tempo de ficar com .....	124
2.7 Tempo pra mim.....	128
<b>Capítulo 3 - Silêncios e silenciamentos: o assombro do tempo entre a palavra e o vazio</b> .	136
3.1 As palavras escorrem pela boca .....	142
3.2 “Como os meus silêncios com cusuz, mesmo que tenham gosto de morte” .....	146
3.3 Ancestralidade, tempo e memória .....	148
<b>Considerações Finais: Assentamento</b> .....	152
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	157
<b>Anexos</b> .....	165
<b>Trança do Tempo: 2001 – 2021</b> .....	165
<b>Como se constituiu a rede de mulheres negras na zona sul de São Paulo?</b> .....	165
2001 .....	166

2002 .....	167
2003 .....	169
2004 .....	170
2005 .....	171
2006 .....	172
2007 .....	174
2008 .....	179
2009 .....	183
2010 .....	185
2011 .....	186
2012 .....	193
2013 .....	197
2014 .....	200
2015 .....	203
2016 .....	209
2017 .....	216
2018 .....	218
2019 .....	222
2020 .....	225
2021 .....	227



## Apresentação: Oferenda<sup>1</sup>

*O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” - o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós?*

Gloria Anzaldúa

Escrever e entregar esta dissertação parte da profunda tentativa de reconciliação entre esse eu profundo, partilhado com tantas outras mulheres da zona sul, com um outro construído dentro de nós, tendo profunda consciência que tanto esse eu, quanto esse outro, foram construídos cada um a sua maneira. Durante todo esse processo de pesquisa, iniciado em 2018 e finalizado agora em 2022, essa busca se configurou como um processo de formação acadêmica como antropóloga, mas também como uma profunda investigação de como racialidade, gênero e território foram construindo o meu corpo.

Valéria Alves de Souza, em sua dissertação de mestrado (2015), *Os Tambores das Yabás: raça, sexualidade, gênero e cultura no Bloco Afro Ilu Obá de Min*, alerta, já na introdução, os riscos de se colocar em campo. Seu alerta se fez presente durante a minha escrita. Muitas vezes, minha presença em campo não é evidente. Em alguns momentos deste processo o risco foi insuportável para mim, a tal ponto que existem cenas inconclusas, interrompidas. Entrego deste modo uma escrita etnográfica de mulheres negras nas encruzilhadas dos marcadores sociais da diferença e, ao mesmo tempo, um texto igualmente marcado.

A dissertação que apresento vem em forma de rede – não tem uma linha única que conecta todas as partes. Por mais que tentasse, era impossível, na escrita, amarrar todas as pontas que saíam dos capítulos e seções. Assumir a descontinuidade e apontar alguns momentos que eu, como pessoa e antropóloga, fui incapaz de atravessar é parte da forma que foi possível pesquisar e finalizar a escrita em meio à pandemia, vivendo um luto intenso com a perda da minha mãe, bem como uma vida anterior, que deixou de existir com sua partida. Aqui, estou ancorada por uma rede de afeto e de produção

---

<sup>1</sup> Oferenda nas religiões de matriz africana significa, simultaneamente, uma dádiva que se oferece aos orixás ou entidades e/ou uma forma de limpeza espiritual (ebó) para alcançar alguma forma de cura. O sentido ambíguo dessa forma ritual conversa profundamente com essa dissertação e, por isso, apresenta esse texto. Toda oferenda é essencialmente um sacrifício, um desfazer de algo para entregar a outro e, por muito tempo, essa dissertação foi algo construído coletivamente e ao mesmo tempo profundamente meu.

intelectual, tentando reconstruir um mundo de força na *matripotência*<sup>2</sup>, costurando as partes do texto e em mim.

Vivo a experiência de cruzar tantas fronteiras do território com outras mulheres, igualmente marcadas por território, raça e gênero. Trocando em torno dessa experiência, fomos construindo ao longo do tempo uma capacidade reflexiva sobre nossas vivências, nossos tempos e nossas vozes, bem como construímos um conhecimento a partir dessa perspectiva. Patricia Hill Collins (2016) escreve sobre o ponto de vista das mulheres negras como um lugar privilegiado, construído historicamente, por meio do qual é possível observar e compreender de dentro tanto as elites brancas, quanto suas próprias comunidades. Com Collins, parto da centralidade da experiência na produção do conhecimento, que não se constrói somente a partir da vida, mas, essencialmente, da reflexão sobre ela.

Esta pesquisa se inspira muito no trabalho de Lélia Gonzalez, que retoma uma distinção entre lógica e análise, sendo o lixo da primeira os bens da segunda, para mostrar a relação sobre o que vem sendo produzido na academia, sobre as populações negras e a importância da fala e do risco de falar, com todas suas implicações. De modo provocativo ela anuncia da seguinte maneira não só seu trabalho, mas, de alguma forma, uma trajetória de pesquisas: “o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 1984, p. 225). Na minha perspectiva, a anunciação da fala desse “lixo” está profundamente implicada nos riscos. Não se trata aqui exclusivamente da questão da subalternidade, mas, essencialmente, da atenção aos elementos excluídos pela lógica, outros ângulos de percepção e sua possibilidade de transgredir a própria realidade dos objetos ou até mesmo dos fatos (ŽIŽEK, 2018).

Um aspecto importante desta pesquisa é o marcador geracional. Normalmente identificamos grupo de ativistas com o recorte da juventude. Contudo, o campo que apresento, majoritariamente, nasceu na periferia de São Paulo entre o final dos anos 70 e 80, desta forma e, formalmente, não se enquadra como juventude. Um aspecto importante relacionado à geração é como esse marcador atua também no campo político, uma vez que discussões sobre ditadura militar, inflação, reconhecimento dos movimentos de base são constantes. Na minha trajetória pessoal, foi interessante reconhecer o pertencimento

---

<sup>2</sup> Refiro-me à matripotência conforme o conceito de Oyèrónkẹ Oyěwùmí em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021), que resgata o papel das *Ìyá* como uma instituição social não marcada pela subordinação do gênero presente na epistemologia yoruba.

ativista da minha mãe aos clubes de mães, costurando memórias de infância à leitura mais ampla do feminismo na periferia, a partir das trocas com a intelectual e ativista Danielle Regina de Oliveira. Essas trocas se materializaram também na produção de sua dissertação de mestrado (2019).

Vejo minha pesquisa como uma experiência autoetnográfica. Meu campo foi composto por meio da interlocução e partilha dos sentidos da pesquisa com pessoas que tomei como interlocutoras e ao mesmo tempo referências bibliográficas. Confesso que a própria experiência provoca uma inquietude pessoal: como transformar em escrita essas inúmeras interfaces de trocas por meio da leitura, dos encontros e atividades acadêmicas e do espaço de intimidade criado ao longo dos últimos vinte anos e como conduzir a leitora na compreensão dessas estratégias de engajamento e desengajamento epistemológico?

O *desengajamento epistemológico* defendido por Ochy Curiel (2020) traz o abandono da colonialidade de poder e este movimento se coloca a partir de dois prismas, que também orientam minha pesquisa. Primeiro, o reconhecimento e a legitimação de saberes subalternizados que, neste trabalho, aparecem por meio da produção de mulheres negras e periféricas como referências teóricas e literárias e que compõem o texto e contribuem com sua construção por meio de inúmeras trocas durante estes quatro anos de produção. Opto por não estender uma longa análise dos textos literários por este motivo, todas as intencionalidades e saberes estão expressos poeticamente e compõem a compreensão do cenário em que estão inseridos.

Ainda neste ponto, cabe sinalizar que há outros saberes e agenciamentos, especialmente relacionados à espiritualidade, que não consegui traduzir na redação da dissertação. Espiritualidades ligadas às matrizes africanas dos diversos candomblés: como feitura, obrigações, ebós, oferendas, consultas com entidades e encantados, Ayahuasca, viagens astrais, feitiçarias, oráculos e outros tantos. Experiências que estariam na chave da espiritualidade e seus agenciamentos sobre a vida pessoal das mulheres com as quais produzo a pesquisa, bem como da minha e da própria pesquisa, não aparecem em palavra com a mesma intensidade, vivida em experiência.

O segundo ponto que destaco sobre o *desengajamento epistemológico* proposto por Ochy Curiel (2020) refere-se à observação de que a colonialidade do saber está nas condições de produção de conhecimentos. Esta pesquisa procurou superar a economia de conhecimento associada à centralidade geopolítica e propôs-se uma busca por propostas

metodológicas, pedagógicas e de modos de fazer pesquisa atrelados a processos coletivos que, acima de tudo, contribuíssem de diferentes formas para a transformação social.

Sobonfu Somé, escritora de Burkina Faso, abre seu livro o *Espírito da Intimidade* de um jeito que muito me encanta e que percebo, ao finalizar este trabalho, muito parecido com minha forma de fazer esta dissertação:

*Várias imagens vêm e vão. Como estrelas, pequenas estrelas. Você terá que unir essas imagens, para poder fazer algum sentido delas. (SOMÉ, 2003. s/p.).*

## Prólogo

*Quem pode coexistir com as marcas? Quais são os sujeitos que podem viver com a cicatriz?*

Com o esgotamento emocional e uma mudança de percepção de segurança com relação a COVID-19, em fevereiro de 2021, um grupo de cinco mulheres decidiu fugir um pouco da tragédia que afetava seus mundos de forma particular. Assoladas não apenas pelas suas vidas, mas pelos impactos em seu entorno, como desemprego, instabilidade emocional e fome, que há alguns meses passou a marcar seus territórios. Estavam cansadas. Há meses mobilizavam-se para arrecadação e distribuição de alimentos e outros tipos de recursos para famílias de suas redes. Resolveram aproveitar um pouco do sol, do verão e do carnaval num lugar mais seguro, aberto e arejado. Já que estavam, desde o início da pandemia, circulando por todos os bairros da zona sul e pelos extremos da cidade entregando cesta básica, cartões alimentação, poderiam se encontrar em um lugar mais calmo para trocar, chorar e rir do cotidiano pandêmico.

O principal disparador para o encontro foi a situação de uma mulher, que estava em estado mental bastante conturbado, por conta de um relacionamento abusivo. Não era uma reunião exclusiva de mulheres negras, envolvia uma rede mais ampla de afeto e de ativismo que se encontrava para celebrar a vida. Contudo ainda havia um medo da pandemia e Branca ponderou: “a gente pode sair para entregar cesta, pegar doação, retirar mulher de dentro de casa, fazer e entregar marmitas. E não pode ir para a praia, piscina ou cachoeira por segurança. Pelo amor de Deus! Segurança de quem?” Esse foi o dispositivo para repensar as estratégias de segurança e começar a produção do encontro, ou seja, a busca pelo lugar arejado com água e sol e facilidade de locomoção. O encontro estava agendado e um grupo no WhatsApp foi montado com mais de 20 mulheres, sem contar as crianças e adolescentes. Estava previsto um encontro com aproximadamente 40 pessoas.

Na descrição do grupo - Carnaval. Há muito tempo não fazíamos festas. Os encontros eram mais reservados com três ou cinco mulheres. Algumas festinhas e comemorações um pouco maiores. Dentro da rede havia mulheres que não se viam há mais de seis meses. Algumas pessoas declinaram da proposta por segurança. Não se arriscariam mesmo em espaço aberto, o motivo principal estava alinhado à cuidados com outras pessoas: seus pais ou outros idosos. Algumas aceitaram mesmo com medo, grupo

no qual me incluo. As mais destemidas, estavam bem animadas. Confesso que fazia parte do grupo receoso, mas concordei com o encontro. A hipótese da praia foi logo descartada. Não havia recursos suficientes. Contudo, manteve-se a proposta inicial dentro da cidade para facilitar a locomoção, de preferência na zona sul. Começaram as buscas e foi encontrado um bar com piscina no Jardim Copacabana.

Mel foi quem realizou os combinados com o dono do bar. A reserva do espaço para o nosso evento, por segurança, seria um espaço exclusivo para o grupo, com especial atenção à proibição de entrada homens (os únicos homens presentes seriam os trabalhadores do local, os filhos e, porventura, as bixas convidadas). Cada pessoa pagaria o valor de dez reais e poderíamos fazer nosso churrasco e levar nossa bebida. Tudo acordado, a proposta foi comunicada no grupo Carnaval. Sábado, dia 14 de fevereiro de 2021 seria nossa “festa”.

O dia estava ensolarado, propício para uma tardezinha com piscina, música, churrasco e cerveja. O espaço era grande e de fácil acesso dentro da favela do Jardim Copacabana. Muitos encontros e conversas. Durante todo o dia, crianças na piscina, adolescentes bebendo energético e os mais velhos com a *Ice* na mão. Tudo parecia ir muito bem. O espaço contava com um tobogã que caía dentro da piscina. O brinquedo foi um sucesso, especialmente, entre crianças e adolescentes. Tudo corria bem! Algumas mulheres agradeciam a si mesmas por terem ido. O público crescia com o crescendo do ponteiro do relógio. Às 14h, já estávamos em quantidade significativa. Eu estava sentada no canto superior da piscina, com outras quatro mulheres conversando sobre luto, perda e isolamento social. A alegria aparente também reservava espaço para trocas profundas e até mesmo para o choro.

A brincadeira das crianças e adolescentes contagiou as adultas que depois de umas latinhas de cerveja, entraram também na folia da água. O tobogã, passou a ser a diversão da mulherada. Descia uma, descia outra, desciam em dupla, desciam em trio. As mulheres acenavam lá de cima. Chamei a Morena, pessoa com a qual tenho mais intimidade, e falei: cuidado para não se machucar! Fiquei sentada no mesmo lugar, confesso que estava muito triste e preferi ficar conversando com Preta, Canela, Mel, Branca e Clariana. Preta comentou comigo dias depois que tinha a impressão de que o seu peso a impossibilitou de entrar na brincadeira. Infelizmente, uma mulher gorda avalia bem as estruturas do espaço antes de colocar seu corpo neles ou mesmo antes de entrar na brincadeira daquele jeito. Mas, neste dia, ainda bem! Os fatos que se sucederam

interromperam um choro que eu começava a esboçar ao lado dessas mulheres, em meio a essa série de imagens e situações.

Algumas vozes nos gritaram e convocaram nosso olhar para cima do tobogã. Nega, Pretinha e Clara vão descer juntas. Era a terceira rodada de mulheres descendo juntas. Nega ainda não havia descido, há pouco tinha decidido entrar na piscina. No momento em que ela está na metade do escorregador, percebi sua expressão transitando da alegria para a dor. Quando caiu na água ficou certo que alguma coisa havia acontecido. Rapidamente, ela sai com um semblante muito estranho. Quando olho para sua coxa, percebo um corte profundo e sua carne à mostra, sem sangue. O pânico do corte ou talvez a interrupção do choro me fez sentir um profundo enjoo. Uma náusea.

Nega havia rasgado sua coxa na lateral do tobogã. Um ferimento grande, profundo e forte. A mulherada foi se juntando ao redor de Nega e ela tentando se manter calma, sem escândalo, grito ou algo parecido. Pelo olhar era possível perceber que outras mulheres também se sentiam mal. A amiga mais íntima da Nega, Preta, saiu para arrumar as coisas para socorrê-la. Ela estava visivelmente desorganizada com aquela cena. Em meio a todo o alvoroço, o responsável pelo estabelecimento chama outro rapaz para levar Nega ao hospital. Preta, pega suas coisas e se veste para acompanhá-la. Intuitivamente pego um vestido que tinha na bolsa para colocar em Nega e outra amiga amarra uma toalha e um lenço para que a ferida não ficasse exposta. Enquanto tudo isso acontece, Nega tenta acalmar sua filha, que desmaiou ao ver a situação da mãe e as pessoas que estão ali com ela. Eu saio para tranquilizar Pretinha, filha de Nega, que está aos gritos de desespero. Quando chego, ela já está com outros adolescentes, muito desesperada e amparada pelos amigos. Antes de sair, Nega grita: cadê meus shorts, minha roupa? Sua filha lhe entrega já na entrada do carro e sua mãe fala: vai ficar tudo bem. Então, o carro sai para o hospital.

Ficamos no bar. Durante aproximadamente uma hora, todo mundo ficou apavorado, estático, tentando acreditar no que havia acontecido. Comentava-se como Nega poderia ter ficado tão tranquila diante do acidente que seria motivo para desmaio, gritos de dor e até escândalo para muitas de nós. Aos poucos, a situação vai se acalmando e Preta manda uma mensagem dizendo que estariam voltando. Algumas mulheres ficam desacreditadas com a mensagem, afinal, o ferimento era um pouco grande e precisaria de cuidados maiores. Preta e Nega, se ressentem dos olhares que receberam ao chegar, sentiam certo julgamento. Da minha parte, uma confusão dúbia, de um lado, compreensão

com o comportamento de Nega e do outro, um julgamento pela negligência com sua saúde.

O que aconteceu entre o intervalo da saída de Nega e seu retorno, fiquei sabendo apenas no outro dia por Preta. A ferida, que inicialmente não sangrou, tingiu a toalha de sangue no caminho até a Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) do Jardim Ângela, que era relativamente curto. Apesar do sangue, ela disse que Nega não derrubou uma lágrima, enquanto ela não conseguia controlar o choro. Nega falava: vai ficar tudo bem! Ela disse que ficou envergonhada e resolveu engolir o choro também. Na UPA entraram pela emergência, pois o ferimento já estava sangrando muito. Elas foram atendidas por uma enfermeira preta. Ao olhar o rasgo e voltar os olhos novamente para a face de Nega, a mulher fez uma expressão de espanto e disse que ali na unidade não teriam condições de prestar o atendimento, pois os cuidados seriam mais complexos e cirúrgicos. Naquele momento a enfermeira atestava a gravidade do ferimento: “você precisará ficar internada, fazer avaliação ortopédica e, possivelmente, fazer uma cirurgia comum e outra plástica. Vou limpar e cuidar desse ferimento, mas você precisará ir ao hospital”.

Segundo o que Preta nos contou em casa no dia seguinte, Nega ouvia tudo e não expressava nenhuma reação facial. O médico plantonista, um jovem branco, veio e avaliou que encaminharia em uma ambulância a paciente da UPA Jardim Ângela para o Hospital Campo Limpo. Nega, pergunta ao médico o tempo desta transferência e ele disse que demoraria bastante, pois contavam com poucas ambulâncias e que outros pacientes estavam em sua frente. Disse que, em média, o tempo de espera deveria ser entre duas e quatro horas. Nega, afirmou ao médico que preferia ir embora e que iria direto ao Hospital Campo Limpo, uma vez que, o hospital mais próximo, M’Boi Mirim, era referência de atendimento para Coronavírus (COVID-19) e não estava atendendo outras demandas. A enfermeira disse que pegaria um termo de responsabilidade para alta médica, mas o papel nunca chegou. A UPA estava lotada de todos os tipos de casos, e Preta, em silêncio, morrendo de medo de pegar COVID. Saíram de lá somente com um curativo no ferimento.

No portão da UPA, Nega pediu a Preta que chamasse um *Uber* para voltar ao local da festa, havia passado pouco das seis horas da tarde e ela quis retornar ao espaço. Preta insistiu para que elas fossem ao hospital. Nega, irritada com a resistência de Preta, gritou: “Eu não quero ir para o hospital agora! Não quero ficar jogada lá!”. Em sua concepção, seria melhor ir para o hospital por volta das 22h e perguntou se Preta iria com ela. Preta afirmou que sim e nos disse que não queria desrespeitar sua vontade.



A verdade é que a chegada da Preta e da Nega de volta ao bar não foi bem recebida. Lembro bem da cara de espanto das mulheres que ali estavam. Lembro que isso mexeu com a semana e com os sentimentos de muitas delas. Algumas choraram escondidas no banheiro. Não ir ao hospital diante da gravidade da situação era muito complicado, sério e preocupante para algumas, mas compreensível para poucas. Preta e Nega se sentaram uma ao lado da outra. Ambas ficaram no bar até aproximadamente 22h. Assim, grande parte das mulheres que ali estavam também estenderam o tempo de permanência no bar. Para suportar a dor e, talvez, a sensação de julgamento das demais pessoas, Nega tomou quatro doses de conhaque e fumou uns dois baseados. A situação era tensa, mas aos poucos a mulherada começou a interagir com certa “normalidade”. A tensão escapou em outro episódio. Pretinha e sua amiga resolveram descer novamente no tobogã e algumas mulheres começaram a gritar e “ameaçar ir embora”. Mandaram que as meninas descessem imediatamente do brinquedo, enquanto nega dizia: “isso mesmo filha, foi só um acidente. Não precisa ficar com medo”.

Nega resolveu ir para o hospital quando a dor passou do limite do suportável. Preta a acompanhou. Todas as mulheres que ainda estavam no local foram embora neste mesmo momento. Clara deixou Preta e Nega no hospital. No caminho o quadro de Nega foi piorando. Quando chegaram, ela já estava sentindo bastante dor e Preta pediu uma cadeira de rodas para os funcionários que demoraram horas para responder e não conseguiram nenhuma. Nesse tempo, Preta levava Nega de um lado para o outro do hospital. O fluxo de atendimento no serviço público sem emergência consiste no preenchimento de uma ficha, triagem com enfermeiras, atendimento médico, medicação e/ou procedimento, atendimento médico e encaminhamento. Cada um desses procedimentos era realizado em um local do hospital. Durante grande parte desse trajeto, Preta servia de apoio para Nega. Nega nos contou que em todas essas etapas funcionários a questionavam, com olhares de julgamento, se ela era usuária de drogas. Nega se sentia envergonhada, mas respondia com firmeza que havia fumado maconha e bebia cerveja. Depois do atendimento com o ortopedista foram encaminhadas para o setor de sutura. Ficaram mais de duas horas aguardando esse atendimento. Nega estava com dor e Preta com muita fome. Nega começou a ter um início de desmaio. Preta foi buscar uma maca, mas a informaram que não havia macas suficientes. Nega disse: amiga, estende essa toalha no chão para eu me deitar. Nega se deitou no chão. Nessa hora, Preta me ligou. Eu havia mandado algumas mensagens para saber mais sobre a situação. Preta começou a

chorar dizendo que eram tratadas como lixo dentro do hospital e que Nega estava jogada no chão, com dor e que ela não tinha forças para brigar. Ficaram ali quase duas horas.

Preta estava com medo de pegar COVID, mas resolveu não comentar nada com Nega, afinal, ela estava com dor e agora expressava isso no rosto e somente ali. A enfermeira, uma mulher negra de pele escura e bem alta, com aproximadamente 50 anos, chamou Nega para a sala de sutura. Preta perguntou à enfermeira: “vai doer?” Ela responde: “vai doer sim, todo o procedimento é sem anestesia”. Nega não esboçou nenhuma reação. Logo entrou a médica e examinou a ferida. Ela não olhou para Nega e não perguntou nada. Antes de começar o procedimento Nega perguntou: “vai ficar uma cicatriz muito feia?” Preta me disse que foi muito revoltante ouvir o silêncio e o desprezo da médica que fingiu não ouvir. Quando Nega refaz a pergunta, ela sem olhar simplesmente diz: “todo corte deixa uma cicatriz”. E não disse mais nada. Nega também se fechou e não falou mais nada. Nenhuma palavra ou som durante todo o procedimento.

Quando acabou a intervenção, Nega perguntou “quais são os procedimentos agora?” A médica fazendo uma receita e sem sequer olhar para Nega disse: “lavar com água e sabão e retirar os pontos na UBS depois de sete dias”. Nega começou a falar: eu trabalho vendendo cachorro-quente na rua e a médica interrompeu e disse: “pode voltar ao trabalho amanhã”. Nega e Preta saíram de lá cansadas, maltratadas e com a receita de dipirona 500 mg.

A situação da Nega mexeu bastante com as mulheres que estavam presentes no dia. Nega, acabava de se separar e estava de mudança para casa no mesmo quintal de sua mãe que, por sua vez, já estava descontente com a separação, imagina agora com esse acidente. Não lidaria bem com a filha na sua casa durante a recuperação e ainda mais na nova situação: sem trabalho. Nega começou a se aproximar das mulheres que estavam no encontro e que formavam essa rede, por meio de sua amiga Preta, havia pouco tempo que Nega frequentava os encontros e festas. Mas, aquela postura de segurar firme, em momentos que se confronta com o limite, era tão conhecido que produzia cicatrizes em todas.

Organizamos algumas formas de contribuir com a recuperação de Nega, amenizar os conflitos familiares e reconfortar seus sentimentos. Então, organizamos algumas ações para arrecadar dinheiro com rifa e vaquinha. Mobilizamos a rede para encontrar e encaminhar para ela algumas cestas básicas e atitudes de afeto como mensagens, flores e busca de métodos naturais para a cicatrização da ferida. Uma advogada da nossa rede se disponibilizou para responsabilizar o dono do local e ajudar

no pedido de pensão alimentícia do pai de sua filha. Nega ficou bastante emocionada e escreveu no grupo: “agora entendo o sentido de não estar sozinha”.

Foi uma semana difícil. Nos dois primeiros dias, Nega não conseguiu dormir por conta da dor. Mas seguiu as recomendações médicas. Na semana seguinte, ela foi até a Unidade Básica de Saúde (UBS) para retirar os pontos. A equipe médica ficou perplexa. Sua ferida estava necrosada. Os procedimentos médicos e as recomendações não eram coerentes com a gravidade do ferimento, havia necessidade de outros cuidados e medicações devido à dimensão da lesão. Seria necessário agora, um procedimento para reverter o cenário e não infeccionar o ferimento. Nega ficou muito abatida. Imaginar que a ferida se agravou e que, agora sim, ela corria sérios riscos. A cada dois dias ela precisava limpar a ferida e realizar curativos na UBS do seu bairro, no distrito do Campo Limpo. Fez isso, durante as duas semanas seguintes.

A cicatriz ficou marcada na pele. Uma cicatriz imensa na parte posterior da coxa com marcas e desnível. E, ficou também, a pergunta: “quem pode conviver com a cicatriz? Quais corpos não merecem cuidado?” Para amenizar a dor, dela e a nossa, ela me disse: “minha cicatriz é igual da minha mãe, parece uma folha de maconha”.

## Introdução

*Na posição de uma intelectual negra que experencia cotidianamente as benesses e os dissabores de ser o que é e que aprendeu que em certas relações de poder a minha agência é acionada na intersecção entre palavras agradáveis e uns olhares ácidos. E com essa determinação que apresento a vocês, leitoras e leitores, meu campo etnográfico e as minhas contribuições para o estudo dos marcadores sociais da diferença.*

Valéria Alves de Souza

Discussões sobre reconhecimento e identidades têm sido intensas nos últimos anos no Brasil. Em especial, o debate racial que tem atravessado as mais diferentes instâncias, impulsionando a ampliação das políticas de ações afirmativas. Mesmo que ainda com muitos desafios, as conquistas do movimento negro, têm produzido o reconhecimento do racismo por parte do Estado. Da mesma forma, o movimento feminista engendrou importantes transformações sociais desde o século passado e, como afirmou Sueli Carneiro, apontou também limitações na medida em que “as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade” (CARNEIRO, 2003, p. 118).

A produção acadêmica sobre mulheres negras tem crescido significativamente a partir de 1980, ganhando proporções maiores ainda nos anos 2000. Esta pujante reflexão científica está relacionada, em parte, com as políticas de ações afirmativas nas universidades tanto nas graduações, quanto pós-graduações, que ao incluírem novos sujeitos (leia-se negros e indígenas, pessoas trans, refugiados, entre outras minorias a depender da região), passaram a abordar outras perspectivas e novas preocupações epistemológicas. Analisando os efeitos das políticas de ação afirmativa dentro das universidades, Neves, Lima e Silva afirmam:

Independentemente de resolverem ou não a flagrante desigualdade entre brancos e negros no nosso país, as políticas de ação afirmativa, com destaque para as cotas raciais, estimulam o debate sobre raça, racialização, justiça e racismo numa sociedade que sempre pareceu dormir no berço esplêndido do mito da democracia racial [...] para nós, no entanto, não restam dúvidas de que elas têm permitido um enorme avanço no interesse e produção de reflexões sobre o racismo no Brasil. (2014, p. 158)

Essa pesquisa é fruto desse processo. De um lado, é estimulada, assim como favorece a autorreflexão e a construção do próprio grupo que pesquiso e faço parte; e, por outro lado, coloca o debate racial a partir da experiência de mulher negra, moradora da periferia e ativista em coletivos de mulheres, principalmente negras, dentro do campo acadêmicos. Inspirada em Laura Moutinho, este trabalho busca observar, a partir do reconhecimento do racismo, a construção de subjetividades de pessoas negras que compõem grupos marcados racialmente (MOUTINHO, 2014).

A discussão sobre mulheres negras não se restringe ao campo acadêmico, mas parte de uma intensa discussão política dentro do movimento feminista e negro que ultrapassa suas fronteiras, estendendo-se ao debate público por meio das grandes mídias. Dentro de movimentos periféricos, como os coletivos que pesquiso, a discussão vem acompanhada de outras compreensões sobre como marcadores de raça, gênero e classe operam na singularidade de suas vivências.

Assim, percebo que temas atrelados à experiência das mulheres negras e a sua relação com o mundo, bem como à formação de sua subjetividade, se antes eram pouco investigados, passam a ganhar destaque em novas produções na antropologia, especialmente aquelas voltadas à reflexão sobre marcadores sociais da diferença (MOUTINHO, 2014; MOUTINHO, ALVES e MATEUZI, 2016).

Minha pesquisa mergulhou no universo de uma rede de mulheres negras ativistas que se movimenta e se mobiliza de forma muito dinâmica através de relações de afinidade e de ações políticas. Todas elas são ou foram – devido à grande mobilidade das pessoas do campo – moradoras da zona sul de São Paulo nos distritos de São Luís, Vila Andrade, Campo Limpo, Jardim Ângela, Grajaú e Capão Redondo e isso marca significativamente a forma como o discurso é articulado, uma vez que, para além dos marcadores de raça, gênero e classe, território também aparecerá como qualificador desta experiência. Essas mulheres possuem trajetórias profissionais diversas – atreladas em sua maioria à educação, arte, serviço social e na gestão de projetos sociais – assim como diversas formas de comprometimento com o ativismo em movimentos sociais que envolvem debates sobre feminismo, cultura periférica, assistência social, educação e raça. Seleciono para pesquisa mulheres ativistas por sua capacidade de produção, circulação e agenciamento de seus discursos, além da capacidade de aglutinar outras mulheres em torno destas narrativas.

As inquietações que orbitam nessa pesquisa partem do lugar fronteiro que ocupo na vida, isso inclui a relação entre a universidade e a rede de mulheres periféricas

e negras. Se por um lado as preocupações da pesquisa partem da minha trajetória pessoal, são também fruto da intersecção entre o conhecimento construído tanto no campo acadêmico quanto dentro dessa rede. Assim, este trabalho tem a finalidade de destacar as transformações subjetivas e sociais ocorridas na zona sul de São Paulo na última década, a partir da construção política da identidade como mulher negra e sua experiência pessoal e coletiva nos espaços políticos, artísticos, culturais e acadêmicos dos quais também faço parte.

O Prólogo que abre esta dissertação traz a complexidade na qual operam os dispositivos de violência e exclusão, mas também as possibilidades de agenciamentos e resistências frente a elas. As violências sofridas por Nega no hospital – *a invisibilidade de sua dor, a suspeita de uso de drogas, a indiferença e a negligência com a gravidade de sua ferida* – já eram previstas por ela. Elas compõem um vasto cenário de narrativas semelhantes que foram escutadas durante a realização do campo. Por isso, sua resistência em ir ao hospital se fazia plausível e simultaneamente condenável, inevitavelmente guardada em silêncio. Talvez Nega quisesse aproveitar um pouco mais da presença acolhedora de um grupo de mulheres negras que havia acabado de conhecer e se reconhecer. Queria viver um pouco mais a sensação *de não estar sozinha*. Iniciei com o prólogo porque ele sintetiza as duas dimensões de se perceber como uma mulher negra, saber que é um corpo passível de violência, e começar a se perceber pertencente a uma rede de apoio e afeto justamente por habitar esse corpo.

Assim, parto da hipótese de que, de alguma forma, esses discursos que orbitam nessa rede de mulheres não apenas qualificam os vários corpos negros das pessoas que os formulam, mas também manifestam a tentativa de estabelecer um reencontro e, ao mesmo tempo, uma reconstrução de uma imagem perdida, estabelecendo para si um lugar específico no mundo, a partir de uma ressignificação de suas próprias histórias, dores, lutos e perdas.

Esse processo está relacionado também aos significados que as mulheres desta rede vão atribuindo a suas experiências e negociações, tanto com a memória quanto com a vida presente. O que mais me interessa nessa pesquisa é perceber esses processos de negociação, estabelecendo significados para sua experiência e, simultaneamente, a intensa capacidade de difundir esse processo, influenciando outras pessoas desse território.

O reconhecimento das suas ações políticas e/ou artísticas ultrapassam o território no qual estão inseridas, rompendo fronteiras. Elas estão conectadas à produção de

discursos em torno da multiplicidade de experiências das mulheres negras. Com isso, quero destacar que, para além da produção do território, isto é, das periferias e mais especificamente, da zona sul, há enorme circulação tanto dessas mulheres, quanto de sua produção, na cidade, no país e até internacionalmente. Essa circulação torna-se significativa para compreender que seus discursos sobre a experiência de mulheres negras não estão encapsulados no território onde elas estão inseridas.

Quando proponho uma pesquisa sobre a construção dessa identidade coletiva de mulher negra, assumindo uma perspectiva de denúncia do silenciamento, estou sugerindo um mergulho na minha vida pessoal e na das mulheres que me cercam. Nesse sentido, o lugar que ocupo no campo favorece a percepção das sutilezas que se dão no fazer cotidiano da luta pelo reconhecimento das identidades de *mulheres negras* e do crescimento político dessas pautas. Penso em refletir as conversas que se desenrolam a partir das coxias e bastidores desse agenciamento político. Partir das incertezas, dos comentários sobre o que é dito em público, das brincadeiras e piadas, daquilo que só pode ser dito no interior das relações no *universo negro* e de intimidade.

Conseguir traduzir em texto as conversas e aquilo que se diz antes de ser publicizado, ou até mesmo das discussões sobre o que pode ou não pode ser dito em público. As conversas e a etnografia se desenham a partir da construção de intimidade, ou seja, de relações profundas com outras mulheres que me constituem como pessoa, como intelectual e como sujeito político e, dessa forma, estas relações ultrapassam o universo da vida pessoal. É nestas relações que refletimos sobre racismo, percepções, calibramos nossos olhares e partilhamos os medos, anseios; se produzem pautas políticas e públicas e, simultaneamente, nós como pessoas.

Esse universo, ao passo que me parece conhecido foi se mostrando mais nublado e fui percebendo a distinção entre pertencer à rede e realizar a pesquisa. Minha experiência foi ao encontro do apontando pela antropóloga indiana Kirin Narayan (1993). Em seu trabalho ela argumenta que nem todos possuem a mesma experiência social ou vivem situações comuns da mesma forma, não havendo, portanto, uma perspectiva interna autêntica que represente todo o grupo. Assim, a própria pesquisa mostra que não existe uma distinção estática e permanente entre antropólogos nativos e não-nativos (NARAYAN, 1993). Os códigos que inicialmente aparecem como conhecidos vão ganhando novos contornos, dúvidas e angústias. Sendo o mundo vivido, mais que o escrito ou pensado, é muito mais dinâmico e inebriante.

As inúmeras personagens que compõem este texto possuem nomes racializados, tentando imprimir os processos de racialização e os apelidos afetivos pelos quais somos chamadas dentro da rede. Sem, no entanto, excluir suas contradições e negociações que serão percebidas com mais intensidade no Capítulo 2. Os nomes foram construídos coletivamente, buscando manter o anonimato das histórias partilhadas comigo e evidenciando controvérsias, disputas e estratégias de reconhecimentos. Quando trago na pesquisa os trabalhos acadêmicos, artísticos, publicações em redes sociais ou fatos amplamente conhecidos dentro da rede opto por nomear estas mulheres. Inicialmente, pensei em construir dois ou três personagens, contudo, fiquei com receio de produzir um texto que generalizasse por demais as vivências, a construção do ativismo de mulheres negras na zona sul, bem como de suas subjetividades e não desse vazão a um certo aspecto caótico, bem como, o discurso de urgência impresso na realidade e, em certa medida, neste texto.

Não há como introduzir a pesquisa que realizo sem falar sobre minha entrada no campo, ou seja, minha entrada para esta pesquisa, pois, de fato, estou no campo, me constituí dentro dele e minha pesquisa se realiza nos caminhos da minha trajetória, dos lugares que consigo entrar e das conversas das quais participo, que são construídas com o fio das relações de confiança e afeto ao longo dos anos. Existe uma imensa bibliografia na antropologia sobre a relação entre o *eu* pesquisador e o *outro* pesquisado.

Não se trata de pensar na chave dos trabalhos de etnografia dialógica, polifônica, afetada, ou qualquer tentativa de dissolução da autoridade etnográfica na qual o texto é espaço cedido ao nativo, o *outro* por excelência (CLIFFORD, 2002; STRATHERN, 2004). Em *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, uma “contra-Antropologia histórica do mundo branco” (2015, p. 542), produz um agenciamento coletivo de enunciação que, saindo da bipolaridade *nós e eles* (ou *eles e nós*), questiona também o lugar do antropólogo, não apenas por sua abertura para histórias diferentes, mas apelando para outra construção *dos desenhos na pele de papel*. Um deslocamento do *eu* para pensar não apenas uma outra enunciação, mas experimentar outra forma de conhecer.

O problema da produção objetiva de conhecimento pode ser então restaurado. Não se trata de produzir a partir do ponto de vista objetivo distanciado, mas a partir de relações de corporificação em que texto, corpo, coletividade e rede estão presentes não somente no texto escrito, mas nos sentidos negociados. Não se trata da visão distanciado de quem faz a pesquisa, mas da única posição possível para mim, de viver a pesquisa e o



campo, na posição de um corpo frente a outro. se as perspectivas são sempre específicas e parciais, a que apresento aqui são produzidas por um aparato corporal determinado, ou seja, o meu corpo negro.

Com isso não quero apontar um lugar privilegiado para a pesquisa sobre relações raciais e raça, gênero ou periferia. A natureza do meu recorte advém das relações estabelecidas ao longo do tempo a partir de uma experiência partilhada em espaços exclusivos de mulheres negras, no qual, gênero, raça e território, são elementos fundamentais para o equilíbrio de nossas trocas e construção de sentidos em nossa trajetória. São as reflexões sobre as experiências de raça, gênero e território e a forma como podemos nos arriscar a experimentar fragilidades que dificilmente realizaríamos em ambientes nos quais os códigos e experiências não estão partilhados. Nomeio este grupo como parte de minha intimidade por este lugar delicado, no qual podemos nos construir e constantemente nos reconstruir como pessoa. São círculos que ultrapassam minhas relações pessoais, pois a marca fundamental desta qualidade de relação é mutualidade na nossa produção e, neste sentido, da autoria negociada dos nossos contornos e que, agora, se expressa nesta pesquisa.

Todo o processo de investigação fez tudo parecer confuso e nebuloso, confesso que com muita frequência me senti envergonhada em fazer algumas perguntas e até mesmo de perceber algum aspecto da nossa sociabilidade. Um sentimento estranho de desconforto ao escrever aquilo que antes vivia na fluidez das relações, dos sentimentos, da construção política. É muito difícil se deparar de modo analítico e reflexivo com seu próprio mundo. Tenho compartilhado essas angústias, medos e inseguranças que envolvem o trabalho intelectual.

Numa dessas conversas, Nega falou: *a crise de escrever é a crise de se ver de perto ou de revelar nossa sociedade secreta (risos) e fez uma relação entre nós, mulheres negras da zona sul, com o candomblé: “o que se pode revelar o segredo?* Ela finalizou o assunto dizendo: *eu não tenho a resposta, só perguntas (risos). O importante é ser agora, é ser você.* Sei que tenho reconhecimento e confiança dentro dessa rede de mulheres, ao passo que também lidam com suas histórias como segredos e os segredos não podem ser revelados, como nos é bem ensinado no candomblé, mesmo que todas sabendo que minha pesquisa fala sobre nossos não ditos. Nossos segredos. Com esse pequeno comentário, Nega me ensina coisas que conecta e estão nesta pesquisa.

## Entre vida, política e antropologia: trajetória de fronteira

A trajetória desta pesquisa perpassa minha trajetória pessoal e minha formação. Em 1998, concluí o Ensino Fundamental e fui em busca de uma escola de Ensino Médio na qual pudesse ter uma educação de melhor qualidade. Neste mesmo ano, foi implementado um sistema de matrícula e garantia de vaga no Ensino Médio nas escolas próximas ao local de residência, contudo, a violência urbana da época acrescida às oportunidades educacionais me fez buscar por outras opções fora do bairro. Acabei escolhendo estudar no CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) no Itaim Bibi. Foi a primeira vez que me aventurei pela cidade de São Paulo sozinha, olhando a transformação urbana pela janela dos dois ônibus que pegava rumo à escola.

Bruna Galicho dos Santos em sua dissertação (2021), *Caminhos da diferença: corpo e cidade na circulação cotidiana das mulheres da periferia sul de São Paulo*, apresenta sua experiência com a cidade como presente de aniversário, minha experiência foi da cidade como oportunidade. Todos os dias eu saía de casa ainda escuro rumo ao Itaim Bibi e voltava no final do dia, 22 km por trajeto aproximadamente. Essa experiência ampliou minha visão de mundo pela oportunidade de circulação fora e dentro da periferia. O CEFAM era uma escola majoritariamente de meninas, vindas de diferentes cantos da cidade, especialmente da periferia.

Foi nesta época que conheci a Jenyffer Nascimento<sup>3</sup> e construímos uma amizade desde então. Nossa amizade com outras estudantes do CEFAM nos permitiu percorrer muito a cidade de São Paulo, numa sociabilidade dos adolescentes da época em festinhas, quermesses e nas casas. Neste intervalo, entramos no mundo do trabalho e a rede de pessoas, bairros e circulação pela cidade se ampliaram significativamente. Em 2005, entro em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP) e a Jenyffer entra em 2006. De alguma forma, a cidade foi ganhando novos contornos. Em

---

<sup>3</sup> Dificil apresentar uma pessoa tão próxima, desta forma, apelo para um trecho da descrição do site Literafo – Portal da literatura afro-brasileira. “Escritora, ativista, feminista. Jenyffer Nascimento nasceu em 1984, na cidade de Paulista, em Pernambuco. É produtora e apreciadora de arte, frequentadora assídua de saraus nas periferias de São Paulo. O desejo de escrever acontece de forma prematura, ainda na infância em suas viagens literárias. É na adolescência que começa sua escrita com letras de rap, maneira que encontrou de canalizar suas revoltas, angústias e esperanças. Participou da coletânea Sarau do Binho e tem poemas publicados na antologia *Pretextos de mulheres negras* (2013), coletânea que contou com a participação de vinte e duas autoras. Seu primeiro trabalho individual é *Terra fértil* (Editora Mjiba, 2014)”. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1067-jenyffer-nascimento>. Acessado em 28 de agosto de 2022.

meados de 2006, a Jenyffer começou a frequentar saraus periféricos e uma efervescência de produção artística, bem próximo das nossas casas. Fui e me encantei com a cena cultural e com a possibilidade de trocas intelectuais, políticas e artísticas a partir da periferia.

Frequentávamos saraus, conhecíamos pessoas que moravam *no lado sul do mapa* e, aos poucos, foi-se construindo uma rede de sociabilidade entre jovens que partilhavam do novo universo cultural periférico. Fui me construindo com este grupo ao passo que bebíamos cerveja, falávamos de poesia, literatura, política, ativismo e, acima de tudo, das experiências de periferia, uma linguagem difícil de traduzir.

Naquela época meu corpo era feminino e negro, contudo, isso não atribuía uma identidade específica à minha experiência. Minha sociabilidade no bairro no qual morava, Jardim Nakamura, no Jardim Ângela, era com outras jovens negras e conversas em torno da racialidade sempre apareciam. Contudo, lembro que quando me deparei com essa categoria *mulher negra* o que sustentava aquele sentido não era a experiência do racismo e sim a experiência de socialidade. Lembro que a Jenyffer chegou em minha casa, nesta época no Capão Redondo, falando da experiência com outras mulheres negras escritoras, do encontro, do cuidado e do encantamento da possibilidade de construir e partilhar com outras mulheres negras, naquele momento o termo *mulher negra* soou como uma novidade.

Passamos a partilhar novos sentidos a nossa experiência, erámos mulheres negras e isso atribuía a nós um outro e novo lugar no mundo. Pode parecer estranho, mas minha adesão foi tão fluída, aos poucos as conversas mudaram e o sentido das nossas memórias também. Aos poucos, o círculo de pessoas ao nosso redor também enegreceu. Ser mulher negra mudava tudo na nossa experiência e nossa atuação política também mudou. Se ser negra já era conhecido, nós incorporávamos novos sentidos a partir destes encontros marcados pelos espaços de escuta e fala. Assim, produzíamos e frequentávamos encontros em que a *fala* pessoal passou a ser o cerne do nosso universo.

É importante frisar que as diferenças foram aparecendo dentro da rede aos poucos e marcando nossas atuações, nossos grupos e as pautas políticas. Tentando transformar o caos das relações e dos fluxos da vida numa trança do tempo entre 2001 e 2021, para dar dimensão deste crescimento. Tudo isso, estava inserido numa rede mais ampla de amizades com homens e mulheres, negros, indígenas, brancos, pardos, “não-branco”, partilhando as experiências de pobreza, escassez e muitas histórias da infância

na periferia. Frequentávamos sambas, *dub*, *sound system*, *jazz*, teatros populares, saraus e os famosos *risca faca*<sup>4</sup> ao som da musicalidade do norte e nordeste.

Entre 2010 e 2013 mudou-se significativamente a forma como se davam as relações. As mulheres passaram a ficar mais juntas, assim como as conversas sobre nossa experiência, a denúncia ao machismo nos espaços que frequentávamos, a construção dos primeiros eventos feministas – como a intervenção nos saraus, *Mostra das Rosas* e *Fala Guerreira*, que serão abordados no primeiro capítulo. Uma questão fundamental é que a experiência de periferia passou a ser contada sobre uma perspectiva mais feminina, uma vez que o repertório anterior, mais próximo do rap, abordava mais o universo masculino. Os lugares de sociabilidade não mudaram, com frequência os grupos se tornaram majoritariamente femininos, se tornava frequente mesas de bar só com mulheres e nos orgulhávamos disso. O grupo de mulheres era de negras, brancas e, começou a crescer um espaço de reconhecimento indígena nesse cenário, hoje com mais representatividade.

Em 2014, fui trabalhar no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo (CDHEP) com Justiça Restaurativa<sup>5</sup>, no projeto de formação de ativistas e núcleos comunitários de justiça restaurativa. O escopo do projeto propunha uma formação de oitenta horas, dividida em dois módulos. O primeiro módulo era de cuidado com o facilitador de processos restaurativos para vivenciar o processo em seu corpo e história, cuidando do seu conflito, com uma metodologia de origem colombiana chamada *Escola de Perdão e Reconciliação*. Contudo, a metodologia tinha um cunho terapêutico e de cuidado, oferecendo um lugar de partilha que chamávamos *grupo de confiança*. Para articulação do projeto movimentamos essa rede de ativistas e dos movimentos culturais. A partir dessa experiência nasceram diversas iniciativas, das quais destaco duas: *Periferia Segue Sangrando* e *O Amor cura: Núcleo de Mulheres Negras* (NMN), ambos baseados na metodologia dos círculos de paz<sup>6</sup>.

No processo anterior a constituição desse núcleo foi a percepção da necessidade de espaços exclusivos de partilha e fala dessa experiência entre mulheres negras. Durante a formação, muitas mulheres negras apontavam que não conseguiam falar dentro do grupo

---

<sup>4</sup> Risca faca é o nome dado aos bares marcadamente do norte e nordeste que ficam abertos durante a noite e nos quais com frequência, no passado, aconteciam brigas, desentendimentos e até mesmo mortes. O termo é oriundo do interior nordestino, onde o ato de riscar a faca é ameaçador.

<sup>5</sup> Justiça restaurativa (JR) é uma alternativa ao sistema tradicional, retributivo, que visa superar a noção de punição. Na época, nossa atuação estava muito atrelada ao abolicionismo penal e na busca de formas de resolução de conflitos numa perspectiva comunitária.

<sup>6</sup> O círculo de paz é uma metodologia de diálogo em torno de um conflito, marcado essencialmente por espaços de fala e escuta, guiada por um objeto chamado peça de fala. Sua organização acontece em círculo e o objeto transita por todos os participantes a partir de uma pergunta orientadora.

de confiança composto aleatoriamente entre os participantes, ou seja, a presença de homens ou mulheres não-negras era um entrave para confortavelmente partilhar sua vivência. Elas não falavam isso abertamente no grupo, essas conversas aconteciam nos intervalos dos cafés e buscavam tanto eu quanto a Mariana, facilitadoras negras, para falar sobre isso.

Com base nesses relatos e convidando outras mulheres que não passaram pela formação em JR, começamos o núcleo de mulheres negras. A intenção era um espaço seguro construído a partir das nossas relações. Ao longo dos três anos de existência do núcleo passaram aproximadamente cinquenta mulheres nos encontros mensais, realizados aos domingos durante o dia inteiro. Antes do primeiro encontro uma angústia nos permeava, poderíamos montar um espaço e atividade exclusiva para mulheres negras?

Atualmente a construção de espaços exclusivos é mais frequente, contudo, na época não estávamos certas se deveríamos ou não incluir as mulheres não-negras do nosso território com as quais mantínhamos uma pauta política ativa de feminismo periférico e constituíam nossa rede de afeto. Ao final, em 2014, decidimos pelo espaço exclusivo, sendo criado então o núcleo de mulheres negras. Por outro lado, no início de 2015 nasceu o *Periferia Segue Sangrando* que constitui um espaço exclusivo para mulheres independente da questão racial, mas levando-a fortemente em consideração.

Cada encontro do núcleo de mulheres negras tinha um tema disparador, como relacionamentos afetivos, cabelo, *cor de pele*, infância, escola, presença, trabalho, autoestima entre outros temática. Os encontros iniciavam-se com um café da manhã. Começávamos rindo muito de nossas histórias, trocando experiências e um pouco da vida cotidiana. Esperávamos a composição do grupo, toda a manhã era dedicada e o círculo iniciava no começo da tarde, por volta das 12h00. Eu era uma das facilitadoras do encontro. O movimento de risos e gargalhadas desde a manhã eram interrompidos nos círculos da tarde pelos prantos, tudo em abundância. Saímos entorpecidas pelos encontros e pelas descobertas. Havia uma ideia de que éramos todas iguais, todas com a mesma história em cenários diferentes, e isso significava que éramos negras, aliás, que éramos mulheres negras.

Essa noção que tínhamos uma mesma história, uma história coletiva, perdurou muito tempo, e, ainda perdura nos círculos de mulheres negras. Contudo, a percepção das nossas individualidades foi ganhando espaços. Este foi um espaço essencial para refletir sobre minhas estratégias. Lembro-me quando conversávamos sobre solidão, preterimento afetivo a partir da grande divulgação científica que teve a pesquisa de Ana Cláudia Lemos

Pacheco (2008). A chave interpretativa da *solidão da mulher negra* passou a ser termo comum nas rodas, permitindo a discussão em torno da conjugalidade e das experiências pessoais e familiares. Contudo, rapidamente o termo ganhou outros sentidos de solidão, dando contorno a uma experiência de isolamento em diferentes campos da vida.

O silenciamento também opera neste lugar. Numa conversa recente ao sair de um espetáculo teatral, estávamos conversando sobre uma cena da peça *Zona Agbara*, em que uma personagem negra e gorda levanta subitamente e ao final de um jogo de amarelinha anuncia: *Diva, Maravilhosa, dona da porra toda, linda... Falam tudo isso na minha foto, mas não querem beijar a minha boca. Quem beijaria a minha boca? Quem beijaria minha boca negra e gorda?*

Cacau começou a conversa dizendo: *eu entendo esse lance de solidão da mulher negra, antes de saber disso eu vivia me relacionando com todo mundo, branco, preto, azul (risos) a gente precisa sair disso, às vezes.* Morena, emendou na conversa falando *que mais que a questão racial o feminismo acabou com a minha vida sexual.* Eu dei risada e concordei. Ao final das risadas, Cacau colocou uma preciosa observação sobre relacionamentos e afeto: *penso que solidão não é só afetiva, às vezes, é pobre dizer isso, produz uma crença, é muito maior, uma solidão intensa que saindo daqui me atormenta o tempo todo*<sup>7</sup>.

Este é um ponto interessante para apontar o movimento realizado por esta rede de mulheres. As histórias pessoais eram contadas e recontadas com uma ideia de subjetividade coletiva. Todas as histórias convergiam para uma história única que afirmava: *somos mulheres negras e essa é a nossa história.* Com o passar do tempo, principalmente em torno das trocas, começou-se a construir uma percepção de pessoa com pontos atrelados aos marcadores de raça, classe e gênero, mas também atrelados às subjetividades, contextos e histórias individuais.

Essa diferenciação, a meu ver, ainda é regulada dentro do campo. Pois, ampliar nossas subjetividades poderia desestabilizar uma construção política importante sobre a identidade social de uma mulher negra, construída política e socialmente e que nos legitima. Desta forma, pode-se operar concepções de diferenciações, mas sempre negociá-las. Dentro das várias histórias que traduzem bem essas operações seleciono uma que foi motivo de grande entretenimento entre minhas amigas. Na infância eu fui *Miss*

---

<sup>7</sup> Anotações do caderno de campo.

*Caipirinha*<sup>8</sup>. O que poderia ser uma vivência comum nas escolas, principalmente, para as meninas, passou a operar como um dispositivo de diferenciação. Inicialmente, minhas amigas não acreditavam e davam gargalhadas, quando estávamos dentro da rede mais ampla, perguntavam às outras mulheres não-negras se se tinham uma experiência parecida e elas sempre respondiam: *erámos pobre, não tínhamos essas coisas*.

As piadas aparentemente inocentes e engraçadas engendraram em mim, uma dúvida sobre se realmente havia sido *Miss Caipirinha* na escola de Educação Infantil em que estudei no Jardim Ângela. Movida, por um lado, pela dúvida e, por outro, para provar minha experiência, recorri aos milhares de álbuns de fotos da casa da minha mãe procurando pelas provas deste acontecimento improvável em 1988.



Figura 1 - Arquivo pessoal - 1988

---

<sup>8</sup> O título atribuído à estudante na festa junina que conquistasse mais votos a partir da venda de cartelas e bilhetes. Na época, funcionava como forma de arrecadação de dinheiro pelas escolas.

Enquanto vasculhava os arquivos de memórias conversei com meu pai sobre as histórias dessa época e aquilo que ela sabia. Foi interessante descobrir os inúmeros agenciamentos da minha mãe para que eu ganhasse. Durante a festa, as crianças ainda estavam na disputa pela premiação e essa era a chance de conseguir acumular mais votos, sinceramente, mais vendas. Na festa, estavam alguns dentistas, que trabalhavam nos consultórios odontológicos que prosperavam no Jardim Ângela, onde minha mãe era secretária. O resultado do concurso é, em grande medida, fruto da presença deles na festa, que foi orgulhosamente arquivado nos álbuns da família.



Figura 2 - Arquivo pessoal - 1988.

Ser *Miss Caipirinha* numa festa de escola não pode ser lido como um dispositivo de diferenciação, contudo, a repercussão dessa história, minha motivação na busca de provas e o espaço/tempo para conversar sobre festas escolares e afetividade - chegando ao ponto de receber compartilhamentos pela internet de experiências de outras mulheres negras por mim desconhecidas - revela muito do cenário da construção da nossa subjetividade e nossa identidade política. Elementos fundamentais que serão abordados nesta dissertação.



## **Um mapa das entrelinhas: resumo dos capítulos**

Organizei a dissertação em três capítulos para aprofundar dimensões da vida cotidiana em que silêncios e vozes são tecidos na rede de mulheres negras da zona sul. No primeiro capítulo, *Eu tenho a chave do mundo: grupos de mulheres negras na periferia sul de São Paulo*, apresento o campo etnográfico e as mulheres negras com as quais realizei esta investigação. Neste capítulo, busco valorizar o contexto cultural periférico no qual esta rede de mulheres se constituiu, destacando as transformações dentro do ativismo, as experiências de circulação e mobilidade dentro e fora da periferia, bem como as experiências da infância e adolescência na periferia, trazendo território como marcador da diferença.

No segundo capítulo, *Regimes de visibilidade e invisibilidade*, discuto sobre os processos de produção de visibilidade, invisibilidade, disputas e silenciamentos dentro da rede de mulheres negras. A partir da reflexão sobre processos de racialização, sexualidade e cuidado busco compreender os códigos de construção de legitimação, identidade e subjetividade. Valorizo as controvérsias, diferenças e fofocas dentro desta rede e como operam estes dispositivos em torno de falas, silêncios e silenciamentos.

O terceiro capítulo, *Silêncios e silenciamentos: o assombro do tempo entre a palavra e o vazio*, investigo as diferentes formas como silêncios e silenciamentos apareceram no campo, em relação com os marcadores sociais da diferença e às narrativas de ancestralidade dentro da rede. Em todo o trabalho, o território fértil da zona sul e os processos históricos que permitiram a construção desta rede e de tantas outras, aparecem como contexto, personagem e agente da narrativa. De alguma forma, a história da construção dessa rede foi sendo acionada em cada capítulo e compõe um cenário importante para compreensão das narrativas aqui expostas.

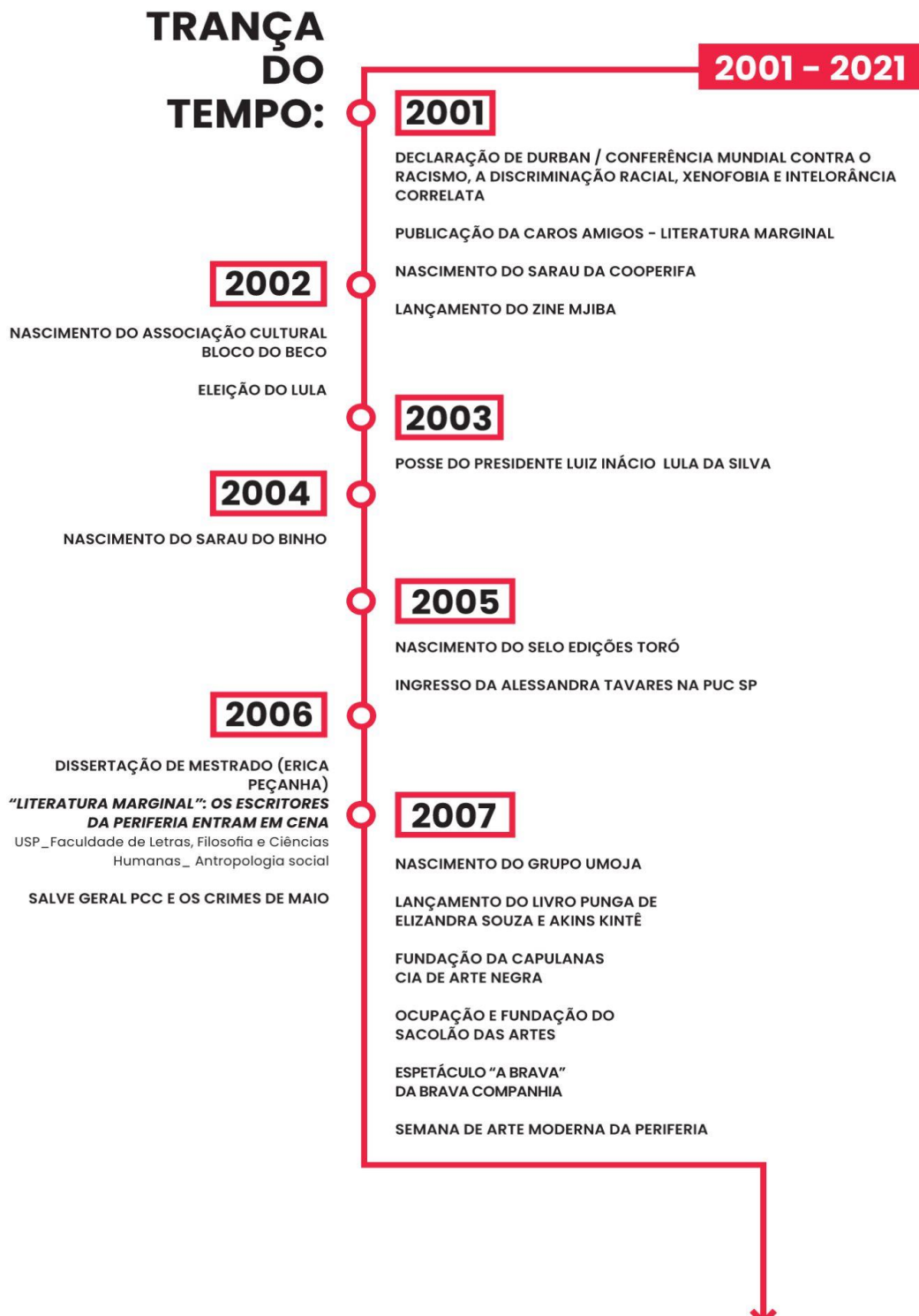
Assim, sistematizamos parte desta história de 2001 a 2021. A seleção deste período se deve à agitada cena cultural e o registro nos permitiu conexões mais amplas desta experiência ao cenário político do Brasil. A sugestão da construção de uma linha do tempo partiu da Silvia Aguião na banca de qualificação. A tentativa de construir uma cronologia e a percepção das permanências, rupturas e continuidades foi fator decisivo na construção do que chamamos trança do tempo. O exercício coletivo, realizado por mim, Jenyffer Nascimento, Silvana Martins e Fernanda Gomes, com apoio de inúmeras mulheres, destacou a fragilidade e descuido com os registros de nossa memória/história. Fragmentada nas lembranças, páginas de Facebook, relatos e arquivos pessoais, foi

bastante desafiador (re)construir nossas narrativas. Ao passo que construíamos uma trança do tempo foi possível perceber como a traça do tempo opera em nossos registros e memórias.

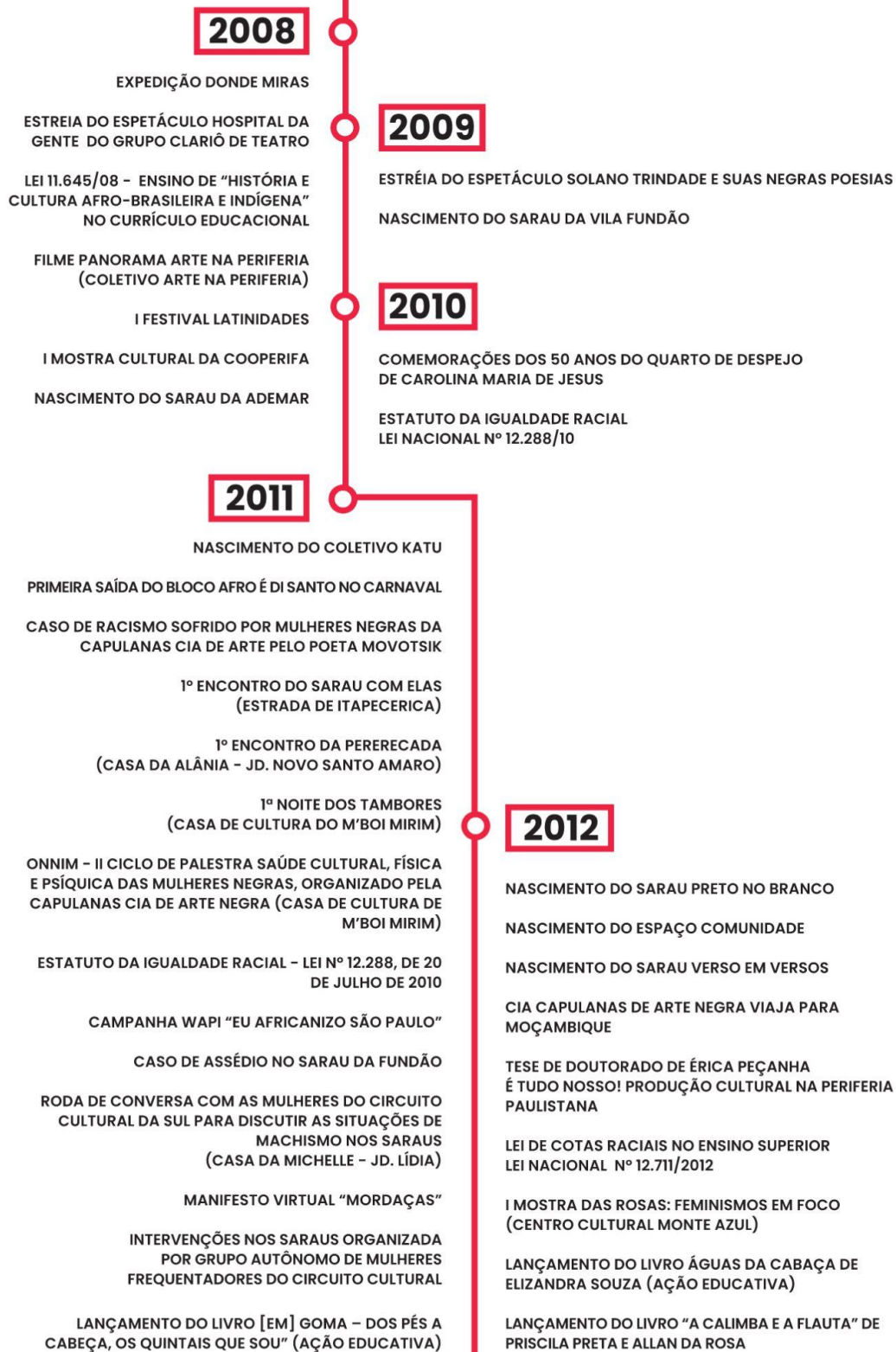
Tanto quanto desafiador foi revelador situar a construção da rede de mulheres negras no cenário político brasileiro. A máxima feminista que o *pessoal é político* se materializa nesta trança do tempo. As histórias pessoais se cruzam com a macropolítica e, neste campo, questiona a noção de *margem e centro*. Eu, enquanto uma menina negra, celebrando dentro da primeira creche construída no Jardim Ângela, a partir das lutas do clube de mães, em 1988 celebro também as possibilidades que se abrem junto com uma nova constituição. Entre a subcidadania e a noção de direito, as histórias das mulheres desta rede desvendam como as políticas econômicas e sociais, convenções e tratados internacionais, serviços públicos e direitos se assentam no cotidiano das mulheres periféricas como limites e possibilidades a serem negociados constantemente.

## Trança do tempo: como se constituiu a rede de mulheres negras da zona sul de São Paulo?

### COMO SE CONSTITUIU A REDE DE MULHERES NEGRAS NA ZONA SUL DE SÃO PAULO?



COMO SE CONSTITUIU A REDE DE MULHERES NEGRAS  
NA ZONA SUL DE SÃO PAULO?



COMO SE CONSTITUIU A REDE DE MULHERES NEGRAS  
NA ZONA SUL DE SÃO PAULO?

**2013**

DESAPARECIMENTO DE AMARILDO (RJ)

ENSAIO FOTOGRÁFICO / PIQUENIQUE NO PARQUE IBIRAPUERA COM MULHERES NEGRAS  
COMO PARTE DA COMPOSIÇÃO DA ANTOLOGIA LITERÁRIA "PRETEXTOS DE MULHERES NEGRAS"

LANÇAMENTO DO ÁLBUM DARA DARA DA BANDA ALÁFIA

LANÇAMENTO DO ESPETÁCULO SANGOMA DA CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA (GOMA CAPULANAS)

II MOSTRA DAS ROSAS DO COLETIVO ROSAS

LANÇAMENTO DO PRETEXTOS DE MULHERES NEGRAS - COLETIVO MJIBA (AÇÃO EDUCATIVA)

JORNADAS DE 2013

SARAU ANTENE-SE

CHACINA DO JD. ROSANA E ASSASSINATO DO DJ LAH

**2014**

CENTENÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

MORTE DE CLAUDIA FERREIRA DA SILVA - RJ

FEMINISMO EM SALA DE AULA - COLETIVA ROSAS (CIEJA CAMPO LIMPO)

POETAS DA PERIFERIA PARTICIPAM DA FEIRA DO LIVRO DE BUENOS AIRES

LEI DE COTAS RACIAIS NOS CONCURSOS PÚBLICOS  
LEI NACIONAL 12.990/2014

5º MJIBA EM AÇÃO (CEU TRÊS LAGOS)

GRAVAÇÃO E SHOW DE FERNANDA COIMBRA E OS DIGNÍSSIMOS

LANÇAMENTO DO LIVRO TERRA FÉRTIL DE JENYFFER NASCIMENTO (AÇÃO EDUCATIVA)

1º CONGRESSO DE ESCRITORES DA PERIFERIA (FÁBRICA DE CULTURA DO JD. SÃO LUIS)

LANÇAMENTO DO LIVRO SAGRADO SOPRO - DO SOLO QUE RENASÇO DE RAQUEL ALMEIDA (MINC - FUNDAÇÃO PALMARES)

ENCONTRO DO NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS

**2015**

CHACINA DE COSTA BARROS - 111 TIROS (RJ)

ENCONTRO PERIFERIA SEGUE SANGRANDO (BLOCO DO BECO)

INTERVENÇÃO ARTÍSTICO-POLÍTICA NO RESTAURANTE SENZALA

INÍCIO DO CURSO DE COMUNICADORAS POPULARES \_MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA PELA COLETIVA ROSAS

I EDIÇÃO DA FELIZS (FEIRA LITERÁRIA DA ZONA SUL)

INTERCÂMBIO DE VIVÊNCIAS COM AS MULHERES DE PEDRA (PEDRA DE GUARATIBA \_ RJ)

LANÇAMENTO DA REVISTA 1 FALA GUERREIRA NO SARAU PRETA NA BRANCA (BLOCO DO BECO\_ SEDINHA)

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS CONTRA O RACISMO E PELO BEM VIVER (BRASÍLIA \_DF)

CAMPANHAS VIRTUAIS QUE TOMARAM GRANDE PROPORÇÃO NAS REDES  
#NÃOPOETIZEOMACHISMO #MEUAMIGOSECRETO #MEUPRIMEIROASSEDIO

LANÇAMENTO DA REVISTA 2 FALA GUERREIRA - ESPECIAL MULHERES NEGRAS (CASA DE CULTURA DO CAMPO LIMPO)

DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENTES (2015/2025)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANA PAULA DE SANTANA CORREIA  
MULHERES DA PERIFERIA EM MOVIMENTO:  
UM ESTUDO SOBRE OUTRAS TRAJETÓRIAS DO FEMINISMO

**2016**

ENCONTRO PERIFERIA SEGUE SANGRANDO – ANO 2 (BLOCO DO BECO)

LANÇAMENTO DA REVISTA 3 FALA GUERREIRA – ESPECIAL MÃES DE MAIO

ASSASSINATO DE LUANA BARBOSA (RIBEIRÃO PRETO\_SP)

CRIAÇÃO DA COLETIVA LUANA BARBOSA

NASCIMENTO DO APARELHA LUZIA

VIAGEM DA TRAMA SANGRE BUENA NO FESTIVAL DE ARTISTAS FEMINISTA (CIDADE DO MÉXICO)

VIAGEM DE ELIZANDRA SOUZA PARA HAVANA / CUBA  
Festival Internacional de Poesia de Havana

CARTA ABERTA À FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATI – CADÊ AS NOSSAS ESCRITORAS NEGRAS NA FLIP 2016?

FESTA FALA GUERREIRA – A REVOLUÇÃO SERÁ EMBUCETADA

VIAGEM DE ELIZANDRA SOUZA PARA PARIS – FRANÇA

VIAGEM DE INTEGRANTES DA COLETIVA FALA GUERREIRA A SAN CRISTOBAL DE LAS CASAS – ESCOLA ZAPATISTA (MÉXICO)

VIAGEM DA COLETIVA FALA GUERREIRA PARA MANIZALES COLÔMBIA

ESTREIA DO ESPETÁCULO GRAJAÚ CONTA DANDARAS, GRAJAÚ CONTA ZUMBIS

ESTREIA DO ESPETÁCULO CIA SANSACROMA SOCIEDADE DOS IMPRODUTIVOS (CASA DE CULTURA DE M'BOI MIRIM)

**2017**

8M NA QUEBRADA

ENCONTRO PERIFERIA SEGUE SANGRANDO E LANÇAMENTO DA REVISTA FALA GUERREIRA – ESPECIAL AMÉRICA LATINA

LANÇAMENTO DA REVISTA FALA GUERREIRA – ESPECIAL AFETIVIDADES

ESTREIA DO 1º ESPETÁCULO DA ZONA AGBARA: “VÊNUS NEGRA – UM MANUAL DE COMO ENGOLIR O MUNDO!”

ENCONTRO COM A ESCRITORA CONCEIÇÃO EVARISTO NA FEIRA LITERÁRIA DA ZONA SUL

VIAGEM DE JENYFFER NASCIMENTO PARA PARA SALON DU LIVRE D'ART DES AFRIQUES (SALÃO DO LIVRO DE ARTE DAS ÁFRICAS) – PARIS/FRANÇA

PARTICIPAÇÃO NA GRAVAÇÃO DO CLIPE VOZ NEGRA DE LUANA BAYÓ

VIVÊNCIA DE CUIDADO VOLTADO ÀS NOSSAS MAIS VELHAS (GRAVAÇÃO DO FILME “APOIADO POR MAIS DE 500 MIL MANAS)

LANÇAMENTO DA REVISTA AUDIOVISUAL FALA GUERREIRA #6 (SACOLÃO DAS ARTES)

LANÇAMENTO DA REVISTA FALA GUERREIRA – ESPECIAL AFETIVIDADES

**2018**

ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO (RJ)

8M NA QUEBRADA

BREJO DA MADRUGADA

INTERCÂMBIO MULHERES DE PEDRA + PERIFERIA SEGUE SANGRANDO

FALECIMENTO DA ARTISTA RAQUEL TRINDADE

ENCONTRO PERIFERIA SEGUE SANGRANDO – ANO 4 (BLOCO DO BECO)

ACOMPANHAMENTO DA AUDIÊNCIA DO CASO LUANA BARBOSA EM RIBEIRÃO PRETO

ESTREIA DO ESPETÁCULO IALODÉS – UM MANIFESTO DA CURA AO GOZO DA CIA CAPULANAS DE ARTE NEGRA (GALPÃO HUMBALADA)  
Trilogia da Mulher Negra, uma ficção afrofuturista

TESE DE Mestrado de SULAMITA ASSUNÇÃO  
QUEBRADAS FEMINISTAS: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NAS VOZES DAS MULHERES NEGRAS E LÉSBICAS NEGRAS DA PERIFERIA SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO



COMO SE CONSTITUIU A REDE DE MULHERES NEGRAS  
NA ZONA SUL DE SÃO PAULO?

**2019**

8M NA QUEBRADA  
DISTRIBUIÇÃO DAS CARTAS

MORTE DA POETA E ARTISTA TULA PILAR

I ENCONTRO DE LÉSBICAS E BISSEXUAIS  
PRETAS DE QUEBRADA (ELBP) <SÍTIO  
MAIRIPORÃ>

ENCONTRO PERIFERIA SEGUE SANGRANDO  
(ANO 5)

VIAGEM DE JENYFFER NASCIMENTO PARA  
CONGRESSO NA HOWARD UNIVERSITY

VIAGEM DE ELIZANDRA SOUZA PARA BOSTON  
(EUA)

CONGRESSO LASA / NUESTRA AMÉRICA:  
JUSTICE AND INCLUSION.

DISSERTAÇÃO DE Mestrado de DANIELLE  
REGINA OLIVEIRA

ENCRUZILHADA DAS GUERREIRAS DA  
PERIFERIA SUL DE SÃO PAULO: FEMINISMO  
PERIFÉRICO E FRONTEIRAS POLÍTICAS

VISITA BLOCO DO BECO INTELLECTUAL ZETU  
NO BRASIL

**2020**

VIAGEM DE ELIZANDRA SOUZA PARA  
TEXAS - EUA

CAMPANHA "QUEBRADA INTEIRA" ORGANIZADO POR PERIFERIA  
SEGUE SANGRANDO E 8M NA QUEBRADA

DISTRIBUIÇÃO DE CESTAS BÁSICAS E PRODUTOS DE PRIMEIRA  
NECESSIDADE PARA FAMÍLIAS DA ZONA SUL DE SP

LANÇAMENTO DO LIVRO "ESTADO DE LIBIDO OU POESIAS DE PRAZER  
E CURA" DE CARMEN FAUSTINO (AMOR E CURA) - LIVE

LIVE QUEBRADA INTEIRA (PLATAFORMA EHCHO CONVIDA PERIFERIA  
SEGUE SANGRANDO)

EVENTO DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ELIANA SILVA  
(VIRTUAL)

DISSERTAÇÃO DE DOUTORADO DE ELIANA PEREIRA SILVA  
A FLOR QUE NASCE DO IMPOSSÍVEL CHÃO: LUTAS E RESISTÊNCIAS DE  
MULHERES NEGRAS NA PERIFERIA DA ZONA SUL DE SÃO PAULO  
PUC-SP\_Faculdade de Ciências Sociais\_Programa de Estudos Pós  
graduados em Serviço Social

**2021**

ENCONTRO FECHADO DO PERIFERIA SEGUE  
SANGRANDO E DENISE FERREIRA DA SILVA

JANTAR PRESENCIAL DE CELEBRAÇÃO DO  
NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS ORGANIZADO  
POR JENYFFER NASCIMENTO (CHÁCARA  
SANTANA)

JANTAR PRESENCIAL DE CELEBRAÇÃO DO  
NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS ORGANIZADO  
POR GISLENE

CONGRESSO INTERNACIONAL DE JUSTIÇA  
RESTAURATIVA

LIVE DE LANÇAMENTO DA COLEÇÃO DE JOIAS  
DA PRETA RAINHA: PRATA PRETA

JANTAR PRESENCIAL DE CELEBRAÇÃO DO  
NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS - O AMOR  
CURA", ORGANIZADO POR DÉBORA MARÇAL  
(CAPULANAS - JD. SÃO LUÍS)

## Capítulo 1 - *Eu tenho a chave do mundo*: grupo de mulheres negras na periferia sul de São Paulo

Estávamos conversando eu e duas amigas, minhas irmãs de santo, todas negras, enquanto esperávamos no começo da Rua Inácio Parreiras Neves, no Jardim Nakamura, o carro que havia chamado pelo aplicativo de transporte. Acabávamos de sair do terreiro de candomblé que frequentávamos e tivemos que nos deslocar até a esquina, pois a rua era sem saída - e se tem uma coisa comum nas periferias é os carros não entrarem nessas ruas. Nos colocamos no ponto que é esquina daquela com a Rua Agamenon Pereira da Silva de onde estávamos, vimos que do outro lado da avenida descia de um carro uma amiga da época de escola, Cacau, com seu companheiro. Fazia anos que não nos encontrávamos. Decidi atravessar a rua para falar com ela. Minhas amigas também foram comigo.

No começo, gritos e elogios: *Como você está linda! Que saudades, amiga!* entre outras expressões afetuosas que utilizamos quando nos encontramos. A conversa girava em torno da vida cotidiana, trabalho, mudanças de bairros e assuntos sempre alternados por risadas e amabilidades recíprocas. O clima estava bem descontraído. Preta disse que estava voltando da casa de sua sogra. Ela nos contou brevemente que a senhora, sua sogra, tem uma personalidade forte e ainda é bem ativa. *A velha, bem pretinha, já tem mais 100 anos e é consciente de tudo! (Ríamos)*. Ela continuou contando que a mulher, apesar de estar em pleno *juízo*, às vezes, sai gritando pelo quintal para todo mundo ouvir: *eu tenho a chave do mundo!* Rimos muito e concordamos com a cabeça. Ela continuou: *pior é que ela tem mesmo*. Nossa conversa terminou ali com a chegada do nosso carro e com uma despedida amorosa.

Essa é uma situação de campo que poderia ter passado totalmente despercebida, sem nenhuma importância ou registro. Contudo, a agitação posterior gerada pela conversa e a repetição da frase *eu tenho a chave do mundo* pelas outras mulheres, me fez dar um lugar privilegiado a essa cena para pensar na articulação dos marcadores sociais da diferença e na forma como as próprias mulheres com as quais pesquiso têm se imaginado.

Conforme a conversa foi se desenrolando, de forma descontraída entre nós durante o dia, ficou perceptível que *a chave do mundo* não consistia exatamente em uma metáfora de abertura, acesso ou proteção para espaços mais amplos ou para lugares de poder. No entendimento de todas nós, talvez essa chave estivesse mais atrelada aos significados de decifração. A chave do mundo retratada aqui está muito relacionada à



perspectiva interseccional que a posição específica daquelas mulheres lhes oferece. Isto é, mulheres negras, moradoras do extremo sul da cidade e, por isso experimentando discriminação, escassez e instabilidade, mas que vivem também em seus cotidianos lugares de produção de arte, cultura, acesso à universidade e situações que lhes oferecem um ângulo particular dentro das relações. A *chave* é o olhar e a perspectiva privilegiada das contradições sociais e da experiência específica de como operam as diferenças de raça, classe, gênero, território e sexualidade.

A abertura desta dissertação, com o capítulo que apresenta a localização a partir de onde produzo minha pesquisa, é uma forma de articulação dos marcadores sociais da diferença que oferecem uma perspectiva que transita entre experiência e conhecimento. A *chave do mundo* é um lugar de conhecimento e reflexão, fruto da experiência partilhada entre iguais em famílias ou redes de outras mulheres, que muitas vezes é sim marcada por violências e violações, mas que não restringe as dinâmicas dessas narrativas a um lugar de vítima, passiva e inerte. Trata-se, acima de tudo, de um lugar de reflexão que coloca em disputa uma certa concepção de humanidade e das possibilidades de atuação diante desse conhecimento.

O silenciamento em suas inúmeras facetas, que será tratado com maior profundidade no capítulo 3, também impõe uma fala distante dos ouvidos e olhos de outros. Um nós e uma experiência do eu, que só pode ser elaborada distante dos homens, dos brancos e daqueles que não sabem os sentidos de escassez. É exatamente esse sentido da *chave do mundo*. Sentido esse gritado nos quintais, por uma mulher preta *de mais ou menos cem anos* e capturado por outras com intensa potência e sensibilidade.

Assim, este trabalho mergulha nas complexidades e contradições produzidas na articulação dos marcadores sociais da diferença, não se limitando às interpretações que operam como se raça, classe e gênero fossem formas de sujeições combinadas ou sobreposição de exclusões (MOUTINHO, 2014, p.214). Afinal, como nos ensina Anne McClintock (2010) os marcadores e suas articulações, repletos de complexidades

(...) não podem ser simplesmente encaixados retrospectivamente como peças de um lego. Não, eles existem em relação entre si e através dessa relação – ainda que de modos contraditórios e em conflito (MCCLINTOCK, 2010, p. 19).

Não se trata, portanto, de olhar para mulheres negras periféricas e calcular uma somatória de opressões. Trata-se, antes, de enfatizar que os processos de constituição de sujeitos não implicam apenas sujeição a um poder. Pois, relacionamentos, diferenças e construção de identidades, como Adriana Piscitelli (2008) aponta, “não aparecem apenas

como formas de categorização exclusivamente limitantes: eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação” (PISCITELLI, 2008, p. 268). Essa ação evidencia os dispositivos que essas mulheres operam e expressa resistência, negociação, recusa, gritos e silêncios.

*Y ya comprendí  
Al fin  
¡Ya tengo la llave!  
Negra, Negra Negra Negra Negra  
Negra Soy!  
Vitória Santa Cruz<sup>9</sup>*

## 1.1 Nós, mulheres negras

*A gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista.*

Lélia Gonzalez

Como descrever esse nós, mulheres negras? Sempre ressoam na minha cabeça as seguintes questões “Como nos tornamos ‘nós’? Como nos tornamos ‘eles’? Como alguns se tornam ‘nós’ e outros ‘eles’? Ou talvez, a melhor maneira de formular essa pergunta seja: *de que modo os dispositivos de poder produzem a diferença entre o ‘nós’ e ‘eles’?*” (MOUTINHO, 2014, p. 203). Essas questões ressoam porque seria simplificado dizer que os marcadores de raça, gênero e classe, produzem esse nós. Se fosse assim, esse nós seríamos uma massa homogênea, e não somos. Nesse nós temos fraturas. E, mesmo diante de outras mulheres negras, produz-se “eles”, isto é, diferenças e percepções de diferença.

A rede com a qual produzo minha pesquisa é constituída por mulheres negras ativistas. Uma rede de sujeitos associados ou não a coletivos que produz uma sociabilidade baseada no ativismo, afeto e amizade, e que compartilha também trabalhos no campo da cultura, política, literatura, academia e política pública. Apesar dos coletivos serem importantes para a aglutinação dessa rede de mulheres, eles não são de maneira nenhuma a centralidade da rede que se mantém dentro e fora destes espaços. Essa rede é bastante extensa e difícil de mapear – sempre há novas pessoas se engajando nela, pessoas que se aproximam e distanciam pelos afetos, políticas e eventos culturais. Contudo, nessa

---

<sup>9</sup> SANTA CRUZ, Vitória. *Gritaram-me negra*. Poema performado encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0> Acessado em 20 de agosto de 2022.

dissertação, minha rede de afinidades e aproximações constitui a centralidade da qual parte minha investigação.

São aproximadamente trinta mulheres que contribuem para este trabalho, a partir de suas histórias, lutas e sonhos. Todas são moradoras de uma parte específica da periferia da zona sul da cidade de São Paulo, compreendida pelos distritos do Jardim Ângela, Capão Redondo, Jardim São Luís, Campo Limpo, Grajaú e Vila Andrade. Contudo, nesse período de pesquisa algumas saíram da periferia para morar em outras regiões de São Paulo como Butantã, Liberdade, Vila Matilde, Campos Elísios, entre outros. Algumas ainda foram para outros estados. Esse fluxo entre distritos, bairros, cidades e estados são comuns, bem como o retorno à zona sul. Por isso, trato a zona sul como centralidade territorial e identitária. Uma identidade constituída a partir do território, que continua sendo reivindicada apesar dos trânsitos. Danielle Regina de Oliveira em sua dissertação (2019) faz o seguinte apontamento a partir destes mesmos trânsitos dentro da cidade e da permanência da reivindicação dessa identidade periférica: “periferia é um conjunto de relações sociais com a cidade e não somente um aspecto geográfico marcado nos mapas de localização” (OLIVEIRA, 2019, p.214).

Minha pesquisa parte especificamente desse conjunto de relações e suas permanências, tendo como centralidade a zona *show* da cidade, como é chamada carinhosamente a zona sul entre pessoas que compõem sua cena cultural. Explorando um pouco mais essas interações dentro desta rede e apresentando as mulheres com as quais produzo minha pesquisa, cabe dizer que existe um corte geracional. São mulheres que estão entre 28 e 44 anos. Um fato interessante é que estas mulheres, pela valorização de sua *ancestralidade*, realizam constantes apontamentos sobre as mais velhas, suas estratégias e a importância da vida das mulheres que *vieram antes*. Ao passo que realizam isso, também são tratadas com *um certo respeito* pelas mais novas que sempre reverenciam este mesmo grupo como *as mais velhas*. Nessa relação intergeracional, parte daquelas que são mais jovens atuam diferentes formas de reconhecimento, como agradecimentos públicos em eventos, ou mesmo pegar ou pagar uma cerveja em uma festa. São sutilezas que reiteram a lógica das relações de ancestralidade e *nossos passos vem de longe*. Deste modo, essa rede de mulheres, de alguma maneira, constitui uma geração periférica, reconhecida por sua contribuição para a construção da identidade periférica de mulheres, especialmente, de mulheres negras.

A atuação política deste grupo não se restringe às pautas relacionadas com mulheres negras, muitas atuam no campo da cultura, educação, saúde, assistência social,

política pública e até no Legislativo. É importante destacar que em suas atuações profissionais ou políticas também contribuem para o crescimento e difusão das discussões raciais e ampliação da perspectiva interseccional sobre mulheres negras. Ou seja, ao passo que em suas trajetórias pessoais ganham mais espaços, essas pautas ganham também mais repercussão. Nesse sentido, o ativismo segue um modelo mais heterogêneo, que pode ser institucionalizado por meio da intervenção dentro das políticas públicas, como, por exemplo, na gestão de serviços da assistência social, nas escolas públicas ou no legislativo, dentro de mandatos coletivos ou pretos. O ativismo também pode ter uma participação dentro das instâncias do Estado, como na participação de conferências ou até mesmo de cargos dentro do Executivo, mas principalmente em ações mais autônomas, por meio de coletivos e espaços de cultura, produção artística, redes sociais ou relações pessoais.

A marca do ativismo dessas mulheres está no modo como mobilizam sua experiência, narrativa, memória e silêncio para falarem sobre si e construírem uma identidade como mulher negra. É difícil descrever uma rede com tantos sujeitos e trajetórias, contudo, cabe destacar que a maior parte vivenciou a experiência universitária, a maioria é graduada e algumas têm mais de uma graduação, especializações e pós-graduação. Contudo, o tipo de instituição a qual essas mulheres tiveram acesso no Ensino Superior ainda é desigual. A maior parte delas se formou em instituições da rede privada com fins lucrativos, conhecidas por pouca preocupação com a qualidade do ensino e produção de conhecimento. Mas, há uma grande concentração de mulheres negras nesta rede que tiveram acesso às universidades, públicas ou privadas, de excelência.

Em nossas conversas, especialmente depois de eu ter ingressado no mestrado, algumas mulheres começaram a falar sobre *esse sonho* e algumas passaram a investir nos processos seletivos. Percebo no meu corpo e nessas conversas mais íntimas que esse é um lugar muito delicado e repleto de afetos, relacionados com inseguranças, medos, segredos, comemorações, vitórias e vergonhas. Os processos seletivos podem produzir marcas de exclusão ou inadequação expressas no *não tenho perfil*. Apesar da importância das políticas de ações afirmativas tanto na graduação quanto na pós-graduação, por trás dessa afirmação existe um emaranhado de narrativas permeadas por inseguranças e silenciamentos.

Ampliando a ideia de educação para cenários não formais, todas as mulheres dessa rede são sofisticadamente formadas e experimentam diferentes formatos de educação: cursos, residências artísticas, rodas de conversas, congressos, mesas, oficinas,

seminários, encontros nacionais e internacionais, imersões, *workshops*, dentre outros. Estudam línguas, viajam, frequentam exposições, artistas, espaços culturais, músicas, intercâmbios com outros coletivos no Brasil e no exterior. Isso significa investimento pessoal e financeiro na autoformação e, apesar das resistências ao ensino formal que muitas vezes aparece em meio às conversas, não existe nenhuma resistência aos projetos de formação pessoal e ao reconhecimento da importância do conhecimento nas mais diferentes áreas.

Uma característica marcante é que a maioria dessas mulheres nasceu na periferia da cidade de São Paulo. Elas configuram a primeira geração das famílias desterradas das cidades de origem nascida na capital. Em suas narrativas aparece com frequência a memória e as “marcas” da construção da periferia entre o final da década de 70 até os dias atuais. Com bastante destaque às experiências dos anos 90 relacionadas à violência, período no qual a periferia de modo geral, em especial a zona sul, conviveu simultaneamente com a democratização política e o crescimento da violência letal, a inflação, a pobreza e a fome. Contudo, essas experiências aparecem no discurso de maneiras diferentes. No campo político são mobilizadas para denúncia do racismo e para produção da territorialidade periférica. Nas conversas mais íntimas aparecem como traumas, marcas, cicatrizes e assombrações.

No campo profissional, a maioria está ligada às áreas de educação, assistência social, cultura, organizações sociais e empreendedorismo. Apesar dessas mulheres apresentarem uma ascensão econômica, uma espécie de *pobre plus* ou *classe média instável*, conforme discutiremos mais à frente, não possuem bens tais como casa própria e automóveis ou, quando os possuem, em sua maioria são populares ou usados. Sua ascensão é mais perceptível pelo estilo de vida. Existe uma mudança significativa de padrão de moradia, sempre apontado como característica de seu bem-viver. Casa é um ponto central nas conversas – a casa em que se vive, as casas nas quais já morou, as condições sanitárias, o medo de “precisar voltar” às antigas condições, as constantes mudanças de casa, a decoração da casa, o sonho da casa própria.

Aqui proponho um diálogo com a discussão da dissertação de Jesser Rodolfo de Oliveira Ramos (2021). Mesmo que em contexto diferente, uma vez que sua pesquisa parte da política de portas abertas da Casa 1<sup>10</sup>, esse autor evidencia a centralidade da casa

---

<sup>10</sup> Localizada no bairro Bela Vista, na região central, a Casa 1 é composta por três espaços distintos um centro de acolhida para jovens LGBTQIA+ expulsos/as por seus familiares e também um Centro Cultural e uma Clínica Social frequentado por inúmeras pessoas (RAMOS, 2021, p.8)

(residência). Isto é, ter uma casa com melhores condições daquelas vivenciadas com a família de origem ou na infância permite uma possibilidade de construção de *projeto de vida* e de *outra noção de humanidade*. A casa “torna-se esse lugar onde a vida se *estrutura* justamente por que ele permite visualizar um futuro para além daquilo que a ‘casa familiar’ nega, violenta ou constrange (*grifo meu*).” (RAMOS, 2021, p. 134). Assim, uma casa mais organizada e em melhores condições estéticas e de infraestrutura é uma possibilidade de separação de um passado traumático e precário, que marcou as infâncias de muitas das mulheres dessas redes. Assim, a residência, a produção estética da casa, são símbolos de mudanças e rompimento de sua história de origem, sendo, portanto, motivo de dignidade e orgulho.

As mulheres negras do meu campo têm uma circulação muito grande na cidade, no país e até internacionalmente. Em parte, essa circulação e fluxo estão expressos tanto na linha do tempo quanto no mapa, na abertura dessa dissertação. Com exceção de uma delas, todas viajaram nos últimos anos, dentro e fora do país. Viagens a trabalho, lazer, férias, ampliação de repertório, estudo de língua e ativismo são comuns nessa parte da rede que acompanho. Além do mais, contam também com redes de apoio, amizade e ativismo em diferentes lugares do Brasil e exterior, o que facilita o trânsito, bem como as experiências de viagem realizadas por outras mulheres do próprio grupo. Acresce a essa experiência de circulação, o fato de serem convidadas e recebidas por universidades, coletivos e organizações por conta de sua trajetória política e profissional. Essa é uma mudança de padrão de vida, pois, em suas infâncias e adolescência, a maioria não teve esse tipo de experiência de trânsito. Trata-se de uma posição de reconhecimento e importância que entra em contraste com algumas experiências de estigma e desvalorização. Com relação à circulação internacional, cabe sinalizar que a concentração é de experiências na América Latina e África, especialmente, Moçambique, e, com menor expressividade Europa e América do Norte.

As ambiguidades vividas no cotidiano com relação ao estilo de vida são inúmeras. São temas geradores de risos e choros, busca de apoio na rede e celebrações. A convivência com a oscilação entre abundância e escassez de recursos econômicos e financeiros é frequente e abarca, desde grandes jantares com salmão, vinhos caros, viagens internacionais e nacionais, roupas de grife, obras de arte, até não ter recursos para transporte, receber doação de cesta básica, precisar de apoio financeiro para demandas básicas, pratos e armários esvaziados. Um estilo de vida e uma classe social em que oscilação, instabilidade e crises mantêm certa permanência.

Por fim, quero destacar que estas mulheres, mesmo partilhando de outras redes mais amplas, tais como mulheres periféricas, movimento lésbico, movimento cultural, movimento feminista e movimento negro, ou até mesmo, de redes mais localizadas relacionadas as suas trajetórias profissionais, mantêm certo endereçamento e um fortalecimento dessa rede de mulheres negras e, para além disso, uma reflexividade sobre a *conquista* de ser mulher negra. Com isso, essa identidade repleta de contradições, negações, afirmações e negociações é pauta tanto para a construção de projetos pessoais, quanto profissionais, políticos e subjetivos. Essa dissertação percorre, por meio da produção da intimidade, alguns caminhos etnográficos desta produção ou conquista que conforme Laura Moutinho (2014) nos questiona, tenta sinalizar dispositivos de poder capazes de produzir um “nós”, mulheres negras, em oposição a outros *nós* que, durante aquele momento de intimidade entre mulheres negras, passam a ser *elas*.

## 1.2 Quem pode conter esse redemoinho que é ser mulher preta?

Redemoinhos

*Quem pode prender essa ventania que mora em mim?  
Essa fertilidade de espalhar boas sementes  
De unir elementos contraditórios dentro de si  
Tempo que se fecha sem chover, poeira do meu indizível.  
Fogo que alastra indomável pelo caminho  
Águas que recuam e voltam com intensidade  
Nesta instabilidade de nascer tempestade e dissipar-se fogo  
Fecha meu ponto fraco, nas espirais dos meus ventos  
Movimento o meu corpo para que ele não morra*

*Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta?  
Este racismo que me desumaniza e me torna vazio  
O invisível de todos os meus passos desfeitos  
Sabe quando o mar desfaz as escritas nas areias?  
Sabe quando o dia vai virando noite e tudo se torna mistério?  
Tem dias que a loucura mescla com a solidão  
E eu me vi várias vezes vagando sem destino certo...  
Eu tenho medo de que não se lembrem,  
nossos passos vêm de longe e precisamos prosseguir...*

Elizandra Souza

O subtítulo remete ao último livro de Elizandra Souza *Quem pode acalmar esse redemoinho que é ser mulher preta?* lançado em 2021, ano de celebração dos vinte anos

de carreira da escritora. Não é por coincidência que a linha do tempo que acompanha essa pesquisa começa em 2001. É inegável a importância da Elizandra Souza na construção desse discurso e dessa identidade – ela é uma escritora negra que começou sua produção nos saraus da zona sul.

Poeta, jornalista e editora, conheci Elizandra Souza dentro do Sarau da COOPERIFA. Quando comecei a frequentar os espaços, por volta de 2007, Elizandra já era uma figura muito conhecida pela produção artística e também profissionalmente, com a Agenda da Periferia, produzida pela Ação Educativa, organização na qual trabalhava. Ela começou a frequentar os saraus em 2004 e fundou o coletivo Mjiba, com o objetivo de dar visibilidade para a produção literária de escritoras negras. Em 2012, o coletivo começou a publicar livros para se contrapor e resistir à baixa representatividade de escritoras negras no mercado editorial. Elizandra Souza atualmente participa do exitoso grupo de escritoras e performers ‘Sarau das Pretas’, que desde 2016 apresenta um repertório autoral e de outras escritoras em espaços culturais e educacionais. Sua trajetória se mistura com as transformações da cena cultural periférica, o que pretendo desenhar aqui. Cena essa em que raça, gênero, classe social, sexualidade e território se misturam. A pergunta da escritora é sobre *acalmar*, remetendo à intensidade, à revolta e ao movimento.

Nesse tópico, exploro, por meio da minha relação com a autora e do exercício livre da minha licença poética, esse movimento que transforma *acalmar* em *conter*. Aliás, esse mergulho em nossas memórias para a construção dessa pesquisa me coloca novamente a questão: Quem poderia conter? Isto é, frear, limitar ou controlar essa intensidade provocada não apenas pelo trabalho da escritora, mas por todas essas movimentações que a rede de mulheres negras tem produzido. Discorro assim sobre os percursos de construção e fortalecimento da identidade de *mulher negra na zona sul de São Paulo*.

Os esforços para a construção da linha do tempo das ações, agendas, memórias e marcos na zona sul de São Paulo organizam uma narrativa não linear para a produção dessa discussão. São as presenças e afetos que produzem a temporalidade na narração dos fatos – algo realmente insignificante do passado pode voltar com força pelas memórias e emaranhados do cotidiano. Algumas sistematizações e discussões já foram empreendidas por outras mulheres, também ativistas destas redes. Destaco que parte dessas discussões foram simultaneamente materializadas em dissertações e teses, mas também compõem um repertório de debates, conversas, artes, poesias e trocas dentro desta rede, através das



relações de afinidades, do interesse na reflexão sobre aquilo que se produz e do investimento em diferentes formas de troca e construção de conhecimento.

Nesse sentido, para compreensão deste celeiro intelectual quero retomar alguns trabalhos acadêmicos que foram produzidos a partir da periferia, por pessoas que em suas presenças impactaram na forma de pensar e construir as narrativas da minha dissertação. Cabe destacar a importância do trabalho de pesquisa de Luciana de Jesus Dias (2011), *Dinâmicas de raça na periferia: a experiência de jovens da região de M'Boi Mirim*, que aborda as percepções de jovens negros moradores da região periférica de M'boi Mirim sobre questões raciais, território e condições de moradia. Sua pesquisa aponta que mesmo partilhando de territórios e condições de moradias similares entre si, a percepção e construção das narrativas dos/das jovens pesquisados/as se distinguia pelas relações que estabeleciam (família, vizinhos, amigos) e as experiências de circulação. Assim, situações semelhantes encontrariam diferentes chaves interpretativas pelo viés relacional mobilizando afetos na compreensão dos episódios.

Milena Mateuzi do Carmo (2016) teve como foco as ações de coletivos de ativistas nos primeiros anos de 2010, principalmente aquelas realizadas junto aos equipamentos públicos, com ênfase no Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (MSE)<sup>11</sup>, que fortalecia a articulação de familiares de jovens em medida socioeducativa na luta contra o genocídio da população negra, pobre e periférica. A construção da pesquisa a partir de um cenário de intensa articulação política dentro do território, alinhado à cirúrgica reflexão da relação entre usuários-técnicos dentro das políticas sociais, fez emergir outras possibilidades de pesquisas e olhares a partir da periferia, promovendo uma aproximação de atores e atrizes do ativismo e a articulação com a universidade. Sulamita Assunção (2018), em sua dissertação, observa a ação de coletivos de mulheres na região sul, identificando-os como ações do movimento negro e argumentando sobre sua importância como lugar de produção de identidades e subjetividades de mulheres negras. É interessante observar a distinção produzida no título e em seu texto entre *mulheres negras* e *lésbicas negras*, dando visibilidade às controvérsias e relações que abordaremos também nessa pesquisa.

Danielle Regina de Oliveira (2019) realiza uma análise dos coletivos de feministas periféricas, argumentando que suas ações estão conectadas aos movimentos de

---

<sup>11</sup> Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (MSE): o serviço tem a finalidade de prover o acompanhamento dos adolescentes em cumprimento de *medidas socioeducativas* em meio aberto, de Liberdade Assistida e/ou Prestação de Serviços à Comunidade, determinadas judicialmente.

mulheres das gerações anteriores, protagonizadas por mulheres negras, mestiças, nordestinas, empregadas domésticas e donas de casa, que tinham como foco a luta por autonomia e melhores condições de vida. Destaca sobretudo os Clubes de Mães, amplamente difundidos nas periferias na década de 1980 e negligenciados tanto pela literatura sobre os movimentos sociais, como também pela produção sobre feminismo. Sua pesquisa mobiliza uma temporalidade política que envolve as produções da década de 80 com as produções dos anos 2000, por meio da experiência do Coletivo Fala Guerreira, que aposta na construção de um feminismo periférico, atrelado ao ordinário das classes sociais na perspectiva e reivindicações das mulheres.

Torna-se fundamental a compreensão da agitação cultural da zona sul por meio do trabalho de mestrado (2006) e doutorado de (2011) de Érica Peçanha do Nascimento. No mestrado (2006), abarcando seu processo de pesquisa e por meio da produção e circulação da literatura produzida na periferia, a autora buscou compreender os sentidos e a aproximação dos coletivos com a expressão *Literatura Marginal*. No doutorado, a partir da etnografia do trabalho desenvolvido pelo Cooperativa Cultural da Periferia (COOPERIFA) entre 2001 e 2011, a pesquisadora buscou compreender o cenário cultural periférico.

Dayane Karoline Fernandes da Silva (2019) realizou também uma importante reflexão sobre as narrativas visuais que as integrantes do coletivo de feminismo periférico ‘Fala Guerreira’ produziam sobre as mulheres periféricas em sua revista. A autora argumenta que esta narrativa buscava romper estereótipos de subalternidade nos quais normalmente essas mulheres são enquadradas, buscando apresentar pluralidade e seus lugares enquanto sujeitos e contadoras de suas histórias. Eliana Pereira Silva (2020) também escreveu sobre o movimento de mulheres da zona sul, a partir da percepção das ativistas do movimento atuando em meio *ao olho da furação*, articulando novas pautas políticas rompendo com discursos generalizantes a partir do cotidiano e de suas referências históricas.

Shisleni de Oliveira-Macedo (2021), a partir de sua etnografia junto a mulheres da zona leste, analisou a trajetória de mulheres periféricas. Por meio do acesso ao Ensino Superior e às redes de ativismos, ela fala sobre sua produção de subjetividade a partir da construção das narrativas de suas interlocutoras. Sua dissertação mantém um intenso diálogo com minha pesquisa por compartilharmos uma experiência de “dentro” e “fora”, produzindo lugares de fronteira, dos quais empreitamos nossas investigações e reflexões no texto e na vida.

Bruna dos Santos Galicho (2021), a partir do Grajaú, observa a circulação de mulheres pela cidade, argumentando como tal circulação produz corpos, subjetividades e territórios. Seu trabalho será mais explorado no capítulo 2 dessa dissertação. Adriana Paixão (2021), integrante da companhia de teatro negro feminino ‘Capulanas Cia de Arte Negra (CCAN)’ realiza uma autoetnografia, aproximando as produções artísticas da tradição do teatro negro brasileiro e afirmando sobre como suas ações têm contribuição para produção de identidades e subjetividades de mulheres negras periféricas. Também partilhando de uma discussão no campo da psicologia social, Clélia Rosane dos Santos Prestes (2018) explora as estratégias de mulheres negras para o bem-viver e promoção da saúde integral.

É possível então notar que há um potente campo de pesquisa crescendo e se consolidando sobre as ações de mulheres nas periferias, sobretudo no movimento cultural periférico (D’ANDREA, 2013; PEÇANHA, 2006 e 2011; OLIVEIRA, 2019). Produção acadêmica realizada por mulheres que estão de alguma forma envolvidas nas ações e que constroem seus trabalhos a partir dos eixos dos marcadores sociais de classe, raça, gênero e território.

### **1.3 Um grito entalado na garganta: narrativas femininas e feministas**

*Tenho um grito entalado na garganta.  
Um grito longo, fino, estridente,  
Um grito dolorido, abafado.  
Um grito de mulher.*

*Feminismo?  
Não sabia nem o que era.  
E mesmo antes de saber  
O grito já estava lá.  
Sempre esteve  
Sufocado.*

*Em toda a parte  
Em todos os lugares.*

- Não tenha amigos homens.
- Lugar de mulher é no fogão.
- Mulher tem que se dar o respeito.
- Tá parecendo uma puta com essa saia curta.
- Madrugada não é hora de mãe de família ficar pela rua.
- Nem pense em transar no primeiro encontro.
- Seu batom vermelho está chamativo demais.
- Obedeça ao seu marido.
- Mulher de bar não presta.
- “Mulheres vulgares uma noite e nada mais”

*Faça isso, não faça aquilo.  
Seja assim, não seja assado.*

*Regras demais,  
Condutas demais,  
Proibições demais.*

*Por quê?  
Pelo simples fato de ser mulher?  
Até quando?*

*A encoxada matinal no ônibus,  
A cantada barata do chefe cretino,  
A passada de mão na escada do metrô,  
Murros e pontapés do próprio companheiro.  
Sem falar nos inúmeros casos de estupro.*

*Então é só isso?*

*Criar os filhos,  
Cuidar da casa,  
E servir meu sexo numa bandeja  
Sempre que o outro quiser?*

*Nas multidões muitas mulheres estão mortas.  
Dá pra ver nos olhares opacos  
Morreram por dentro  
E apenas vagueiam.*

*E quando as mulheres morrem  
Os homens – rebentos de seus ventres  
Ainda não perceberam  
Mas também estão morrendo.*

*Não é possível  
Ninguém vai fazer nada?*

*Mas há também as mulheres que lutam  
Dá pra reconhecer pelo olhar firme e aceso  
No vai e vem da marcha cotidiana.*

*Carrego comigo o legado  
De minha mãe, de minha avó  
E de tantas outras que me antecederam.  
O grito que carrego também é delas.*

*Pelos prazeres que não puderam ter  
Pelo corpo feminino que não puderam explorar  
Pelo voto e palavras negadas  
Pelo potencial não exercido  
Pelo choro em lágrimas secas.*

*Tenho um grito entalado na garganta.  
Um grito denso, volumoso,  
Um grito ardido, de veias saltadas.  
E hoje ele vai sair.*

*- O corpo é meu!*

*Jenyffer Nascimento*

Dialogando com esta discussão, trago aqui um momento específico no processo de fortalecimento das intervenções de mulheres na cena cultural periférica, que foi a intervenção/performance realizada em 2011 pelas mulheres da zona sul de São Paulo e a produção do videoarte *Gritar o Silêncio* decorrente dela. Essa intervenção nasceu a partir da intensa articulação de mulheres e teve como estopim as situações de assédio e violência contra mulheres que circulavam dentro da cena cultural periférica. Ela surge como culminância de desconfortos e coloca no centro a denúncia sobre o lugar reservado às mulheres nesse cenário, que era ou de público dos saraus ou até de possíveis *pretendentes* dos artistas. Tal intervenção provocou uma ruptura simbólica importante, que atualizou o movimento feminista e de mulheres nesse extremo da cidade.

A videoarte realizada por Mario Cezar Rabello publicizada em 2015 e filmado em 2011, trazia imagens da performance/intervenção, tendo como base a poesia de Jenyffer Nascimento, escrita em 2012. O contexto de 2011 foi bastante propício para as ações feministas. A Capulanas Cia de Arte Negra havia estreado em junho de 2010 o espetáculo *Solano Trindade e suas negras poesias*, que ressoava bastante. De junho de 2010 a outubro de 2011 o espetáculo circulou em mais de 30 espaços na periferia de São Paulo.

A imponência das mulheres da Capulanas Cia de Arte Negra produzia um encantamento em suas apresentações, sobretudo para mulheres negras moradoras desses territórios, como já tratado na dissertação de Adriana Paixão (2021). Assim como o espetáculo *Solano Trindade e suas negras poesias*, que colocava em cena inúmeros símbolos, que repercutiram com mais profundidade posteriormente. O figurino, a expressividade corporal, os cabelos, a valorização da pele preta, a experiência negra, os tecidos africanos se destacavam e inauguravam uma linguagem e uma forma de expressão.

Ainda dentro das atividades realizadas neste ano pela Capulanas, na Casa de Cultura do M'boi Mirim, aconteceu a 2ª edição dos encontros *ONNIM* com as palestras para discutir *Saúde Cultural, Física e Psíquica das Mulheres Negras*. Os encontros foram criando uma gramática na qual era possível expressar a experiência de mulheres negras. Além disso, por meio dessa atuação, questões de saúde e tradição se entrecruzavam, abrindo inúmeras possibilidades para a percepção das experiências de modo mais coletivo. Os encontros abertos eram espaços de escuta e reelaboração das experiências.

Outros espaços de sociabilidade feminina foram abertos também em 2011. Destaco o *Sarau com Elas* promovido pela Ana Paula Rossi e Marta de Moura, a

Martinha, na Estrada do Campo Limpo. O objetivo desse encontro era fomentar um lugar em que as mulheres se sentissem à vontade para recitar poesias ou quaisquer manifestações artísticas. Era apresentado por mulheres e nesta edição somente mulheres poderiam ocupar o microfone. Em sua proposta, o *Sarau com Elas* já demonstrava a existência de uma certa percepção das mulheres que frequentavam os espaços culturais, de que aquele espaço não era para elas, causando constrangimento e inibição para *ir ao palco* ou *ocupar o microfone*. O *Sarau com Elas* abriu espaço para experimentações artísticas e poéticas e para o reconhecimento entre as mulheres da periferia sul que frequentavam a cena cultural, fortalecendo vínculos políticos, afetivos e artísticos entre elas.

Uma outra atividade informal e bastante impactante foi o encontro na casa da Alânia Cerqueira, uma ativista e moradora da zona sul, que teve por objetivo construir um espaço de sociabilidade feminina e negra. O convite foi para um *Encontro Pererecada* em seu quintal no Jardim Novo Santo Amaro. Algumas amigas, boa comida e bebida à luz de vela. Esse encontro foi marcado para trocas de experiências sobre ancestralidade, espiritualidade e leituras das cenas periféricas. Foi realmente marcante para uma sociabilidade que viria a se estabelecer com alianças políticas e afetivas no final daquele ano.

Dessa forma, é importante levar em consideração todo este contexto para compreender a performance/intervenção que ocorreu em 2011, desencadeada por uma agressão machista a uma das mulheres da rede. Argumento que este episódio de violência não teria força por si só para provocar o ato político que o seguiu se não estivéssemos diante do cenário desenhado naquele ano. Todas as ações apresentadas acima, de intensas agitações e articulações políticas de mulheres, mesmo que ainda não se autodenominassem feministas, propiciou um contexto para pautar o machismo nesta cena cultural. A violência simbólica, física e sexual foi o disparador de um sentimento de indignação coletiva e de reconhecimento dessas violências.

Um fato bastante importante nesse cenário ocorreu no final de 2010, quando uma das integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra sofreu no Sarau da COOPERIFA uma agressão racista de um dos frequentadores e poetas. O homem branco responsável pela agressão foi exposto e durante um período não frequentou mais os espaços. Desta forma, o episódio machista no Sarau da Vila Fundão foi um disparador da percepção da violência geral sofrida pelas mulheres, da construção do vocabulário feminista que se consolida em 2012 e uma forma de articulação política pautada no poder da experiência e nos círculos.

Após o episódio no Sarau da Vila Fundão, em outubro, foi organizado um encontro de mulheres no Jardim Lúcia. A história do assédio sofrido pela companheira se espalhou e se acumulou com diversas outras situações de machismo e assédio dentro do circuito cultural. As mulheres desse circuito, amigas, conhecidas e artistas juntaram-se para entender como poderiam criar uma plataforma de enfrentamento público, aquilo que sequer sabíamos exatamente como nomear. O feminismo não era ainda a palavra da vez e o machismo era o que chegava mais perto das violências cotidianas cometidas contra as companheiras.

A presença das mulheres, neste encontro, foi massiva. Ao mesmo tempo que pensávamos sobre o que faríamos, histórias de assédio e abuso foram sendo trazidas à tona, e com elas muitas emoções. Era a primeira vez que partilhávamos experiências pessoais nesse nível de intimidade. Silêncios foram rompidos e violências começavam a ser nomeadas. Memórias da infância e da adolescência foram compartilhadas, criando uma noção de *experiência periférica feminina a partir da violência*.

Foi nesse encontro que a performance/intervenção foi planejada, junto ao manifesto virtual das mordanças. O filme *Gritar o Silêncio* registra a memória entre outubro e novembro daquele mesmo ano, a partir de um trecho da poesia de Jenyffer Nascimento, que apesar de ter sido em 2012, consegue traduzir os sentimentos da articulação e sociabilidade de mulheres daquela época.

#### **1.4 O que se quer dizer ecoa de outras maneiras**

*Quando o direito a voz nos é vetado,  
O que se quer dizer ecoa de outras maneiras,  
mas sempre sai.  
Um grito nunca fica preso por muito tempo.  
O silêncio é uma farsa.  
Jenyffer Nascimento*

Mario Cezar Rabello em *Gritar o silêncio* alterna palavras desse trecho da poesia de Jenyffer Nascimento com cenas de performances ocorridas no Sarau do Binho e Sarau da Vila Fundão, respectivamente no Campo Limpo e Capão Redondo. Ele produz por meio da edição uma espécie de brincadeira com os inúmeros sentidos que o trecho selecionado da poesia pode sugerir. *A voz ecoa. O direito é vetado. O silêncio. Um grito ecoa por muito tempo. Um grito*. Essas construções vão se alternando no filme em preto e branco com música clássica e coral com vozes femininas que dão ao filme um tom histórico. A criação artística do diretor, amigo e parceiro Mario é também a expressão

dos significados atribuídos pelas mulheres dessa primeira intervenção/performance em rede. Realmente, foi uma ação épica dentro da zona sul.

O corpo desse ativismo, perceptível no vídeo e nas memórias da performance, foi se construindo e se fortalecendo a partir dessa rede de mulheres. Um corpo periférico, feminino e predominante negro que atua coletivamente. As vivências e dinâmicas da performance são ao mesmo tempo forma e conteúdo, expressividade política. A força da performance, como afirma Eleonora Fabião (2008), consiste em turbinar a relação do sujeito com a cidade, a partir do seu contexto. Desta forma, as mulheres localizadas a partir do tempo, espaço, corpo, do ele, do eu e do nós espriam em potência da estética, ou seja, performance para desabituar, desmecanizar, escovar à contrapelo o cotidiano.

Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial (FABIÃO, 2008, p. 237).

Quero considerar a performance em dois atos: tanto o Manifesto Virtual quanto a Performance/Intervenção nos saraus realizado pelas mulheres que frequentavam estes espaços culturais como parte desse movimento político performático. O Manifesto Virtual se deu por meio de foto do perfil do Facebook das mulheres com mordanças. Essa era uma forma performática de silenciamento e violência.

Imagem 1 – Arquivo: Silvana Martins. Fotografia das fotografias de perfil do Facebook



Nos aprofundando um pouco mais nas imagens percebemos que a mordança simbolicamente forte é parte da expressividade das imagens acompanhada por gestos, expressões faciais e olhares. A escolha pelo formato preto e branco (PB) nos transmite mais sensibilidade e destaca emoções sutis. A cor poderia distrair os olhos das



intencionalidades das imagens de expressão de um sentimento e de uma coletividade. A corporeidade dessas mulheres traz ao manifesto, desacompanhado de texto ou explicações, a denúncia, o medo e o afronte. Grada Kilomba em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* faz uma reflexão sobre as máscaras que me parece muito interessante para refletir sobre o manifesto das mordanças.

[A máscara] sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33)

A denúncia do silenciamento está presente nos olhares, expressões e, principalmente, na mordança/máscara. Como manifesto, se anuncia e se coloca como resistência. A tira fina de pano com que se ata a boca impedindo de falar ou gritar na sua expressão física, denuncia sua presença simbólica, ao passo que coletivamente se faz resistência e apresenta, o segundo ato, a performance.

No segundo ato, performance/intervenção, a metáfora do silenciamento por meio das mordanças permaneceu. Com mordanças em suas bocas, segurando cartazes com mensagens de afirmação de sua liberdade, corpo e voz, finaliza-se com apitação - uma homenagem às mulheres de Recife, que apitam para denunciar a violência doméstica e para expor e inibir o agressor. Na primeira edição, no Sarau do Binho, a performance contou com um pedaço de carne, símbolo da objetivação do corpo feminino, que era atirada nos expectadores.

As imagens do filme de Mário Cesar Rabello alternam a performance e sua produção no posto de gasolina na Estrada do Campo Limpo, distante apenas uma esquina do Sarau do Binho. O vídeo destaca a chegada aos espaços, recepção do público, os cartazes, as mordanças, as mulheres, a poesia *Em legítima defesa*, o apitação, a expressão do público, o microfone como objeto de poder, nas mãos das mulheres. *Gritar o Silêncio* é em si parte dessa história cruzada no tempo, como os sentidos são construídos e atribuídos não de forma linear, mas nas dinâmicas da vida cotidiana e política.

Durante a performance, outra intervenção acontecia, simbolicamente uma inversão que cria visualidade para a assimetria dos espaços culturais periféricos. Por um breve e importante tempo, os homens acostumados aos microfones e ao palco permaneceram sentados na plateia e mulheres ocuparam coletivamente o microfone e a

cena cultural. O ritual permaneceu durante todo o sarau, pois, diversas mulheres se inscreviam em massa e, uma após a outra, recitavam a poesia de Elizandra Souza *Em Legítima Defesa*.

Algumas imagens da performance realizada nos saraus podem favorecer a compreensão deste momento, por isso, destaco algumas imagens da videoarte *Gritar o Silêncio* de Mario Cezar Rabello.



Figura 3 - Imagem do Videoarte *Gritar o Silêncio*, Sarau do Binho, 2011.



Figura 3 - Imagem do Videoarte *Gritar o Silêncio*, Sarau da Vila Fundão, 2011.

Essa performance/intervenção teve nova edição no Sarau da Vila Fundão. No Sarau da COOPERIFA não foi possível performar, pois a organização da inscrição e chamada, por critérios próprios, impediu repetidamente que a poesia da Elizandra Souza fosse recitada, pois a maioria das mulheres não foram chamadas ao palco, ficando restrito a algumas vezes já reconhecidas no sarau.

Quem tem medo da poesia *em legítima defesa*? Na época, nenhuma antologia dos saraus teve interesse em publicar. Elizandra Souza, em uma conversa na casa da Jenyffer, comentou que quando enviava alguns textos para publicação em antologia recebia sempre a confirmação de publicação de todos, com exceção, deste. *Eu sabia que este texto só seria publicado no meu próprio livro e foi isso que aconteceu. Lancei Águas de Cabaça.*

*Estou avisando, vai mudar o placar...  
Já estou vendo nos varais os testículos dos homens que não sabem se comportarem  
Lembra da Cabeleireira que mataram outro dia?  
E as pilhas de denúncias não atendidas  
Que a notícia virou novela e impunidade  
É mulher morta nos quatro cantos da cidade...  
Estou avisando, vai mudar o placar...  
A manchete de amanhã terá uma mulher de cabeça erguida dizendo:  
- Matei! E não me arrependo!  
Quando o apresentador questioná-la ela simplesmente retocará a maquiagem.  
Não quer está feia quando a câmera retornar e focar em seus olhos, em seus lábios...  
Estou avisando, vai mudar o placar...  
Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental  
Afim, jogar um carro na represa deve ser normal...  
Jogar a carne para os cachorros procedimento casual...  
Estou avisando, vai mudar o placar...  
Se existe algo que mulher sabe fazer é vingar  
Talvez ela não mate com as mãos mais mande matar.  
Talvez ela não atire, mas sabe como envenenar...  
Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...  
Só estou avisando, vai mudar o placar...  
Elizandra Souza*

Essa poesia traduz a mensagem de ruptura, um aviso, talvez uma ameaça. Efetivamente de 2011 a 2021 rupturas e reorganizações foram articuladas nesse território e em torno das discussões de classe, raça e gênero. As imagens do filme *Gritar o Silêncio*, publicado em 2015, traduzem a marca histórica desse momento. Se inicialmente a cena cultural periférica, como expressão de uma experiência masculina no mundo, era uma forma interpretativa do cotidiano e oferecia “chaves” para sua interpretação, novas

nuances ganhavam especificamente a perspectiva de gênero e, posteriormente, sua interseccionalidade com raça.

Lélia Gonzalez evidencia o processo em que raça/cor e gênero transformam-se politicamente e marcam a subjetividade de modo particular. A construção de Lélia Gonzalez passa da naturalização das categorias de gênero e raça, para mostrar como estas são mobilizadas politicamente, a agência na forma de mobilizá-las é descrita como conquista. Assim, essa narrativa torna-se uma boa imagem para apresentação do grupo de mulheres negras ativistas da zona sul de São Paulo, pois, como tentei evidenciar, o movimento perpassa elementos simbólicos e construção políticas fundamentais para a construção dessa coletividade.

Assim, como Gonzalez descreve nos anos 1980, as minhas interlocutoras e eu vivemos esse processo de construção de uma subjetividade coletiva como mulheres negras nas duas primeiras décadas do século XXI. Processo que se faz nos círculos políticos e reverbera no cotidiano dessas mulheres, transformando as relações e a linguagem para lidar tanto com os conflitos quanto com os afetos. Morena faz questão de traduzir esse sentido político na sua vida:

*“Eu mudei muito. Meu marido diz que a cada dia estou mais negra e que ninguém agora pode falar nada. Fico arisca e só quero estar com minhas amigas. Ele não percebe que não é isso... é que não vou abaixar minha cabeça para mais ninguém. Ninguém. Se a família dele é racista isso é problema deles.”*

## **1.5 Nem toque de recolher me põe para dentro: circulação e mobilidade**

*Na cabeça uma loucura muda  
De vozes que ecoam em silêncio.  
É agudo, é crônico: é momento.  
Na volta pra casa  
Caminho é identidade.  
Reconhecer onde os pés pisam  
O olhar marcado de forma precisa.  
Passo a passo.  
Pessoa a pessoa.  
Nos dias em que transbordo  
Nem toque de recolher  
Me põe pra dentro  
Cabeça-caos.  
Jenyffer Nascimento*

A circulação das mulheres negras desta rede sempre chama bastante atenção. Existe certa normalidade da circulação dentro das periferias, casa de amigas, parentes,

bares, saraus, reuniões etc., afinal há uma suposta conexão mais profunda de territórios. Contudo, a circulação fora das margens da cidade, até mesmo do país, gera certo espanto e novidade. Isso se deve aos estereótipos e discriminações associados às mulheres negras, que as coloca em um lugar subalterno. Ainda hoje, no alto do ano 2022, provocamos “surpresa” ao sermos encontradas em aeroportos, museus, restaurantes, lugares turísticos, entre outras localidades em que corpos negros não são esperados para além de posições de subalternidade. Esse estranhamento é mútuo. Se por um lado, é visível o estranhamento no olhar, tratamento e atendimento ao encontrar *um corpo negro*, ainda mais, *um corpo negro feminino*, por outro, existe também um sentimento de desterro que nos toma e, por vezes, nos inibe de frequentar tais lugares.

*Não pode entrar, saia! Estamos fechando!* Foi assim, que Preta e Morena foram recebidas no restaurante japonês na Liberdade em 2018. Até hoje, é evidente que Preta tem medo de entrar em restaurantes. Quando estávamos embarcando para a Colômbia, Clara me perguntou: *Quantas mulheres negras têm aqui, com exceção de nós?* Eu nem precisei contar, pois eu já havia esquadrinhado a fila enquanto aguardávamos para fazer o *check-in*. Respondi prontamente: uma americana de *lace*<sup>12</sup>. Essa experiência de percepção dos ambientes é corriqueira em nosso cotidiano, e também na forma como contamos nossas histórias, o que muitas vezes pode ser totalmente invisível para pessoas não-negras.

Em 2019, eu e Jenyffer combinamos de jantar uma vez por mês em um lugar *legal* da cidade. Saímos por restaurantes da cidade umas três vezes, depois, nos ocupamos com outras emergências da vida e do cotidiano. Em duas situações, as pessoas nos olharam com tanto espanto que conseguimos ler em seus lábios que elas estavam tentando lembrar que celebridades nós éramos. Avaliavam que poderíamos frequentar aquele lugar caso fôssemos famosas, jamais uma dentista, professora, advogada, mestranda ou escritora.

Desta forma, a circulação e a mobilidade das mulheres negras desta rede são temas complexos e mobilizam uma série de emoções e moralidades associadas aos espaços, ao uso do dinheiro, às histórias familiares e à segurança pessoal que discutiremos nesse ponto. Assim, tanto a circulação de mulheres negras quanto sua ausência são conteúdos importantes deste capítulo, para compreensão dos dispositivos de poder

---

<sup>12</sup> A *lace* é uma espécie de peruca, contudo, com mais qualidade. A prótese feita fio a fio em uma tela que produz um efeito semelhante ao couro cabeludo. É um produto de alto preço conforme tamanho e qualidade do material. Nos EUA é uma moda entre mulheres negras e no Brasil tem ganhado muito espaço.

mobilizados nesses trânsitos que aproximam histórias de conquistas e desistências, relações e rompimento.

Dentro da antropologia, o deslocamento do corpo do pesquisador é parte da pesquisa. Percebo que as pesquisas de mulheres negras, dentro das minhas relações no programa de Pós-Graduação, também expressam resistências a lugares reservados a sujeitos brancos pertencentes às classes média, alta e à elite. Tomando meu corpo negro como referência dentro da universidade e da rede de mulheres periféricas que trago aqui, a partir de minhas experiências tanto no Brasil quanto no exterior, percebo que ainda, em nosso imaginário, o antropólogo que realiza pesquisas distante do seu território e de suas redes, permanece marcadamente branco. O sujeito da autoetnografia é frequentemente marcado por gênero, raça, classe, deficiência e sexualidade. Talvez porque as urgências que convivem em nosso entorno são questões que ainda marcam nossa produção intelectual.

Ester Corrêa (2021) em seu artigo *Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando as viagens com Zora Hurton e Lélia Gonzalez* nos provoca a refletir sobre o trabalho de campo de antropólogas negras e questões do *desterro* que trago neste trabalho. As autoras percebem como a circulação impacta simultaneamente as trajetórias de suas vidas e a produção de seus trabalhos, uma vez que, a ampliação do mundo externo é também possibilidade de reconstrução de si. Nesta sessão, minha intenção é demonstrar como essa circulação de mulheres negras por múltiplos espaços é experimentada não apenas como novas formas de opressão – em espaços centrais historicamente negados a corpos negros, possíveis somente em posições subalternizadas -, mas também como conquistas, como enfrentamento de estigmas, como possibilidades de produzir novas subjetividades, relações e até mesmo territórios.

Esse processo é evidenciado na Revista Fala Guerreira (2017), 4ª edição, que trouxe relatos de mulheres periféricas e negras sobre as expedições pela América Latina realizadas entre 2015 e 2016. Tais relatos trazem trajetórias distintas de concepção de si e do mundo.

É uma possibilidade de quebra de uma concepção hegemônica que situa a viagem como uma prática racializada que privilegia homens brancos e ricos, ignorando as agências que acionam estratégias na construção da experiência da viagem para outros sujeitos, como por exemplo, as mulheres, as pessoas que são afetadas pela desigualdade social e as pessoas negras. Isso demonstra que há várias questões que interferem nos deslocamentos pelas fronteiras nacionais ou internacionais. As questões de gênero, assim como os marcadores sociais de raça e classe, influenciam nas formas de transitar pelo espaço, tornando a viagem uma

prática desigual, e por isso, um privilégio de alguns poucos grupos sociais. (CORREA, 2021, p. 22).

## 1.6 Por dentro das *margens*

Durante muito tempo a periferia foi concebida por meio do conceito de cidade-dormitório, associada aos processos de marginalização e pobreza dos estudos urbanos brasileiros após 1970. A cena cultural periférica rompe com essa concepção ao confrontar a leitura do território com processos de trabalho e as evidências como *os efeitos de lugar*. Este conceito de Pierre Bourdieu (1997), versa sobre as relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico, favorecendo a leitura das hierarquias e distâncias sociais físicas como passando a ancorar e reproduzir distâncias simbólicas.

Os percursos e a circulação dentro da periferia são complexos, afinal, ao falarmos dos distritos estamos lidando com uma série de enredamentos. “*Periferias [...] No plural. Isto porque são milhares de Vilas e Jardins. Também porque são desiguais*” (KOWARICK, 2009, p. 43). Apoiada na concepção de Lucio Kowarick (2009) cabe desenvolver um pouco dessas desigualdades: favelas, vilas, quebradas, periferias não são a mesma coisa e os recursos e acessos disponíveis em cada um desses lugares são distintos. O que se destaca nessa rede de mulheres negras é a produção de um novo *centro* a partir da sua posicionalidade, não apenas geograficamente, mas na construção de um espaço potencial de vida, no qual a periferia toma outros sentidos e significados.

Investigando um pouco dos percursos das mulheres com as quais realizo a pesquisa, tentando compreender a lógica de circulação e deslocamento dentro da cidade de São Paulo com a finalidade de entretenimento e cultura, percebi a enorme centralidade dos percursos entre os bairros e distritos dentro da zona sul. A imagem a seguir foi produzida a partir dos registros de encontros, peças de teatro, eventos e outras atividades mencionadas e registradas no meu caderno de campo, com exclusão das residências para manter a privacidade. Produzi um mapa simples do Google, colocando entre os favoritos os locais mencionados. Fiquei surpresa com a centralidade da relação entre os lugares de residência e o fluxo de circulação, seguida de alguns lugares na região central.



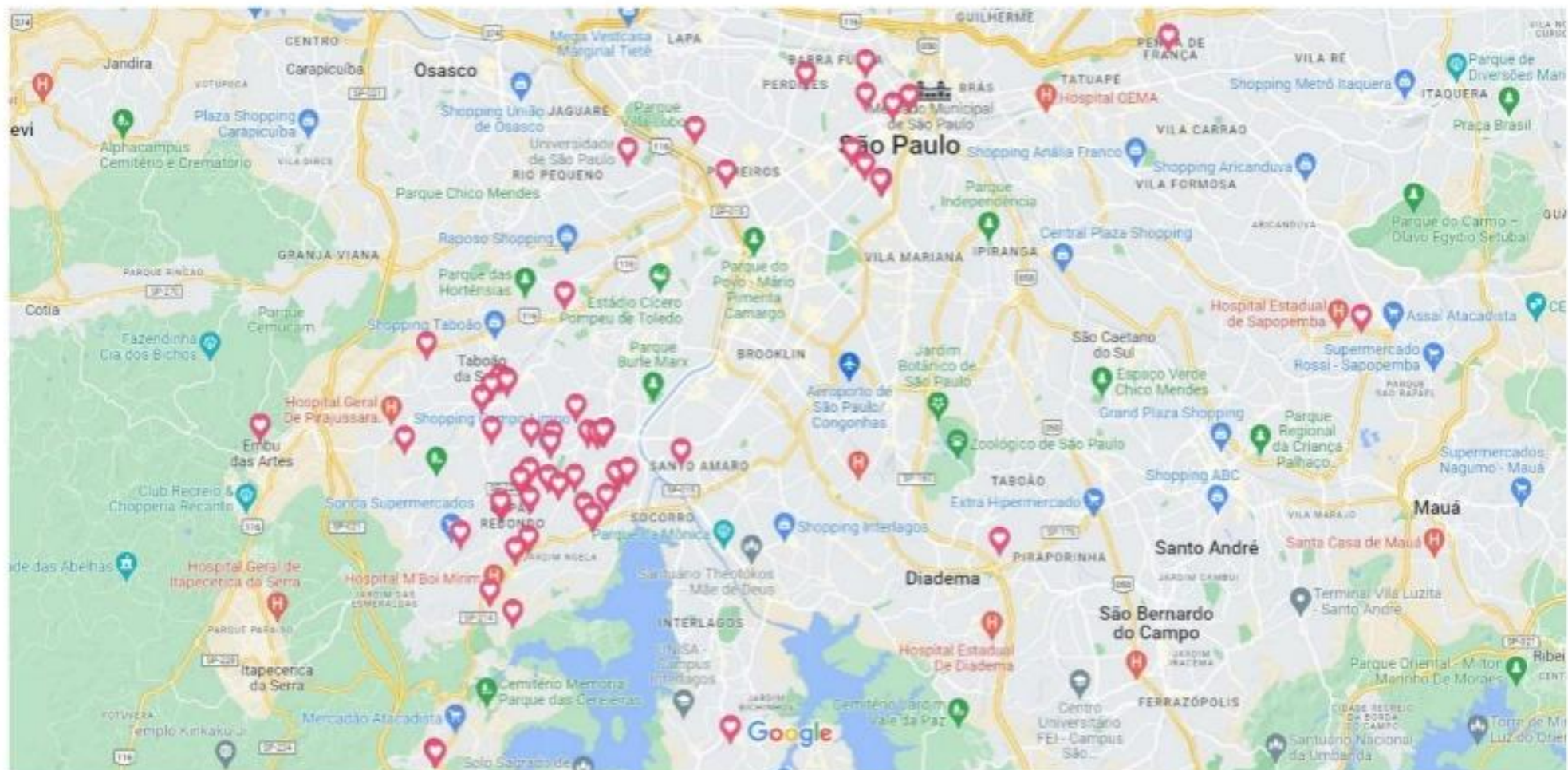


Figura 4 - Localização dos espaços culturais e de entretenimento dentro da rede de mulheres negras da zona sul de São Paulo a partir dos registros dos cadernos de campo.



Sobre a compreensão desse enredamento complexo entre território, circulação e diferença gostaria de destacar dois trabalhos recentes, também realizados por mulheres que produzem a partir da periferia. Primeiro, Danielle Regina de Oliveira (2019) apresenta que, na relação entre bairros, acessos, padrão de moradia e direitos, a identidade periférica ganha novos contornos, pois o “encontro com a diferença é a percepção de que ‘somos todos iguais’ vai sendo rompida e dá lugar a compreensão que somos diversas, embora compartilhando um mesmo território”. (OLIVEIRA, 2019, p. 134). Essa relação corpo-identidade-lugar está presente nos significados dentro do campo. Reproduzo um trecho da entrevista de Danielle Braga presente em sua dissertação.

*Mas outra coisa que eu penso é como a gente definia pelos apelidos, como você classificava as classes dentro da própria periferia, tinha as meninas que moravam na rua de cima e as ‘corguenta’, que era nós, então várias vezes na escola eu era chamada de ‘corguenta’, porque eu morava no córrego, assim, perto do córrego.” (OLIVEIRA, 2019, p. 134)*

O córrego passa a ser a expressão de quem você é. Os lugares físicos se fundem com o sujeito e formam estigmas que não são facilmente invertidos. Na periferia, ninguém quer ser favela. Ela fica sempre um pouco mais para baixo geográfica e simbolicamente. As mães alertam suas filhas *não quero você andando dentro da favela, o que você está fazendo andando com essas meninas de favela? Eu fiz de tudo para tirar você de dentro da favela, o que está fazendo lá agora? Você está igual a essas faveladas*. Ser favela não é a mesma coisa que ser periférico e esses discursos são difundidos por meio das simbologias *da rua de cima, a favela é lá embaixo ou eu moro na frente da favela*.

Bruna dos Santos Galicho em sua dissertação de mestrado (2021) apresenta a personagem *Escadão*. O brilhantismo da sua parte está em contextualizar para quem lê a diferença das escadas e escadarias dos bairros nobre e área central e a dissonância com os escadões das periferias. Se o primeiro é de uso menos convencional, o segundo, atua como no campo das relações e produz cidade. Essa personagem “que a princípio serviria para encurtar caminhos, atua em seu corpo, produzindo cansaço, medo e adoecimento” (GALICHO, 2021, p. 55), atua nas decisões, seleção dos bairros e critérios de circulação.

Essas questões são importantes para compreender o reposicionamento geográfico dessas mulheres, sua busca por melhores condições de moradia, mas também a resistência em manter a periferia como centralidade política, artística e de circulação. Pois, ao contrário do que se pode imaginar, circular dentro das periferias não é uma tarefa fácil.

Pensando na circulação dentro das margens da cidade, periferias, eu preciso romper meus próprios silenciamentos e “confiar na minha biografia pessoal e cultural como fonte significativa de conhecimento” (COLLINS, 2016, p.123). Quase todos os meios de transporte público das periferias levam nossos corpos em direção ao centro da capital paulista. Desta forma, nosso circuito periférico entra na contramão dos meios de transporte público. Cabe pensar a conexão dos *lugares* de cultura e política das mulheres negras a partir do conceito de circuito proposto por José Guilherme Cantor Magnani. Inspirando-se na ideia de *mundo* de Howard Becker, Magnani (2014) entende circuito como pessoas, objetos e locais que compartilham determinados interesses, valores e práticas. Seriam pontos espaciais que se comunicam ou tornam-se vivos, a partir da circulação de atores. Em suas palavras, circuito é “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo” (MAGNANI, 2014, p. 15).

O centro é o ponto de referência para a circulação dos nossos corpos rumo à educação, lazer e, prioritariamente, ao trabalho. Isso fica evidente nos horários de circulação e na concentração dos ônibus. Nosso circuito é abrangente, envolve diferentes espaços dentro da zona sul e alguns pontos dentro da cidade. Circular de transporte público em atividades noturnas dentro das periferias é bastante complexo, envolve medo, negociações e, necessariamente, uma rede de outras mulheres com as quais podemos, sob a acolhida de suas casas, negociar nossa circulação. Mas aqui quero descrever como as mulheres dessas redes se deslocam por estes territórios, produzindo caminhos mais seguros, relações de amizade e ativismos na cena cultural periférica; ao passo que também estão produzindo a si mesmas como mulheres que ocupam e criam o espaço público.

Por exemplo, sair do Jardim Nakamura, bairro do distrito do Jardim Ângela que no sentido centro-bairro localiza-se a um quilômetro e meio do terminal de ônibus do Jardim Ângela, no qual morei por muitos anos da minha vida, com destino a um Sarau no Campo Limpo é uma tarefa complexa. O bairro é relativamente próximo da estrada M’Boi Mirim, marcado por uma grande ladeira. Assim, ir caminhando até a avenida significa uns vinte e cinco minutos de caminhada firme. Como alternativa, o bairro é abastecido por três possibilidades de ônibus. Sendo dois deles pela estrada do M’boi Mirim e outro pela Estrada do Guavirituba. Todos os ônibus demoram.

Chegar em casa depois da meia noite é um problema ainda mais espinhoso, pois algumas linhas não funcionam durante a madrugada. Para sair do Jardim Nakamura, tendo a minha antiga casa como referência, é preciso caminhar até o ponto de ônibus mais

próximo, que fica em frente a uma área de preservação de manancial, um lugar deserto e sem muita iluminação. Por isso, é mais seguro caminhar para outro ponto, cujo trajeto dura tensos cinco minutos. No ponto, deve-se aguardar uma das duas opções de condução: Terminal Santo Amaro ou Santo Amaro. Os dois percorrem a estrada M'Boi Mirim e permitiriam outras conexões de transporte. Na prática, se embarca naquele que chegar primeiro. O desembarque deve ser feito dez minutos depois na estrada do M'boi Mirim, para pegar uma outra condução. Para compreender a dinâmica estamos pensando no caminho até o Sarau do Binho, lugar que frequentei por longos anos. Os distritos do Jardim Ângela e Campo Limpo são relativamente próximos, mas se tornam distantes pelo número de baldeações.

Essa, segunda condução, para o Campo Limpo, vinha da Estação Jurubatuba, e estava indo agora no sentido bairro. Demoraria mais uns trinta minutos dentro dessa van que enchia e esvaziava em pontos específicos. O percurso até o Campo Limpo passava por inúmeros bairros e os abastecia da única opção de transporte. Depois de mais de trinta minutos chegando na Estrada do Campo Limpo, mais quatro minutos de caminhada para chegar ao sarau. A distância entre o Jardim Nakamura e Campo Limpo é de 10 quilômetros, o que, de carro, se percorre em 35 minutos. Com o transporte público, o tempo salta para mais de uma hora, com desgastes e riscos a serem enfrentados pelo caminho.

Enfim, existem pouquíssimas conexões de transporte público entre os distritos periféricos. Reiteradamente ao ir e voltar dos lugares, em silêncio, minha cabeça realizava milhares de cálculos: as linhas operantes conforme o passar do tempo, os endereços das outras pessoas, caronas que pudessem me deixar mais próxima do meu destino, lugares nos quais poderia dormir, dinheiro para pegar um táxi até minha casa ou em qual trecho poderia fazer isso. Todos esses movimentos vivenciados por mim, são partilhados e vividos diariamente e de diferentes maneiras por muitas mulheres. Muitas vezes vamos embora juntas ou dormimos uma na casa das outras, para não correr perigo. Para algumas, que moravam em lugares mais distantes no Jardim Ângela, Grajaú ou em outros zoneamentos da cidade, a única maneira de ficar até depois das onze horas da noite em um sarau ou festa era contando com uma rede de apoio.

O cansaço era gigante, mas nunca deixamos de sair. Durante muito tempo fazíamos isso vários dias da semana. Nem a jornada de trabalho, que também implicava em enormes deslocamentos, nem mesmo o toque de recolher por conta da violência,

imposto pela polícia ou pelo crime, nos prenderia em casa. Eram muitos anseios, entre eles, reivindicar o território, a vida e as inúmeras possibilidades de criação e humanidade.

A palavra centro traz em si múltiplos significados. Por mais que estejamos falando da centralidade da cidade com relação à periferia, ainda consiste, como na geometria, em pontos comuns às retas de um feixe. Os transportes públicos, mesmo com suas inúmeras conexões, reformas e inovações, ainda estão planejados para levar a população das margens da cidade a seu centro. Isso ainda com dificuldade, se considerarmos toda a precariedade e a grande exclusão do acesso provocada por seus preços exorbitantes. Raquel Rolnik afirma que desde sua origem a cidade significa, ao mesmo tempo, “uma maneira de organizar o território e uma relação política.” (ROLNIK, 2004, p.21).

Desta forma, a relação das mulheres que compõe essa pesquisa, negras e moradoras das periferias, com *a cidade*, como nossas mães chamam até hoje o centro, sempre existiu a partir dessa dicotomia, centro-periferia. Trabalho e educação foram as primeiras motivações ou obrigações para circular pelo centro. A relação centro-periferia é uma relação marcada por negação e por afirmação contínua desses dois espaços. Sobretudo para ativistas periféricos que veem, por um lado, o deslocamento e a produção da periferia como direito à cidade e, por outro, a negação das áreas centrais buscando valorizar, produzir e afirmar outras centralidades que não as do centro da cidade. Essa relação é bastante complexa e explorada na antropologia (Magnani (2012), Danilo S. do Nascimento França (2017), Bruna dos Santos Galicho (2021), D’Andrea (2013), Danielle Regina de Oliveira (2019), Érica Peçanha do Nascimento (2011)). Contudo, no próximo subitem me interessa a circulação fora das margens periféricas e sua importância para produção cultural, artística, política e acadêmica.

## 1.7 Ultrapassando fronteiras

*Como autêntica pisciana que sou, desde criança aprendi a viajar para os mais impensáveis lugares, claro que tudo dentro da minha vasta imaginação. Ser de uma família pobre de cinco irmãos não me oferecia grandes possibilidades, então o jeito era me embalar dentro dos meus sonhos. Com o passar dos anos, já formada e com trabalho fixo, fui aprendendo que, talvez, fosse possível me aventurar a sair de dentro de minha caixinha e então fiz minha primeira viagem, aos 26 anos. Num*

*breve desbravamento pelo nordeste brasileiro, uma sensação indescritível, já que seria a primeira vez que eu sairia da minha caixinha dos sonhos e voaria por este céu azul no gigantesco pássaro de metal. Aos 28 anos fiz minha segunda viagem, já com uma sensação diferente, pois desta vez fui em busca de minhas raízes ancestrais, e com a sensação de que eu, mulher preta e periférica, era capaz e merecedora de desbravar qualquer território.*

*No ano de 2016 surgiu a possibilidade de ir com as manas parceiras ao México. No primeiro momento achei que seria a melhor coisa do universo, logo fiquei me imaginando atravessando fronteira e falando outro idioma, que sonho! Mas por forças do destino não foi possível, eis que no mesmo ano surge a segunda oportunidade e desta vez eu tinha certeza que havia chegado a minha vez! Fiz muitos planos, muitos esforços, comprei passagem e desisti...*

*Na minha mente eu tinha um discurso pronto para responder as inúmeras pessoas que me perguntavam o porquê da desistência, o trabalho, a família... Mas no fundo o que gritava era um medo ensurdecedor e uma paralisante sensação de não ser merecedora. No meu inconsciente pairava uma insistente pergunta: Por que eu? Será que eu realmente mereço? E os meus irmãos e minha família? Por que não eles? Em meio a isso, vinham como um filme as inúmeras frases racistas de uma vida inteira de desmerecimento e desvalorização das meninas pretas e periféricas, que desde muito cedo são ensinadas que seus lugares são a cozinha e banheiros das patroas.*

*Me deparei diante da terceira oportunidade, desta vez seria uma viagem para a Colômbia, com quase todas as manas da Fala Guerreira. Mais uma vez me deparei diante de um grande sonho a ser realizado, desta vez tinha colocado como meta principal vencer a barreira da autossabotagem. Para vencer essa barreira que se formou dentro de mim, um longo e difícil percurso de reflexão teve que ser feito e é claro que não foi possível sozinha. Finalmente consegui, estava eu lá, no dia 04 de novembro de 2016, embarcando para a Colômbia, me sentindo como um pássaro prestes a sair da gaiola. Novamente com todos os sonhos do mundo, me sentindo capaz e merecedora de tudo o que o universo pode me proporcionar. À propósito, a viagem foi maravilhosa e até hoje estou refletindo sobre o que foi isso para mim. Mas do que eu tenho certeza é que nunca mais serei a mesma. Não posso prometer que*

*nunca mais vou me sabotar, mas a cada passo que eu der, será sempre a partir de lugares dentro de mim que nunca foram habitados nem pelos meus sonhos mais inusitados...* (Mari Brito In Fala Guerreira, Edição 4, p. 28 e 29).

O relato de Mari Brito na Revista *Fala Guerreira* é muito representativo da dinâmica de circulação nacional e internacional e seu impacto nas trajetórias das mulheres com as quais realizei essa pesquisa. Se por um lado se destaca a conquista, a superação de barreiras para sair do país, também é possível enxergar as dificuldades e esforços para lidar com a noção de *merecimento*. Todas as mulheres negras da rede conhecem outros estados. A maioria já saiu do país pelo menos uma vez. Existe uma forte conexão entre a rede de mulheres ativistas da zona sul com as mulheres de Pedra no Rio de Janeiro. Nos últimos anos, participamos de uns três encontros no Rio de Janeiro e três em São Paulo. Destinos como Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais são mais frequentes. As viagens são assuntos corriqueiros: o desejo de viajar, as viagens realizadas e os planos. As viagens nacionais ganham mais destaque sendo possível conversas em torno das experiências.

Entre 2016 e 2020, antes da pandemia da COVID-19, algumas mulheres foram para Paris, Lisboa, Londres, Berlim, Roma, Nova York, Washington, Texas e Atenas. Justamente devido ao sentimento de *não merecimento* ou *de não ser meu lugar*, mesmo com a existência desse trânsito e a expansão de viagens para os países europeus e Estados Unidos, essas experiências causam rumores e constrangimentos entre mulheres da rede. De fato, existem algumas mulheres que circulam mais internacionalmente que outras. Algumas estiveram poucas vezes do outro lado da fronteira, ou mesmo nunca, e apontam que isso *é coisa de brancos* e que *não representa uma realidade de periferia*. Essas afirmações criam desconfortos e *diferenças* dentro da rede, o que corrobora para certo silenciamento destas experiências.

Elas aparecem a partir de fragmentos, algumas fotos e pouca conversa em torno desse assunto. A experiência de circulação em posições subalternizadas marca profundamente as subjetividades dessas mulheres, construindo barreiras simbólicas que se sobrepõem às dificuldades financeiras de realizar viagens internacionais. Além de agirem dentro de uma chave de não merecimento, agem também como culpa por investir um dinheiro que poderia ser investido na melhoria de vida da família, das pessoas ao redor, na compra da casa própria. Desta forma, o dinheiro investido em viagens é retirado

de uma conta concreta: um piso para a casa da mãe, uma reforma para tirar aquele mofo das paredes ou para pagar um convênio ou ajudar nos custos de alguém da família.

Em 2019, um convite para colaborar na escrita de um texto em uma revista feminista e participar de um seminário nos Estados Unidos chegou até Morena. Inicialmente ela me contou a novidade e comemoramos com cerveja e muitas risadas. Visivelmente, o convite era algo significativo na sua trajetória e a possibilidade de viajar para Miami a enchia de alegria, mas também de vergonha. Ela me disse para manter segredo sobre o convite, pois ela não contaria para outras amigas e nem mesmo dentro do coletivo que integrava. Morena me disse: *Eu não vou falar para elas que, talvez, eu vá para os Estados Unidos*. Eu perguntei, por quê? *Eu tenho vergonha*. Morena acabou não indo para Miami e nem publicou o texto. Em meio às revisões da escrita o prazo foi perdido junto com as respostas aos e-mails da organização. Desistiu. O caso de Morena poderia ser isolado, mas não é. Desistir, perder o voo, atender a outras demandas, não responder os e-mails nos prazos, faz parte do cotidiano de muitas mulheres negras.

Em 2018, Jenyffer Nascimento, foi convidada para participar do Salão do Livro de Paris, ao voltar queríamos saber suas impressões sobre a cidade e o que havia vivido. Ela falava muito pouco da experiência, apontando que havia muitos negros na cidade. Contava também sobre algumas situações complicadas de violência com uma companheira nossa que morava na época em Paris. Apesar da nossa intimidade e do meu posicionamento diante do constrangimento de falar sobre essas viagens internacionais, ela demorou mais de seis meses para contar suas impressões da cidade e da experiência como um todo. Até hoje não sabemos muito destes dias e avalio que as histórias desse fluxo da periferia para as grandes potências, muitas vezes, traduzem mais elementos que legitimam esse não-lugar e sensação de *desterro*, do que histórias de afirmação de resistência e potência.

O destino América Latina já está mais consolidado, a publicação da Revista Fala Guerreira, *Lutas, resistências e memória na América Latina*, sobre as duas viagens para o México e Colômbia conseguiram sistematizar bastante essas experiências e as relações com artistas e ativistas latino-americanas. Assim como para Mari Brito, a experiência de Dani Braga coloca em destaque a relação entre a trajetória de sua família e o seu lugar ao atravessar as fronteiras nacionais. “Foi emocionante contar para minha família que agora eles tinham uma filha com ‘*status internacional*’, meu pai ficou com um sorriso enorme, minha irmã chorou, meu irmão vibrou de alegria” (Dani Braga In FALA GUERREIRA, 2017, p. 20). Atravessar a fronteira, é experimentar no corpo o rompimento dos lugares

marcados, pelo gênero e pela raça, é por algum momento experimentar o “medo ensurdecedor e uma paralisante sensação de não ser merecedora”.

O *status internacional* motivo de alegria na família pode ser de constrangimento no ativismo. O discurso sobre mulheres negras oscila entre o empoderamento e a precariedade econômica deste grupo social. Se mulheres negras vivenciam processos múltiplos e simultâneos de exclusão, como seria possível circular internacionalmente? Se por um lado, busca-se afastar da situação de pobreza, exclusão e restrição de circulação, por outro, pode ser paralisante e silenciador alcançar outras posições, pois *seu estilo de vida* pode ser apontado como *branco* no contexto do ativismo. Se existe grande concentração de mulheres negras em situação de pobreza, que é deste lugar que se experimentam múltiplas situações de discriminação, racismo e violência, o rompimento com a *comunidade de destino* pode gerar profundo sentimento de traição, que passa a ser guardado em silêncio.

Podemos interpretar essas reações como os profundos efeitos do racismo e da desigualdade social que se infiltram nas subjetividades e nas relações. Vergonha, culpa, paralisia, silenciamento são sentidos por aquelas que passam a ocupar e a circular espaços que não são historicamente os seus. As relações experimentam também esses conflitos, já que o árduo processo de construção de identidade de mulheres negras que conseguiu produzir um *nós mulheres negras periféricas* parece ser ameaçado por algumas experiências dessa coletividade, ocupando lugares de brancos. Contudo é preciso ressaltar que mesmo com tensões e ressentimentos, as experiências individuais do que poderia ser encarado como ascensão, coloca toda a rede em movimento, já que amplia as oportunidades e a circulação de todas as suas integrantes.

O financiamento para realização destas viagens é variado: empréstimos, vaquinhas na internet, realização de festas e eventos, mas, na maioria das vezes, funciona o autofinanciamento e, muitas vezes, o endividamento. Sempre que ocorre um evento, mais mulheres são incluídas nas viagens. Assim, é preciso ressaltar que tais circulações promovem deslocamentos de fronteiras em diversas dimensões. Elas provocam transformações sem dúvida subjetivas, mas também movimentações e transformações nas relações das mulheres e da própria rede.



## 1.8 Toque de recolher ou as memórias da guerra que não existiu

Guerra é uma categoria de inúmeros sentidos e disputas. Guerra legítima e envergonha, algumas são apagadas como nos mostra Grace Cho (2008), outras edificam nação como nos ensina Veena Das (2020). Guerra legítima traumas, vítimas e dá contorno para a experiência que ultrapassa a concepção de humanidade. No limite, guerra traduz a barbárie e oferece alguma inteligibilidade. Podemos nomear a guerra, mas não podemos legitimá-la, são as soberanias nacionais e internacionais que podem oficializar isso. Essas autoridades podem anunciar que uma guerra existiu, começou ou acabou. Minha rede de afetos com as quais produzimos a vida e essa pesquisa não possui tal legitimidade, aqui assentamos experiências de guerra, memórias de mulheres negras sobreviventes de uma guerra que oficialmente não existiu.

Fevereiro de 2020, pandemia da COVID-19 espalha seu vírus por todo o mundo, no Brasil o coronavírus chega de avião. As impressões existentes de um momento passageiro foram transformadas rapidamente em pânico, pois os efeitos da pandemia do novo coronavírus ultrapassavam as demandas do sistema de saúde.

Ao longo da pandemia, vivenciamos diferentes estratégias de combate adotadas pelo governo do Estado de São Paulo, com amparo do Comitê do Plano Gestor de Contingência da COVID-19. Dentre elas, a restrição da circulação por meio do isolamento social foi largamente propagandeada. Com o agravamento da crise sanitária, o toque de recolher foi adotado durante alguns períodos. O toque de recolher noturno, adotado em março de 2020, inicialmente proposto das 20h às 05h da manhã, seria apenas mais uma das estratégias para prevenir o contágio, evitando um colapso no Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, nos soa como velho e temido conhecido nas bandas da zona sul de São Paulo, trazendo à tona recordações inglórias de um tempo soterrado e parcialmente silenciado em nosso corpo e em nossa memória.

Isto porque, além do próprio cenário da COVID-19, das memórias da restrição de lugares e horários, estávamos permeados pela fome e não somente, fomos também transportadas para um lugar interno, distante no tempo e na narrativa. As notícias trazidas pelas companheiras que eram trabalhadoras das políticas de assistência social eram cada dia piores e dialogavam com as notícias de amigos e familiares, uma experiência coletiva de fome que pode entrar pela porta e atualmente pode chegar pelos celulares.

A rede de mulheres ativistas da zona sul, uma rede ampla com mulheres negras, brancas e indígenas, começa a realizar ações contra a fome e a levantar recursos - para

pagamento de aluguéis, transporte, mudanças, em suma, aspectos básicos da vida e da sobrevivência – de uma forma que a própria rede não havia se deparado antes da mesma maneira. Cada dia novas demandas chegavam pelo celular, provocando medo, ansiedade e mobilizando memórias dessas mulheres.

O aumento da fome e da violência, principalmente em relação às mulheres, crescia de maneira exorbitante. Mulheres, “crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da feira”, como na década de 80 e 90, já narrado pelos Racionais Mc’s. Fomos surpreendidas pelas listas e listas de pedidos de apoio, superiores aos recursos mobilizados. A surpresa diante de pessoas que não imaginavam que passariam novamente pela escassez. As pessoas preenchiam os endereços de entrega de doações, de compra de ossos nos açougues e entrega de cestas básicas. Ao mesmo tempo, o medo de contágio pelo coronavírus se fazia presente nesses inúmeros encontros.

Para contextualizar este cenário, é preciso retomar que, em 1996, o Distrito do Jardim Ângela foi considerado o mais violento do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU). Unido aos distritos do Jd. São Luís e Capão Redondo, designavam um território conhecido como *Triângulo da Morte*, com taxas de mortalidade consideradas superiores àquelas vivenciadas nas guerras, uma média de 116 mortes para cada 100.000 habitantes. Nesse contexto de meados dos anos 90, o toque de recolher era uma estratégia recorrente, que anunciava uma ou mais noites de terror, trazendo a certeza das notícias que fatalmente chegariam na manhã do(s) dia(s) seguinte(s), sobressaltando medo, pânico, raiva e desespero de tragédias anunciadas às vésperas.

O que vou chamar aqui de *antigo* toque de recolher, referindo-me a um espaço-tempo, demarcado por esse território geográfico racialmente negro, é uma experiência que abarca diferentes momentos com acentos gerais e particulares, que vão da infância à adolescência da maioria de nós. Desse modo, esse grupo de mulheres negras que compõem essa pesquisa, se perceberam diante de um *novo* toque de recolher, estabelecido durante a pandemia, de maneira que, involuntariamente, precisam assimilar e negar o anteriormente vivido. Esse movimento, gerou um aprofundamento dos relatos experienciados na década de 90. Algumas vezes, com o tom de confirmação de memória. No entanto, as experiências pouco elaboradas, ou melhor, silenciadas dentro do nosso convívio social mais amplo, foram paulatinamente aparecendo no cotidiano. Muitas vezes, com um ar de desconfiança da própria memória e rompendo tabus em torno daquela experiência. Percebo que as experiências que foram pouco a pouco partilhadas evidenciam certa fragmentação interna da própria subjetividade.

# VIVER NA PERIFERIA JARDIM ÂNGELA



## OS DRAMAS

Sofrimento dos pais, que perdem os filhos vítimas das drogas; sofrimento daqueles que querem fugir da criminalidade, mas não encontram alternativas. Lázaro Batista Carvalho tem apenas 17 anos. Não consegue emprego, não estuda, não acredita mais futuro. Sem sonhos: fumar-se, viver rápido.

# 'Ouço o vento e me assusto, penso no meu filho'

Pais que perdem seus "meninos" nos acertos de contas vivem entre o angústia e o rancor

Maria Angélica das Virgens perdeu Ademir na primeira semana de agosto. Quer reconstruir, mas ainda perturba o sono. "Ouço o vento e me assusto, ouço o cachorro e penso no meu filho, com o coração apertado", conta. Ao chegar do trabalho, sabe que vai passar mais uma noite sem dormir. José Bernardino da Silva perdeu seu filho "menino" há seis anos, mas ainda lembra de tudo "como se fosse ontem". Sem o rancor quando fala no assunto.

São os pais e as mães de Jardim Ângela, a maioria trabalhadores braçados, que ganham pouco e lutam para educar os filhos, os que mais sofrem com a violência. "Não tem coisa mais difícil do que ver seu filho batido", diz dona Maria, uma batida de 40 anos, que vive com seu filho no Jardim Ângela e viu quatro sobrinhos ser "matados", como se diz na linguagem local.

Maria também de vez em quando estuda nos cursos de alfabetização, mas não consegue fazer mais do que ler e escrever. Ela não sabe ler e escrever, mas diz que Deus dá chances, não luta quem não quer. "Ela não sabe sobre a conta, mas descobriu. Seguindo a polícia, 80% dos crimes estão ligados diretamente ao tráfico e consumo de entorpecentes.

Dividas - Ademir tinha parado de estudar, estava desempregado, não tinha "boto amarelo". A maioria retira de Renato e Rosalinda, filhos de José, o pai, o pai, que fazem meritos durante os meses de férias. Provavelmente, todos deviam ser desafiados. "Aqui, só quem quem deve, os que precisam", assinala em um momento.

"Quem não presta tem de morrer", afirma José, amargurado, referindo-se aos filhos. "Fiz tudo por aqueles meninos, mas eles não me deram nada em troca; não pagaram. A mãe, Ediléia, tentou a raiada do marido. "Foi decepção", diz ela, apontando para as fotos de Figo, apelido de Rosalinda, seu filho querido.

Ediléia, como a maioria das mães, prefere não acreditar na violência alheia. Não quer admitir que seus filhos tenham "desmaiado". "Rosalinda brigou com o primo e acabou 'matado'", Renato ocorreu sem querer. Rogério não fazia parte dessa turma. Era uma exceção. Com 15 anos, cursava o 2º colégio. Não tinha ligação com a família, não queria saber de drogas. "Faltava por isso tanta dor", explica o pai, o estabelecido desempregado Edvaldo dos Santos.

Raul também - Era o melhor e o dia mal havia amanhecido. Aguardava o ônibus para ir ao trabalho, na cidade. Mas quando deu um passo para ser atingido por uma bala perdida. "O pai é que ele não devia saber", diz Santos. Outros dois pessoas ficaram feridas.

A morte não é a única forma de sofrimento desse país. Lázaro Andréia da Silva, de 41 anos, tem um filho a cumprir todas as quatro feiras. Sai de sua casa, em Diadema, às 5h40, e pega dois ônibus para chegar ao Jardim Ângela. Seu filho, Adalberto, está preso no 300. Distrito Policial. A escola que cursava com dificuldade está cheia de alunos, professores, funcionários, alunos, falta de dinheiro. Sentado no meio-fio, aguardando a van, defende sua cria. "Ele não merece ficar no prisão; é gente do bem", acredita Ediléia.

Foto foi preso em flagrante. Estava com uma revólver com o nome dele. "Ele pagando pelo que não deve", garante a mãe. "Se meu filho não fosse com eles, poderia não matá-lo, ele ferir o que era melhor." (Karlisle e Cavalli)



Maria Angélica das Virgens criou seu filho no Jardim Ângela, viu quatro sobrinhos morrer de forma violenta e agora acredita que seu filho fosse o melhor do bairro. Ela chama do filho Ademir e diz que não sabe o motivo do crime.

"Só sei que Deus dá chances; não luta quem não quer"



Ediléia Bernardino Machado, com o neto no colo, cria o filho dos filhos - os dois são extremamente superstitiosos, acreditam na violência. Apesar de acreditar no relato oficial não admite que não tenham "desmaiado" e só sua expressão.

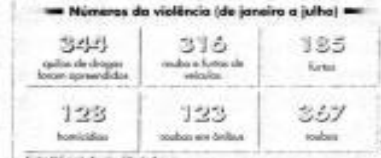
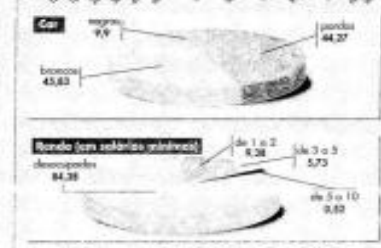
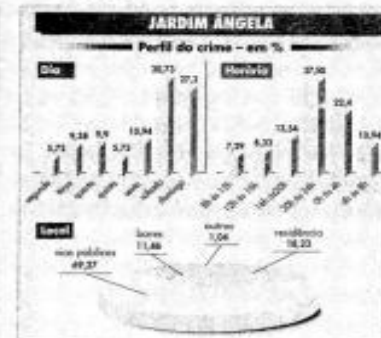
"Rosalinda brigou com o primo e acabou 'matado'; Renato morreu sem querer"

## Bairro lidera o ranking de homicídios desde 94

Tráfico de drogas teria o responsável pelos 128 mortos registrados de janeiro a junho deste ano

Há muitos lugares semelhantes ao Jardim Ângela na periferia de São Paulo: pobres, abandonados, violentos. Mas poucos com tantos homicídios. Desde 1994, quando o Programa de Aproximação da Informação do Ministério da Justiça (Proam) foi iniciado, o distrito ocupa sempre o primeiro ou segundo lugar no ranking, contra o segundo ou terceiro de Marcos Drummond, coordenador do levantamento.

Este ano, o distrito voltou a superar Brasilândia, zona norte, segundo colocado, com 97 mortes, de janeiro a junho - 51 homicídios a menos do que se registrou no Jardim Ângela.



## Estigma do lugar persegue quem quer vida normal

Jovens enfrentam problema para conseguir emprego, por causa de fama do bairro

Roberto Santos Barbosa quer se tornar advogado, tentando aprender outro lugar para ficar. "Se não quiser estudar aqui, não tem como estudar aqui", diz Roberto, de 18 anos, amarrado em julho, vítima da realidade onde ele mora há mais de 10 anos. Roberto não quer ocupar os olhos batidos da UERJ, situação que ele considera de risco. Mas o emprego lá está difícil.

Roberto também não quer fugir do bairro. A primeira alternativa acabou sendo a única opção da população jovem do bairro - 40% do total de residentes, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE. O estigma de viver no lugar considerado "muito violento da cidade", por pesquisas divulgadas em 1995, tornou-se um fardo que dificulta até o ingresso no mercado de trabalho.

Lázaro Batista Carvalho tem 15 anos e sofre demais com a discriminação. Quer ajudar a mãe, diarista desempregada. "Não quando vou procurar trabalho, falo que sou do Jardim Ângela não consigo; parece que vou matar alguém". Ela nunca saiu da zona sul, vive com medo. Sem sonhos e trabalho em casa, "para sempre". "Depois de estudar não vou trabalhar", confirma-se. "Vou fazer o que daqui pra frente? Melhor ficar aqui."

Luiz, estudante e estudante, filho de Maria da Silva, de 20 anos, faz parte do grupo de jovens que moram na zona sul. Vive um mundo. Sem sonhos e trabalho em casa, "para sempre". "Depois de estudar não vou trabalhar", confirma-se. "Vou fazer o que daqui pra frente? Melhor ficar aqui."

Luiz também é filho de Maria da Silva, de 20 anos, faz parte do grupo de jovens que moram na zona sul. Vive um mundo. Sem sonhos e trabalho em casa, "para sempre". "Depois de estudar não vou trabalhar", confirma-se. "Vou fazer o que daqui pra frente? Melhor ficar aqui."

Viver no Jardim Ângela para sobreviver, e que forma o bairro não poderia não ser o tráfico de drogas, mas o filho de João-estrangeiro urbano.

Na zona norte, onde o tráfico também é forte, os homicídios são bem raros por causa da abrangência da distribuição, explica o delegado André Damasceno, do Setor de Investigação Geral da Seccional São Paulo. Lá, é o coordenador vira de outras regiões. Os bairros são apenas pontos de venda.

Pera e sociólogo Gaetano Mangarini, a combinação de drogas e violência é o que mata no Jardim Ângela. "Não é só tráfico, é a falta de urbanização, de escolas, de saneamento". Na zona leste, diz ele, onde também há grande consumo de crack entre moradores, há muitos relatos por causa de uma sociedade mais organizada e com uma quantidade de vida um pouco melhor. (G.L.)

O Jornal de domingo do Estado de São Paulo, no dia 30 de agosto de 1998, traz uma matéria especial sobre viver na periferia. A manchete evidencia o trecho da entrevista com Mária Angélica das Virgens, mãe, que perdeu um filho no Jardim Ângela, ela nos conta sobre o assombro da dor, da vida no bairro, do medo. “Ouso o vento e me assusto, penso no meu filho.” A matéria acompanha a imagem do desesperado de Maria Angélica, uma foto sua cobrindo o rosto. Mesmo a imagem em PB e o rosto coberto sua racialidade é evidente: negra. Abaixo da mesma imagem o jornal evidencia outro trecho da entrevista que se contrapõe aos dados sobre viver no Jardim Ângela: “Só sei que Deus dá chances; não luta quem não quer”.

A mesma matéria do jornal Estado de São Paulo, traz outra perspectiva sobre *viver na periferia: Jardim Ângela. Estigma do lugar persegue quem quer ter vida normal* traz uma reportagem sobre a dificuldade dos jovens de conseguir emprego pela “fama” do bairro. Essa situação foi vivida e compartilhada diversas vezes pelas mulheres do campo. Muitas vezes ao procurar emprego ou nas conversas com pessoas de outras partes a cidade para fugir do estigma falavam que moravam em Santo Amaro ou Taboão. Existe justamente no lugar daquilo que não tem nome, ou não deve ser nomeado ou pronunciado, operando um mecanismo de silenciamento. Há algo convencionado em nossas experiências de mulheres negras, de negação sistemática dos estigmas impostos pelo racismo, pelo machismo e pela nossa condição de classe. São enfrentamentos constantes para que a sociedade não nos defina, a partir do olhar da falta, da escassez ou mesmo das incapacidades e impossibilidades.

Desta forma, convivem assim, uma experiência indizível para parte do grupo e o aumento do compartilhamento dessas lembranças: por vezes como assombro, outras como desconfiança da veracidade. Uma vivência inconfessável sobre as memórias do território, algo que pode colar em sua pele e definir permanentemente o sujeito. Nesse processo, há um desalinhamento entre a vida presente e as experiências do passado.

Todavia, impressiona pensar que pessoas que superaram a fome e sobreviveram ao distrito mais violento do mundo voltaram à mesma situação, angústia e temporalidade se confundem. Como também essa escrita que não é sobre a *quebrada ter vencido*, mas como foi possível perceber o retorno da fome e junto com ela todas as injustiças cotidianas. Esse cenário transborda em medo. Um exemplo clássico são as faixas penduradas em muitos bairros da zona sul alertando que *aqueles que estiverem dando grau ou roubarem na quebrada serão cobrados*. Essa faixa mobiliza as memórias dos

linchamentos, os *pé de pato*, os justiceiros e a barbárie que tanto nos adoece e que tanto deixou vítimas, estas que são chamados de *finados*.

Estávamos entre mulheres na casa da Clariana. Conversávamos sobre a pandemia e Preta nos contou suas memórias sobre o *salve geral* dado pelo PCC em 2006.

*Lembro que estava na casa de minha vó esperando uma ligação telefônica do meu namorado da época, há um dia ele havia saído de “saidinha” do semiaberto de Franco da Rocha, naquele dia, ele me ligou e disse que eu não deveria sair de casa por uns dias e que não sabia se voltaríamos a nos ver. Aquela sensação de medo e aprisionamento, fora a mesma sensação que tive quando a pandemia da COVID-19 se instaurou no Brasil, pensei que ia morrer, pensei que perderia muitos dos meus, eu estive em pânico nos dois momentos e com sensações semelhantes*

A casa é um lugar que acolhe as memórias. Neste espaço, muitas vezes, no campo foi possível o compartilhamento de experiências mais íntima. Naquela ocasião, o disparador desta conversa foi a experiência do isolamento social e a sensação de confinamento. A pandemia gerou uma série de incertezas, talvez, por isso, a conversa enveredou por outras experiências com sentidos e sentimentos similares, o *salve geral* em 2006 ou até mesmo a instabilidade que atravessou a vida dessas mulheres durante o toque de recolher nos anos 90. Essa sensação de desamparo foi relatada diversas vezes e a conversa que começou sobre a pandemia mobilizou uma série de experiências sobre os anos 90.

Naquele momento ficou evidente que as incertezas relacionadas à pandemia mobilizavam uma memória de outros momentos de instabilidade, um sentimento similar aos sentidos quando se avistava uma lista na porta do bar com o nome de pessoas marcadas para morrer, você não sabe se as coisas estão garantidas, você não sabe quando será a sua vez ou a de seus familiares. Morena, no meio da conversa nos conta como se sente: *eu sinto que tudo vai desabar*. As narrativas sobre a experiências durante a adolescência e infância são retomadas com mais frequência. Talvez, essa memória ofereça algum vocabulário para compreender o período da pandemia.

As décadas de 80 e 90, podem não ser considerada como uma guerra nos termos mais oficiais, mas na perspectiva das crianças e adolescentes que vivenciaram esse período se apresenta como tal. Neste mesmo encontro, já no entrar da madrugada Canela compartilhou sua experiência na infância. Com aproximadamente sete anos ela foi morar com sua mãe em uma ocupação. A recente *estabilidade* da mãe com casa e emprego permitiu levar a filha para morar com ela numa área mais central. Canela, conta que estava

muito feliz e três meses depois ela vivenciou a desapropriação do terreno da ocupação. Caminhões, cães, tratores e assistentes sociais foram os elementos que ela mobilizou em sua memória. Todas as casas da vizinhança sendo demolida e sua mãe agachada no batente da porta. Sua mãe pequenininha ali na porta enquanto tudo na memória dela era tão grande. Na perspectiva de Canela e Morena, as experiências vividas são de tragédias de guerra, separação da família, mortes e instabilidade com relação ao futuro, olhando pela perspectiva delas é muito compreensível os motivos que faz com que Morena acredite que o mundo vai desabar.

Obviamente, não é apenas o toque de recolher que cria parecenças e similitudes com a experiência de uma guerra ou parte de um genocídio vivido de forma aguda na década de 1990, há outros componentes na crise pandêmica que criam essa atmosfera, como o contexto de insegurança alimentar, o desemprego e a ausência de recursos financeiros de parte das famílias. O número de famílias morando nas ruas despejadas de suas moradias e o próprio aumento da violência foram se agravando conforme as necessidades mínimas ou básicas de sobrevivências passavam a não ser atendidas. O Brasil da fome se materializa mais uma vez aos nossos olhos. Em conformidade com Achille Mbembe “as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da civilização” (MBEMBE, 2018, p. 35).

Existe um pacto não verbalizado de não falarmos sobre o horror da violência desse tempo em determinados espaços ou ambientes, principalmente em ambientes brancos. Ao passo que, durante a pandemia, tornou-se cada vez mais comum a insurgência em nossas conversas informais a aparição de fragmentos e cenas vividas nesse tempo. A sensação de abrir a tampa de um poço fundo, quando alguma história dessas surgia e naturalmente virava o tema central da nossa conversa por horas a fio. Foi numa dessas conversas, que Morena contou sobre o assassinato do seu primeiro namorado e do quanto havia sofrido com a sua perda. Ela lembra que sua mãe, quando descobriu o relacionamento, bateu severamente nela e quando ele morreu a alertou dizendo: *eu falei!* Fazia mais de vinte anos do ocorrido e estávamos completamente envolvidas e em silêncio enquanto ela contava, revisitando também nossas memórias. Seria impensado que Morena, artista reconhecida e muito bem relacionada contasse essa história com tantos detalhes, sabíamos que estávamos ali diante de um segredo e que só poderia vir à tona em um ambiente de confiança e segurança. A sensação de vergonha, desconforto ou medo do julgamento existe lá fora, e em nosso ambiente, temos recursos para acolher e

entender que estórias como essas não nos definem, mas sem dúvida, são constitutivas da nossa experiência de vida.

Voltando à experiência do toque de recolher, recordando passagens e peculiaridades nas reações e recursos internos que cada mulher preta utilizou para sobreviver a esses episódios, acho relevante contar duas outras histórias. Gabriela teve muita resistência em aceitar o confinamento da pandemia. Sem entrar em julgamento moral, Gabriela dizia constantemente que se sentia em cárcere privado, diante da sua liberdade cerceada. As queixas de Gabriela ao longo da pandemia fizeram-me recordar de um episódio, já um pouco distante dos anos 90, mas o fatídico *salve geral do PCC*, em maio de 2006, vivenciado por toda a cidade. Gabriela não era mais criança, nem adolescente em 2006, já era uma jovem de 22 anos e tinha ouvido falar do salve geral pela televisão. Branca ligou para Gabriela perguntando se iria para faculdade, diante do que estava acontecendo na cidade e Gabriela confirmou que sim, porque ninguém ia impedi-la de ir e vir.

Gabriela e Branca se encontram na faculdade, depois de duas horas de ônibus até Perdizes e para a surpresa de ambas, as turmas haviam sido dispensadas e um clima de tensão ia se espalhando, principalmente nas conversas com algumas pessoas que encontrou na faculdade. Gabriela estava em negação. Ninguém ia pará-la. Resolveu comer um lanche e a cantina estava fechada. Gabriela e Branca, então, seguiram para um bar próximo à faculdade, que por sorte, continuava aberto. Ali, permaneceram até o horário limite do último ônibus que passava por volta da meia noite para que pudessem chegar ao Largo de Pinheiros. Na fantasia de Gabriela e Branca, não deveria ser tão grave assim. Quando chegaram ao largo de Pinheiros, não encontraram o ônibus que costumavam pegar diariamente, também não encontraram nenhum dos ônibus que habitualmente ficavam ali. Eram poucos transeuntes e os bares sempre abertos do Largo de Pinheiros, estavam fechados, o clima já era de tensão e medo.

Resolveram se juntar a poucas pessoas que voltavam do trabalho e se enfiaram em uma perua clandestina que estava cobrando oito vezes o preço da passagem. Subiram mesmo sem o dinheiro para pagar, porque tanto o motorista quanto elas assumiram um risco e chegando à M'boi Mirim ninguém iria ficar discutindo em torno do preço já inflacionado. O itinerário não era exatamente o mesmo que faziam e tiveram que descer muito longe de suas casas e ir caminhando pelo restante do caminho. Às três da manhã chegaram em casa. No dia seguinte, as notícias da guerra do dia anterior, as deixaram perplexas. Tinha sido a madrugada mais violenta vivida em São Paulo, dos últimos 10

anos e muitas mortes nos bairros onde moravam. Um frio na espinha, misturado de estranhamento e fé se abriu. E lembraram que um toque de recolher, nos anos 90, jamais poderia ser desconsiderado. A experiência se repetia e por sorte, ou *por Deus e os orixás*, elas continuavam vivas.

A negação de Gabriela na pandemia, acompanhava aquela indignação de não querer voltar para aquele tempo, em que a liberdade de ir e vir nunca esteve totalmente sob seu controle. Essa mesma revolta aparece no texto de Jenyffer Nascimento, escrito durante a pandemia.

*naqueles anos  
qualquer olhar  
atravessado  
pisão no pé  
palavra mal(dita)  
podia ser  
e era  
tra.gé.dia*

*e nós  
sobrevivemos  
equilibrando  
nas poucas cordas  
que bambeavam  
de onde vimos  
muitos despencar  
assistimos a guerra  
com nossos próprios  
olhos  
e os traumas  
não revelados  
nas funduras  
da gente  
tem me escapado*

*há algo no agora  
assustadoramente  
ameaçador  
remete-me  
a lembranças frágeis  
não sabia  
que ainda doíam  
o medo de perder  
ou estarmos perdidas  
é a aparência  
que me deixa  
em  
estado de labirinto*

*Jenyffer Nascimento*



A pergunta que fica é quantos toques de recolher se estendem sobre as subjetividades das mulheres negras? Os toques não anunciados, aqueles que não precisam ser verbalizados? A experiência da guerra, um profundo silenciamento, um pedaço importante da história das mulheres deste território, somam-se aos indizíveis vividos, criam e recriam comportamentos. Neste processo de (re)criação de comportamentos no presente comunicados pelas situações vividas no passado. Talvez, somente o assombro com o vento, noticiado na manchete do Estado de São Paulo, em 20 agosto de 1998, é capaz de traduzir as tensões vivenciadas pelas mulheres da periferia sul da cidade.

## Capítulo 2: Regimes de visibilidade e invisibilidade

*A invisibilidade é a morte em vida.*

Zoilda Loretto da Trindade

A questão da invisibilidade é pauta central das diferentes formas de ativismo de grupos marcados pelas experiências de discriminação. Zoilda nos oferece uma forma de compreender a experiências dos sujeitos invisíveis, morrer em vida. Neste capítulo vamos aprofundar um pouco como as disputas e controvérsias são gestadas dentro da rede que marcam diferenças, desigualdades e organizam regimes de invisibilidade entre mulheres negras.

A construção de uma identidade política, por vezes apaga ou invisibiliza outros marcadores. Em *Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”*, Silvia Aguião (2015) apresenta disputas de representação dentro do ativismo. Em seu trabalho chama a atenção, além da questão em torno dos espaços políticos de representação, para as narrativas, que diante da diversidade dos sujeitos, os marcadores sociais de raça/cor, recorte territorial, religião e tempo de militância, muitas vezes se evidenciam como uma súplica por visibilidade das subjetividades de cada grupo em relação às expressões sociais.

Tantos nas disputas apresentadas por Silvia Aguião (2015) quanto no meu trabalho, são acionados outros marcadores e o contexto colocado mostra a intenção de alcançar o reconhecimento, como forma de legitimação, por meio da estratégia do *sofrer mais*. Dito isso é importante ressaltar que raça, gênero e classe social são marcadores inseparáveis diante de certas disputas e há de se atentar como a interseccionalidade é uma expressão fundamental para o entendimento desses marcadores da diferença e da hierarquização, que são apresentadas nas disputas, controversas e nos modos de romper invisibilidades.

### **2.1 Um defeito de cor: disputas e legitimidades na rede de mulheres negras**

*Meu maior medo era que, criado pela sinhá, ele começasse a sentir vergonha de mim. Não eram raros os casos em que isso acontecia, eu mesma sabia de um, pois, antes de o Tico e o Hilário passarem a entregar as encomendas nas casas dos fregueses, certa vez o senhor Amleto pediu*

*que eu levasse alguns cookies até a casa dele. Assim que bati no portão e falei dos cookies, a preta que me atendeu foi chamar a cozinheira, que perguntou se eu não poderia dar a receita, já que o senhor Amleto gostava demais daqueles cookies e queria que ela aprendesse a fazer. Ela tentava e ele nunca ficava satisfeito, sempre achando um defeito ou outro, ou vários de uma vez. Pedi que me entendesse, mas eu não podia dar a receita, pois vivia daquilo. A mulher disse que eu estava certa, e que por ser muito mão fechada é que ele queria que ela aprendesse, pois só não era sovina com a mãe. Comentei que era uma atitude louvável, mas ela disse que não, que ele realmente dava tudo que a mãe precisava para viver com conforto, mas aquela bondade toda era dor na consciência ou medo de que a mulher revelasse o segredo. Ele vivia dizendo para quem quisesse ouvir que era filho de mãe portuguesa e pai inglês, mas a mãe era uma pobre coitada, uma preta forra que ele fazia de tudo para manter escondida. Dizia-se órfão e tratava muito mal a mulher, quando, morta de saudade, ela resolvia aparecer para dar uma olhada no filho e nos netos. Para disfarçar, ele dizia que era uma velha ama-de-leite por quem tinha muita consideração, mas todos na casa sabiam a verdade. Por sorte, ele tinha nascido mulato claro e inteligente, e usava de mil artimanhas para parecer mais claro ainda.*

Ana Maria Gonçalves

Um desconforto dentro do ativismo negro é com relação à cor. Existe uma resistência na vocalização da diferença em termos cromáticos, um medo paralisante diante da ameaça de fragmentação do movimento negro. O alarme faz completo sentido, uma vez que os sistemas de garantias de direitos vigentes, bem como as políticas afirmativas implementadas nas últimas décadas, não são suficientes no combate às desigualdades sociais produzidas entre brancos e negros, tampouco asseguram a garantia à vida e à dignidade humana de pessoas negras em nosso país. As conquistas das últimas décadas foram ancoradas na categoria negro em oposição à racialidade branca (LIMA, 2010; GUIMARÃES, 2005), sendo que a primeira engloba pardos e pretos cujas experiências de racialização e de agenciamento frente a elas são bastante distintas. No trecho acima extraído do livro *Um defeito de cor* (GONÇALVES, 2006), demonstra como o Sr. Amleto, ao esconder sua mãe biológica, consegue *disfarçar* sua origem por ter nascido de pele clara e assim ter maiores privilégios em um contexto escravocrata e racista. Minha intenção aqui não é transpor automaticamente as percepções e categorias raciais de séculos atrás, mas argumentar como as formas de produção do racismo e das categorias raciais no Brasil continuam se reproduzindo em termos de cor.

A compreensão de como opera a desigualdade racial no Brasil encontra eco na intensa contribuição do pensamento social brasileiro e na produção sociológica de análises quantitativas que revelam a complexidade e o abismo entre negros e brancos. Inúmeros intelectuais se debruçam sobre as fronteiras raciais e nos oferecem aportes fundamentais sobre os processos de exclusão social e discriminação racial, inclusive, operando a partir de perspectivas históricas e projetos políticos distintos. Nomes como Florestan Fernandes, Abadias do Nascimento, Ruth Landes, Oracy Nogueira, Guerreiro Ramos, Clovis Moura, Antônio Sérgio Guimarães, Edward Telles, Donald Pierson, Carl Degler, Carlos Hasenbalg, Peter Fry, Lilia Schwarcz, Paulo Neves, Angela Figueiredo, Jocélio Telles, Flávia Rios, Márcia Lima, Laura Moutinho, entre outros, colocam em destaque como as fronteiras raciais operam na construção da narrativa nacional como “paraíso da democracia racial” que dissimularia um verdadeiro “inferno racial”. Esses estudos, para além do interesse em como raça opera na construção da identidade nacional, se organizaram em outros eixos de análise como afirma Laura Moutinho:

No caso do Brasil (contrariamente aos contextos político e acadêmico sul-africano e norte-americano), tais campos de análise se constituíram separadamente. Um dos eixos de maior relevância ganhou forma a partir de 1979 com a retomada dos estudos sobre raça com o trabalho clássico de Carlos Hasenbalg. Tais reflexões se constituíram na articulação com mercado de trabalho, educação e talvez se incluam melhor na grande rubrica: estudos sobre desigualdade social. A retomada deste tema influenciou ainda a (re)construção dos estudos de “relações raciais”, que inclui análises sobre identidade e classificação racial, movimento negro, ações afirmativas, intelectuais negros, sociabilidade e religiosidade. Outra área igualmente clássica em que a ideia de raça se faz presente é no campo do chamado “pensamento social brasileiro”. De fato, os universos mencionados não são excludentes e aparecem em frequente diálogo. (MOUTINHO & CARRARA, 2010, p.21)

Nos meios ativistas brasileiros e com influência da discussão norte-americana a “cor” passa a ter certa centralidade nos debates por meio de um vocabulário emprestado da experiência norte-americana, no qual alguns termos emergem, tais como: colorismo e expressões que denotam o privilégio da pele clara (*light skin*) em relação à escura (*dark skin*) no tocante às oportunidades de mobilidade social, e *passabilidade*, (*passing*). Tais termos são oriundos de uma perspectiva de marcas de origem, ancestralidade, para famílias mestiças. No Brasil, esse tema é bastante espinhoso e para além de ser uma questão cotidiana complexa enfrentada por negros de pele clara ou de pele escura, apresenta-se também como um grande dilema para o movimento negro. Argumento que o problema em si não deveria ser tão espinhoso, afinal, seria uma discussão legítima

dentro de uma comunidade sobre as distintas experiências, *privilégios*, opressões e violências que poderiam culminar em novas solidariedades, sensibilidades, empatia e políticas de proteção.

Os espinhos que acompanham a discussão são frutos do racismo e da incerteza sobre as garantias mínimas das políticas sociais e ações afirmativas do Estado Brasileiro, acresce a isso o temor que a discussão em torno da cor da pele impeça as conquistas de direitos e o combate à desigualdade no campo da educação, saúde, trabalho, encarceramento e genocídio. Existe, pois, receio quanto à redução da visibilidade populacional, do combate à segregação e os processos de exclusão vividos historicamente pelos negros no Brasil. Contudo, argumento que o perigo não está na discussão em si. Perigoso é o racismo que estabelece como ameaça qualquer forma de experimentação e diálogo sobre a experiência negra.

O que o ativismo chama de colorismo em si não representa uma iminência de fragmentação do movimento negro ou das políticas de autodeclaração, mas, uma compreensão da diferença dentro da negritude, da multiplicidade das experiências que precisam, igualmente, ganhar espaço e legitimidade. Esse debate ganha bastante resistência dentro do movimento negro mais institucionalizado, tendo em vista, que, inicialmente, essa discussão parece ameaçar a articulação política que institui a categoria negro a partir de uma noção de ascendência. Como aponta Antônio Sérgio Guimarães:

Por um lado, o Movimento Negro Unificado, assim como as demais organizações negras, priorizaram em sua luta a desmistificação do credo da democracia racial, negando o caráter cordial das relações raciais e afirmando que, no Brasil, o racismo está entranhado nas relações sociais. O movimento aprofundou, por outro lado, sua política de construção de identidade racial, chamando de “negros” todos aqueles com alguma ascendência africana, e não apenas os “pretos” (2002, p. 56).

Contudo, nas disputas em torno de reconhecimentos, visibilidades e legitimidades, dentro do ativismo, não há como não perceber que existe uma polêmica, às vezes explícita e pública, e às vezes aos sussurros, em torno da homogeneidade da categoria “negro” para as diferentes experiências raciais, em especial, dentro do ativismo negro feminino. Na literatura acadêmica esta questão não é uma novidade, bem como é explicitada em termos de conflitos em diferentes obras literárias como em *Um defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves que abre e nomeia esse subtítulo.

Na epígrafe, Kehinde, mulher africana, escravizada no Brasil, nos provoca a refletir sobre as negociações raciais, os segredos e vergonhas de ascendência e as

capacidades de camuflagem para negros de pele bem clara. Suas questões são fundamentais no debate e colocam em jogo também os critérios de suspeição moral e reposiciona o questionamento central desse capítulo: Quais são os defeitos de cor?

Apesar de não existirem categorias estáveis, raça é, muitas vezes, alvo de controvérsias intensas. Conforme o debate público sobre a questão racial avança, paralelamente cresce também a legitimidade da *cor* que opera no complexo sistema da *cor da pele*, enquanto permanece parcialmente estável a categoria branco em seu *continuum* cromático, como apontado por Lia Schucman (2012) em sua tese *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*.

Nas Ciências Sociais não é possível pensar separadamente raça sem sua interconexão com outras dimensões de agência ou de determinação (GUIMARÃES, 2016; SOLOMOS, 2000). Pensar raça, tanto quanto grupo social, quanto como identidade, oferece muitas dificuldades de ser trabalhada no campo teórico. Os estudos mais recentes têm mostrado a necessidade de analisar os complexos processos pelos quais a raça é construída como uma relação social e política, além de sua conexão com outros marcadores sociais. É preciso compreender que o conceito de raça não é simplesmente confinado como um processo de regulação operado pelo Estado, mas que o significado de raça se dá pela construção social permanentemente contestada e disputada (DAFLON 2017; GUIMARÃES 2016; SOLOMOS, 2000).

Durante meu trabalho etnográfico vivenciei muitas vezes “fóruns de legitimidade” sobre determinada pessoa, que definem se “é ou não negra” e os endereçamentos a partir da primeira conclusão, pois, “se fulana não é negra como sicrana pode ser?”. Essas conversas vão longe, alternando fotos das redes sociais e muitos constrangimentos. Dois pontos são fundamentais dentro dessa rede de mulheres negras da zona sul na sua definição: poder econômico, a força policial e o mercado de trabalho. Contudo, apesar dessas linhas marcadas pela violência dos processos de discriminação, normalmente, também estão associadas as experiências de acessos e sociabilidades. *Passabilidade, privilégio, afro-conveniência e negrômetro* são termos associados a essa discussão. Percebo um conteúdo simbólico importante nessa discussão que, muitas vezes, parece despercebido. O que as pessoas negras de pele escura estão, com muita dificuldade querendo falar? Por que não existem termos para traduzir a experiências de negros com pele escura?

Deste modo, quero destacar nesse cenário dois pontos, a meu ver fundamentais. Se por um lado existe uma sensação de *desterro* de mulheres negras de pele clara dentro da rede de mulheres, existe, por outro, uma experiência ainda não nomeada daquelas de pele escura. Se não existe amplo espaço para a discussão sobre o colorismo dentro da rede sem afetar diferentes sensibilidades, sua aparição, quase sempre, é revelada por meio de uma fofoca. Os ruídos, rumores e as fofocas são temas clássicos da antropologia, pois, fazem parte da sociabilidade humana e nas formas de narrar e se posicionar no cotidiano, ela pode favorecer vínculos entre as pessoas num determinado grupo (DUNBAR, 1996), ou apoiar nossa inclinação a comparar tanto os semelhantes quanto aqueles que são próximos (WERT; SALOVEY, 2004). Max Gluckman (1993) nos apresenta importantes elementos para compreensão do fenômeno da fofoca. Segundo o autor, o comportamento mexeriqueiro constitui-se em jogo comunicativo, com regras e funções sociais próprias, tendo em vista, a regulação das moralidades e, por que não, daquilo que é notável de escândalo.

Dessa forma, nesta sessão pretendo analisar como essas diferenças de *cor* são experimentadas e agenciadas no cotidiano. Mais do que realizar um debate que pretenda refletir sobre relações raciais e os processos sociais mais amplos, minha intenção é observar as interações cotidianas entre as mulheres dessas redes e como o debate sobre colorismo tem impactado nas produções de identificação, subjetividades, relações, distanciamentos e solidariedades.

\*\*\*

Em maio de 2018, o convite feito à atriz e cantora Fabiana Cozza para interpretar a história de vida de Dona Ivone Lara no musical *Um sorriso negro*, gerou um escândalo nas redes sociais. O episódio produziu um debate importante, urgente e colocou em destaque questões relacionadas ao colorismo e ao reconhecimento racial, bem como, gerou reflexões importantes por parte de intelectuais e ativistas. Em dois dias, a aceitação inicial do papel – e sua posterior renúncia, por meio de uma carta publicada nas redes e reproduzida por diferentes canais da grande mídia pela cantora e atriz –, produziu dentro do ativismo, e fora dele, diferentes situações nas quais raça/cor, miscigenação, identidade racial, nacionalidade e legitimidades vieram à público de forma mais ampla.

Fabiana Cozza, cantora paulista na época com 42 anos, cujo repertório sempre esteve relacionado ao samba e que já havia gravado um álbum com Dona Ivone Lara,

recebeu o convite da produção do espetáculo por conta do vínculo pessoal que possuíam. Contudo, não foi levado em consideração os tons de pele de ambas, sendo Fabiana Cozza uma mulher negra de pele clara e Dona Ivone Lara de pele escura. Tal escolha motivou reações contundentes questionando o “critério” de sua seleção para o papel, reforçando o argumento de que personalidades negras tendem a ser representadas no teatro e no cinema por pessoas de pele mais clara.

A controvérsia se instaurou e girou em torno da tonalidade da pele da atriz. Ela, por sua vez, renunciou ao papel, publicando uma carta nas redes sociais com sua decisão. As críticas a sua escolha, também deram espaço para ataques e apontavam uma ferida com pouca escutada no Brasil: os processos e dispositivos de exclusão de negros de pele escura nos espaços de visibilidade. Os críticos a sua seleção defendiam a importância de que Ivone Lara fosse interpretada por uma atriz e cantora de pele escura como a sua e apontavam que selecionar uma atriz mais clara fortalece a ideologia de *branqueamento*, comum a muitos artistas e personalidades negras, que ao serem representadas têm sua negritude apagada ou suavizada nas dramaturgias.

Em meio às polêmicas, os apoiadores da participação ou críticos da postura de acusação contra a atriz por “ser branca demais” argumentavam em torno do respeito à liberdade artística, do reconhecimento da negritude da atriz independente de sua cor de pele, e, principalmente, sua relação com Dona Ivone Lara, respeitando assim, o desejo e a escolha da família da sambista, de onde partiu o convite. Outro ponto importante do debate, consiste no recorte geracional. A crítica à participação da atriz partiu majoritariamente de uma geração mais jovem dentro do movimento negro e gerou muitos desconfortos em uma geração mais velha que investiu na configuração atual da categoria negro.

A carta de renúncia de Fabiana Cozza<sup>13</sup> engendrou uma série de elementos para o debate público e sua dimensão saiu das redes sociais para a TV aberta. Primeiramente, a carta foi direcionada ao que ela chama de “irmãos”, ou seja, outros negros e negras para os quais ela apresenta os motivos de sua renúncia ao convite. Logo na primeira linha ela aponta uma dualidade que denomina de racismo dentro da comunidade negra que é a ausência de reconhecimento do “outro”.

---

<sup>13</sup> Carta de Renúncia ao papel de Dona Ivone Lara no espetáculo *Um sorriso negro* escrita por Fabiana Cozza. <https://revistaraca.com.br/fabiana-cozza-renuncia-ao-papel-de-dona-ivone-lara-no-teatro/>. Acesso em 28 de agosto de 2022.



Fabiana Cozza coloca a forma como a situação foi encarada pela comunidade negra e escreve: “Renuncio por ter dormido negra numa terça-feira e numa quarta, após o anúncio do meu nome como protagonista do musical, acordar 'branca' aos olhos de tantos irmãos”. E continua: “Renuncio ao sentir no corpo e no coração uma dor jamais vivida antes: a de perder a cor e o meu lugar de existência”.

Na carta, a atriz não apresenta uma universalidade da cor sem gênero. É exatamente nesta intersecção que está a dimensão da dor e do sofrimento, ou seja, é no entrecruzamento da raça e gênero que a sua legitimidade foi ferida e seu lugar como negra foi ofendido. Para vocalizar isso, recorre aos significados históricos da experiência racial e da constituição da mesma *miscigenação* que ela carrega no corpo. Assim ela afirma em carta publicada na Revista Raça<sup>14</sup> e que foi amplamente compartilhada nas redes sociais: “*e racismo vira coisa de nós, pretos. E eles comemoram nossos farrapos na Casa Grande. E bebem, bebem e trepam conosco. As mulatas*”. E continua: “*Renuncio em memória a todas as negras estupradas durante e após a escravidão pelos donos e colonizadores brancos*”.

Este episódio provocou debates também fora das redes sociais. Debates entre colegas foram travados nas experiências cotidianas. Na rede de mulheres, foco dessa análise, o caso também teve grande repercussão. O argumento da carta comoveu Mel que, assim como Fabiana Cozza, possui a pele mais clara. No bar, no Jardim Ibirapuera, em meio à várias falas simultâneas sobre a polêmica da carta, Mel comenta: “*somos todas negras e, se somos claras, é porque somos negras e a cor é a expressão dos nossos corpos violados*”. A fala de Mel provocou um desconforto, visível na expressão de Nega que falaria logo depois. Nega coloca que são negras diferentes e completa: “*não concordo que uma mulher mais clara possa representar uma mulher negra de pele retinta<sup>15</sup>, ela não sabe o que é viver isso*”.

As discussões em torno da *cor da pele* são, geralmente, tensas. Existem os ditos e os não ditos de todas as partes. Por um lado, as claras se ressentem da colocação delas nesse lugar de “*privilégio*”, por outro lado, as escuras denunciam a “*invisibilidade*”. As relações de afetividade dentro do ativismo também exercem certo controle. Existe um medo de colocar-se plenamente e romper com relações de afeto e parceira e, até, de ficar

---

<sup>15</sup> Neste trabalho, não vou usar o termo “*retinto*” usado para falar da pele mais escura, pois, em minha concepção existe uma noção de padrão impregnada dentro do termo que coloca negros de pele escura representando como desviante do padrão de negritude.

isolada politicamente operam e regulam os discursos. Por circular dentro desse espaço, não me dava conta de como esse controle era exercido e a pesquisa etnográfica me surpreendeu ao me fazer perceber as mãos sobre joelhos ou ombros que uma mulher poderia colocar sobre a outra ou ainda as interrupções durante as conversas que operavam como formas de controle dos ditos e manutenção das relações. Por isso, enquanto Mel se colocava, por baixo da mesa, Clara tocava no seu joelho, numa forma de dizer: cuidado.

A carta escrita por Fabiana Cozza, bem como toda a discussão, nos oferece inúmeros elementos para pensar raça, cor e gênero nos debates atuais dos movimentos sociais, em especial, de mulheres negras e retoma importantes discussões das Ciências Sociais sobre o tema e suas interpelações. “Afim, o tema da raça está situado onde o significado encontra a estrutura social, onde a identidade molda a desigualdade”. (WINANT, 2000, p. 171). Não podemos pensar projetos raciais, formação racial e as identidades coletivas radicalizadas, desconsiderando a agência, as negociações, as violências e violações a elas atreladas e, de alguma forma, o reconhecimento de sua singularidade como lugar de conforto e empoderamento.

Na mesa do bar, Mel ficou um pouco mais quieta diante das reações à sua colocação. Um certo constrangimento a impediu de insistir na sua perspectiva sobre o debate e, no limite, sua identificação com Fabiana Cozza poderia ser lida como “mulheres claras podem representar escuras” e assim estaria apoiando a invisibilidade das mulheres com a pele escura. Afim, o clima no bar com algumas cervejas acentuou a discussão, bem como, elevou o tom de voz. Clariana na mesa ria e destacava alguns pontos. Sua condição um tanto instável de pele bem clara a deixava desconfortável para se posicionar entre outras mulheres negras. Assim, Clariana, naquele dia, horas antes de nos encontrarmos no bar, havia colocado em seu status do *WhatsApp* um trecho da carta “perder a cor e o meu lugar de existência”. A chamei para fumar um cigarro do lado de fora do bar. Saímos. Comecei perguntando como ela encarava os comentários das meninas sobre a Fabiana Cozza e ia continuar, mas ela me interrompeu falando:

*Eu fico sempre sem lugar, sem fala legítima, sem lugar. Não sou suficiente boa, não tem encaixe. Eu prefiro ficar calada. Não dá para voltar, são divisões... acho que parece batido. Para os negros sou branca e para os brancos sou pobre, não sei se sou negra. Eles sempre falam, [os brancos] falam... não importa o lugar. Eu não posso falar nada porque [minha] a pele é quase branca e o cabelo crespo. É maluco... às vezes, nem sei o que sou. Eu gosto desse lance que ela diz da violência, eu sou isso,*

*sabe... esse lance é forte, o sexo, o estupro... nisso fico negra. Sei lá.*

A ausência de legitimidade, o medo de perder o lugar, o silêncio diante do debate, a instabilidade de ser uma mulher com pele clara e com marcadores raciais era o lugar de dor e sofrimento, não o lugar de afetividade e relação. A vivência de uma ambiguidade que se instaura no corpo e avança para as relações. Não existe uma concretude com relação às marcações de cor. As referências mudam conforme o contexto e as relações, mas existe uma linha de legitimidade. Clara possui grande legitimidade dentro do grupo e sua produção artística está alinhada com a investigação que parte do seu corpo. Um corpo negro e feminino, como um documento, produzindo sobre o mundo e as relações uma perspectiva de *afrocentralidade*. Sua fala encontra sempre ressonância em outras mulheres negras e gera grande consenso. Apesar de ter uma pele clara, sua condição na rede de mulheres negras é bastante estável. Contudo, as tensões em torno da *cor* também aparecem em seu comportamento.

No verão daquele mesmo ano, durante um encontro de mulheres negras resolvemos reservar um tempo para descontração. Estávamos falando sobre cotidiano e ela simplesmente me diz: *Você pega cor rápido. Eu não pego, preciso ficar dias na praia para pegar cor.* Inicialmente não estranhei, mas, durante todo o dia, ela se expunha ao sol, mudando de lugar para conseguir *pegar mais cor*. O que me fez pensar sobre o que aconteceu durante o dia foi uma conversa que tivemos à noite antes de nos deitarmos. Ela comentou sobre uma escritora que estava se colocando como negra, ela havia recebido uma mensagem que dizia: *Agora é festa, todo mundo é negro. Queria ver na época da escola.* Todas ríamos e começamos a comentar. Quando se coloca desconfiança sobre a racialidade de uma pessoa, acontece uma espécie de plenária em torno da questão.

Normalmente, os conflitos marcam essas dinâmicas. Morena, que havia enviado a mensagem, contou que havia encontrado a tal escritora numa atividade feminista e que ficou surpresa ao ouvi-la falar que sofria com o racismo. Todas olhávamos sua foto. Soltamos monossílabos sonoros que indicavam a ambiguidade de sua negritude. Clara, continuou dizendo: *o problema é olhar de frente para Morena e chorar porquê sofre racismo.* Um pouco mais tarde, quando algumas pessoas já haviam abandonado a mesa, a conversa sobre a cor voltou. E Clara desabafa. *Sei lá. Parece que as coisas são complicadas mesmo. Eu também nem sou tão escura assim, se alisasse o cabelo talvez seria diferente.* Nega revela: *Acho tudo isso muito dolorido. Eu mesma não sei quem é ou não é. Só sei que eu sou. Esse assunto mexe muito comigo.*

## 2.2 Mares de desterro e invisibilidade

Durante o *Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais: Pretas de Quebrada* realizado em março de 2019, por meio de esforços de mulheres lésbicas e negras da zona sul de São Paulo, a questão da *cor* apareceu e gerou conflitos. Aproximadamente cinquenta mulheres pretas foram convidadas para passar um final de semana em um sítio. O coletivo organizador, Coletiva Luana Barbosa e Brejo da Sul, foi bastante cuidadoso com a programação, oferecendo momentos de lazer e diálogos sobre questões da comunidade negra lésbica e bissexual. Uma das atividades consistia em uma circularidade sobre temas significativos dentro da comunidade como maternidade, gordofobia, bissexualidade, relacionamento abusivo e relacionamento interracial. Cada grupo era conduzido por uma pessoa e as participantes circulavam em todos os grupos de debate por um tempo, o final de cada rodada era anunciado por uma campanha.

O último grupo do qual participei foi sobre relacionamentos interraciais e já havia uma sistematização no cartaz que deixava evidente um certo posicionamento contrário às relações interraciais. No centro da folha estava escrito: o amor preto cura. A atividade era conduzida pela Amora, uma mulher negra de pele escura. Quando começou a discussão do meu grupo percebi que Amora não deixava espaço para visões contrárias ao que estava escrito no cartaz. Uma das participantes da atividade era Canela, uma mulher negra de mais de 40 anos, lésbica, com um tom de pele *mediano* e casada com uma mulher branca. Ela começou a falar que não via tantos problemas em se relacionar com pessoas brancas e completou: *Minha companheira é branca e não vivo uma situação de racismo em casa, nós construímos muitas coisas juntas e não penso que tem que ser assim, preto com preto.*

Amora tomou a palavra e de modo bastante reativo colocou, sem nenhuma mediação, que o que produzia essas relações era o auto-ódio e a negação da negritude que Canela reproduzia sobre si. Falando muito rápido e sem espaço para outra intervenção, Amora completa dizendo que se ela não conseguiria ver o racismo que vivia em casa, o motivo só poderia *ser a vontade de ser branca*. Canela, não falou mais nada, mas o clima ficou tenso e visivelmente ela não gostou do comentário de Amora. Outras pessoas não concordaram, mas também não falaram nada, grupo no qual me incluo. Depois da atividade participei de duas conversas sobre esse ocorrido, todas sem a presença da Canela e da Amora. Não ficava evidente o posicionamento das mulheres que falavam sobre o assunto, mas de modos diferentes colocavam que entendiam o *jeito* da Amora,

por *ser preta “retinta” ela carregava muito sofrimento*, ao mesmo tempo, concordavam que ela foi desrespeitosa com Canela e com sua trajetória. Cada uma, ao falar, reproduzia como em coro a questão do *sofrimento* de Amora e a impossibilidade de dialogar sobre outros *sofrimentos e necessidade* como os de Canela.

Situações como essa não são isoladas. O *sofrimento* de mulheres negras de pele escura torna-se um assunto. Contudo, a forma de sua aparição consiste em sinalizar *impossibilidades*: a *impossibilidade* de diálogo, a *impossibilidade* de cobranças e a *impossibilidade* de conflitos. Assim, um formato complicado de relações é construído a partir da legitimação do *sofrimento* que também exclui mulheres negras de peles escuras de determinadas discussões por reconhecimento.

Apresento duas situações em que essas *impossibilidades* ficam evidentes. Em pleno carnaval de 2019, chegaram instrumentos novos para um bloco de carnaval de mulheres no centro da cidade. Naquele ano, novas integrantes foram convidadas para as oficinas de percussão e para compor o bloco de rua. Muitas mulheres negras entraram no bloco que até aquele momento era majoritariamente branco. Na primeira oficina chegaram os novos instrumentos. Depois de quatro anos com os antigos instrumentos as integrantes antigas do bloco estavam animadas. O bloco crescia em recursos, fama e integrantes. No começo das oficinas sem nenhuma organização prévia, cada mulher presente pegou aleatoriamente um instrumento para as oficinas. Noite, uma mulher lésbica e negra de pele escura, sem pensar pega um instrumento novo que tinha acabado de chegar e começa a explorar o instrumento sem saber tocar exatamente.

As integrantes mais antigas do bloco ficam visivelmente desconfortáveis. Eu consigo perceber pelos olhares que existe uma comunicação entre algumas mulheres ao fundo do bloco. O desconforto estava presente em algumas mulheres que estão no bloco há mais de quatro anos e sentiam-se *injustiçada* por estar com os instrumentos velhos, já que estavam esperando há muito tempo os novos instrumentos e por de fato saberem tocá-los. Não havia nenhum problema em querer os novos instrumentos e isso poderia ser resolvido diretamente numa conversa entre as integrantes veteranas e novatas do bloco. Contudo, a dinâmica das novas relações raciais dentro dos ensaios bloqueava esse diálogo em torno do uso dos bens, uma vez que as veteranas eram brancas e as novatas negras.

Ao invés de resolver diretamente a questão, as veteranas buscaram por uma integrante negra do bloco de carnaval, que era uma das fundadoras, para explicar e buscar apoio na mediação da situação. Morena, inicialmente não entendeu o motivo da aparente disputa, uma vez que elas poderiam se reportar diretamente às mulheres que estavam em

posse dos instrumentos e conversar. Para resolver rapidamente a questão, no final do ensaio foi avisado a todas sobre a situação e sinalizou que as integrantes que estavam aprendendo a tocar deveriam priorizar os instrumentos antigos. Não houve nenhuma confusão ou reivindicação em torno dos bens. Aparentemente resolvida a situação, no outro ensaio a orientação para mudar uma integrante da ala dos xequerês para os agogôs despertou a atenção de Morena. Ao invés das mestras de ala falarem diretamente com essa integrante, negra de pele escura, foi solicitado que Morena conversasse e intervisse. Em choque, Morena sinalizou que seria complicado a ampliação do grupo se todas as relações do bloco com as mulheres negras passassem por sua mediação. Como justificativa, lhe foi dito que elas reconheciam que aquela mulher *sofria demais e que precisavam ser cuidadosas*.

Ainda sobre o aparente reconhecimento do sofrimento uma outra cena pareceu-me muito expressiva. Branca estava na minha casa e conversávamos sobre organização financeira e doméstica e alguns planos de viagens. Branca pode ser classificada como uma mulher não-negra, seria complicado colocá-la como branca e sua própria racialidade é um processo complexo. No meio dessas conversas sobre dinheiro e planos ela me conta que havia emprestado um valor relativamente alto para uma de nossas amigas, mas acreditava que não receberia e isso comprometia a intenção de viagem. Eu falei que ela poderia ver diretamente com a pessoa se era possível pagar uma parte do dinheiro. Supreendentemente ela me respondeu: *Emprestei esse dinheiro ciente que não receberia. Seria escroto da minha parte cobrar uma mulher retinta, porque eu sei que tenho mais chance de ganhar dinheiro que ela*. Eu coloquei que não concordava com essa visão tão estática das relações, das pessoas e dos acordos. Foi então que ela emendou que *ficava envergonhada e que, na verdade, tinha medo de ser exposta como racista por cobrar a dívida*.

Nas duas cenas o lugar de aparente reconhecimento do racismo e a consequente *proteção* de mulheres brancas ou não-negras com relação às negras de pele escura tem como resultado uma exclusão do diálogo, do conflito e das tecituras das relações. É a construção de uma relação hierarquizada, protegida, tutelada e legitimada pelo falso reconhecimento do sofrimento que não permite a abertura para escuta das narrativas e percepções de mulheres negras de pele escura. Aqui estão em relação dois corpos marcados e racializados, contudo, *o corpo é encarado não como objeto de carne e osso, mas como construção simbólica que significa flutuar na estratosfera da análise do discurso e*

*desconsiderar os materiais disponíveis mais cotidianos e tangíveis* (MESSENDER, 2020, p. 241).

No final de 2021, recebi na minha casa uma amiga, Pretah, uma mulher de pele escura, artista visual e estudante de Ciências Sociais. Ela falou da sensação de *aniquilamento* e de que o debatido *negro está na moda* não a incluía, ao contrário, reafirmava seu não-lugar. Durante toda a nossa conversa, a expressão do sentimento de aniquilamento era muito caudaloso e evidenciava uma série de sentimentos complexos de solidão, desamparo e silenciamento. Um ressentimento que transbordava pelas mulheres negras de pele clara que usufruía de um reconhecimento social que, em sua perspectiva, estava mais distante dela. Enquanto conversávamos apareceu na televisão uma propaganda de produtos para cabelos crespos. Ela apontou e direcionou meu olhar. Saindo da sala em direção para a cozinha disse. *Não posso festejar hoje esse produto para cabelos crespo. Esse ar afirmativo me enjoa. Não consigo esquecer que esta mesma marca alisou o meu cabelo e, pior, me deixou quase careca. Quem liga que elas queimaram meu couro cabeludo, quem liga?*

No começo de 2022, Dandara Kunte, escritora, dançarina e performer da zona sul de São Paulo, mulher negra de pele escura que mobiliza constantemente este debate, postou nas redes sociais um texto que retomava alguns sentimentos vocalizado por Pretah em nossa conversa. A sensação de aniquilamento, de apagamento e principalmente de uma denúncia de um silenciamento relacionado ao tempo dos sentidos e sentimentos forçados pelo curso da história ou até mesmo do ativismo. Uma relação que expressa sofrimento não apenas experimentado pelas gramáticas de *cor*, mas, sobretudo, pelas gramáticas das relações.

*desejo na noite de hoje enterrar a minha raiva  
despedaçar cada fio de indignação que me tira do eixo.*

*vomitaram os espinhos que dilaceraram minha língua  
fazendo calar o desassossego do coração;*

*anseio fielmente estripar a fúria que contamina minhas entranhas  
desajustado o calcanhar dos não caminhantes*

*cortaram minha paz silenciosa com pólvora*

*e no corte seco da faca o sangue talhou por inteiro*

*enterraram minha raiva sem a minha permissão  
colocaram flores  
fizeram reza*

*acenderam velas.*

*mas ainda ela estava ali  
sorrindo  
desdenhando  
debochando.*

*deixa eu enterrar minha raiva com tranquilidade  
com desprezo  
repulsão.*

*saboreando o gosto amargo da espuma  
que sai pela palavra  
com desejo infinito de morte.*

*do som do sentimento que atravessa meus ouvidos*

*matar a minha raiva é o que eu preciso  
pra seguir firme  
forte  
corajosa.*

*antes que esse buraco fundo  
frio  
desonesto  
se transforme em ódio  
e me enterre primeiro.*

*Dandara Kunte*

Essa narrativa sobre o *sofrer mais*, normalmente, é bastante homogeneizadora da experiência de um grupo de mulheres a partir de uma dimensão subjetiva do sofrimento que, inevitavelmente, é carregada de histórias que somos incapazes de determinar *a priori*. Assim, “problemática do sofrimento associado à violência, a construção da pessoa como vítima no mundo contemporâneo é pensada como uma forma de conferir reconhecimento social ao sofrimento, circunscrevendo-o e dando-lhe inteligibilidade” (SARTI, 2011, p. 54). Com isso, quero incluir duas dimensões que me parecem fundamentais em torno do debate sobre a *cor* dentro do grupo de mulheres negras. Em primeiro lugar, a experiência de apagamento de experiências, invisibilidade ou aniquilamento vivenciado por algumas mulheres negras de pele escura. Em segundo lugar, o sentimento de desterro de mulheres de pele clara, que traduz a instabilidade de seu lugar na rede e no mundo. Lado a lado, duas experiências que distanciam e aproximam experiências, mas que, essencialmente, marcam processos perversos de corporificação das categorias de raça e gênero.



## 2.3 A indizível parte da experiência negra lésbica

*a poesia é minha ferramenta de afetividade, kom ela falo sobre os sentimento de modo vasto raiva dor tristeza amizade desejo, é por meio dela ke me konecto kom as lésbikas y amplio minhas redes de sociabilidade. poesia é meu dom, é meu trabalho, é um ato político de inskrever minha existência no mundo. na poesia eu posso ser o ke dizem ke não existe na poesia posso ser eu um sapatão utópiko oníriko posso roubar as palavras y bonés dos homens y inventar minha maskulinidade.*

Formigão

“Invisibilidade, às vezes, parece esconder a dor de uma condição de inexistência social e afetiva. Qual lugar é ocupado no cotidiano pelo amor lésbico? Com certeza não é na ceia de natal nem no seio da velha família. Clandestino é o amor fora de todas as leis.” Esta é a abertura do texto *É bem mais fácil falar de amor não de amores clandestinos*, de Fernanda Gomes, publicado na Revista Amazonas. O texto refaz a memória do Natal em família e da clandestinidade do amor entre mulheres lésbicas. A autora traz uma crítica severa à tradicionalidade de sua família e aponta a clandestinidade da condição de lésbica dentro do seu cotidiano. “Eu demorei muito para me assumir para minhas amigas. Viver de uma forma clandestina muitas vezes é não ter que arriscar a própria vida. Nó na garganta e um grito impedido por ela mesma passam a sufocar”. (GOMES, 2018, s.p).

Na rede de mulheres negras a partir da qual construo esta pesquisa, as lésbicas recorrentemente denunciam a invisibilidade e os silenciamentos que vivem dentro e fora dos coletivos. De modo geral, é importante compreender esse lugar de fronteira ocupado por muitas lésbicas: por um lado, a identificação racial e territorial as aproxima da rede de mulheres negras periféricas; por outro, a organização com outras mulheres lésbicas as afasta da periferia e de outras mulheres negras, fazendo com que direcionem sua energia política às organizações com outras lésbicas brancas na região central. Esse pertencimento negociado aparece tanto em Audre Lorde (2019) sobre o contexto norte americano, quanto no trabalho de Susan Holland-Muter (2019) na África do Sul:

In this way, visibility is always spatialised and dialogic, between what should be seen/unseen or visible/invisible, and what should/should not occupy space<sup>16</sup>. (HOLLAND-MUTER, 2019,p. 5).

Nesse contexto, cabe sinalizar que a periferia pode ser perigosa e violenta para mulheres lésbicas. Essa violência experimentada no bairro modela comportamentos visando proteger-se de suas famílias ou agressores conhecidos – amigos, ex-companheiros e vizinhos. Opera assim um complexo sistema de fazer-se imperceptível ao passo que se busca visibilidade e reconhecimento. A saída para vivenciar plenamente a sexualidade aparece, muitas vezes, nos bairros centrais. A simples condição de poder *andar de mãos dadas* é bastante atraente. Dentro das ações e atividades promovidas pelos diferentes coletivos de mulheres negras e periféricas, a sexualidade pode ser vivenciada com relativa segurança e o desejo de construir politicamente com mulheres negras e/ou periféricas as aproximam cada vez mais.

É recorrente a denúncia de lesbofobia e os silenciamentos com relação à sexualidade lésbica e sua atuação política. Esse movimento muitas vezes reforça ou pelo menos corrobora para certo distanciamento de negras lésbicas da periferia. Essa relação ambígua de proximidade e afastamento é parte da experiência de mulheres lésbicas dentro da rede. No ensaio, *Para começo de conversa: Alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor*, Audre Lorde (2019) nos propõe uma reflexão potente e a quebra de silêncios históricos da relação entre sexualidade e a questão racial. Quais corpos são ou podem ser visíveis nas periferias? Qual lugar é cedido, destinado ou ocupado por mulheres negras, e especialmente lésbicas, dentro dos espaços políticos, culturais ou coletivos? Em suas palavras, "as lésbicas são, hoje, usadas como isca de uma falsa ameaça à comunidade negra, numa manobra cuja intenção é nos distrair da verdadeira face do racismo/machismo." (LORDE, 2019, p.59)

A invisibilidade de negras lésbicas periféricas é atravessada por muitas camadas de solidão e abandono. Essa solidão muitas vezes se materializa na invisibilidade dada pelo próprio movimento de mulheres negras ao marcador de sexualidade como uma questão *menor* para algumas ativistas. Esta encruzilhada de marcadores vista como forma de hierarquização contribui para a desumanização e apagamento de vivências lésbicas dentro da rede. As recorrentes reivindicações e discussões apontam para uma experiência inaudível.

---

<sup>16</sup> Desta forma, a visibilidade é sempre especializada e dialógica, entre o que deve ser visto/não visto ou visível e invisível, e o que deve/não deve ocupar o espaço (tradução minha).

A Coletiva Luana Barbosa<sup>17</sup>, composta por lésbicas e bissexuais negras produziu um documentário, *Eu sou a Próxima*, que aborda o medo, a violência e o horror de lésbicas negras e periféricas por meio da encenação de lésbicas assassinadas no Brasil. Zethu Matabeni em seu artigo *Perspectivas do Sul sobre relações de gênero e sexualidades: uma intervenção queer* (2017) retrata situação parecida vivenciada por lésbicas *black* na África do Sul, sinaliza:

Ao longo dos anos, como parte de comunidades lésbicas *blacks*, nós assistimos a tudo isso com horror, vivemos em perpétuo medo, às vezes calculando como nossas próprias mortes seriam levadas a cabo. Viver, quando a possibilidade da morte é uma realidade cotidiana, é arriscado. Os perpetradores planejam novas vitórias sobre corpos *queer blacks*. Um tiro nunca é suficiente. Uma faca deve perfurar o corpo mais de três vezes. O estrangulamento deve ser acompanhado pela inserção de um objeto estranho. O estupro já não é mortal. Após o primeiro tiro na cabeça, a terceira facada no coração, o estrangulamento depois do estupro – o que mais está sendo morto? O que mais há para morrer? Estas são questões com as quais eu me deparo quando penso em mortes de pessoas queer. (MATEBENI, 2017, p. 35)

*O que há mais para morrer?* A pergunta de Zethu Matebeni ressoa também no documentário produzida pela Coletiva Luana Barbosa lançado em 2017. Gravado em Preto e Branco em um ambiente com pouca iluminação, alterna suas imagens entre personagens de lésbicas assassinadas em diferentes estados do país e as integrantes da coletiva que se nomeiam e colocam a incômoda afirmação: eu sou a próxima. Vida e



Figura 5 - Imagem de divulgação do documentário *Eu sou a próxima*. Arquivo Fernanda Gomes

<sup>17</sup> A Coletiva Luana Barbosa nasceu de um Grupo de Trabalho (GT das Pretas) da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo em 2016.

morte são encenadas. A palavra como rompimento do medo e do silenciamento denuncia os agressores e os nomeia. Por outra perspectiva, o silêncio, pois até o presente momento o documentário não está disponível nas redes sociais e no compartilhamento de produções audiovisuais, pelo medo diante da lesbofobia dos agressores e de seus próprios familiares. *Eu sou a próxima* não é apenas um nome é, acima de tudo, um sentimento diante do mundo.

Estive presente na exibição do documentário no SESC 24 de maio em 2018. Após sua exibição aconteceria um bate-papo com algumas integrantes da coletiva, duas delas, Fernanda Gomes e Renata Alves, são da zona sul de São Paulo. Após o evento saímos para conversar um pouco sobre o documentário e a vida. Em meio às conversas muito se falava sobre a invisibilidade dos casos de lesbofobia nos movimentos sociais e a ausência total de apoio. Renata Alves, uma hora colocou na mesa, *a gente diz eu sou a próxima e, se os movimentos não se implicam com o caso da Luana Barbosa, tampouco se mobilizariam por conta da nossa morte, nós estamos vivas*. Um longo silêncio pairou no ar. Um silêncio amargo ficou em mim. Esse sentimento é de difícil tradução, ele tateia minha pele, mas tenho a certeza de que algo da experiência lésbica negra nunca conseguirei compreender por completo, mesmo sendo uma mulher bissexual.

Uma cena na zona sul colocou algumas dessas questões dentro da rede de mulheres negras. O sentimento de invisibilidade, abandono e silenciamento de lésbicas negras ficaram marcados após uma ação de mobilização, visibilidade e luta. Estávamos conversando no bar do Ceará<sup>18</sup> com algumas mulheres da rede numa sexta-feira, um encontro casual, após a semana de trabalho, com cerveja, pirão e torresmo. Em meio às conversas uma das mulheres começa a resgatar a memória da primeira edição do *Periferia Segue Sangrando*, em 2015. Para compreensão do cenário resgato um pouco das atividades finais do encontro, o cortejo pelas ruas, becos e vielas do Jardim Ibirapuera partindo do Bloco do Beco e retornando ao mesmo local.

---

<sup>18</sup> O bar do Ceará é um importante ponto de encontro no Jardim Ibirapuera, próximo ao Bloco do Beco.



Figura 6 - Fotografia de José Cícero - Cortejo Periferia Segue Sangrando, 2018.

O cortejo era marcado pela *Ladainha Feminista* – fazendo alusão às procissões católicas – com maracatu e leitura do Manifesto do *Periferia Segue Sangrando*. Durante o cortejo eram realizadas outras intervenções como lambe-lambe, pichações e entrega de uma produção de argila, que simbolizavam as dores silenciadas do âmbito privado ocupando o espaço público, numa grande representação da máxima “o pessoal é político”. O cortejo era liderado pelo maracatu e pela marcação do trajeto no chão com tinta vermelha, como o sangue. Afinal, *Periferia Segue Sangrando*. Todas essas atividades eram simultâneas e aconteciam durante o cortejo.

A partilha das memórias de uma das organizadoras aciona uma história dolorosa e um conflito para mim, até aquele momento, desconhecido. As intervenções nos muros e ruas eram mais soltas e ficavam à critério das participantes que pudessem dar vazão aos seus gritos e marcar na rua sua existência. A única orientação da organização era para respeitar as casas dos moradores do bairro. Uma vez que conhecemos bem todas as dinâmicas periféricas e as lógicas de respeito, não havia questionamento sobre essa orientação e, aparentemente, nunca houve conflitos dessa natureza.

Ao retomar sua memória, Cabocla fala que sentiu vergonha nos dias seguintes, pois alguém havia escrito “sapatão é revolução” no ponto de ônibus, muros e postes.

*Quem já viu isso? A pessoa sair para trabalhar e encontrar escrito no ponto de ônibus: sapatão. Um desrespeito.* Negrita, outra organizadora, concorda e completa: *Não precisa tanto. Não gostei do picho.* Cabocla se defende dos olhares de estranhamento afirmando que *não é preconceito, tudo bem ser sapatão, mas isso não precisa estar escrito no bairro, isso ofende.* Na mesa, enquanto rola a conversa, Nega e Mel, lésbicas negras da rede, permanecem em silêncio ouvindo o quanto uma intervenção realizada e celebrada por elas dentro da periferia, foi recebida por algumas mulheres feministas. Na mesa havia muitas mulheres da rede e nenhuma fez qualquer colocação. Sempre lembro deste dia e da expressão de Nega e Mel, com face de abandono e solidão. Mel, alguns anos depois, sobre essa e outras situações, disse *nem sempre consigo reagir, gostaria que, às vezes, uma pessoa pelo menos, me protegesse.*

Sulamita Assunção em sua dissertação de mestrado (2018) *Quebradas feministas: estratégias de resistência nas vozes de mulheres negras e lésbicas negras da periferia sul da cidade de São Paulo*, investiga dentro dos coletivos estratégias de resistência e conflitos que a fizeram construir uma separação entre vozes de mulheres e de lésbicas negras, pelas invisibilidades compartilhadas e distintas. Em suas palavras:

A naturalização do silenciamento dessa e de outras dores foram responsáveis, ao longo desse tempo, por tentar destruir a minha subjetividade. Isso porque o que absorvemos facilmente em uma sociedade racista e machista é que não podemos falar, que não somos ninguém, que somos culpadas. Então, às vezes, é preciso que alguém nos diga algo diferente para que possamos perceber que o sentimento de autodepreciação e que os processos de silenciamento da nossa fala, expressão, corpo, território, sexualidade e existência, não são individuais. (ASSUNÇÃO, 2018, p.25)

Naquela noite o bar do Ceará reunia distintas mulheres ativistas, negras, periféricas, lésbicas em uma pluralidade estética, perfil profissional, posicionamento político; todas se aglutinavam neste complexo entre vida e ativismo. Era uma rede de afinidades em que afeto, política e amizade eram celebrados no processo de construção de projetos, mas a colocação e o silêncio diante do *exagero* de marcar os muros com *sapatão* foi o disparador de exclusão, invisibilidade e silêncio. Nega pediu um *Uber*, preferiu ir embora sem dizer uma palavra. Mel continuou a conversar e a partilhar outros projetos e ações. A saída de Nega e a continuidade de Mel apontam por caminhos distintos e formas de lidar com a afirmação e vivência da sexualidade lésbica na periferia. Se retirar ou ficar em silêncio marcam os desafios de visibilidade, seja por meio da presença ou

mesmo da ausência. Em outra situação, diante da vivência lésbica e bissexual de parte significativa da rede de mulheres, Negrita e Cabocla avaliam que esse crescimento é *um pouco escandaloso* e afirmam *um apagamento das questões afetivas de mulheres que se relacionam com homens*.

Partindo das contribuições da antropóloga Suelly Aldir Messeder em seu artigo, *Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória*, apresenta cinco cenas de situações cotidianas na qual mulheres lésbicas em experiências amorosas trazem à tona a performatividade e enquadramentos heteronormativos. Em sua análise, ela aponta uma importante contribuição para a compreensão do lugar de negras lésbicas na zona sul de São Paulo. “A identidade lésbica é constitutiva do sujeito, fornece-lhe um limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. E, assim, a heterossexualidade acabou por se tornar a norma, passou a ser concebida como ‘natural’”. (MENSSEDER, 2012, p. 156)

Deste modo, negras lésbicas se veem expelidas da rede de mulheres negras e encaram *essa certa conduta respeitosa*, que reitera outros códigos de comportamentos dentro da periferia, como forma de camuflar suas afetividades e, quando rompem esse código, são alertadas. Paralelamente, elas permanecem e apontam conflitos e desmontam moralidades presentes. Entre gargalhadas e choros, produzem seus lugares e vão traduzindo e vocalizando outras experiências negras e formas de existir, resistir. Alva, no mesmo bar, conversando sobre filmes e roteiros que vamos fazer afirma um outro caminho possível. *Um dia quero parar de falar de violência. Tem tanta coisa para falar sobre ser lésbica, ninguém imagina a paz que é deitar-se ao lado de sua mulher mesmo sabendo da guerra que vivemos*.

Percebo que esse não é o sentimento de mulheres bissexuais com relacionamento com mulheres dentro da rede, grupo do qual faço parte. A sexualidade lésbica traz certa fragilidade às relações, o receio de exposição diante do comportamento e um aspecto elogioso de uma postura mais distanciada, que emerge também do medo da lesbofobia, da exposição e do apagamento. Não é coincidência que algumas mulheres negras que trago para esse diálogo não apreciem abraços e contatos físicos. Percebo a operação de um complexo dispositivo de regulação da sexualidade que, entre acessos e afastamentos, opera na corporalidade de negras lésbicas pertencimentos e negações que tangenciam os

marcadores de raça, gênero, sexualidade e território. Sendo o último, uma cadeia complexa de experiências de violência, afetos, visibilidade e clandestinidade.

A centralidade do corpo nas relações aparece também em outros cenários. Em meio à pandemia a Coletiva de teatro da Oprimida, *Ybyra TO*<sup>19</sup>, no mês da visibilidade lésbica durante a pandemia em 2020, produziu um vídeo em torno da questão: "*Quais imaginários você ajudou a construir para que o Google "visibilize" nós, lésbicas negras, assim?*"<sup>20</sup>. As imagens da plataforma de busca Google para "lésbicas negras", na época eram hipersexualizadas e pornográficas. O vídeo ganhou uma grande repercussão e contribuiu para a reflexão sobre o lugar da mulher negra lésbica e bissexual na sociedade, nas relações sociais e, principalmente, nas mídias. O vídeo foi veiculado pelo Instagram e teve mais de quatro mil visualizações, um impacto positivo na mudança dos algoritmos de pesquisa para negras lésbicas pela Google. No vídeo, é perceptível a dor e o engasgo diante das imagens, uma consolidação do lugar marginalizado em que a sexualidade encontra contornos sem vida. Os algoritmos materializavam em imagens a encruzilhada cruel e complexa de raça, gênero e sexualidade.

Retomando Susan Holland-Muter, percebo uma relação entre a rede de mulheres negras e sua complexa relação com negras lésbicas na contradição dos processos de fazer casa e se sentir em casa. Os mundos de negras lésbicas são produzidos no cotidiano, em momentos e contextos particulares, efêmeros e contingentes. Os amplos processos revelam nuances de raça, gênero e classe social, revisitados pela sexualidade. O território se torna lugar de construção de identidade, afetos e pertencimentos não vivenciados por espaços centrais historicamente reivindicados pelo movimento LGBTQIA+ e marcados como vivências brancas e de classe média para lésbicas negras. Ao mesmo tempo, o território pode ser lugar de invisibilidade e silenciamento de sua sexualidade e, contraditoriamente, de relações e afeto. Suas narrativas revelam contrastes e concorrentes dentro da cidade, concomitantemente posicionado quanto um lugar de consolidação pessoal, libertação, resistência e afirmação, sem esconder, a exclusão, a violência e a invisibilidade.

---

<sup>19</sup> Ybyrá Teatro das Oprimidas é uma "grupa de Teatro das Oprimidas formado exclusivamente por lésbicas e mulheres bissexuais".

<sup>20</sup> O vídeo está disponível no Instagram sob o nome de Lésbicas Negras Outras Narrativas no link [https://www.instagram.com/tv/CEfXTv\\_HV7s/?igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/tv/CEfXTv_HV7s/?igshid=YmMyMTA2M2Y=) acessado no dia 29 de agosto de 2020.



## 2.4 *Dar conta*: narrativas de cuidado e abandono

*Dar conta* é uma expressão que aponta sobrecarga de equilíbrio ou desequilíbrio. O maior medo de muitas mulheres é não conseguir mais *dar conta* de todas as esferas da vida. Nessa encruzilhada mora o tempo e o desejo do seu controle para gerir sonhos e desejos, responsabilidades de cuidado com outros, vida profissional, afetiva e política. O choro compulsivo de Negona dentro do terreiro de candomblé evidenciou esse sofrimento, cansaço e desespero. Ela chorava compulsivamente, expressava um cansaço doloroso, sua fala saía quase sem voz. Ela estava ali buscando apoio nas entidades espirituais, por não conseguir dar conta de toda sua família e assombrada pelo medo de perdê-los. Estávamos em três mulheres ao lado dela, junto com o Marinheiro<sup>21</sup>, apoiando e acolhendo seus medos. Aquela não era mais uma pessoa, era uma amiga íntima com a qual partilhamos a vida. Eu começo a chorar, por ela e por mim, sei bem o que é tentar dar conta. Uma das mulheres ali resignada diz *Deus só dá a cruz que conseguimos carregar*. Eu odeio essa expressão, mas fico calada. O Marinheiro diz *tem cruz que não conseguimos carregar, né Dona Alessandra*. Eu, em lágrimas, confirmo.

Apesar dessa cena ter me marcado, não foi uma exceção no campo. O cuidado é marca da trajetória e vida dessas mulheres. O cuidado financeiro, afetivo, doméstico, materno, com os velhos e parentes são tema frequente, bem como, a necessidade de cuidado de si e de construir *territórios de existência* (FERNANDES, 2018). Talvez, esse elemento seja um dos mais silenciados na expressão política do ativismo de mulheres negras, pois mesmo diante da denúncia do lugar historicamente marcado pelo cuidado, as expressões mais íntimas de amor, culpa, vergonha e exaustão são veladas. *Eu queria sumir* foi a expressão utilizada por Morena diante das crises de ansiedade em 2021. Em plena pandemia, a exaustão de se sentir aprisionada com mãe, filho, trabalho, estudos e demandas mais *existenciais* quase a levaram ao que ela chama de *loucura*.

O cuidado é um ponto sensível da construção dessa pesquisa. O cuidado envolve e, muitas vezes, organiza o cotidiano das mulheres com a qual realizo a pesquisa e compartilhamos muito sobre as práticas do cuidar. Pedro Lopes em sua tese de doutorado *Deficiência na Cabeça: percursos entre diferença, síndrome de Down e a perspectiva antropológica* apresenta a potência dessa noção para compreensão das relações de cuidado.

---

<sup>21</sup> Marinheiros são entidades da umbanda.

A força da noção de cuidado, portanto, está nas inúmeras e multiformes conexões que ela permite estabelecer. Ofereço alguns exemplos. O cuidado estabelece vínculos variados entre pessoas, que podem ser descritos na linguagem do parentesco: o cuidado por crianças, o cuidado por velhos e velhas, o cuidado por pessoas com deficiências, o cuidado por pessoas adoecidas ou acidentadas, o cuidado por pessoas que trabalham fora de casa, o cuidado por pessoas que trabalham longos períodos, o cuidado por pessoas fragilizadas, o cuidado pela manutenção do cotidiano etc. Atribuir essas relações à linguagem do parentesco faz sentido, mas tais atividades também podem ser realizadas por profissionais: babás, educadores e educadoras, enfermeiros e enfermeiras, acompanhantes terapêuticas ou acompanhantes terapêuticos, assistentes sexuais, empregados e empregadas doméstica etc. A profissionalização de atividades de cuidado tem dimensão de gênero, classe, raça e deficiência fundamentais, e sentidos laborais, morais e afetivos muito densos. (LOPES, 2020. p.131)

É interessante observar, a partir das contribuições do Pedro Lopes, que apesar dos equipamentos de educação, cultura e assistência social que ofertam práticas de cuidado, por conta do acesso à recursos econômicos para sua profissionalização, grande parte das relações de cuidado é realizado na linguagem do parentesco e essa noção complementam as dinâmicas de gênero no qual as mulheres com as quais realizo esta pesquisa estão inseridas. Esta noção de cuidado é extremamente rica para pensar e analisar o cotidiano, a dimensão do cuidado não está só nos gestos de manutenção da vida, a alimentação, a higiene, a educação, a atenção à saúde, mas nas infraestruturas sociais: o Estado, o mercado de trabalho, a indústria, a mídia, a arquitetura. E quanto mais a sociedade a abandona e rejeita, mas a linguagem do parentesco amplia a necessidade de cuidado.

Denise Pimenta em sua tese de doutorado (2019), *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)*, discorre sobre a epidemia do ebola atrelada à vida e morte das mulheres em Serra Leoa pelas práticas do cuidado dispendido aos familiares e amigos. Destaco em seu trabalho como trama de afetos e responsabilização em torno da epidemia constrói uma política de risco e de morte para mulheres. Perguntando a uma de suas interlocutoras porque morriam tantas mulheres de ebola ela é surpreendida com *because of love*. O amor traduzido nessa fala e na dissertação de Denise está longe dos moldes românticos. Primeiramente, esse amor é prático, cotidiano, trabalhoso e, também perigoso:

A base da vida é o cuidado. Cuidar é um ato transformador, ambivalente e ambíguo. Cuidado é *phármakon*: remédio, veneno e cosmético. O mesmo cuidado que salva, mata. Cuidado, estendido em decorrência do “amor”, é um fardo que recai sobre as mulheres. (PIMENTA, 2019, p.11)

O ponto de Denise Pimenta é muito primoroso para nossa discussão. Longe de uma expressão amorosa e afetiva da vida, o cuidado é uma expressão pragmática repleta de rotina, que envolve recursos financeiros, físicos, emocionais e tempo. Assim, para além da romantização do amor sem contradição, sua expressão prática é cansativa, trabalhosa, dolorosa. Encontro Negrita na padaria. As duas de máscara em meio a a instabilidade da pandemia. Conversamos alguns minutos e desabafamos um pouco. Ela me diz, *saio de casa com o peso de toda a louça e bagunça. Agora as coisas estão mais calmas e mais caras, meu pai está morando comigo. Preciso resolver o que fazer com o cachorro do meu outro irmão, agora o mais novo está com asma e os pelos são muito ruins para ele. Eu me endividei muito por conta da minha família, sinto que preciso estar sempre apoiando minha mãe e irmãs.*

São muitas anotações sobre as decisões que permeiam a vida das mulheres negras que compõem essas narrativas que alinhavam no seu cotidiano questões, problemas, cuidados e necessidades dos seus familiares, amigos e parentes. O texto de Cidinha da Silva traduz o peso do cuidado nos seguintes termos: “Adoecemos porque nos sentimos frágeis, mas, ainda assim, nos responsabilizamos por todos que estão a nossa volta. Temos muita prática em cuidar, pouco sabemos ser cuidadas<sup>22</sup>” (SILVA, 2012). Fica evidente a relação entre *cuidado perigoso* e a vida das mulheres negras ativistas da zona sul de São Paulo, esse perigo é expresso de diferentes maneiras, podendo virar risco de morte durante a pandemia da COVID-19. A responsabilidade de cuidado *por todos* consiste na relação prática e numa gramática moral que dificulta o cuidado de si.

Inspirada no sensível artigo de Camila Fernandes (2018), *O tempo do cuidado: batalhas femininas por autonomia e mobilidade*, sobre o cuidado como expressão de gestão do tempo, organizo as narrativas de cuidado dentro da rede de mulheres negras da zona sul em três dinâmicas. *O tempo para os outros*, pensando o cuidado com parentes, amigos, ativismo e “outros” sujeitos; tendo em vista que muitas mulheres do meu campo de pesquisa não são mães e evidenciando que neste recorte geracional, de gênero, raça e classe isso configura-se como uma transgressão à narrativa corrente sobre mulheres e seus corpos. *O tempo de ficar com* expresso pelos cuidados e conflitos da maternidade, vivenciadas por algumas mulheres e os conflitos inerentes a esse cuidado. E, por fim, *o tempo pra mim* como possibilidades de cuidado pessoal, autorrealização, diversão e lazer.

---

<sup>22</sup> Transcrição do espetáculo *Sangoma* da Capulanas Cia de Arte Negra.

A seguir, discuto com mais profundidade estes três eixos de análise.

## 2.5 Tempo para os outros

*quem dera minhas inquietações  
tivessem apenas relação  
com as pontas ressecadas de meu cabelo  
com as unhas que deixei de pintar  
ou com os livros que queria ler  
mas não fui adiante*

*ao meu redor  
os cômodos parecem engolir minhas forças  
roupas para lavar são monstros,  
pias com louças engorduradas são monstros,  
chão para varrer, banheiro pra esfregar,  
panelas que agonizam – monstros impiedosos!*

*passo horas baratoteando  
de um lado pro outro  
procurando onde deixei  
as chaves, o cartão, o carregador  
e a insustentável  
leveza de ser  
equilibrando com deslizos  
projetos inacabados  
pensamentos não lineares  
contas vencidas  
e o doce sorriso  
de meu filho*

*manter-se bem  
manter-se saudável  
manter-se animada com a vida  
alimentar a fé  
são utopias de quem busca  
sobreviver em meio  
ao caos mental  
a precariedade  
e o sonho*

*ando na rua de cabeça erguida  
os que me veem  
desconhecem minha trilha  
andar com uma casa que anda  
andar com memórias que andam  
andar com preocupações que correm  
andar com desejos que ecoam  
o pesado f(ardo)  
de ter que dar conta*

*segura a marimba,  
segura a marimba, nega!*

*refém do cansaço  
por vezes perco a paciência  
complexidades e complexos  
me confundem  
então, me lembro de não esquecer  
de onde vim, pra onde vou*

Jenyffer Nascimento

A poesia de Jenyffer Nascimento, publicada conjuntamente com fotografias de sua performance no Instagram do SESC do Campo Limpo, nasceu do um convite de Fernando Solidade. A narrativa e as imagens apresentam parte da reflexão de mais de uma década sobre os conflitos entre os tempos e a vida. Os incômodos com o monstro doméstico, do cuidado, do ativismo e outros sem número de demandas, são apresentados com peso, fardo, confusão e conjuntamente com a necessidade de *dar conta, segurar a marimba* e não esquecer. Tanto a poesia quanto a performance brincam com a dualidade, pois entre os cuidados estão listados: cuidar de si, ficar bem, saudável e animada com a vida, traduzindo os sentidos de força tão cobrado socialmente.



Figura 7 - Fotografia Fernando Solidade - Arquivo: Jenyffer Nascimento.





Figura 8 - Fotografia Fernando Solidade - Arquivo pessoal: Jenyffer Nascimento.

A performance e a poesia de Jenyffer Nascimento encarnam as complexidades do tempo e do cotidiano, expressos em miudezas. Esponjas de lavar louças, vassouras, funil, ralador, guarda-chuva, conta de luz, tábua de carne, panelas, bacias, talheres, chaves, cadeados, esmaltes, espremedor de alho, fitas métricas, sacolas e outros tantos objetos dispostos sobre o seu corpo dentro de um cenário típico de casas, escadão, fios de eletricidade e roupas no varal na periferia. A imagem encarna o peso cotidiano que recai sobre as mulheres e se junta as suas preocupações, presente na contradição entre cuidado de si e os *monstros impiedosos* ao seu redor. É muito difícil abordar o *tempo para os outros* sem passar pelos inúmeros rituais cotidianos.

Tempo e cotidiano se entrelaçam na percepção do cuidado com as pessoas próximas. Nem sempre o tempo do cuidado com outros aparece explícito, às vezes, são os rituais cotidianos que expressam os compromissos e a continuidade para com a família, amigos e o próprio ativismo. É em meio às inúmeras decisões cotidianas que o complexo trabalho de *care* se mostra. Uma decisão por não ir a uma viagem, não aceitar uma oportunidade de trabalho, ir embora mais cedo, não ir a determinado evento. Como nunca a pandemia revelou essas nuances na rede de mulheres negras.

A compra de móveis novos para a família, a pintura da casa da mãe, a primeira viagem de avião dos irmãos, o pagamento de mensalidades, convênios, apoio às inúmeras vaquinhas e rifas. Diálogo, presença e apoio para com as pessoas ao redor. O tempo como acompanhantes - em consultas e hospitais com os amigos, famílias, vizinhos e filhos das amigas - vai constituindo uma teia de compromissos. É por meio das preocupações e do tempo que o cuidado atua simultaneamente produção de subjetividade e da vida. Denise Pimenta em seu campo percebe a mesma relação entre cotidiano e cuidado, “é em suas tramas que, mesmo durante a guerra civil ou epidemia, a vida pôde ser refeita, reproduzida. A meu ver, o cotidiano, preenche de criatividade, suporta o mundo nas costas” (PIMENTA, 2019, p. 12). Esse ponto também é desenvolvido no trabalho de Milena Mateuzi Carmo:

(...) este cuidado extrapolaria o espaço doméstico, se reproduzindo no âmbito público: presídios, políticas sociais, mundo do crime e movimentos sociais. E, se por um lado essa tarefa do cuidado é experimentada como sobrecarga que produz esgotamento e adoecimento, por outro, se constitui como possibilidade pela qual as mulheres refazem e reabitam mundos depois de perdas e sofrimentos. Neste processo, estariam não apenas produzindo-se a si mesmas, mas também teceriam redes que entrelaçariam família, vizinhança, ativismo, além do próprio Estado, como forma de mitigar os efeitos destas violências. (CARMO, 2019, p. 12)



É muito difícil descrever o cotidiano pelo fato que em grande parte do tempo de nossas vidas, dias, meses, anos, décadas são investidos em amenidades aparentemente sem importância e ao mesmo tempo fundamentais. É nestas atividades que o tempo e a vida cotidiana vão se entrelaçando. Fazer o almoço, tirar e pôr a mesa, pensar na mistura do jantar, ir ao mercado, lavar louça, colocar o lixo para fora, arrumar a cama, lavar as roupas, colocá-las e tirá-las do varal, conversar com as crianças e adolescentes e conferir os horários são imagens da fluidez dessas pequenas miudezas que tomam grande parte do tempo. São práticas essenciais para a sustentação e quando essas formas de asseio e cuidado são interrompidas, rapidamente, o caos interior se manifesta na visualidade da casa e soam alarmes de preocupação. A rede se alimenta de eventos, encontros, celebrações e visitas às casas das amigas. As grandes conversas e diálogos se dão entre tarefas domésticas em meio ao enredamento da vida prática e aos anseios dos novos projetos, viagens, encontros e espetáculos e, nas mais variadas experiências de discriminação, violência, reconstrução e empoderamento. A vida acontece embrenhada neste cotidiano que integra vida doméstica e espaço público.

Durante a pandemia de COVID-19 as mensagens sobrelotavam os celulares. Com menos de um mês de pandemia a situação social e econômica de algumas atividades das mulheres da zona sul era bastante preocupante. A rede de mulheres da zona sul construiu uma campanha de arrecadação de alimentos e recursos financeiros por meio das redes feministas *Periferia Segue Sangrando* e *8M* na quebrada. Eu me envolvia parcialmente nas ações. Estava de luto pela perda recente de minha mãe e preocupada com a reorganização familiar. Mesmo com um envolvimento restrito, tomada pelo trabalho formal e uma série de sentimentos, entreguei muitas cestas básicas, principalmente no Jardim Nakamura no distrito do Jardim Ângela.

Existia um tom de emergência em todas as solicitações e o cansaço físico de algumas mulheres da rede foi crescendo e virando um processo de esgotamento emocional. É emocionalmente perturbador lidar com a pandemia, os protocolos de segurança, o isolamento social e os assombros da fome e da morte. Minha vida sempre foi permeada por práticas de cuidado com minha família, amigos e com o ativismo. Percebo uma estranha ambivalência entre a tentativa de rompimento com esse lugar de cuidado e o papel deste mesmo lugar na minha construção como sujeito. O processo de investigação foi desvendando aspectos importantes da minha construção e da rede que componho.

É difícil desvendar qual é o *tempo para os outros* quando ele se mistura com nossas afetividade e ativismo. Sinceramente, não consigo mensurar no meu cotidiano, nem em minha memória sobre o primeiro ano da pandemia e nem dentro da rede de mulheres periféricas. O tempo se perde nestes arranjos e o que fica são as lembranças dos grandes eventos que vivemos mais de um ano com todo mundo dentro de casa, realizando distribuições de mais de quatrocentos cestas básicas, realizando mudanças de casa, mudando o terreiro de candomblé, apoiando lutos, indo a hospitais e cemitérios e arrecadando recursos para enterros. Eram constantes os choros, o esgotamento emocional e o cansaço.

Buscando formas de construir esta narrativa sobre o *tempo para os outros* conectada ao tempo de trabalho e de construção de mundos a tese de doutorado de Denise Pimenta foi uma das grandes referências. Sua construção evidencia como “a violência também está no dia a dia, na forma de cuidado perigoso”. (PIMENTA, 2019, p. 138). Não posso fazer a mesma afirmação, mas em grande parte a continuidade de sua reflexão expressa o ritmo da vida das mulheres negras e periféricas do meu campo.

Nunca conheci uma serra-leonense que deixasse de cuidar de seus velhos, maridos, pais, irmãos, filhos e vizinhos. Porém, não presenciei qualquer romantização a respeito desse pesado cuidado oferecido por elas. Jamais deixariam de estar presentes e cuidar dos seus, no entanto, assumiam o cuidado como uma obrigação familiar, não minimizando ou relativizando o cansaço e fardo das tarefas. Para elas o cuidado também era amor, mas sabiam e reconheciam o quanto o amor podia pesar em seus dias. (PIMENTA, 2019, p. 138 - 139).

Existem diversas formas práticas em que o amor se transforma e pesa sobre os dias. Uma dessas formas se manifesta com os cuidados espirituais com aqueles que amamos e queremos proteger diante dos riscos eminentes de uma pandemia. Este aspecto ganha destaque no cotidiano da zona sul e em Serra Leoa: *unguentos*, feitiços, banhos, orações junto com os protocolos de segurança marcam o cotidiano pandêmico. Ao ler sobre os *healer* e os *jujus*<sup>23</sup> e seu papel durante a guerra civil e epidemia do ebola me fez remeter aos rituais realizados durante esse período. Em determinado ponto, paralisei. Ao ler relatos da antropóloga Denise Pimenta, de um lugar distante e suas práticas espirituais, me senti sem lugar nesta etnografia e na própria antropologia. Chorei por dias. O disparador deste fluxo de sentimentos foi a percepção do meu corpo, como imagem,

---

<sup>23</sup> *Healer* são curandeiros e *jujus* feitiçeiros poderosos numa simplificação de linguagem. A tese de Denise Pimenta (2019) aborda como a feitiçaria é mobilizada durante a epidemia do ebola e a guerra civil em Serra Leoa.

vestido com um lençol branco enquanto pilava num pilão de mão uma mistura de ervas e outras iguarias, enquanto fazia a leitura de sua tese de doutorado. Seria possível ocupar uma fronteira entre feiticeira e antropóloga? Como esses universos se alinham na escrita, nas crenças e na vida? Como não transformar a minha própria imagem em lugar de subalternização de saber? E, principalmente, como os marcadores sociais da diferença atuam tão profundamente na minha própria composição, capaz de reconstruir meu projeto de escrita e de conhecimento?

Durantes estes dias, encontrei uma possibilidade de vocalização dessa imensidão de sentimento na poesia de Luz Ribeiro e finalizo com ela.

*Eu queria acreditar em mim quando digo  
Que amanhã é outro dia,  
Outra oportunidade.  
A real é que amanhã será outra luta e eu tô cansada  
"mesmo sabendo disso  
abandonei esse poema  
sem ter largado  
as mágoas dele  
e sem fazer as pazes  
reconciliamos"*

*Descobri hoje que a ferida é um rombo cheio de larvas sanguessugas que me corroem em  
silêncio.*

*Estou sentindo raiva de mim por ter me posicionado ao meu favor quando,  
depois de retalharem meu emocional e distorcerem meu discurso,  
percebi que me ignorar seria o mais saudável  
Talvez se eu virasse as costas a torneira continuaria pingando e eu mesma teria que estancar o  
vazamento, mas não estaria tomando tombo nessa poça salgada.*

*Mas agora...  
tá tudo quebrado,  
eu tô feito aqueles quebra cabeças da loja de R\$1,99 que vez ou outra vêm com peça faltando  
e a gente passa uma vida inteira insistindo.*

*Hoje meu dia começou sonado e regado de criatividade,  
em uma reviravolta ele acabou às 15h  
e por mim... deitaria nesse instante e acordaria daqui 1 semana ou mais  
só para não ter que lidar com os entulhos.*

*Queria acreditar em mim quando digo que amanhã é outro dia,  
outra oportunidade.  
A real é que amanhã será outra luta e eu tô cansada.*

*Eu não sei dizer como aconteceu.*

*Em um instante eu estava segura,  
no outro eu tava em coma,*

*outro flash e eu tive uma crise emocional.  
Acordei no chão e com os olhos inchados.*

(...)

Luz Ribeiro

## 2.6 Tempo de ficar com

Preta diz que o seu maior desafio na vida é ser mãe, afinal ser responsável pela vida de outra pessoa não é para os fracos. Nega diz não ter saúde para cobrar pensão do pai de seu filho e agora evita até cobrar sua presença, pois na última vez que pediu um *favor* ao pai de sua filha levou um prejuízo dos grandes. Morena também já caiu nos golpes do pai do seu filho, ouvia Nega contar uma história conhecida. Ao meio de gargalhadas e indignação. Piadas com a própria inocência diante da solidão, do cuidado com seus filhos e indignação com esse *desamparo*. A indignação é a mesma que as interlocutoras de Camila Fernandes mostram em seu artigo *A força da ausência. A falta dos homens e do Estado na vida de mulheres moradoras de favela* (2018). É difícil narrar ou transformar esse sentimento de desamparo, nenhuma palavra conseguirá verbalizar tantas críticas ao pai ausente de seus filhos e, assim como as interlocutoras de Camila Fernandes, ali em meio a gargalhadas e desespero elas tinham a certeza de que não adiantava fazer nada.

As evocações sobre ausência e solidão são marcadas a partir das frases: “o pai dele não dá nada, nada” ou “dá 200 reais e acha que tá fazendo muito, sabe?”. As falas sobre a “falta” são quase sempre encerradas com o semblante de fatalidade remetendo a algo que não tem solução, a partir de frases: “é assim mesmo” ou “não adianta fazer nada (FERNANDES, 2020, p. 215).

Cheguei na casa da Preta no final da tarde, no sábado. Somos íntimas, liguei e disse que passaria lá à tarde para paparmos e tomar um café. Quando cheguei em sua casa Preta estava nervosa brigando com seu filho de quinze anos, que estava saindo para encontrar uns amigos. Preta estava aos gritos com o menino, *você não tem malícia, não sabe de nada, nem imagina o que acontece. Para fazer o que você quer [...] precisa segurar o rojão e você não segura*. Ele falava alguma coisa que eu não conseguia ouvir, enquanto entrava no quarto. Perguntei se estava acontecendo alguma coisa, ela acenou com a mão e o menino sai do quarto e fala: *agora tá bom! Posso ir?* Seu filho me

cumprimenta, sai e, imediatamente, pergunto o que está acontecendo. A grande questão da discussão era que seu filho queria sair usando um *juliet*.

Precisamos contextualizar para melhor compreensão da discussão e dos sentidos, tanto para mim quanto para Preta, sobre quando o *juliet* foi mencionado e os emaranhados de preocupações e cuidados que ele remete. *Juliet* é um tipo de óculos escuro espelhado, normalmente com as lentes coloridas (verde, amarela, azul, rosa) e armação em metal, esse modelo de óculos foi lançado pela marca Oakley há mais de dez anos. O desejo da lente *Juliet* está para o funk assim como chapéus de *cowboy* para o sertanejo, a diferença é que jovens que apreciam o *estilo* sertanejo não são estigmatizados por usar certos adereços; diferentemente da juventude periférica que gosta de funk e que também se caracteriza com adereços que foram pensados para o funk. Quando Preta se exalta não é o objeto em si que a ofende, a ofende a inocência de seu filho preto de sair por aí com um símbolo que o faz alvo de estigmas, discriminações e violência policial.

Preta temia pela integridade de seu filho. Ao ver ele crescer percebe que sua inocência e proteção precisam ser rompidas, ele precisa amadurecer e *segurar o rojão*; assim como Preta, na criação de seu filho *segura a marimba*. Ela sabe que ao sair com alguns signos, no caso *Juliet*, ele seria estigmatizado e o medo era que seu filho fosse destrutado nos ambientes, parado pela polícia, preso ou algo parecido. O medo acompanha muitas mulheres. Negrita tem medo de que seu filho *vire bandido*, tem medo dele seguir os caminhos da família paterna, *algo que está no sangue* mesmo com os rompimentos dos ambientes e o fato da criança ter apenas sete anos. Eu compreendi completamente o sentimento de Preta, não era um sentimento desconhecido. É contraditório e aceitável viver numa dinâmica entre vida íntima e ativismo, num momento você está sentada numa mesa de debate para falar sobre a potência da juventude periférica, do estilo e do funk, em outro, você chega na sua casa e teme pelos seus filhos, sobrinhos, netos.

Falamos um pouco sobre seu filho e o pavor de criar um menino na periferia sul de São Paulo e coloquei que talvez fosse melhor buscar alternativas para estabelecer aquele diálogo, uma vez que a produção da masculinidade passava por um lugar de muita violência - como seria impedir tanto de usar *Juliet*, como de escolher o cabelo que ele deveria ter. Contudo, aquele sentimento me é comum, um movimento de proteção e cuidado. Estranhamente, os meninos negros sofrem uma série de impedimentos com a intenção de que se mantenham vivos e livres. Definir sobre corte de cabelos, estilos de roupas, adornos e lugares são, muitas vezes, para algumas mulheres da rede, um lugar

complicado, contraditório e permeado também pelo desespero, sendo expresso nos gritos de Preta ou nas orações de Morena. Morena atua na rede de proteção da juventude e das vítimas do Estado na zona sul, cada atendimento ela diz: *me sinto no lugar dessa mãe, com o filho preso sem saber o paradeiro. Já imaginou?* Ela imagina e reza sempre, como me disse certa vez.

Não sou mãe, pelo menos assim não me nomeio. Tenho responsabilidades de cuidado cotidianamente com uma adolescente e uma criança, apesar de semelhanças com algumas narrativas e experiências, na minha elaboração até o momento existe um lugar diferente e não consigo compreender a complexidade de sentimentos. Esse lugar de experiência da exaustão pelo cuidado me aproxima, mas alguns sentimentos e experiências me distanciam; assim, estou na fronteira entre as mulheres que são mães e as mulheres que decidem romper com essa narrativa. De alguma forma, isso me permite circular, em parte, entre os dois cenários e os conflitos a eles inerentes.

A maternidade é complexa e dentro da rede existe espaço para marcar *as violências desse lugar social*, para falar sobre o cansaço, responsabilidades físicas, emocionais e o medo. Nesse aspecto, os marcadores de raça, classe e gênero operam de forma singular na narrativa de mulheres negras. Dentro da rede há a busca constante do rompimento com a trajetória de suas mães, tias, avós e vizinhas, como dizia a música do Racionais Mc's desde os anos 90:

2 de novembro era finados,  
eu parei em frente ao São Luís do outro lado  
E durante uma meia hora olhei um por um  
e o que todas as senhoras tinham em comum:  
a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela  
Vida dura  
Colocando flores sobre a sepultura  
("podia ser a minha mãe")  
Que loucura...

Fórmula Mágica da Paz – Racionais MC's

Há mais de duas décadas os distritos da zona sul estiveram estampados nas capas de jornais - principalmente nos mais sensacionalistas, como o extinto *Jornal Notícias Populares* - por meio das narrativas de violência. Nem todo o cenário cultural dos anos 2000 é capaz de apagar as tramas e marcas dessas narrativas, como já salientado nesta dissertação. O medo da violência é constante, mas há um diferencial de gênero. Por um lado, prisões, crimes e violência fazem as narrativas dos *perigos* para os meninos; por outro lado, as meninas aparecem mais com um discurso empoderador, que esconde as

dinâmicas e conflitos vivenciados pelas próprias mulheres com relação aos cuidados, à sexualidade e à violência sexual.

Chama atenção certo apagamento nas narrativas maternas das preocupações com relação às filhas, como se estas trajetórias não estivessem alinhadas à dinâmicas de classe, gênero e sexualidade.

Débora Maria da Silva, liderança do movimento das *Mães de Maio*, é uma parceira da rede de mulheres da zona sul. A voz de Débora oferece um enquadramento, ao denunciar como *violência do Estado* a dor daquelas e daqueles que perderam filhos, tios, primos, amigos, vizinhos e irmãos assassinados. Seu lamento e indignação encontram eco na história dessas mulheres que, por vezes, decidiram ou não ser mãe e sabem do medo de criar uma criança negra na periferia. Assim, como na letra e música dos Racionais MC's existe a sombra de ser mais uma entre as milhares de outras mulheres negras que rumam ao cemitério para homenagear os seus.

Débora Silva dá voz a esse sentimento “*Pois não se esqueçam: eles morreram como filhos, irmãos, pais e avôs, não como terroristas e nem como escravos.*”<sup>24</sup> Em meio a essas narrativas e ao pavor, percebo, assim como Adriana Vianna e Juliana Farias (2011), um complexo arsenal de palavras, gestos e corporalidades em uma tentativa de expressar o sofrimento vivido ou imaginado por algumas mulheres negras em relação aos seus filhos.

Há sempre um resíduo que é anunciado, paradoxalmente, na afirmação da impossibilidade de comunicar plenamente o sofrimento. Frases como “eu não sei como estou aqui”, “só quem é mãe sabe”, mas também gestos, suspiros, um balançar da cabeça em negativa no meio de uma frase interrompida vão preenchendo as falas com marcas desse indizível da dor. (VIANA e FARIAS, 2011, p. 110-111)

Esse temor é tão grande que todos se assustaram ao receber uma mensagem da Negona dizendo que seu filho pretendia abandonar a escola. Por alguns dias, todas pensaram que ele estava abandonando a escola e entrando numa trajetória complicada ligada a álcool e/ou drogas. Será que ele abandonaria definitivamente o Ensino Médio? Nos encontramos, três dias depois no jantar na casa da Morena. Na verdade, o filho da Negona queria sair de uma escola tradicional e muito exigente. Não havia se adaptado ao

---

<sup>24</sup> Trecho da poesia *Apelo* de 2014 de Clara Ianni e Débora Maria da Silva. Videoarte apresentado na 31ª Bienal de São Paulo.

ensino remoto e não encontrava referenciais raciais dentro daquela escola. Na pior das opções ele iria para uma escola de meio período ainda de muita qualidade. Contudo, a rede estava atenta para um anúncio muito mais complicado. No final do jantar, quando todos já haviam partido, eu e Morena dividíamos a última cerveja e fumávamos o último cigarro. Eu e Morena, conversamos sobre nossos imaginários, medos e preocupações que ainda nos atormentam e a necessidade de quebrar em nós a constante *história única*.

Ao passo que tem morada o medo, tem morada também o desejo de fazer diferente, de construir novas narrativas para seus filhos e filhas. Se eles precisam ficar mais *ligeiros* para os desafios da periferia, independente do gênero, eles também são tão protegidos que nossas narrativas chegam aos seus ouvidos *como alardes exagerados*. Conflitos geracionais marcam a relação e as crianças e adolescentes muitas vezes dizem: *não quero ser militante e, também, militam o tempo todo dentro de suas pautas*. Talvez seja esse mesmo temor que atravessa a vida de outras pretas periféricas que optaram por não serem mães e construir outras narrativas para si. A negação da maternidade vem carregada de julgamentos e culpabilização, uma vez que a concepção ainda é pautada na ideia de que uma mulher só alcança a plenitude quando se torna mãe. Marcela Boni Evangelista disserta sobre as nuances subjetivas da maternidade e o papel social idealizado.

Vivemos momentos em que diversos meios reforçam imagens e modelos que as valorizam, importância da maternidade em suas nuances subjetivas. Mas, ao mesmo tempo em que se criam imagens e modelos que valorizam, percebe-se o quanto a experiência feminina com a maternidade é envolta de dilemas. Poucos se preocupam em problematizar a questão e adentrar o universo das mulheres-mães para conhecer, enfim, a sua interpretação acerca deste papel social que é muito mais idealizado do que se supõe. (EVANGELISTA, 2017, p. 127)

## **2.7 Tempo pra mim**

*Eu sinto como se todos quisessem um pedaço do meu corpo. Eu sinto como se muitas pessoas tivessem me comendo viva. Eu só queria ter um tempo pra mim.* Estávamos conversando na minha casa – Nega, Preta e eu - sobre como nos sentíamos cansadas emocionalmente com a pandemia, com o isolamento, com a distribuição das cestas básicas, quando Preta fala como estava se sentindo. Diante das inúmeras necessidades dos outros, muitas vezes em piores condições sociais devido à pandemia da COVID-19, é desafiador salvar a própria carne e *tirar um tempo pra si*. Como no trabalho



de Camila Fernandes, existe uma resistência operando para sair do tempo para os outros “O desenrolar da trama fala do modo como uma mulher mobiliza forças para não se reduzir ao lugar natural atribuído ao universo feminino dos cuidados.” (FERNANDES, 2018, p. 310).

Nesse sentido, em 2015 foi constituído na Zona Sul de São Paulo um espaço de autocuidado de mulheres negras com o nome de *Núcleo de Mulheres Negras: O amor cura*. O núcleo, como era chamado, funcionou de 2015 a 2018 e contou com importantes parcerias como CDHEP e AMMA. Esse era um espaço de compartilhamento de suas histórias, experiências e possibilidade de cuidado emocional, um espaço coletivo para construção de uma dimensão de autocuidado. O que inicialmente consistia no espaço de elaboração de experiências e identificação com outras experiências coletivas passou a ser encarado como *lugar de cura* ou como um espaço potencial de vida para as mulheres negras que participam dessa experiência. A experiência inaugurou em algumas um espaço de beleza, do desfrutar do tempo e da saída das responsabilidades para fruir um tempo entre mulheres negras.

Para as mulheres que se achegarem foi preciso aprender que as nossas necessidades eram importantes, que naquele espaço poderíamos pelo menos por algumas horas nos despir da capa de mulher negra forte, herança de nossas mães, nossas avós num passado marcado pela escravidão onde esconder os sentimentos era meio de sobrevivência e olhar para esse estigma era também ressignificar o que entendíamos por amor, cuidado e afeto na busca de romper as barreiras do discurso e materializar. O que para algumas mulheres com certos privilégios pode ser considerado rotineiro, para nós mulheres negras ainda é uma realidade distante. Uma mesa posta, com flores, toalhas, um farto e bonito café da manhã com direito a música de fundo em um lugar agradável com horas de conversas despreziosas regadas a sonoras gargalhadas como se ali o tempo parasse e assim como uma prática ancestral de amor e cuidado. O círculo estava pronto para começar. (TAVARES *et al*, 2022, n.p.).

A experiência de um espaço exclusivo para mulheres negras e a expressão por meio da fala, silêncio, choro, gargalhada, artes, corpo e psicodramas das vivências de mulheres negras em diferentes contextos de periferia permitiu ao grupo dois movimentos. O primeiro de reconhecer a necessidade do espaço de autocuidado e reconhecer a ausência dessa experiência de afeto e autoamor e, por outro lado, a percepção dos efeitos do racismo em suas trajetórias. Nesse sentido, a palavra *cura* exerce um lugar fundamental de responsabilidade consigo, de percepção que as experiências vivenciadas nas encruzilhadas dos marcadores não podem ser escondidas por meio da “capa de mulher

forte” e que seus processos de negociação, igualmente, trazem efeitos para a subjetividade.

Foi um misto de risada com espanto e daquele encontro em diante aprendi o quanto a fala cura, fortalece suas raízes, desconstrói mitos e as perguntas são repensadas. O que é ser negra? Quando você se reconheceu negra? Qual o significado da negritude em você? A partir dessas perguntas minha voz foi ganhando volume e clareza. (TAVARES et al, 2022, n.p).

O espaço de autorreflexão sobre si que na relação, muitas vezes, é afirmado exteriormente, assim como Vitória Santa Cruz explora na sua poesia *Gritaram-me Negra!*, já citada anteriormente. Ainda na infância, um sujeito é posto em questionamento sobre si, por uma exterioridade, que vai construindo uma perspectiva que responde ao outro. Diante das escassas oportunidades de tempo e espaço de responder a si: qual o significado da negritude em você?

Tenía siete años apenas,  
apenas siete años  
Qué siete años!  
No llegaba a cinco siquiera!  
De pronto unas voces en la calle  
Me gritaron Negra!

Os conhecidos processos de *cura* vêm acompanhados da construção de espaço e tempo para si. Uma saída das redes de afeto e responsabilidade de cuidado para com os outros, ou melhor, do *tempo para o outro*. No mesmo texto, a noção de *cura* está em desnaturalizar a separação entre corpo e mente e sobreviver tentando evidenciar que existe algo errado em uma *inteligência* incompatível com o corpo negro.

Desde a minha adolescência, em todos os processos que vivenciei, fui sendo moldada numa ideia de que eu era uma menina e mulher muito inteligente, e as mesmas falas que diziam isso também deixavam claro que eu tinha um corpo, uma cor e um cabelo que não correspondia com a minha inteligência e clareza nos argumentos, então, eu cresci com uma ideia dissociada entre corpo e mente, como se fossem duas pessoas totalmente diferentes meu corpo, minha autoestima, a minha cor, meus sentimentos. Eu achava que isso era normal, continuei vivendo e sobrevivendo, afinal, a vida deve ser isso mesmo. Sem muito tempo para pensar em mim, pensar nos meus sentimentos. E é isso, vamos viver, eu nunca parei para pensar que isso tinha a ver com o fato de ser uma mulher negra só consegui pensar isso no Núcleo ouvindo as outras mulheres, porque ouvir as outras mulheres e me dar conta de que muitas delas tinham vivido coisas tão semelhantes à minha, fez eu perceber que não era a única e que isso tinha uma importância. Fez muita diferença ouvir as mulheres e falar para elas sabendo que elas eram capazes de entender o que eu sentia, em alguns momentos cheguei a pensar que

jamais teria a coragem de falar aquilo em um encontro com mulheres brancas. (TAVARES et al, 2022, n.p).

Aos poucos a noção de *cura* teve um forte crescimento. De 2015 a 2020 muitos espaços, formações, técnicas e terapias de cuidado e/ou cura surgem nesse cenário, evidenciando a busca insistente por processos de autoconhecimento e cuidado, agora profissional. Antes desta pesquisa, cura parecia compreensível, depois ficou nebuloso. O que significa cura?

Curar  
Não significa  
“nunca mais vai doer”  
Tatiana Nascimento

O crescimento do feminismo negro deu mais cor para a politização da vida privada e íntima. Trouxe à tona uma realidade que parecia imperceptível sobre a vivência de mulheres negras e politizou a produção acadêmica, a saúde e as relações afetivas (CARNEIRO, 2003; MOUTINHO, 2014), dando relevo aos impactos da intersecção dos marcadores sociais da diferença nos mais variados campos. Esse movimento trouxe novas reflexões aos movimentos sociais e à produção acadêmica.

A politização da vida política e subjetiva trouxe novas dimensões para as atuações dos grupos de mulheres negras, entre eles, os coletivos de mulheres negras da zona sul de São Paulo (MOUTINHO, 2014; MOUTINHO, ALVES & CARMO, 2016). Nessa perspectiva a saúde de mulheres passa a ter um ponto central, a divulgação dos dados sobre anestesia para partos, dados de pressão alta e noções simbólicas entrelaçadas à dimensão da saúde trouxe novos temas para o debate das mulheres negras.

*Mulheres pretas têm quadris mais largos e, por isso, são ótimas parideiras; negras são fortes e mais resistentes à dor* são frases comuns que racializam o atendimento médico e os procedimentos de saúde, por exemplo. Contudo, ao pensar em saúde começa a crescer o debate sobre a questão emocional e como a discriminação racial impacta na subjetividade dessas mulheres. Os encontros de mulheres negras permeados por práticas circulares, cuidados espirituais, cristais, terapias menstruais e outras técnicas começam a crescer e dar contorno e cuidado à construção subjetiva das mulheres negras.

Na zona sul de São Paulo, a experiência dos *Onin* - encontro de escuta, troca e formação, fomentado pela Cia Capulanas de Arte Negra - instaurou o debate sobre saúde em seu sentido amplo. Em 1946, a Organização Mundial de Saúde (OMS) - *definiu saúde* como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas

como ausência de doença ou enfermidade. Essa definição está profundamente articulada à construção do espetáculo *Sangoma*, bem como, ao documentário homônimo criado por este mesmo coletivo com direção de Daniel Fagundes.

O documentário começa com imagens de telenovela e retrata como raça é mostrada nas grandes mídias, fortalecendo um imaginário racista que impacta a vida de homens e mulheres. Essas imagens não são apenas fruto da pesquisa dessas mulheres, esse imaginário conversa com a construção de cada uma delas. Essas imagens que invadiram seus lares, sua concepção de si e de seu grupo social como aponta Viviane. *Quando era crianças eu entrei numa bacia com cândida, eu só queria ser paqueta e sabia que não poderia ser negra.*

O documentário faz um corte para imagens da região da zona sul, mais precisamente para a ponte João Dias, fazendo referência à expressão *ponte pra cá*, música dos Racionais Mc's. O corte brusco dá continuidade para as ruas dos bairros da zona sul, chegando ao espaço físico da Cia Capulanas Arte Negra. Todo o filme faz referência à peça e sua concepção de saúde, de uma perspectiva ancestral por um lado e, por outro, às condutas dos serviços de saúde.

Outro ponto de convergência para além da linha do tempo mais rígida que aponta para a construção dessa temporalidade sobre saúde foi a participação das mulheres do território na Marcha das Mulheres Negras em 2015. O ato reuniu mais de vinte mil pessoas em Brasília. A marcha trazia seu lema *contra o racismo e a violência e pelo bem viver*, situando o bem viver tanto como acesso aos serviços essenciais, quanto como a valorização da ancestralidade.

Esses pontos de convergência produziram no território uma valorização das práticas de cuidado e autocuidado, tornando-se relevante às práticas de terapias holísticas, ciências ancestrais, uso de ervas medicinais, criação da relação entre espiritualidade, sabedoria e saúde. Grande parte das mulheres negras que orbitam no meu campo de pesquisa e círculo mais íntimo mantém ativa algumas dessas intervenções de *cura*. Se esse é um processo também relacionado à construção de classe e simbólica dessas mulheres, também se configura como intervenção política.

A Cia Capulanas de Arte Negra em 2020 reeditou e ampliou uma série de intervenções de arte e cuidado voltadas às mulheres negras do território. Flávia Rosa em conversa me disse: *não basta apenas denunciar o racismo, é preciso, acima de tudo, cuidar de nós mesmo, cuidar das nossas feridas e da nossa individualidade, ainda*

*percebo muitas resistências entre as militantes dessa prática de olhar e se responsabilizar por si, afinal, nem tudo é o sistema*<sup>25</sup>.

Em outubro de 2020, Débora Marçal<sup>26</sup> fez uma publicação no Instagram bastante provocativa do lugar do cuidado. *O Sagrado Feminino não é para mulheres negras. Isso, continue reclamando de tudo que foi retirado de você e fique aí esperando alguém vir devolver o tempo que você perdeu sem acessar seu corpo*. Em mensagem privada escrevi para ela: *corajosa sua publicação* e sua resposta apresenta os sentidos de cura expresso nas ações políticas e pessoais dessas mulheres: *É como massagem, tem alguns pontos que precisam de mais pressão que outros* - ou como afirma Tatiana Nascimento na epígrafe a cura não encerra processos.

Outro lugar de destino dos recursos financeiros dessas mulheres são as políticas de cuidado. Grande parte do grupo já experienciou terapias alternativas e organiza atividades com esse foco, como ativismo exclusivo para as mulheres negras. Entre 2018 e 2019 foram realizadas atividades com foco em terapia, baseadas nas filosofias do *tantra*, *ayurveda*, aromaterapia, meditações, entre outras técnicas como educação financeira e coaching de carreira. Uma busca por (re)construir-se, curar-se, cuidar-se teve grande crescimento.

A linguagem da subjetividade é vastamente conhecida e manipulada, bem como a percepção da relação entre a experiência de gênero e raça articuladas às violências psicológicas no campo das relações. Flávia Rosa<sup>27</sup>, na abertura de um encontro de dança e cura para mulheres negras começa o encontro anunciando: *nos cuidar é nossa maior arma política*. Nesse campo do cuidado e relacionado ao estilo de vida, cerca de metade das mulheres que pesquiso estão vivenciando alguma forma de apoio psicológico contínuo, como psicanálise, terapia em grupo de mulheres negras) ou outras técnicas.

Um ponto de diferenciação do grupo que pesquiso e relacionado ao seu estilo de vida é que o universo emocional e a forma como as violências de gênero e raça os atinge é mobilizado no campo do ativismo. Assim, sentimentos, sensações e a forma como lidam com o trabalho, relacionamentos, erotismo, família, relações e com o ativismo também são frutos de sua atuação política. Existe um anseio por entender os impactos das violências raciais e de gênero no campo das emoções, bem como dos conflitos nos quais

---

<sup>25</sup> Anotações do caderno de campo no dia 20 de setembro de 2020.

<sup>26</sup> Débora Marçal é uma importante artista e ativista da zona sul. Sendo uma das fundadoras da Capulanas Cia de Arte Negra atua como designer da Preta Rainha e é diretora e coreógrafa da Banco Macuas e coreógrafa do Bloco Ilu Inã.

<sup>27</sup> Flávia Rosa é terapeuta tântrica e transpessoal e fundadora da Capulanas Cia. de Arte Negra.

estão inseridas. No que tange essa forma de cuidado e como sinalizei na fala de Flávia Rosa a palavra cura ganha enorme dimensão. A maior parte das atividades políticas produzidas por este grupo é de cunho mais profundo de investigação da subjetividade e de cuidado.

Ainda dentro das ambiguidades que consegui perceber nesse primeiro ano e por meio de uma situação drástica que acometeu duas mulheres, repensei e percebi que apesar do discurso de cuidado e das práticas ofertadas nas atividades, essas mulheres não possuem uma sistemática de cuidado, ou seja, não vão ao médico, abandonam terapia e, muitas vezes, não conseguem atender as necessidades de seu corpo.

No final do ano passado Morena ficou muito adoecida com uma infecção que quase acometeu sua vida. Ela estava com uma ferida na perna que desconhecia a origem e ficou mais de um mês sem procurar atendimento médico, mantendo as atividades normalmente, inclusive organizando uma atividade de cuidado de mulheres. Uma semana antes da realização da atividade ela foi hospitalizada com forte infecção, ao sair do hospital contou que a médica havia lhe dito que não sabia como ela conseguiu suportar as fortes dores e o processo de infecção que, por questões de dias, não se tornou generalizada. Estávamos conversando sobre a ferida na sua perna e ela disse *não presto muita atenção no meu corpo, nem na dor que sinto*.

\*\*\*

Em abril de 2019, morreu Tula Pilar, poeta mineira, ativista e revendedora da revista Ocas<sup>28</sup>. Mulher negra de pele escura e voz envolvente, sempre repleta de histórias e poesias. Nos encontrávamos nos espaços dos saraus e em algumas atividades para mulheres. A notícia de sua morte pegou todos de surpresa, afinal, era muito jovem, produtiva, alegre, falante e tão cheia de vida que era difícil acreditar. Faleceu de um infarto fulminante. Sem adentrar na natureza factual de sua morte, é importante aqui a grande mobilização das mulheres da zona sul para seu velório e chama atenção as conversas que se deram durante o cortejo e velório. Não pude ir ao seu velório por conta de compromissos de trabalho. Encontrei algumas mulheres que foram à noite e conversamos sobre como aquela despedida havia nos impactado.

O velório de Tula mobilizou grande parte da zona sul, Embu das Artes e Taboão da Serra. Muitas mulheres estavam em choque por sua morte tão precoce e durante muitos

---

<sup>28</sup> Ocas é uma revista publicada por uma Ong de mesmo nome que é vendida exclusivamente por moradoras e moradores de rua, que recebem todo o valor da venda. Para mais informações acesse o site da instituição Ocas: <https://www.ocas.org.br/> Acessado em 28 de agosto de 2022.

dias este foi o principal comentário nas redes. A partir de uma experiência muitas mulheres faziam uma leitura simbólica sobre o coração e vida de uma mulher negra. Destacava-se a ausência de percepção do próprio corpo e/ou dos poucos cuidados com a própria saúde. Nega, Canela, Mel, Clariana e Amora encontraram-me em um restaurante japonês no Jardim São Luíz. Os comentários eram variados sobre a beleza do ritual de despedida, tão grandioso quanto a personalidade de Tula. Mel me disse que sentia que Tula falava com ela durante o enterro sobre *não se abandonar e cuidar de si*.

Muitas falaram da falta de percepção do corpo e dos poucos cuidados com a saúde. Canela, numa roda de conversa, colocou que *é assim que o genocídio funciona, nos tirando o cuidado com a saúde* e a Negrita disse: *nós [mulheres negras] cuidamos de tudo, só não cuidamos de nós*. Muitas pessoas estavam associando o infarto com o racismo que Tula experienciou na vida, marcando sua experiência como mulher negra de pele escura. Nega, faz uma relação entre o coração e o racismo. No caso a dor física também parecia uma metáfora para a dor emocional dizendo que *se acostumou a viver com fortes dores de cabeça* e dando risada, um pouco sem graça, *completa e no coração*. Clariana completa, *o coração não aguenta*.

Apesar dos desafios para o tempo para si, em contraposição às disputas do tempo e do cotidiano para outros e cientes destes desafios, dentro da rede de mulheres negras emergem iniciativas para além das discussões. Vão se construindo dentro da rede experiências com a ampliação de buscas de alternativas para consolidação do tempo do autocuidado, com a troca de indicações, incentivo aos processos e até mesmo de um apoio e acompanhamento presencial ou pela *internet*. São passos importantes na construção e cuidado de si para que além de aguentar, o coração possa pulsar vida.

### Capítulo 3 - Silêncios e silenciamentos: o assombro do tempo entre a palavra e o vazio

*Quando elas deram sete voltas na árvore não deixaram nada da história pra trás como os caçadores armados pretendiam. Ao contrário, o olhar dos últimos dias, antes da travessia da calunga, guardou tudo que coube no coração e o que não coube a memória refez na chegada. Algumas pularam na água antes de chegarem ao navio e puxaram outras e todas foram afogadas pelo desespero, outras morreram de dor, fome, mágoa e doença na travessia. Aquelas que guardaram o silêncio que reconstrói a vida conseguiram sobreviver. Parece que durante o silêncio o tempo pára e te espera. Aquelas mulheres tinham tudo pra falar e não podiam gritar, então o silêncio falou por elas, não podiam cantar por isso a dor se instalou. As mulheres descendentes delas aprenderam a praticar o silêncio por medo, solidão, tristeza e desespero. Aprenderam a calar a voz e adoeceram caladas. Morreram tristes e sozinhas. Existe um silêncio imposto a nós, no fundo de todas as nossas doenças, são muitos nós, nódulos e tumores da voz negada e da desconfiança da nossa palavra. O mundo não nos enxerga e devoramos toda a comida do mundo e crescemos para os lados para nos tornarmos grandes e visíveis a um mundo que insiste em não nos notar. Adoecemos com a rejeição às nossas formas de ser e de viver, adoecemos quando abandonadas por conta das formas do nosso corpo, dos tons da nossa pele, da textura dos nossos cabelos. Adoecemos porque nos sentimos frágeis, mas, ainda assim, nos responsabilizamos por todos que estão à nossa volta. Temos muita prática em cuidar, pouco sabemos ser cuidadas. Não saber ser amada não pode ser uma sina, uma maldição. Merecemos o silêncio acalanto da escolha, o silêncio da oração, da concentração, da cura. Merecemos o silêncio íntimo de onde brota o canto de louvor e alegria à beleza. Merecemos o silêncio para encontrarmos a nossa alma.<sup>29</sup>*

Este texto abre o espetáculo Sangoma, da Cia Capulanas de Arte Negra, grupo de mulheres negras da periferia da zona sul de São Paulo, estreado em agosto de 2015. Durante todo o espetáculo, um silêncio marcava simultaneamente a formalidade da ocasião e um ar emocionado, acompanhado por lágrimas que reapareciam durante as histórias. Apesar de o tema ser a saúde da mulher negra, o silenciamento foi escolhido como fio condutor da encenação que se ambientava numa casa.

---

<sup>29</sup> DA SILVA, Cidinha, Travessia. Produzido para o espetáculo Sangoma da Cia Capulana de Arte Negra, 2015.



A cenografia e proposta cênica buscavam uma exploração de todos os espaços da casa, oferecendo um ambiente acolhedor, que produzia identificações e acionava memórias do público. Entre goteiras, retratos de casamento, crianças, quintais, flores, ervas, móveis velhos e panos de crochê, objetos criavam uma atmosfera carregada de elementos da experiência de pobreza, de racialização, de exclusão e, principalmente, de gênero.

O apurado trabalho com as memórias era espantoso. Por todos os ambientes, com especial atenção à sala, estava disposto o trabalho do cuidado, a limpeza, a organização, as fotos do crescimento das crianças, casamentos, formaturas e festas. Compunham um arsenal de vitórias de mulheres negras naquele território. Aquele ambiente, não só a cenografia, mas o cheiro de erva fresca defumando o ambiente me transportou para as casas da minha infância e adolescência, com retratos semelhantes e certificados de cursos nas paredes que a gente ficava observando teimosamente, minutos depois do alerta das nossas mães para que não ficássemos “reparando nas casas dos outros.” Ao chegar, a primeira coisa que a anfitriã dizia depois de “entre”, ainda ali, na entrada casa, era “não repara a bagunça”, enquanto nossos olhos borboleteavam por cada canto, discretamente.

O espetáculo trazia essa contradição entre algo muito próximo e distante. Por meio da história de seis mulheres que narravam suas dores e processos de ressignificação de suas trajetórias, a peça de teatro continha momentos que iam da autorrevelação ao segredo, experiências de revolta e vergonha, perdas e lutos. O desenrolar do enredo levava todas as mulheres a partilharem uma mesma casa como espaço potencial de vida e de construção de si, a partir do rompimento do silêncio e da partilha das histórias.

O espetáculo nos serve de abertura para compreender o momento político e o cenário em que vivem e lutam mulheres negras da zona sul de São Paulo e como em meio ao cotidiano atuam expressando, aos gritos ou em silêncio, suas experiências. Até esse momento, por diferentes aspectos, fomos construindo uma aproximação de quem lê com o universo íntimo da rede de mulheres negras. Nesse processo, foi possível compreender a arena para a reflexão, formulação de questionamentos e a vivência dos dilemas compartilhados por estas mulheres, assim como esses processos se relacionam com a produção do corpo.

A percepção da racialização é feita a partir de um corpo que vive a atribuição da raça e do estigma, que se articulam neste corpo que também tem a capacidade de lembrar. Um corpo que se transmuta em memória, território, saber, arte e política. Um corpo de

múltiplos sentidos. E, assim como na epígrafe de Cidinha da Silva para o espetáculo Sangoma, é um corpo que carrega uma memória, um “trauma transgeracional” (CHO, 2008), um entrecruzamento de experiências corporais de gênero e raça. Contudo, trata-se de uma experiência específica que entrelaça estas duas dimensões e produz uma trama na qual é possível falar e silenciar, selecionando o que se fala e o que se silencia.

Dentro deste emaranhado de relações e na dinâmica de atuação das mulheres negras no cotidiano, algumas referências nos sugerem caminhos para a compreensão do fenômeno da denúncia do silenciamento. Trabalhos recentes de ativistas e antropólogas oferecem o suporte para a construção da hipótese desta dissertação, inspirada em Grace Cho (2008), Veena Das (1999: 2011: 2020), Audre Lorde (2019) e bell hooks (2006). Essas obras nos apresentam algumas perspectivas que fornecem categorias e interpretações para pensar como experiências de perdas, lutas e opressões são vividas e corporificadas através dos marcadores sociais da diferença, bem como são, muitas vezes, acompanhadas por uma ausência de linguagem para compreender e dar sentido para dores, sofrimentos e traumas.

Audre Lorde (2019), no ensaio *A transformação do silêncio em linguagem em ação*, partilha uma experiência pessoal de aproximação da morte, com a descoberta de um câncer de mama, que a fez refletir sobre seus próprios silêncios. No ensaio, a autora aponta que o silenciamento é fruto das relações sociais marcadas por “tirantias cotidianas”, ou seja, formas de opressões. Em sua perspectiva, o silêncio se mantém por proteção. Falar contém em si uma dinâmica de “autorrevelação” que, por ser insuportável, causa medo. Este medo, sugere a autora, tem suas raízes na construção da imagem da mulher negra durante a escravização, de uma renúncia de si que provoca a distorção social e subjetiva de sua imagem.

Em sua perspectiva, o silêncio expressa o medo da visibilidade e da própria humanização, gerando o “medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento” (LORDE, 2017, s.p) A autora também argumenta que a própria experiência política produz silenciamentos, na medida em que a mulher negra não é reconhecida na sua complexidade dentro dos movimentos sociais nos quais estaria inserida.

Já para bell hooks, no ensaio *Vivendo de Amor* (2010), a experiência da escravização e pós-abolição geraram um aniquilamento da expressão afetiva, uma vez que a “sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções” (2010, p.2). Desta forma, não só expressar as emoções, mas também elaborá-

las e colocá-las em discurso passa a ser perigoso. Neste sentido, hooks conflui com a perspectiva de Audre Lorde sobre o medo do aniquilamento. Ao levar sua análise para mulheres negras com expressão pública, bell hooks afirma que “aprendemos a negar nossas necessidades mais íntimas, enquanto desenvolvemos nossa capacidade de confrontar a vida pública” (HOOKS, 2010, p. 7).

Ainda neste mesmo texto, bell hooks aponta que, para a mulher negra, a falta de elaboração de suas experiências e sentimentos estaria na sua própria falta de definição interior, e talvez até reconhecimento deste universo. Tendo em vista que ao sentir e definir tais experiências e emoções estaria colocando em xeque sua capacidade de sobrevivência pautada no silenciamento e na repressão dos sentimentos. Então, como estas poderiam ser comunicadas?

Outro suporte importante nos é oferecido pela antropóloga indiana Veena Das (2011). Em seu artigo *O ato de testemunhar* conduz sua análise tendo como foco o contexto indiano, especialmente o que se seguiu à partição da Índia e à formação do Estado nacional, concebido e imaginado como masculino. A construção da violência não como algo extraordinário, mas cotidiano e que aparece por meio de várias violações ao corpo feminino, que é um dos pontos aos quais ela se atém. Logo no início de seu trabalho Veena Das, questiona:

O que isso fez à subjetividade das mulheres? Precisamos perguntar não só como a violência étnica ou comunal foi perpetrada por atos de violação específicos de gênero, como o estupro, mas também como as mulheres tomaram esses signos nocivos de violação e os re-ocuparam através do trabalho de domesticação, ritualização e re-narração (2011, p.11).

As mulheres, em suas expressões corporificadas, configuram os signos dessa gramática violenta de gênero/nação, que orbita uma zona de silêncio. A própria autora utiliza-se de uma metáfora, elaborada pelas mulheres pesquisadas, que expressa sua vivência no mundo: “conhecimento venenoso”. Conhecimento este que se deixa entrever por meio de uma linguagem metafórica que se constitui como narrativa não direta, auto-revelatória, da violação. Em suas palavras,

A formação do sujeito como sujeito com gênero é então moldada através de transações complexas entre a violência como momento originário e a violência que se infiltra nas relações correntes e se torna uma espécie de atmosfera que não pode ser expelida para “fora” (DAS, 2006, p. 15).

Este tipo de conhecimento, o venenoso, manifestava-se no cotidiano e nas formas de perceber a vida, construindo e constituindo as relações sociais, permitindo-lhes lidar com experiências violentas no cotidiano, na reconstrução do dia a dia. Ainda em outro trabalho, *Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos* (1999), a autora nos oferece uma perspectiva sobre a violência. Das fala de um estado de alerta permanente frente à iminência da violência:

A imagem do estado de alerta na ocorrência da violência, da capacidade de resposta onde quer que ocorra na teia da vida, nos leva a perguntar se os atos de violência são transparentes (DAS, 1999, p. 31).

Neste sentido, ela nos leva a ampliar nossa compreensão sobre o silenciamento, não como algo que expressa atos inomináveis, mas também como uma ausência de percepção da violência e como indizível “em contraste com essa plenitude de fala”. Ou seja, como afirma em seu trabalho, Das “gostaria de apresentar um retrato de pobreza, especialmente de pobreza de palavras, e refletir acerca dessa pobreza como uma virtude” (DAS, 1999, p.31)

Soma-se a estas perspectivas o trabalho da antropóloga estadunidense Grace Cho que, em seu estudo sobre a diáspora coreana, busca compreender o complexo processo de produção do silêncio sobre a guerra da Coreia, desde os Estados Unidos. Ela demonstra como as narrativas oficiais, o cotidiano familiar e a produção acadêmica se articulam no sentido de produzir um apagamento da brutal violência perpetrada neste país pelo exército norte-americano, com o intuito de reforçar a imagem de uma guerra bem-sucedida em que os EUA se destacariam como salvadores, fazendo da guerra da Coreia algo a ser esquecido. No entanto, a autora demonstra que este esquecimento não se realiza por completo, ao contrário, ele é constantemente assombrado por fantasmas produzidos pelo próprio silenciamento.

Neste sentido, a figura das “yanggongju” (prostitutas dos acampamentos do exército norte-americano) é fundamental. A partir de fontes variadas, de um texto muito potente e distante de etnografias convencionais, a autora vai demonstrando como muitas dessas mulheres se casaram com soldados americanos imigrando para os Estados Unidos. Cho afirma que “yanggongju” é uma figura assombrosa e assombrada, que transmite através do tempo, o sofrimento não reconhecido e silenciado. A autora se refere a um tipo de trauma que é transmitido através das gerações de famílias assombradas, a partir do apagamento da violência.

Assim, a partir desta bibliografia, podemos compreender por diferentes perspectivas os processos de silenciamento e apagamento de experiências, sofrimentos e vozes. Um diálogo produtivo com esta produção talvez possa ser estabelecido com a ideia de diáspora forçada que, de acordo com Cidinha da Silva, trata-se de uma desterritorialização, que produz um deslocamento subjetivo dos sujeitos mediado pela experiência dolorosa da viagem. Um passado que é corporificado na experiência racial do gênero e na experiência de gênero do racial. Estes conteúdos estariam mobilizados na produção de uma particularidade que não pode ser expressa pelo medo do aniquilamento, mas pelo aprendizado da negação de suas emoções e necessidades como forma de sobrevivência.

A denúncia dos silenciamentos de mulheres negras, especialmente militantes feministas na zona sul de São Paulo, possibilitou uma oportunidade para compreender as dinâmicas a partir de uma lógica de seus “saberes localizados”, que devem ser vistos como ator e agente (HARAWAY, 1995). Por um lado, o silenciamento aparece como metáfora que traduz diversas violências corporificadas, vivenciadas em um cotidiano no qual os marcadores de classe, raça e gênero se articulam e carregar o indizível produz sofrimento. Por outro, ele também aparece como estratégia aprendida na rede de mulheres e parentesco, tanto para manter a vida como para negociar com ela.

O silêncio, nem sempre é silenciamento, assim como a fala não se dá por imposição. Durante o período de pesquisa, pude perceber o silêncio como ator e agente das nossas vidas de mulheres negras. Pude, por meio dele, aproximar minha construção de subjetividade da rede com a qual pesquiso. Seja o silêncio manifestado, como as autoras apontam, por um aprendizado familiar da reconstituição da vida, pelo apagamento da violência, pela escassez da experiência de falar sobre si, pelo medo da exposição pública ou mesmo pela negociação constante com a realidade na qual estou inserida. O silêncio é parte dessa complexa trama compartilhada nos momentos de intimidade.

### 3.1 As palavras escorrem pela boca

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento.

Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra.

*Conceição Evaristo*

A poesia de Conceição Evaristo anuncia, por um lado, a palavra rasgada pelos dentes quando é possível comê-la e, por outro, os mundos submersos onde só o silêncio penetra. Essa relação entre palavra (nutrição) e silêncio (mundos submersos) expressa a interessante relação que Amora constrói no seu cotidiano. Dentro da rede de mulheres negras, Amora marca sua presença, por vezes, incômoda. Sua voz, num tom significativamente alto e sua fala frenética não abrem espaço para outras falantes. Amora, na posição de escuta, mexe seu corpo freneticamente quase não suportando o momento de silêncio. Caminha pela sala e expressa com mãos, palavras e passos suas concordâncias e discordâncias.

Essa ansiedade é visível. Produz uma narrativa-mundo centrada em suas percepções, tendo outras ativistas negras, muitas vezes, como opositoras em sua narrativa sobre diferentes questões: projetos de vida, maternidade, ativismo e cor. Por outro lado, Amora é sempre cuidadosa, provendo doces, salgados, preocupada com a alimentação e elogiosa. Contudo, não tarda em marcar divergências com muitas ativistas negras da rede e, numa disputa ou em conflito, sempre enquadra a outra como branca, na cor ou nos comportamentos.

Amora é um espetáculo que não passa despercebido. Uma mulher alta, lésbica, com uma estética *sapatão* em suas roupas e acessórios. Sua postura é sempre altiva em qualquer situação e poucas pessoas discordam de seus posicionamentos sobre relações raciais e de gênero, isso porque ela é legitimada em seu lugar de fala como mulher negra de pele escura. O conhecimento sobre essas temáticas e o fôlego de continuar o debate até o limite da exaustão é o pano de fundo da cena que apresento a seguir.

Cheguei na casa de Clariana para uma reunião que envolvia feminismo e construção das atividades para o dia 8 de março na periferia. Cheguei um pouco antes do horário para que pudéssemos conversar um pouco. Uma casa de dois cômodos com uma varanda na frente localizada no distrito do Campo Limpo era um lugar agradável para a reunião e para tomar algumas cervejas com as amigas ao final da tarde. Ao chegar encontrei Amora conversando com Clariana. Acabei me integrando no bate-papo que se desenrolava entre as duas. Os assuntos permeavam as famílias de ambas e histórias relacionadas a outras mulheres da nossa rede. Amora é uma jovem que se denomina *preta original e afrocentrada*, no sentido que só mantém relações afetivas e eróticas com mulheres negras. Enquanto estava tentando compreender a conversa, que já estava bem desenvolvida, ela diz: *vocês nunca vão me ver com uma mulher branca*.

Depois de algum tempo ela nos contou a história de sua irmã, também negra de pele escura, que não *respeitou a tradição de sua família*. Ela nos conta que sua *irmã é uma vergonha para nossa família, falando que ela tem uma família brasileira e se casou com branco*. Apesar da rede de mulheres negras discutir desejo, preferência afetiva, autoamor e questões afins, para mim foi surpreendente e compreensível este lugar de *vergonha*. Para ampliar o assunto pergunto sobre seus sobrinhos. *Minha irmã clareou a família e se orgulha, fala de boca cheia de sua família miscigenada*. Ela conta que sua irmã diz que tem um filho de cada cor e isso *é a cara do Brasil*.

Estranhei sua fala e, por alguns segundos, pensei que era uma leitura livre da fala da irmã, afinal, não são termos comuns para se referir aos próprios filhos, além de serem

palavras distantes nesse nicho mais ativista. A fala da Amora me seduzia, produzia uma ambiguidade, um desejo de participar, contudo, não havia muito espaço para interrupção e me contentei com perguntas curtas. Resolvi perguntar se a irmã dela, empregada doméstica, falava daquele jeito. Ela não me respondeu e emendou em outro assunto. Em vários momentos nossa conversa era monossilábica e por meio de gestos, mas, ao mesmo tempo, eu sempre estava desejosa de participar daquele assunto, que, como uma corrente, emendava diferentes polêmicas sobre negritude uma no outra. Ela continuava a falar sobre *o grande problema da miscigenação*, do racismo e resolveu ler para mim uma poesia que tinha feito contra essa noção de miscigenação, por conta da *reprodução do racismo entre os negros*.

Apesar do desconforto em não conseguir participar da conversa, enquanto Clariana preparava alguns petiscos para o encontro, um tanto em silêncio, eu fui percebendo que durante sua narrativa, Amora, magistralmente me incluía em sua perspectiva, produzindo um nós que partilhávamos, de uma experiência comum. Assim, em pouco tempo, eu estava incluída como parte dos negros de pele escura, afrocentrados e contrários à miscigenação. Eu fui percebendo aquele “nós” em todas as frases e como ela se direcionava a mim como um elemento de apoio, mesmo com todas as evidências contrárias marcadas no meu corpo, como uma mulher socialmente lida como negra, mas com muitos traços mestiços e com a história de meu último relacionamento com uma mulher branca, conhecida por ela. A identificação comigo ia se fortalecendo e ela falava cada vez mais alto por mim e por ela.

Depois de mais ou menos uma hora em que ela falava sem intervalo, de forma rápida e em volume alto, Clariana foi atender outras pessoas que chegavam para a reunião. Amora finalizou aquela conversa polêmica sobre famílias e questões sobre sua concepção de negritude colocando: *eu falo muito e rápido porque tenho muita coisa para dizer*. Aquela foi uma expressão da relação entre silêncio e fala que me encantou, pois entendia que ali, naquela situação, o excesso das palavras de Amora, expressava as nuances do silêncio que a constituía. Esse encontro aguçou minha percepção para outras cenas no campo.

Em 2019, a rede de mulheres periféricas da qual faço parte se organizou para uma roda de conversa sobre práticas coletivas de cuidado e autocuidado, com a participação de diferentes coletivos feministas da zona sul no espaço do Bloco do Beco. Não estive na organização do dia, mas participei das atividades. Ao final, tradicionalmente, fomos ao bar do Ceará. Enquanto nos organizávamos para seguir ao



bar, formamos alguns grupinhos na frente do espaço que misturavam conversas entre quem estava indo embora e quem iria ao bar. Esperávamos assim algumas pessoas que estavam finalizando a organização e o fechamento da instituição. Quase todas as mulheres ali se conheciam muito bem e a maioria era negra. Estávamos conversando sobre o dia que acabávamos de vivenciar, comparando com outros encontros: questões mais pessoais iam surgindo, sensações corporais, memórias etc.

Enquanto se desenrolava a conversa naquele grupinho que estava com outras três mulheres, Marrom se aproxima, fica ao lado e rapidamente se integra ao assunto. Ela tomou a palavra e logo me afastei, porque fui chamada por outras pessoas. Saí daquela roda e fui conversar com outras pessoas. Caminhamos até o bar e a conversa continuou. Algum tempo depois, uns quarenta minutos, eu me aproximo daquele grupo e ouço Marrom contar sua história de vida: viveu em Minas Gerais, estado onde nasceu, e contou de seu relacionamento com a *mediunidade*. Não tive interesse no assunto e me afastei do grupo retornando depois de meia hora, desta vez me integrando na conversa. Aos meus olhos tudo parecia transcorrer muito bem e a conversa me parecia bem agradável, emotiva e engraçada ao mesmo tempo. Fiquei mais alguns minutos e despedi-me das pessoas. Perguntei se alguém queria uma carona. Morena, Branca e Negona, que estavam conversando com Marrom, interrompem a conversa imediatamente para aceitar a carona. Terminamos nosso ritual de despedida, cumprimentando todas ali e saímos. Ao entrar no carro e fechar a porta através de um misto de reclamações e gargalhadas, as mulheres comentam a situação e o diálogo com Marrom.

Morena começou dizendo: *Nossa... que mulher chata, não parava de falar!*. E continuou, *eu entendo que precisa de um espaço para colocar suas coisas, mas é muito chato!* Branca diz: *acho que ela não está num momento bom*. Ela mesma disse que havia perdido familiares e que não estava cuidando da espiritualidade, por isso, *falava tanto*. Negona, emenda no assunto dizendo: *ela pode falar muito, mas não consegue colocar as angústias para fora*. E completa afirmando que Marrom ficou *emocionada* por encontrar tantas mulheres negras no mesmo espaço e de um jeito tão acolhedor.

Quando Negona colocou a emoção ao encontrar outras mulheres negras a conversa mudou o tom. O clima de relação da chatice e o certo distanciamento entre nós e Marrom (*outro*) se dissipou. Morena quebrou o silêncio reflexivo de todas falando: *por mais que as pessoas me vejam como militante e briguenta, eu não tenho boca para nada*. Revelando que, diante dos seus conflitos, ela *trava* e não consegue falar. E nos deu ainda um exemplo: *como um bebê que sofre um trauma e não quer mais falar*. Morena termina

sua reflexão dizendo: *nisso eu sou parecida com aquela Marrom, só não sou chata*. Gargalhamos e concordamos com as duas perspectivas.

Tenho como hipótese que a denúncia do silenciamento, no caso das mulheres negras dessas redes, projeta-se em narrativas tanto sobre diáspora, quanto sobre ancestralidade. Narrativas essas informadas por um processo de construção e fortalecimento de identidades negras e periféricas na zona sul da cidade. Parto da hipótese de que ambas se configuram como metáfora para o sentimento de travessia, deslocamento e não-lugar, uma vez que a discriminação racial atualiza o passado, num presente permanente, que impossibilita que as mulheres negras elaborem discursivamente sua experiência.

Ao me deparar com cenas como estas descritas na abertura deste capítulo, penso que pode ser enriquecedor pensar a experiência do silenciamento pelo seu contrário, ou seja, o excesso de fala. Segundo Veena Das (2020), a recusa de comunidades em reconhecer certas partes - mulheres e minorias - como integrais de si “pode tomar forma de vozes não ouvidas, ou pode se revelar por uma proliferação de palavras que afogam silêncios difíceis de suportar” (DAS, 2020, p. 32). Independentemente de estarem atreladas às questões íntimas ou políticas, as expressões excessivas de Amora e Marrom parecem mostrar um anseio, um desejo de se colocar, de contar sua história. Talvez até uma dificuldade de suportar o próprio silêncio. Depois que Amora finalizou o assunto, fiquei pensando sobre o que ela tem a dizer. Pensei sobre o modo como falar rápido, quase comendo as palavras e, ao mesmo tempo, deixando-as escorrer pela boca, exprime o excesso, de quem tem pressa para falar o muito a dizer. Ao mesmo tempo em que ocupa uma centralidade em qualquer conversa, constantemente se desculpa por falar tanto. Também chamou minha atenção o tom e a forma como Morena encara a *chatice de Marrom*, que foi capaz de transmutar a negação inicial em caminhos de proximidade.

### **3.2 “Como os meus silêncios com cuscuz, mesmo que tenham gosto de morte”**

Alguns silêncios são dolorosamente escutados em campo. Silêncios já percorridos ao longo dessa dissertação. Os momentos de “superação” são marcas comuns na vida das mulheres dessa rede. Tais superações são traduzidas em metáforas de sobrevivência, vitória e revanche. Elas estão presentes nos risos e ironias, difíceis de se traduzir. As superações escondem um espaço que, talvez não coincidentemente, foi

deixado por último nesta dissertação. Um aspecto doloroso, sentido no corpo e na alma, como um “sabor amargo de morte” que deve ser comido, assim como se come cuscuz. Durante a pesquisa, incontáveis vezes não consegui traduzir episódios de tristeza, depressão, pânico ou ansiedade que presenciei dentro da rede. Eram conversas que partiam desse lugar sensível de intimidade que eu estabelecia com mulheres com quem divido a vida. Com elas também trocávamos possibilidades de cura: os contatos de terapeutas, medicinas tradicionais, processos espirituais, trocas intensas e muito afeto.

Inúmeras vezes, em situações de sofrimento intenso e de luto frente a situações muito pessoais, também fui socorrida por essas mulheres que me fizeram sucos, me deram flores, cartas, cafés, ouvidos, massagens ou seguraram a tensão durante crises de choro. Uma rede poderosa a partir das quais mulheres se organizavam e se (re)constroem, no tempo e no espaço, de modo a mutuamente acomodar e suportar as dores e sofrimentos. Falamos muito, ouvimos muito e emergiram espaços vazios de palavras e de sons, plenos de silêncio frente à dificuldade de traduzir todo aquele sentimento. Foi neste cenário, em plena pandemia, que fui encontrar Branca. Ela não estava bem, vivia, naquele momento, diferentes conflitos com sua família, companheiro, terreiro de candomblé e questões que nem ela conseguia explicar bem.

Quando cheguei à casa de Branca naquela manhã, a encontrei em sua pequena cozinha. O cheiro de cuscuz tomava o espaço e saímos para sua enorme varanda com sofás e cadeiras. Ela contou-me que não estava bem e que estava com pesadelos e com uma sensação de que iria morrer. Por ter se iniciado no candomblé há pouco tempo, aquelas sensações eram estranhas. Enquanto conversávamos ela entra pela cozinha, se serve de cuscuz e volta para varanda. Enquanto comia, falava das sensações e do retorno de uma depressão que viveu anos antes. Estava com medo de tentar suicídio novamente. Eu falei sobre a necessidade de focar no presente e nas sensações do momento, tais como aquela, comer cuscuz. Ela, que estava falando com a cabeça baixa, levantou o olhar e ficou em silêncio por um pequeno período que me pareceu uma eternidade. Aí Branca disse: *eu como meu cuscuz, mesmo que tenha gosto de morte*. E voltou ao silêncio comendo mais uma colherada de cuscuz.

Imediatamente fiquei pensando nos silêncios que são comidos., tais como indicam as expressões populares: “engolir sapos” ou “engole suas palavras”, dentre tantas outras expressões similares. Não a palavra rasgada pelo dente, mas os silêncios. Podemos retomar o texto de Cidinha da Silva no espetáculo Sangoma: “*Existe um silêncio imposto a nós, no fundo de todas as nossas doenças, são muitos nós, nódulos e tumores da voz*”.

*negada e da desconfiança da nossa palavra.*” Um silêncio venenoso, emprestando o termo de Veena Das (2020), que alimenta nós, nódulos, tumores da voz negada ou negociada.

Muitas vezes durante o campo a dor física também foi uma metáfora para a dor emocional. Eu encontrei Pretah na frente do Terminal João Dias<sup>30</sup>. Íamos para uma atividade no Grajaú, no Galpão Humbalada da Cia de Teatro homônima<sup>31</sup>. Durante o caminho, falei que o seu cabelo estava lindo com as tranças volumosas presas no topo da cabeça e comentei que não costumava fazer tranças por conta da dor e dificuldade de dormir. Ela me contou que não havia dormido direito por conta da dor e que havia tomado dois comprimidos analgésicos. Comentei um pouco sobre o andamento da pesquisa de mestrado, coisa comum na minha rede de relações e completei dizendo que essa poderia ser uma pista para minha pesquisa. Perguntei: por que nós mulheres negras suportamos tanto a dor para ficar bonita ou fazer tranças? Uma pergunta sem intenção de resposta, mas que talvez pudesse ser interessante pensar no futuro. Ela parou e ficou olhando para fora do carro, enquanto eu dirigia e enquanto entrávamos na Avenida das Nações Unidas. Cerca de uns dois quilômetros depois daquela pergunta, ela fala: *eu suporto essa dor, porque não posso suportar a outra*. Suas palavras me tomaram o corpo todo e fez tanto sentido para mim. Chegando em casa, escrevi essas palavras em um papel e coleí no meu caderno pensando quais dores posso sentir para não sentir outras.

### **3.3 Ancestralidade, tempo e memória**

Somos Mulheres Negras, a maioria na Zona Sul de São Paulo, a maioria nas inúmeras periferias desse mundão, a maioria no país. Mulheres negras, pobres, mães, filhas, bissexuais, lésbicas, heterossexuais e periféricas, que cotidianamente vivem uma avalanche de opressões, hostilidades e o não menos severo silenciamento de suas vozes, sua presença, seus amores e dores. Fomos jogadas em um abismo de escuridão, inércia e invisibilidade, que naturalmente sufoca, despreza e desqualifica profundamente todo o legado e grandeza que envolve o ser mulher negra. (CDHEP, 2016, p. 84)

---

<sup>30</sup> Terminal de ônibus no Jardim São Luís, na Zona Sul de São Paulo.

<sup>31</sup> A Cia. Humbalada de Teatro nasceu no extremo sul do distrito Grajaú com atores e atrizes periféricos que atuaram na região de 2004 a 2017. Tendo sempre a comédia como forma de expressão, a Cia. criou diversos espetáculos que buscam no humor uma maneira de repensar a sociedade e as relações de classe, gênero, raça e sexualidade.

O trecho selecionado da publicação *Sujeitos, frutos e Percursos*<sup>32</sup> de 2016 foi escrito por Carmen Faustino e Flávia Rosa sobre a experiência do coletivo *Amor Cura: Núcleo de Mulheres Negras*. A abertura do texto mostra simultaneamente a diversidade de mulheres negras que mobilizam marcadores distintos, mas que partilham dessa interseção entre gênero e raça que produz uma experiência pessoal compartilhada. Ao mesmo tempo única, a partir da opressão, hostilidade, silenciamento e invisibilidade e, ao mesmo tempo, conectada pelo legado e pela grandeza.

Esses marcadores fomentam uma construção de si que não é necessariamente a construção de sua individualidade, por vezes é a construção da coletividade que dá sentido a sua história no mundo. Ou seja, uma história coletiva em que a ancestralidade tem papel fundamental tanto para as vivências de violência, quanto para a ressignificação de suas histórias. Existe uma mediação operada pela ancestralidade na dicotomia entre violência e grandeza e, nesse sentido, ambas se associam diretamente à essa noção.

*Primeiro eu quero pedir licença a todas as mulheres negras que me antecederam* foi assim que Elizandra Souza abriu o Sarau das Pretas<sup>33</sup>. Essa é uma forma muito comum de abertura das atividades das mulheres com as quais pesquiso. Percebo que a noção de *ancestralidade* opera em sentidos diversos. Essa forma é tão recorrente que parece banal, mas aos meus olhos é central. Mapeei cinco manejos dessa categoria, tomando como êmica a forma como ela opera dentro das relações.

A primeira delas opera no sentido mobilizado pela própria Elizandra. Uma história de mulheres negras e que conecta todas as mulheres negras tornando-as parentes, *irmãs*. Neste mesmo sarau no SESC Campo Limpo, Thata Alves, também integrante deste sarau, fez uma intervenção dizendo *escrevemos pelas muitas mulheres que não puderam escrever e por aquelas que escreveram. Somos a continuidade de Carolina Maria de Jesus e Firmina dos Reis*. Essa noção de continuidade da história das mulheres negras produz uma noção de irmandade e herança.

Existimos e resistimos pelas muitas estratégias de sobrevivência que herdamos das nossas antepassadas e obrigatoriamente desenvolvemos nos cotidianos, resistimos pelos subterfúgios que atravessam nossos

---

<sup>32</sup> A publicação é parte da sistematização do Projeto Jovens Facilitadores de Justiça restaurativa e foi publicado em 2016, com as práticas e relatos de experiências das pessoas que participaram do projeto financiado pela Petrobrás e realizado pelo Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo.

<sup>33</sup> Formado por Débora Garcia, Elizandra Souza, Jô Freitas, Taissol Ziggy e Thata Alves, o Sarau das Pretas propõe encontros poéticos e musicais pela garantia dos direitos das mulheres negras e circula por diferentes espaços da cidade.

caminhos e são transformados em oportunidades de superação e continuidade. (CDHEP, 2019, p.86)

Essa noção de mobilidade do passado cria expectativas de vínculos mais profundos, que devem produzir uma conexão entre as mulheres negras, uma forma específica de lealdade. Digo devem porque nem sempre produzem, e nesses casos a frustração e ressentimento são enormes e envolvem histórias de trabalho, relacionamentos e ativismo político.

A segunda forma em que *ancestralidade* ganha força nas narrativas é pela forma de reconexão com o passado colonial, assim é a memória das violências da escravização que, atualizada pela discriminação racial, faz emergir essa concepção. Aparece como ancestralidade de dor, violência e opressão. As narrativas que retomam esta memória aparecem referidas como *temporalidades de dor*, são narrativas moldadas por acontecimentos traumáticos, tanto no presente quanto no passado, que são reconstruídas nesta gramática, mas não completamente contornadas pelo discurso.

Ela aparece muitas vezes como metáfora que alude ao assombro atualizado pelas memórias de infância, das cenas de discriminação ou violência que abrem uma brecha no tempo e no corpo que conecta aquilo que foi vivido pelos meus *ancestrais*. Esse recurso de narrar suas experiências, distanciando-se delas para contá-las, como uma história distante, consiste em um recurso muito sofisticado de silêncio, silenciamento e proteção.

Uma terceira forma está associada às histórias familiares. Nesse contexto, *ancestralidade* se refere às formas de cuidado e aos ensinamentos vivenciados junto às mulheres de suas famílias, com predominância das mães e avós. São histórias associadas aos cuidados com o cabelo crespo, as lembranças das mães trançando suas filhas, da forma de fazer comida ou da religiosidade no candomblé. Mas, essencialmente, da forma como lidar com os conflitos e a violência. Percebo que também tem uma conexão quando muitas mulheres falam da vivência afetiva, como uma ancestralidade “amaldiçoada”, uma herança de solidão, de relacionamentos complicados ou violentos.

Contudo, é da quarta maneira que *ancestralidade* mais aparece. Este é um termo que aparece constantemente nos discursos dessas mulheres como uma forma de dar contorno às narrativas, experiências e tecendo um fio entre o presente e o passado por meio da África mítica. Essa última forma de conceber a *ancestralidade* é também muito próxima às religiões de matriz africana. Sua presença se dá pelo discurso, mas também ritualizando o cotidiano e a vida, tais como: vestir branco nas sextas-feiras, referenciar os *inkices*, *voduns* e *orixás* no discurso e aproximar-se esteticamente da religião, usando

búzios como adornos, estampas e quadros relacionados aos orixás e todo um universo de referências africanas.

Preta finalizou sua exposição agradecendo o público, majoritariamente de mulheres negras dizendo: *não esqueçam nós somos rainhas! Não podemos aceitar menos.* Depois da apresentação, meio sem graça, eu perguntei, o que você quis dizer com rainha? *Nunca me disseram que meus ancestrais eram reis e rainhas de África. Nunca me disseram dos quilombos. Hoje eu sei quem foram os meus ancestrais e da força que carrego comigo, nos meus cabelos e na minha pele. Sou rainha. (risos). Eles [os brancos] nunca imaginaram que chegaríamos até aqui. Que faríamos tudo isso. E vamos fazer muito mais.*

Preta traduz elementos muito significativos das narrativas em curso. Essa temporalidade entre o histórico e o espiritual se transforma em força política, na medida que, timidamente, a população negra vem conquistando mais reconhecimento e, ao mesmo tempo, reconstruindo sua história pessoal como quem monta um mosaico. O reconhecimento e a produção desses sujeitos, ocupando lugares nos quais antes eram excluídos aparece como *revanche* que dá vazão aos ressentimentos.

O quinto e último manejo é o da *revanche* que aparece, para mim, como outro ponto da ancestralidade. Por um lado, aponta para a omissão de elementos fundamentais para sua construção como sujeito digno no presente pela dignidade de seus antepassados. “*Nunca me disseram*” aponta dor e ressentimento, porque ao não saber, aniquila possibilidades, imaginários e repertório, pelo outro, na lógica da ancestralidade, eu só posso ser aquilo que meus antepassados foram, ou seja, aquilo que herdei.

Penso que traduzir a dor por meio do passado é uma forma de não narrar as dores do presente. Segundo Michael Pollak, existe um receio de falar e transmitir o sofrimento vivido, pois esse tipo de relato está na “fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada” (POLLAK, 1989, p. 8). A *revanche* não é necessariamente com relação ao passado, ela expressa o que pode ser dito por metáfora. Como uma forma de narrar o indizível e oferecer contornos aos sentimentos e ressentimentos. Ela se realiza por negações experienciadas no cotidiano, produzindo uma temporalidade suspensa, na qual justiça e vingança se encontram na noção de *revanche*, que ao mesmo tempo em que traz o passado, dignifica o presente em forma de grito.

## Considerações Finais: Assentamento<sup>34</sup>

*Tentaram me calar,  
mas foi em vão.  
Minha voz se fez ouvir lá do porão.  
Sofri, chorei, sangrei,  
mas eis me aqui.  
Falarei para o mundo inteiro então,  
me ouvi.r  
Sofri, chorei, sangrei,  
mas eis me aqui.  
Essa voz negra, me livrou da tristeza  
Então, vivi!*

*Luana Bayo*

Palavras, silêncios, vida e morte. Finalizar essa dissertação é profundamente desafiador para mim. Tenho uma sensação de trabalho inconcluso, que inscrevo no papel e no meu corpo. A escrita, por vezes, desesperada e urgente, traduz em forma e conteúdo urgências, afetos, desejos e medos. Visceralmente as palavras emanam pelo texto, como escorrem pela boca. Em outros momentos, metáforas e entrelinhas marcam silêncios e tempos. Gritos e silêncios em forma de histórias para contar e outras muitas guardadas em segredo, como minha mãe me ensinou.

Sinto-me repleta e vazia. A partir dos emaranhados dos fartos enredos e multiplicidade de pessoas construí essa *descida ao ordinário*, para o universo cotidiano de uma rede de mulheres negras ativistas que se movimenta e mobiliza por meio de relações de afinidade e ações políticas. Tendo como objetivo destacar as transformações subjetivas que ocorrem a partir da percepção de mim como mulher negra, aliada à experiência nos espaços políticos, artísticos, culturais e acadêmicos dos quais faço parte.

Essa *descida ao ordinário* me convoca “a olhar as transações entre linguagem e corpo no trabalho do luto, e especialmente na divisão generificada de trabalho pelo qual a antítona de linguagem e silêncio recria o mundo em face da perda trágica.” (DAS, 2020, p.67). Se deparar com estas transações não é olhar para um campo distante,

---

<sup>34</sup> Concluo este trabalho e o referencio como assentamento. Assentamento, conforme aprendi na minha casa de candomblé, é o ato de plantar asé (força vital) por meio de objetos que passam a compor uma obra de força espiritual. Penso essa dissertação como um assentamento na medida que ela cria e sistematiza variados pontos de proteção, descarrego, radiação e cura. Gosto da expressão da força do assentamento, bem como, da consciência que ele não materializa toda a força. Ele é sempre parcial. O poder do assentamento não está no objeto em si, mas nos rituais e compromissos de cuidados de sua continuidade. O asé, essencialmente, está, a partir do momento do assentamento, na pessoa que dispôs materializar e cuidar do seu próprio asé.



significa encarar de frente minha própria trajetória, constituição e minha rede de afeto. Um canto afrodiaspórico que se faz ouvir, aos prantos ou aos gritos, desde o porão. Esta foi uma jornada ora eletrizante ora dolorosa, vasculhando e iluminando meus próprios porões, revendo minhas memórias pessoais, sentada por horas em uma cadeira nas margens da maior metrópole do Brasil, e percebendo e anunciando, como Preta, o pavor de me deparar com as diversas situações cotidianas e trágicas que me desumanizam.

A imagem do porão reencarna a poética da memória e os fluxos de lembrar e esquecer. Construir a trança do tempo marca pontos deste caminho em busca de ser plenamente pessoa, pois é nas mais distintas relações que os limites da minha humanização se rompem e são costurados. Foi por meio da perspectiva da denúncia do silenciamento que foi possível compreender os contornos destes processos de re(criação) de si e de re(criação) de mundos.

A escrita me parece como virtualidade e concretude destes processos. É como fotografias estáticas de um cenário em constante mutação. Coletivos se formam e dissolvem, pessoas mudam de casa, de bairro, de cidade e de país. Relacionamentos começam e acabam, as afinidades se reconfiguram. Conflitos crescem e se acalmam. O cotidiano é de uma instabilidade perturbadora e profundamente instigante. Nesse cenário ambíguo, as gramáticas de constituição de sujeitos, suas negociações e agenciamentos vão se reconfigurando. Ser parte do campo ultrapassa uma questão epistêmica para ser uma possibilidade de composição e re(composição) do meu corpo, por meio da linguagem e da memória.

É por meio desta investigação que o afeto opera também como dispositivo de construção de sujeitos. Existe uma constante atualização de estratégias de sociabilidade em face do território, marcado pela força destrutiva da violência e pela poética do desejo de viver; sou constituída por ambas. Uma me alimenta, a outra me assombra. A teia de relações na qual estou inserida é parte do meu processo de sustentação. Uma decisão sobre construção dos sentidos e de nossa subjetividade está nas produções de mulheres negras que compõem este trabalho.

Numa sociedade marcada pela discriminação racial, de gênero e classe que se manifesta na cruel negligência, descuido e destrato com nossa corporeidade, a construção dos espaços de valorização da nossa fala, bem como, dos nossos limites e silêncios são potenciais de vida. A particularidade da rede de mulheres negras da zona sul se encontra na articulação entre o ativismo feminista negro e periférico alinhado à investigação por meio das inúmeras linguagens dos atravessamentos cotidianos e particulares. Busco

romper com as generalizações abstratas e discursos totalizantes para uma investigação constante e refinada de sua corporeidade, narrativa e afetos.

Desta forma, ao longo desta dissertação a proposta foi de encarnação da pesquisa/texto no corpo/vida por meio da linguagem da diferença e da produção de sujeitos na encruzilhada entre feminismo e antirracismo. Se pensar sujeito dentro de uma coletividade de mulheres que se posiciona na encruzilhada, ora como artesã da alquimia, ora situa-se desde a perspectiva feminista, enfim, as metáforas e imagens que acompanham o mosaico das cenas que compõe essa pesquisa não são mobilizadas para reproduzir o que se diz, mas também quem diz, numa *chave* que ao passo que aponta a desigualdade e a violência também produz pessoa e conhecimento, ambos encarnados.

A imagem do tempo do cotidiano pode ser enganosa, especialmente, quando se pensa cotidiano como aquilo que é corriqueiro, como banalidade, sem levar em conta a banalidade do mal, a ordinariedade do estado de guerra. Escrever sobre o cotidiano é um ato profundamente desafiador, não porque “todo dia ela faz tudo sempre igual”, mas porque “todo dia eu só penso em poder parar” como na canção do Chico Buarque. Os atravessamentos pelos quais busquei conduzir o leitor são compostos de cenários costurados na escrita e no corpo, de luto, de luta, de trauma e de prazer pelo tal do *trabalho do tempo* – essa metáfora tão potente e comunicativa da Veena Das. A intimidade, na concepção que tratei ao longo desta dissertação, é parte deste *trabalho do tempo*, ao passo que a pesquisa que é também sobre dor, silêncio e traumas, há uma temporalidade peculiar para a eclosão verbal dessas experiências.

Os deslocamentos de temporalidades são realizados por meio da intimidade na medida em que eles não apenas descrevem eventos que marcam uma geração, da qual faço parte, mas também minha própria autoria. O trabalho do tempo também é o trabalho de beber um conhecimento venenoso, nos termos da Veena Das. Ter nosso corpo (que somos nós como sujeito) marcado por eventos sucessivos ao longo do tempo é o que nos torna pessoas, produz-nos no tempo do cotidiano, em nossa intimidade – seja em sua dimensão privada ou pública, dita ou não dita.

Veena Das (2011), recusa uma imagem funcional do corpo máquina, dissecado em órgãos, tecidos e sistemas funcionais, e pensa o corpo a partir da chave da experiência: ou seja, pensar o corpo a partir da dor e do prazer: o olho não como o órgão que vê, mas como o órgão que chora. (DAS, 2011, p. 15). A frase da Veena Das é metafórica, o choro é expressão de muitas emoções e, bem como, constrói uma série de razões. Mas, o olho que chora é também a anunciação do corpo atravessados pelas emoções. No que tange a

os gritos e silêncios, a boca, por sua vez, não é apenas o órgão que fala, mas também órgão que cala, que canta, grita, beija, come, vomita, cospe, lambe, baba, chupa, respira e nestes inúmeros sentidos o corpo é fundamentalmente atravessado e afetado.

Ao passo que busco discutir o processo de construção identitárias de mulheres da zona sul de São Paulo intenciono dar vazão a produção de novas imaginações sempre em curso. Seja estas fabulações marcadas por um presente imerso em experiências passado ou um futuro projetado a partir do presente, esses imaginários operam na construção de vocabulário capaz de redimensionar as possibilidades do pensar-se e fazer-se, como uma forma de lambe a própria ferida, curar e dar sentido à cicatriz sem apagar “deixar de doer”, mas sustentando a própria caminhada.

Desenredar o silêncio se constituiu numa experiência corpórea. Construir uma arquitetura de palavras para costurar as sensações e sentidos das inúmeras formas de sua aparição no campo e na experiência de mulheres negras, sejam eles afogados em verborragia, venenosos, de barganha ou de cura, indizível, em narrativas de contar ou perguntar ou mesmo na forma de cura, mas que, fundamentalmente, sugerem arquiteturas e possibilidade que sua ausência só pode ser expressa na riqueza de seus próprios sentidos. que vem sugerir outras tantas palavras, poéticas e imagens nos espreitam no momento que aguardamos e observamos as fissuras entre uma palavra e outra, ou mesmo, entre um movimento e outro. É neste intervalo que minha autoria se construiu em termos de autoetnografia, múltipla e tensionada.

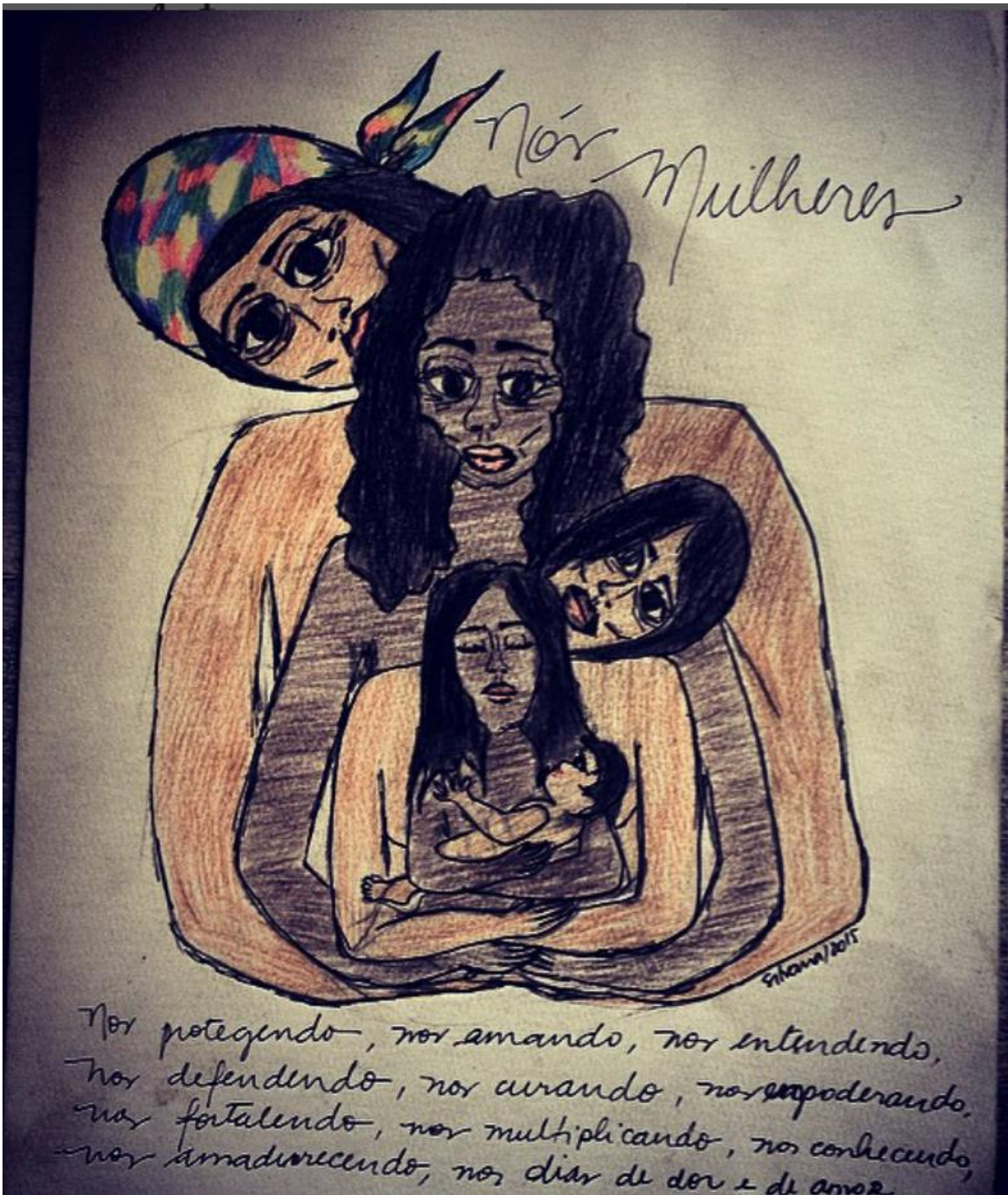


Figura Opt, - Desenho e arquivo de Silvana Martins

## Referências Bibliográficas

- AGUIÃO, Silvia. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re) arranjos da política “LGBT”. **Cadernos Pagu**, n. 46, 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. **La consciência de la mestiza/Rumo a uma consciência**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- ASSUNÇÃO, Sulamita Jesus e. **Quebradas feministas: estratégias de resistência nas vozes das mulheres negras e lésbicas negras da periferia sul da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- CARMO, Milena Mateuzi. Família, gênero e cuidado na periferia de São Paulo. **13o Reunião de Antropologia do Mercosul**, Porto Alegre - RS, 2019.
- CARMO, Milena Mateuzi. **Margem Adentro: políticas sociais, sujeitos e resistências na zona Sul de São Paulo**. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2017.
- CARMO, Milena Mateuzi. Tecendo redes: gênero, cuidado e estado na periferia de São Paulo. **Anais da 31a RBA - Direitos Humanos e Antropologia em Ação**, Brasília-DF, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA, Takano Empreendedores Sociais e Cidadania (org.). **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.
- CHO, Grace M. **Haunting the Korean diaspora: shame, secrecy, and the forgotten war**. University of Minnesota Press, 2008.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2002.
- CORREIA, Ana Paula de Santana. **Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre outras trajetórias do feminismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. [online] n. 10, 2002.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, pp. 99-127, 2016.
- CORRÊA, Ester. Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando as viagens com Zora Hurton e Lélia Gonzales. **Ayê: Revista de Antropologia**. Dossiê as contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais. V.3, nº 1, Acarape, 2021.
- CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.
- DAFLON, Veronica. **Tão longe, tão perto: identidades, discriminação e estereótipos de pretos e pardos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2017.
- DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Rev. bras. Ciências Sociais**. vol.14, n.40, pp.31-42. 1999.
- DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu** 37, Campinas, p.9-41, 2011.
- DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
- DIAS, Luciana de Jesus. **Dinâmicas de raça na periferia: a experiência de jovens da região de M'Boi Mirim**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes [et al.]. Brasília: IPEA, 2013.
- DUNBAR, Robin. **Grooming, gossip, and the evolution of language**. Boston: Harvard University Pres, 1996.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. **Ser mãe ou não ser: Afinal, qual é a questão? A história oral desvelando o mito do amor materno**. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. (org.). História oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

- FAUSTINO, Carmen; SOUZA, Elizandra (Org.). *Pretextos de mulheres negras*. São Paulo: Coletivo Mjiba, 2013
- FABIÃO, Eleonora. *Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta*. São Paulo, ed. 8, 2008.
- FALA GUERREIRA, Revista n.1, São Paulo: Edição Independente, 2015.
- FALA GUERREIRA, Revista n.2, São Paulo: Edição Independente, 2015.
- FALA GUERREIRA, Revista n.3, São Paulo: Edição Independente, 2016.
- FALA GUERREIRA, Revista n.4, São Paulo: Edição Independente, 2017.
- FERNANDES, Camila. O tempo do cuidado: batalhas femininas por autonomia e mobilidade. In: RANGEL, E.; FERNANDES, C.; LIMA, F. (Orgs). **(Des)Prazer da norma**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- FERNANDES, Camila. A força da ausência. A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) [online]. 2020, n. 36.
- FASSIN, Didier. Racialization: how to do races with body. In *A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment*. Ed. F. E. Mascia-Lees, WileyBlackwell, Oxford, UK, 2011.
- FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento. **Segregação racial em São Paulo: residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI**. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH/USP, 2017.
- GALICHO, Bruna dos Santos. **Caminhos da diferença: corpo e cidade na circulação cotidiana das mulheres da periferia sul de São Paulo**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2021.
- GLUCKMAN, Max. Gossip and Scandal. *Current Anthropology*, v. 4, n. 3, p. 307-316. 1993.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2006.
- GOMES, Fernanda. É bem mais fácil falar de amor, não de amores clandestinos In: **Revista Amazonas** (online). Disponível em: <https://www.revistaamazonas.com/2018/08/29/e-bem-mais-facil-falar-de-amor-nao-de-amores-clandestinos/>.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Racismo e Anti-racismo no Brasil”. In: **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 28, nº2, 2016.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo, Editora 34, 2002.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. UNICAMP, **Cadernos PAGU**, nº 5, 1995.
- HOLLAND-MUTER, Susan. Making Place, Making Home: Lesbian Queer World-Making in CapeTown. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 27, n. 3, e67311, 2019.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995.
- HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, vol. 18, no. 37: 25-44, 2012.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOPENAW, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KOWARICK, Lúcio. Viver em Risco. Sobre a Vulnerabilidade Socioeconômica e Civil. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- LIMA, Marcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. **Revista Novos Estudos**. São Paulo, n. 87, julho 2010.
- LIMA, Marcos E. O., NEVES, Paulo S. C., e SILVA, Paula B. A implantação de cotas na universidade: paternalismo e ameaça à posição dos grupos dominantes. **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 56. 2014.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LOPES, Pedro. **Deficiência na Cabeça: percursos entre diferença, síndrome de Down e perspectiva antropológica**. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH/USP, 2020.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa**



- em Antropologia Urbana. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, 15, 2014.
- MATEBENI, Zethu. Perspectivas do Sul sobre relações de gênero e sexualidades: uma intervenção queer. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 60, n. 3, pp. 26-44, dez. 2017.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020b. p. 14-171.
- MESSEDER, Suely Aldir. Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória. **Universidade e Sociedade** (Brasília), v. 49, p. 152-157, 2012.
- MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, n.42, p.201-248, 2014.
- MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre ‘raça’, (homos)sexualidades e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, 2006.
- MOUTINHO, Laura. **Razão, “Cor” e Desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Unesp, 2004.
- MOUTINHO, Laura; ALVES, Valéria; MATEUZI, Milena. “*Quanto Mais Você Me Nega, Mais Eu Me Reafirmo*”: visibilidade e afetos na cena negra periférica paulistana. **Tomó**. n. 28, pp. 265-291, 2016.
- NARAYAN, Kirin. **How Native is a 'Native' Anthropologist?** American Anthropologist, 1993.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2006.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2011.

- NASCIMENTO, Jenyffer. **Terra Fértil**. São Paulo: Mjiba, 2014.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista de Antropologia**, 62(2), p. 459 - 484, 2019.
- OLIVEIRA, Danielle Regina de. **Encruzilhada das Guerreiras da periferia sul de São Paulo: Feminismo Periférico e Fronteiras Políticas**. Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH/Unicamp, 2019.
- OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de. **Salve quebradas! Raça, educação e articulações feministas na periferia de São Paulo**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2021.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Bazar do tempo, 2021.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”**: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em **Salvador**. 2006. 317 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, 2008.
- PAIXÃO, Adriana Pereira da. **Teatlântica: teatralidade negra, feminina e sem margem, feito nas margens**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2021.
- PIMENTA, Denise Moraes. **O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)**. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2019.
- PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. **Estratégias de promoção da saúde de mulheres negras: interseccionalidade e bem viver**. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2018.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.
- RAMOS, Jesser Rodolfo de Oliveira. **De portas abertas para seguir a vida: a Casa 1 e sua política com a rua**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (ORG). **História oral e história das mulheres: rompendo silenciamentos**. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

- ROLNIK, Raquel. **O Que é Cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª reimpressão, 3ª edição, 2004.
- SARTI, Cyntia. A vítima como figura contemporânea. **Caderno CRH**. Salvador, v. 24, n. 61: 51-61. 2011.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Dayane Karoline Fernandes da. **Fala Guerreira: Imagens e Narrativas de Mulheres Periféricas na cidade de São Paulo**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, 2019
- SILVA, Eliana Pereira. **A flor que nasce do impossível chão: lutas e resistências de mulheres negras na periferia da zona sul de São Paulo**. São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.
- SOLOMOS, John. “Theorizing Race and Racism”. In BACK, Les; SOLOMOS, John. **Theories of Race and Racism: A Reader**. London and New York: Routledge, 2000.
- SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SOUZA, Elizandra. **Águas da cabaça**. São Paulo: Edição do Autor, 2012.
- SOUZA, Elizandra; KINTÉ, Akins. **Punga**. São Paulo: Toró, 2007.
- SOUZA, Elizandra. **Quem pode acalmar esse redemoinho que é ser mulher preta?** São Paulo: Mjiba, 2021.
- SOUZA, Valéria Alves de. **Os Tambores das Yabás: raça, sexualidade, gênero e cultura no Bloco Afro Ilu Obá de Min**. São Paulo, Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2015.
- STRATHERN, Marilyn. **Partial connections**. Oxford, Altamira Press, 2004.
- STRATHERN, Marilyn. Os Limites da autoantropologia. In: **Efeito Etnográfico**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.
- TAVARES, Alessandra e CARMO, Milena Mateuzi. “Dar conta”: cuidado, afeto e redes de ativismo em tempos de pandemia. **Boletim Especial**: A questão étnico-racial em tempos de crise. Anpocs, n. 37 - 29/12/2020.

TAVERES, ALESSANDRA et al. Vozes da cura: um breve relato da experiência do núcleo de mulheres negras. In **Narrativas restaurativas libertárias: ensaio sobre potências e resistências**. CASTRO, Amanda; GRAF, Paloma M; CANTARELI, Viviane P. O (Org.) São Paulo: Escola Superior de Advocacia da OAB SP, São Paulo.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo:Ubu Editora, 2020.

WINANT, Howard. "Race and Race Theory". **Annual Review of Sociology**, Vol. 26. 2000.

WERT, S. R.; SALOVEY, P. (2004) A social comparison account of gossip. **Review of General Psychology**, vol. 8, n.2, pp. 122-137, June, 2004.

## **Anexos**

### **Trança do Tempo: 2001 – 2021**

#### **Como se constituiu a rede de mulheres negras na zona sul de São Paulo?**

##### *Versão detalhada*

A produção detalhada desta trança do tempo foi realizada em coautoria com Silvana Martins, Jenyffer Nascimento e Fernanda Gomes de Almeida. Durante a banca de qualificação Silvia Aguião sugeriu a construção de uma linha do tempo que pudesse, por um lado, oferecer certa organização cronológica da construção do ativismo feminista negro dentro da periferia sul de São Paulo e, por outro, possibilitaria uma percepção das aproximações e distanciamentos entre a conjuntura política nacional e a construção do campo do ativismo e do cotidiano. Assim, foi possível a percepção das relações entre os momentos significativos no tempo e seu impacto tanto no ativismo quanto na subjetividade de mulheres negras. Nessa trança do tempo mobilizamos pessoas, produções artísticas, dissertações e teses, ações presenciais, online, bem como, políticas públicas, legislações e a política nacional que mobilizou esse território.

O intenso trabalho de levantamento de fontes, conversas com os participantes, busca nas redes sociais e toda a curadoria que envolveu sua construção que os apresento não se finda. Nesse processo, devido a economia do tempo, muita *coisa* ficou de fora, acreditamos que disparamos um processo de arqueologia dessa memória da cena cultural e política periférica que avança para além desta dissertação. A trança do tempo buscou evidenciar momentos e relações marcantes para a rede de mulheres periférica e negra nas primeiras duas décadas do século XXI. Com sua produção foi possível perceber o adensamento das ações e dos atores mobilizados ao longo desta história. Conforme aprofundarmos nosso trabalho, percebemos a presença de outro elemento no trabalho do tempo e da memória, o esquecer. E, neste sentido, a trança do tempo vem acompanhada da traça do tempo que corrói os frágeis registros e estratégias de manutenção da memória da Periferia Sul de São Paulo. A metáfora da traça nos é interessante por seu trabalho lento, minucioso de construir pequenos buracos, essas brechas que também compõe a nossa história.

Por último, para facilitar a localização do leitor, a trança do tempo está organizada por ano de 2001 a 2021. Cada ação, situação, produção artística ou acadêmica, mortes ou evento destacado no tempo compõe um título. Em todas as situações buscamos trazer para o leitor outras referências e fontes para ampliar seu conhecimento. Ao final,

em itálico, realizamos alguns comentários, observações e registro da nossa memória, ou seja, dessa autoria compartilhada, ora em primeira pessoa do singular, ora na primeira pessoa do plural.

## 2001

### **Declaração de Durban / Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**

Adotada em 8 de setembro de 2001 em Durban, África do Sul, a Declaração de Durban consiste em um documento orientado para o combate de todas as formas de racismo e discriminação racial. É resultado da Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, realizada em 2001 na cidade sul-africana que dá nome à declaração.

Fonte: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/conferencia-de-durban>

### **Publicação da Caros Amigos - Literatura Marginal**

Em 2001, a “Revista Caros Amigos” publicou um número histórico dedicado a escritores da periferia. Organizada pelo escritor Ferréz autor de “Capão Pecado”, transformava uma tendência da época da literatura paulistana num movimento cultural. Nascia a “literatura marginal” como um projeto coletivo, ligado à cultura da periferia, ao rap e ao hip hop.

Ao todo, a edição “Caros Amigos - Literatura Marginal” teve 3 publicações: “Ato I” (2001), “Ato II” (2002) e “Ato 3” (2004). Em 2002, a primeira edição ganhou o prêmio Associação Brasileira dos Críticos de Arte (APCA) na categoria projeto literário do ano. Mais de 40 autores foram publicados no total, dentre eles figuras importantes no cenário da literatura marginal-periférica: Ferréz, Sérgio Vaz, Alessandro Buzzo, Paulo Lins, Cascão e Jocenir são alguns deles.

*Naquele tempo, abria-se um diálogo entre a literatura marginal dos anos 70 e a nova “literatura marginal-periférica” produzida pelas periferias. A Folha de São Paulo fez uma matéria intitulada “Caros Amigos em Versão Mano, uma forma de referenciar o movimento RAP a esse contexto literário, sendo ao mesmo tempo, sarcástica, uma vez que a linguagem da periferia e da favela não era algo visto pelas elites como algo de valor literário. Inaugurou-se mais uma das disputas de narrativa na literatura brasileira a que dá voz a autoria em primeira pessoa de pessoas periféricas.*

Fonte:

<https://blogs.operamundi.uol.com.br/agora/a-revista-que-lancou-a-literatura-marginal/>

<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/82218/45095>

## **Nascimento do Sarau da Cooperifa**

Em 2001, um bar na cidade de Taboão da Serra abrigou um grupo de poetas sem espaço para declamar seus versos. Assim nasceu o sarau da Cooperifa, que logo depois se mudou para o Bar do Zé Batidão, na Chácara Santana (zona Sul de São Paulo).

O Sarau da Cooperifa (Cooperativa de Poetas Periféricos) é um movimento de incentivo à leitura e à criação poética, motivado pela ânsia de Sérgio Vaz em “entregar” a arte nas mãos do povo. Ele é o grande responsável por desmistificar a poesia, vista até então como obra de intelectuais da classe média, e por conseguir, com a regência de um mestre, tornar o povo da periferia – condenado a estar longe das cadeiras da Academia de Letras -, em um povo criativo e produtivo, que escreve poesias e romances, contos e aventuras, os declama e os pública. Há duas décadas, centenas de pessoas vindas de todos os cantos de São Paulo se aconchegavam nas mesas do boteco para celebrar a arte. Com o microfone em mãos, semanalmente, das 20h às 23h, a periferia toma de assalto da literatura.

*O Sarau da Cooperifa é pioneiro, além de ser um dos maiores saraus literários do país. Uma referência para todo movimento de literatura periférica, espaço vivo de encontro e articulação entre seus frequentadores, tendo desdobramentos na esfera educacional, social, política e comunitária do território da zona sul, mas impactando toda a cidade. Ao longo de sua existência, frequentadoras e frequentadores inspirados pela que acontecia na Cooperifa, foram criando em seus bairros outros saraus, ramificando e difundindo esse modo de fazer sarau nas periferias como uma tecnologia social e educacional de compromisso com a transformação nas quebradas.*

*Muitos saraus pelo Brasil e por São Paulo, tem como inspiração a Cooperifa. O espaço da Cooperifa forjou muitos autores e autoras periféricos, bem como inspirou filmes, teses de mestrado, doutorado e intercâmbios nacionais e internacionais.*

*Em 2021 o Sarau da Cooperifa completou 20 anos de atuação.*

Fonte:

<https://www.bocadaforte.com.br/materias/cooperifa-em-festa-o-sarau>

<https://periferiaemmovimento.com.br/cooperifa-celebra-maioridade-poetica-com-09-dias-de-mostra-cultural/>

## **2002**

### **Nascimento do Associação Cultural Bloco do Beco**

O Bloco do Beco nasceu do desejo de preservação e valorização cultural do carnaval de rua, uma tradição que vinha se perdendo. Em 2002, unidos aos sambistas e aos moradores da região, realizaram o primeiro desfile de rua e naquele mesmo ano promoveram

cortejos, encontros e debates informais sobre a importância de manter viva essa manifestação.

A ideia de expandir as iniciativas foi tomando corpo e ganhando parceiros e colaboradores. Em 2003 fundaram formalmente a Associação Cultural Recreativa Esportiva Bloco do Beco, de onde brotam sonhos todos os dias até hoje.

*Hoje atuam em diversas frentes e trabalham todos os dias para construir um espaço de educação integrada, enxergando a cultura como potência transformadora e compromissada com as famílias, com as crianças e com a comunidade. A proposta do Bloco do Beco é oferecer um espaço seguro, confortável e rico em experiências que possam marcar positivamente a infância e a juventude. Um espaço de: promoção do acesso a diferentes expressões culturais; preservação de patrimônios imateriais; fortalecimento de vínculos comunitários e a conexão e atuação em rede no território.*

*O Bloco do Beco tornou-se ao longo do tempo, uma referência no território como espaço potencializador de vários nichos da juventude (LGBTQIPA+, mulheres, comunidades negras, entre outros), sobretudo por ser um espaço autônomo e permitir que a ocupação da sua programação com atividades e ações promovidas por grupos, coletivos, estudantes e outras organizações com viés cultural e educacional.*

*Em 2021 o Bloco do Beco completou 19 anos de atuação.*

Fonte: <https://blocodobeco.org/about-us/>

## **Eleição do Lula**

Em 2002, os brasileiros foram às urnas para escolher através do voto direto o presidente da República e os 27 governadores. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT (Partido dos Trabalhadores), foi eleito no segundo turno com 61% dos votos válidos, tornando-se o presidente mais votado da história do país até então. Luiz Inácio Lula da Silva foi o primeiro presidente de um partido de esquerda eleito no país.

Em sua diplomação no TSE em (Tribunal Superior Eleitoral) em 14.12.2002, Lula discursou: "Parabenizo, e nunca me cansarei de fazê-lo, o povo brasileiro e as autoridades do TSE pelo zelo na condução das eleições. Se havia alguém no Brasil que duvidava que o torneiro mecânico saído de uma fábrica chegasse à Presidência, 2002 provou o contrário, e eu, que durante tantas vezes fui criticado por não ter um diploma de nível superior, recebo agora o meu primeiro diploma: o de presidente da República do meu país. Muito obrigado ".

*A eleição do presidente Lula gerou grande comoção e representava uma grande renovação e esperança de tempos melhores, menos duros, finalmente a voz do povo, seria escutada. Sua eleição, somada a projeções de futuro, embalou muitas conversas e sonhos de viver em um país melhor, principalmente considerando o contexto vivido nas periferias de escassez de emprego, alimentação e violência.*

Fonte:



<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41584.shtml>

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/noticia/eleicoes-presidenciais-2002.ghtml>

## 2003

### **Posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva:**

No dia 01 de janeiro de 2003 cerca de 200 mil pessoas, segundo estimativas da Polícia Militar, compareceram à festa da posse, iniciada ao meio-dia na Esplanada dos Ministérios. A comemoração já havia começado no dia 31 de dezembro com a chegada de caravanas de todo o país para a maior festa já realizada até hoje para a posse de um presidente da República. Num dia histórico para o país, Lula assumiu a Presidência da República do Brasil, pregando a conciliação e reafirmando o discurso de mudança sem sobressaltos durante a solenidade de posse no Congresso.

#### Trechos do discurso do presidente na posse:

“Mudança: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.”

(...)

“Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que encontre canais de expressão em nosso Governo.”

(...)

“Milhões de brasileiros estão neste momento sem ter o que comer, sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza. Quando não morrem de pobreza, mendigando um pedaço de pão'. O Brasil proclamou a independência e a abolição da escravatura, (...) industrializou-se e adquiriu um moderno parque industrial, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim. Enquanto houver um irmão brasileira ou uma irmã brasileira passando fome teremos motivo de sobra para nos cobrir de vergonha”.

(...)

“Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como Nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como Nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como Nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como Nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.”

(...)

O que nós estamos vivendo hoje, neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi reeleito em 2006, tendo totalizado 8 anos de governo como presidente do Brasil de (2003 a 2010)

Fonte:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG54749-6009,00-PRESIDENTE+LULA+ASSUME+O+PAIS+DIANTE+DE+MIL+PESSOAS+POSSE+FOI+MARCADA+POR+F.html>

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/discursos-de-posse/discurso-de-posse-1o-mandato/view>

### **Lei 10.639/03 - Ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira no currículo educacional**

A lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, altera a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

#### A atuação do movimento negro para aprovação da lei:

Lucimar Rosa Dias (2004) faz considerações preciosas sobre a participação do movimento na aprovação desta lei. Como temos analisado, todo produto da lei que trata da questão de raça é gerado a partir de movimentos provocados pelos atores do movimento negro. Em que pese o projeto de lei ter sido apresentado em 1999, a sua aprovação no início do governo Lula (09.01.2003) coincide com dois fatos, o primeiro é que o então candidato havia assumido compromissos públicos de apoio à luta da população negra e o segundo é que anunciadas as pastas, não havia nenhuma que tratasse especificamente desta população.

Apesar de ser fundamental pensar em que contextos surgem determinadas leis também é importante considerar que neste caso o espaço das contradições está muito bem colocado. Souberam, os movimentos negros organizados e academia engajada, aproveitar o momento político para organização e definição de políticas públicas que dão conta de que as leis não são meras letras mortas em papel, mas que ao contrário destas simples letras postas surjam muitas mudanças.

Fonte:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

[http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477018313\\_ARQUIVO\\_artigoCompleto.pdf](http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477018313_ARQUIVO_artigoCompleto.pdf)

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5935447/mod\\_resource/content/1/LucimarRosa.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5935447/mod_resource/content/1/LucimarRosa.pdf)

**2004**

## **Nascimento do Sarau do Binho**

Em 1995, a Noite da Vela no Bar do Binho era um evento em que se reuniam para ouvir boa música em discos de vinil, sob luz bem baixinha. No intervalo da troca dos discos, o público recitava poesia. Esse embrião que foi a Noite da Vela deu lugar ao Sarau do Binho, que nasceu em 2004.

Sarau do Binho promoveu a articulação e o intercâmbio de informações relacionadas às várias manifestações culturais da região de Campo Limpo e adjacências. É um encontro que reúne pessoas ligadas a várias linguagens culturais, como poetas, artistas plásticos, músicos, cineastas, fotógrafos, atores e outros.

O sarau que acontecia semanalmente às segundas-feiras no Campo Limpo, passou a acontecer mensalmente, sempre na 2ª segunda-feira de cada mês no Espaço Clariô de Teatro, no Taboão da Serra.

*Sarau do Binho é um dos mais antigos saraus atuantes na periferia, mas com grande circulação na cidade, cumprindo um papel importante de criar pontes. Seu caráter multicultural conquistou escolas, bibliotecas, centros culturais, casas de cultura, feiras literárias e praças. Sarau do Binho é um celeiro de artistas comprometidos com a liberdade e uma visão progressista de transformação da realidade.*

*Em 2021 o Sarau do Binho completou 18 anos de existência.*

Fonte:

<https://www.fundacaodolivroeiturarp.com/post/hist%C3%B3ria-do-sarau-do-binho-foi-tema-de-encontro-da-40tena-cultural>

<https://www.projeto draft.com/o-homem-que-distribuia-livros-a-historia-de-binho-o-criador-da-bicicloteca/>

## **2005**

### **Nascimento do Selo Edições Toró**

Organizado por Allan da Rosa e Silvia Diogo, ambos escritores e com forte presença nos movimentos literários da periferia nesse período, buscavam lançar autores das periferias de São Paulo, principalmente escritores pretos e mulheres negras. Eles (Silvio e Allan) participavam de movimentos pela literatura nas periferias, nos saraus da Cooperifa e do Binho, e perceberam que embora alguns escritores tivessem publicado textos em coletâneas e antologias, quase não havia publicações de livro autoral desses autores e autoras. De acordo com seus criadores, os livros das Edições Toró possuem a plástica necessária para seduzir não só os leitores da periferia, mas todos os outros também. É destinado às milhares de pessoas que partilham poesias nas quebradas do Brasil, da América Latina, da África, uma poesia que não seja tão alheia a sua vivência.

Lista de livros de mulheres negras publicadas pela editora:

Negrices em Flor (2007) de Maria Tereza

Punga (2007) de Elizandra Souza e Akins Kintê

De passagem, mas não a passeio (2006) de Dinha

*Não foi possível localizar com precisão o ano em que as Edições Toró encerraram seus trabalhos. Segundo um de seus fundadores, perderam o domínio do site onde havia uma infinidade de material armazenado. Contudo, deixaram um legado importante para novas editoras e editores que posteriormente viriam a atuar no mesmo segmento.*

Fonte:

<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2013/11/20/nas-periferias-de-sao-paulo-educador-popular-mostra-historia-negra-%E2%80%9Cpara-alem-da-escravidao%E2%80%9D/>

<https://leituracomocriacao.wordpress.com/tag/allan-da-rosa/>

### **Ingresso de Alessandra Tavares na PUC- SP**

2005, primeiro ano em que a PUC\_SP aderiu à política de cotas por meio do PROUNI (Programa Universidade para Todos), é o ano que marca o ingresso de Alessandra Tavares na Universidade, por meio do PROUNI no curso de Ciências Sociais.

*Naquele momento, ser uma aluna negra inserida em uma turma majoritariamente branca e de classe média impunha choques culturais e sociais, não só pela turma em si, mas por todo corpo da universidade. Ainda assim, o maior desafio era de provar que “apesar de cotista” era possível se “equiparar” aos demais diante dos desafios da universidade para que a marca racial não virasse um estigma e por conseguinte um problema. Alessandra Tavares concluiu a graduação em 2009.*

## **2006**

### **Dissertação de Mestrado de Érica Peçanha do Nascimento (2006)**

*“Literatura Marginal”*: os escritores da periferia entram em cena

Este trabalho busca analisar a apropriação recente da expressão "literatura marginal" por escritores oriundos da periferia, tomando como ponto de partida o conjunto de autores que publicaram nas três edições especiais Caros Amigos/ Literatura Marginal, nos anos de 2001, 2002 e 2004. A pista deixada por essas publicações era que, mais do que o perfil sociológico dos participantes ou um determinado tipo de literatura, a junção das categorias literatura e marginalidade por tais escritores encobria uma atuação cultural específica, que está relacionada a um conjunto de experiências e elaborações compartilhadas sobre marginalidade e periferia, assim como a um vínculo estabelecido entre criação literária e realidade social. Por isso, além de apresentar empiricamente essa nova geração de escritores marginais, esta pesquisa visou articular a formação interna do grupo e seu significado mais

geral, buscando demonstrar como um conjunto de ideias e vivências compartilhadas possibilitou que moradores da periferia, tradicionalmente excluídos como sujeitos do processo simbólico, pudessem entrar em cena para produzir sua própria imagem, dando origem a uma intensa movimentação cultural em bairros da periferia paulistana.

Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE\\_ERICA\\_PECANHA\\_NASCIMENTO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf). Acessado em 28 de agosto de 2022.

*Érica Peçanha do Nascimento é uma das maiores referências nacionais na pesquisa sobre literatura periférica, além de ser pioneira no assunto. Sua perspectiva e análise sobre a literatura marginal periférica viria a se consolidar no seio do universo acadêmico. Sua tese foi e ainda é muito utilizada para embasamento teórico sobre o tema em diversos campos de estudos nas universidades do Brasil e do mundo.*

### **Salve geral PCC e os Crimes de Maio**

Em 12 de maio de 2006, uma facção criminosa deflagrou uma série de rebeliões coordenadas e promoveu, fora das prisões, ataques a agentes públicos. Entre os dias 12 e 21 de maio, membros de grupos de extermínio promoveram então uma “onda de resposta”, que foi marcada por violência exacerbada, execuções sumárias, chacinas, centenas de homicídios e diversos desaparecimentos. A revanche - que atingiu, sobretudo, a periferia e diversas pessoas que não tinham ligação com a facção - ficou conhecida como “Crimes de Maio”, deixando mais de 500 mortos e 110 feridos, de acordo com um levantamento feito pela Conectas e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao todo, essa onda de ataques, promovida por agentes do Estado e integrantes do PCC, deixou 564 mortos e 110 feridos, sendo 505 de civis e 59 de agentes públicos do Estado.

#### Detalhamento:

Na véspera do final de semana do Dia das Mães, os presídios de São Paulo passaram a registrar dezenas de rebeliões. Um dia antes, a Secretaria de Administração Penitenciária havia decidido transferir 765 presos para a penitenciária 2 de Presidente Venceslau, unidade de segurança máxima no interior paulista. As transferências ocorreram após escutas telefônicas terem revelado que facções criminosas planejavam rebeliões para o Dia das Mães.

A transferência dos presos não foi o único motivo para os ataques contra os agentes de segurança. Segundo o estudo *São Paulo sob Achaque: Corrupção, Crime Organizado e Violência Institucional* em maio de 2006, elaborado pela Clínica de Direitos Humanos da Faculdade de Direito de Harvard e pela Justiça Global, à corrupção no sistema carcerário e nas investigações policiais e o descaso com a execução penal no Estado de São Paulo também contribuíram para os ataques.

Em represália às medidas, o PCC articulou rebeliões em 74 penitenciárias do estado. Na madrugada de sexta-feira, dia 12, agentes penitenciários, policiais, viaturas, delegacias de polícia, cadeias e prédios públicos passaram a ser alvo de ataques da organização criminosa em todo o estado.

Em resposta aos ataques articulados pelo PCC, agentes do Estado e grupos de extermínio saíram às ruas para retaliação. Toques de recolher foram dados ou boatos sobre toques assustaram a população, com medo de sair às ruas. Supermercados, bares, escolas, universidades e comércio fecharam as portas. Ônibus pararam de funcionar, principalmente nas periferias da capital paulista. As ruas da maior cidade do país ficaram desertas.

“Não teve embate direto entre forças da polícia e o crime organizado. Foi mais uma ação oportunista e casual. E a cidade parou por medo, efetivamente, que é uma característica de uma determinada ação”, disse o procurador de Justiça Márcio Sérgio Christino.

“Aquela reação [dos agentes de segurança do Estado] foi a de matar, de forma indiscriminada, pessoas da periferia, para dar o seguinte recado: 'nunca mais façam isso'. Essa foi a resposta absolutamente desproporcional da Polícia Militar de São Paulo e, diferentemente das chacinas que ocorrem agora como padrão”, avalia a pesquisadora Camila Dias.

Os responsáveis pelas mortes de mais de 500 pessoas em maio de 2006 não tiveram julgamento e tampouco um processo criminal. Segundo um estudo do Condepe (Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Humana), mais da metade das vítimas dos Crimes de Maio eram jovens negros, 80% delas tinham até 35 anos e apenas 6% possuíam alguma passagem pela polícia.

*Em 2021, os crimes de maio completaram 15 anos e seguem sem resposta.*

Fonte:

<https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/crimes-de-maio-causaram-564-mortes-em-2006-entenda-o-caso>

<https://www.terra.com.br/nos/maes-de-maio-o-estado-e-genocida-e-odeia-jovens-negros-e-pobres,f1b088a833d900edadf526ec11497a14bc0u60xn.html>

<https://www.conectas.org/noticias/crimes-de-maio-impunidade-marca-os-15-anos-de-um-dos-maiores-massacres-de-sao-paulo/>

**2007**

## **Nascimento do Grupo UMOJA**

Umoja é um grupo afro percussivo que pesquisa as culturas populares afro-brasileiras, radicado no extremo sul da cidade de São Paulo, que vem desenvolvendo ao longo dos anos pontes para ressignificar o cotidiano na metrópole. Construindo pontes e espaço para esse diálogo, tambor entre diferentes grupos, dando materialidade ao significado do nome Umoja, que na língua Swahili significa Unidade.

*UMOJA composto majoritariamente por homens e mulheres negras, é uma verdadeira escola de formação de identidade negra, dialogando com a africanidade, educando por meio da cultura sua perspectiva de afirmação racial e beleza do povo preto. Acompanhados de diversos signos que vão desde as vestimentas, passando pela dança e o canto dos mestres e mestras. UMOJA é antes de tudo Quilombo. uma das primeiras referências de grupos negros para esse circuito cultural da zona sul. Novas gerações de integrantes e público chegaram e UMOJA continua perpetuando seu legado ancestral.*

*Em 2021 o grupo completou 14 anos de existência, viva e atuante.*

Fonte:

<https://ims.com.br/convida/umoja/coletivo-umoja/>

## **Lançamento do Livro Punga de Elizandra Souza e Akins Kintê**

A poeta Elizandra Souza, moradora do Grajaú (ZS) e o poeta Akins Kintê da Brasilândia (ZN), dois jovens negros da poesia, uniram-se a convite das Edições Toró para realizar o lançamento do que se tornaria o primeiro livro de poesia publicado pelos autores.

O primeiro lançamento foi realizado no Sarau da Cooperifa, berço de muitos poetas periféricos e o segundo foi realizado na Ação Educativa.

*O lançamento desse livro é um marcador importante para essa geração de jovens negros e periféricos que passam da declamação das poesias ao reconhecimento como escritores a partir da publicação do livro, rompendo paradigmas. Especialmente Elizandra, sendo da Zona Sul e frequentadora dos saraus desde 2004, tendo publicado o fanzine MJIBA, desde 2001, torna-se para uma parte de nós [rede de mulheres negras que abordo nesta dissertação], a primeira escritora negra com livro publicado que conhecíamos. A ideia de conhecer uma mulher negra da periferia que passou a se colocar como escritora em todos os espaços, foi fundamental para que outras mulheres dessa geração que escreviam pudessem acreditar na força de seus escritos.*

Fonte:

<http://contosafrikanosearabes.blogspot.com/2007/05/lanamento-do-livro-punga.html>

<https://outraspalavras.net/poeticas/poetas-forjados-nos-saraus-da-periferia/>



## **Fundação da Capulanas Cia de Arte Negra**

Fundada por artistas negras localizada na periferia da Zona Sul da Cidade de São Paulo, a Cia Capulanas pesquisa e promove a discussão sobre mulheres negras e sua representatividade nas artes, por meio da memória e ancestralidade africana, questionando as condições e definições que são dadas pela sociedade. O trabalho é fundamentado na oralidade e cultura popular negra, fortemente presente nos povos da diáspora africana que estão espalhados pelas regiões do país. A encenação teatral é o principal meio de transcender as inspirações e reflexões que nos envolve ao iniciarem um processo de pesquisa e construção artística.

*Capulanas Cia de Arte Negra é um grupo de teatro e pesquisa de extrema importância para a cena cultural e artística de mulheres negras, sobretudo, por serem mulheres também moradoras da periferia da zona sul. A Casa Goma Capulanas, localizada no Jd. São Luís e sede do grupo, é um espaço dedicado às mais diversas vivências: rodas de conversa, formações, oficinas, imersões e residências artísticas e outras dinâmicas a partir do diálogo com outras redes de mulheres negras da cidade, do país e do mundo.*

*As integrantes do grupo se conheceram em 2005 e 2006 na PUC-SP no curso de Artes do Corpo, momento em que outras mulheres da rede também estudavam nessa mesma universidade e que posteriormente, viriam a se encontrar no território.*

*Ao longo dos anos foi se constituindo como espaço político e afetivo que apoiou a formação dessa rede ampla de mulheres negras na zona sul, a partir das inúmeras atividades realizadas e com o tempo de trocas pessoais nas relações de amizade que surgiram.*

*Capulanas Cia de Arte Negra, representavam o lugar de mulheres negras com voz ativa, inspirando mulheres negras a reconhecer sua ancestralidade e o desafio constante de estar em luta para não sucumbir ao apagamento e ao racismo. Eram ícones e com o tempo, também foi possível enxergar que não eram super-heroínas e sim mulheres pretas repletas de humanidade e complexidades.*

*Em 2021 a Capulanas Cia de Arte Negra completou 14 anos de existência.*

Fonte: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/12961/>

## **Ocupação e Fundação do Sacolão das Artes**

O Sacolão das Artes foi uma ocupação cultural localizada no bairro Parque Santo Antônio, na periferia sul da cidade de São Paulo, que iniciou suas atividades em 2007. Tratava-se de um grande galpão anteriormente utilizado como um Sacolão hortifrutigranjeiro e que foi ocupado por coletivos culturais e lideranças comunitárias da região que mantinham ali uma série de atividades. O Sacolão das Artes tornou-se um dos espaços alternativos de Cultura mais conhecidos na cidade de São Paulo e pelo Brasil



afora, por conta de sua programação diversificada (teatro, cinema, dança, música, artes visuais, rodas de leitura, atividades esportivas, poesia, grupos de estudo etc.) e por ser um polo de pesquisa artística e de produção de conhecimento crítico, instalado numa das periferias mais precárias do país.

*O Sacolão das Artes se constitui como espaço auto-organizado dos coletivos artísticos e politizados do território, e por isso, de muita resistência.*

*No dia 02 de março de 2018, sem avisar às pessoas e coletivos do espaço, a prefeitura regional de M'Boi Mirim chegou para desapropriar o espaço contra nossa vontade, como tantas vezes tentaram ao longo dos 11 anos em que lá estiveram. O Sacolão deixa de existir como ocupação cultural, devido ao acirramento de uma disputa de interesses políticos, havia boatos que o lugar se tornaria um posto de saúde. Até 2021, o centro de saúde não havia sido inaugurado.*

Fonte: [https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/u83/sacolao\\_das\\_artes.pdf](https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/u83/sacolao_das_artes.pdf)

### **Espectáculo “A Brava” da Brava Companhia**

“A BRAVA” é um espetáculo inspirado na história de Joana d’Arc, mulher mais documentada de toda a História. Em sua abordagem, a Brava Companhia propõe uma reflexão sobre quais ideias e modelos podem nos oferecer essa donzela medieval que, percorreu os campos de batalha vestida como homem e se recusou a submeter-se à Igreja, ao casamento e à obediência. Na montagem, a saga da heroína francesa é mostrada de forma épica, se valendo de recursos como a música, a interação com o público, e referências da cultura popular e da cultura pop agregadas a situações cênicas que exploram o drama e um humor anárquico, para construir paralelos com os dias de hoje. Na peça, as vozes ouvidas por Joana tornam-se as “vozes” insurgentes que ouvimos em nossa sociedade atual.

*A peça “A BRAVA” recebeu diversos prêmios e circulou em diversos espaços culturais de toda cidade. Destacamos sua circulação na zona sul, como um espetáculo que ocupou ruas, praças e justamente por isso formava novos públicos, muitos deles, que nunca haviam assistido a uma peça de teatro. Destaco aqui, uma das cenas quando “Joana d’Arc” era queimada em praça pública e o apelo que a cena causava no público. Ainda que a discussão sobre as questões de gênero fosse incipiente para aquele contexto, é inegável a contribuição numa narrativa que viria a ganhar força nos anos seguintes.*

*A Brava Companhia tem 23 anos de existência em 2021, a sede do grupo fica na zona sul de São Paulo.*

Fonte: <http://blogdabrava.blogspot.com/>

### **Semana de Arte Moderna da Periferia**

Poesia, artes plásticas, música e literatura. Assim como a Semana de Arte Moderna de 1922, evento que marcou a insatisfação dos artistas brasileiros com a arte vigente no começo do século XX, a periferia quer mostrar a cara e provar que nas franjas da sociedade também se faz arte de qualidade.

Com cinco dias de programação, a primeira delas sendo uma caminhada do Largo do Socorro até a Casa de Cultura do M´Boi Mirim, busca-se convocar a comunidade. Artes plásticas, Cinema, Teatro, Dança e Literatura são os segmentos artísticos que norteiam os dias dos encontros, além das apresentações musicais e apresentações de peças teatrais. A semana é fechada no sábado, com um dia inteiro de apresentações musicais.

“Faremos um movimento reverso, da periferia para o centro a fim de mostrar a arte e a cultura que a comunidade produz, sobre aquilo que acreditam. A efervescência cultural na periferia é enorme, por isso é preciso mostrar, principalmente para a própria periferia, que as coisas acontecem”, explica o idealizador do evento e fundador da Cooperação Cultural da Periferia (Cooperifa).

#### Trecho do Manifesto da Antropofagia Periférica:

“A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das

ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade.

(...)

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. A Periferia unida, no centro de todas as coisas. Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

(...)

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.”

*A Semana de Arte Moderna da Periferia representava naquele período a consolidação de uma cena pulsante de efervescência cultural no seio da periferia sul. Com projeção nas grandes mídias, o movimento cultural e literário da periferia começava a ganhar uma dimensão “da ponte pra lá”, mas sem perder o compromisso com o território. Foi uma semana intensa de beleza e reconhecimento, que contribuiu para esse orgulho da periferia.*

*O espírito que pairava era o “tudo nosso” e “não devemos nada pra ninguém”, somos gigantes.*

Fonte:

<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>

<https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/periferia-faz-sua-propria-semana-de-arte-moderna#:~:text=Poesia%2C%20artes%20pl%C3%A1sticas%2C%20m%C3%BAstica%20e,%20se%20faz%20arte%20de%20qualidade.>

## **2008**

### **Expedição Donde Miras**

A "Expedición DONDE MIRAS - Caminhada Cultural Pela América Latina" organizou um grupo de cerca de 30 pessoas, composto por atores, cineastas, artistas plásticos, músicos, dançarinos, produtores culturais, poetas, educadores e fotógrafos, comprometidos ativamente com a produção e difusão cultural na cidade de São Paulo, principalmente em nas regiões periféricas, que partiu no dia 05 de janeiro de 2008 do bairro do Campo Limpo (Zona Sul) rumo à Curitiba. O grupo caminhou por aproximadamente 30 dias, percorrendo treze municípios do estado de São Paulo (Taboão da Serra, Embu, Itapeverica da Serra, São Lourenço da Serra, Juquitiba, Miracatu, Juquiá, Sete Barras, Eldorado, Iporanga, Apiaí, Itaoca e Ribeira) e cinco municípios do estado do Paraná (Adrianópolis, Tunas do Paraná, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul e Curitiba).

*A maior parte do grupo era de frequentadores e frequentadoras do Sarau do Binho. O poeta Binho era um dos principais entusiastas da caminhada. A “Expedição Donde Miras” alargou os horizontes territoriais e pretendia chegar até países da América Latina. Outras expedições menores foram feitas, sempre com a perspectiva de levar poesia por onde quer que fosse. Sem apoio partidário ou religioso, os poetas seguiam de forma autônoma, trocando poesia por comida e dormida. Posteriormente, Binho e Serginho Poeta lançaram um livro intitulado “Donde Miras - Dois Poetas e Um Caminho” tendo como tema a periferia do Campo Limpo e os horizontes em que miravam a América Latina. A repercussão do Donde Miras foi ampla, afinal, atravessar fronteiras já não era algo dado como impossível, tornando-se possível para pessoas comuns da periferia.*

Fonte:

[http://expediciondondemiras.blogspot.com/2007/12/expedicion-donde-miras\\_07.html](http://expediciondondemiras.blogspot.com/2007/12/expedicion-donde-miras_07.html)

## **Estreia do Espetáculo Hospital da Gente**

O espetáculo “Hospital da Gente” do Grupo Clariô de Teatro tem texto de Marcelino Freire e as atrizes interpretam contos extraídos das obras Angu de Sangue, Balé Ralé, Contos Negreiros, Rascif e outros. O enredo se passa dentro de uma favela construída pau a pau. Um ambiente que cria uma relação intrínseca do público com o beco, o barraco, o lixão, o café, a roupa com água e sabão e as mulheres, que contam e cantam o país que veem e vivem, mas que não passa na televisão.

GRUPO CLARIÔ DE TEATRO localizado na cidade de Taboão da Serra e fronteiro com o bairro do Campo Limpo, é um coletivo de arte resistente que busca, através da cena e da troca com outros coletivos, discutir a arte produzida PELA periferia, NA periferia e PARA a periferia. Suas montagens tentam traduzir e questionar as inquietações políticas e artísticas do coletivo, que mescladas a sua condição precária, propõem um caminho de estética própria, típica da periferia.

*“Hospital da Gente” ganhou inúmeros prêmios e teve ampla circulação pela cidade de São Paulo. Impactou pela força do texto, cenário e atuação das atrizes. Contudo, embora o viés racial não estivesse em primeiro plano, é inegável que as personagens dessa montagem são histórias de mulheres negras marcadas pelo racismo e as agruras da vida na favela. Ainda que a categoria de “mulheres negras” não estivesse em evidência nas discussões daquele período, o espetáculo foi capaz de trazer para cena muito da vivência dessas mulheres, o fato das atrizes serem todas negras contribuiu com essa perspectiva. Essa peça inaugura no nosso circuito, o que hoje chamamos de narrativas negras ou narrativas de vidas negras.*

*Em 2021 o grupo completou 19 anos de existência.*

Fonte:

<http://espacoclario.blogspot.com/p/o-grupo-clario-e-sua-historia.html>

<https://guarulhosweb.com.br/sesc-guarulhos-recebe-hospital-da-gente-com-o-grupo-clario-de-teatro/>

### **Lei 11.645/08 - Ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo educacional**

Altera a lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 – anteriormente citada e que já modificava a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 -, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”.

Fonte:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm#:~:text=Alterar%20a%20Lei%20no,Afro%2DBrasileira%20e%20Ind%C3%ADgena%20e%2080%9D](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm#:~:text=Alterar%20a%20Lei%20no,Afro%2DBrasileira%20e%20Ind%C3%ADgena%20e%2080%9D).

### **Filme Panorama Arte na Periferia (Coletivo Arte na Periferia)**

O filme, gravado em 2006 e lançado em 2007, apresenta um panorama da arte produzida na periferia sul de São Paulo. Enquanto a arte é realizada, os artistas Sérgio Vaz, Ferréz, Gaspar, o Gaudi, junto e outros, discutem o movimento da periferia e o próprio artista: o encontro da arte com a política e a possibilidade de intervir na realidade.

O grupo Arte na Periferia apresenta como seu ideal a transformação e reflexão da periferia através da arte. O principal vídeo do grupo, o Panorama – Arte na Periferia, nos mostra a integração e comunicação das artes na periferia Sul da cidade de São Paulo. Assim como o vídeo, o sítio eletrônico e o coletivo apontam caminhos para novas manifestações, onde arte, crítica e política se entrelaçam.

*No contexto da época, esse foi um dos primeiros filmes produzidos por uma equipe toda periférica, tematizando a produção de Arte na Periferia. Era inovador e ousado fazer cinema, considerando tanto a infraestrutura dos equipamentos (era muito incomum ver alguém com uma câmera profissional, por exemplo), quanto o domínio técnico de captação, edição, iluminação e montagem para fazer um filme. O documentário tem como marco ter conseguido narrar e traduzir parte significativa da efervescência cultural do território da zona sul (festas, grupos, saraus etc.) e, principalmente, por colocar os realizadores do movimento cultural como protagonistas, efetivamente dando um panorama do fazer cultural e os desafios vividos naquele período.*

Fonte:

<http://artenaperiferia.blogspot.com/p/nos-somos.html>

[https://www.youtube.com/watch?v=YKuCy\\_OLIlw&t=46s](https://www.youtube.com/watch?v=YKuCy_OLIlw&t=46s)

### **I Festival Latinidades**

O Festival Latinidades reúne apresentações de música, dança, teatro e literatura, além de debates sobre educação, empreendedorismo, economia criativa e comunicação. Realizado pelo Instituto Afrolatinas, foi criado como forma de comemoração do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho, e se tornou o maior evento de mulheres negras da América Latina.

A maioria das edições do Festival aconteceram em Brasília, concentradas no Museu Nacional.

*Latinidades, tornou-se uma agenda importante para mulheres negras em São Paulo, por publicizar e visibilizar a importância da data do dia 25 de julho. Em um intercâmbio nacional e internacional, o Festival já recebeu Angela Davis como convidada, mas também mulheres negras ativistas da zona sul de São Paulo, como a Cia Capulanas de Arte Negra, a escritora Elizandra Souza, entre outras mulheres.*

*Em 2021 o Festival Latinidades chegou a sua 14ª edição.*

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival\\_Latinidades](https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Latinidades)

## **I Mostra Cultural da Cooperifa**

A Mostra Cultural da Cooperifa em sua primeira edição, apresentou uma programação de 6 dias tendo na centralidade das discussões a produção periférica nas diferentes linguagens: dança, música, literatura, cinema, teatro, artes plásticas. Além de ter uma programação artística e musical diversificada. De caráter itinerante, a Mostra percorreu espaços culturais e educacionais da região de M'Boi Mirim, Jd. São Luís e Capão Redondo ao longo dos dias de realização.

Sérgio Vaz, um dos idealizadores da Mostra diz que “o objetivo é de revelar os nossos artistas da periferia juntando com artistas do centro, sempre com a ideia de agregar e construir pontes”. Acrescenta ainda que “A mostra é muito importante porque é de nós para nós. Como a gente vê o Brasil sem reproduzir ou abraçar a ideia de ninguém. No momento estamos querendo ouvir a nossa voz. É uma honra para nós fomentar arte e cultura onde vivemos. Poder contribuir com o conhecimento cultural da nossa gente. Periferia não é só um lugar, mas um sentimento”, explica o poeta.

*Importante destacar que na primeira edição, apenas duas mulheres constavam na programação. Havia participação de mulheres na produção, como membro de alguns grupos, mas a presença feminina não estava na centralidade da mostra, o que atribuímos a um machismo estrutural presente nos movimentos culturais da periferia. Atualmente, a mostra mantém a centralidade das discussões sobre temas relevantes para a periferia, no entanto, em termos de participação feminina e sobretudo, de mulheres negras na programação, mudanças foram feitas, o que é uma vitória coletiva para todo o movimento cultural, a partir das inúmeras discussões e tensionamentos pelo não apagamento da vida e arte produzida por mulheres negras e periféricas.*

*A Mostra Cultural da Cooperifa realizou sua 14ª edição em 2021.*

Fonte:

<https://www.agenciamural.org.br/nao-escrevemos-para-pessoas-escrevemos-com-elas-diz-sergio-vaz-sobre-cooperifa/>

<https://catracalivre.com.br/cidadania/1%C2%AA-mostra-cultural-da-cooperifa/>

## **Nascimento do Sarau da Ademar**

O Sarau da Ademar surgiu a partir de um grupo de amigos, que desejavam, a partir da experiência no sarau da Cooperifa, transformar sentimentos e vivências em prosa e verso na realidade da Cidade Ademar, bairro que não possuía nenhum equipamento público de cultura.

Durante 8 anos o coletivo abordou e convidou a comunidade para refletir sobre assuntos que afetavam o cotidiano da periferia, apresentando e aproximando os moradores no universo da literatura periférica. Com encontros mensais, que aconteciam no 2º domingo de cada mês no Bar do Rui, o coletivo, predominantemente feminino, reforçava a importância de consolidar valores sociais e culturais para lutar contra o machismo, o racismo e todo tipo de opressão, contra o genocídio do povo negro e indígena, sobretudo, do jovem e periférico.

*O Sarau da Ademar, tornou-se um espaço reconhecido de protagonismo feminino, ainda que não estivesse imbuído dessa intencionalidade, criou um ambiente menos hostil para mulheres frequentadoras e potencializou a expressão de inúmeras artistas e poetas.*

*Fonte: registros pessoais*

## **2009**

### **Estreia do Espetáculo “Solano Trindade e Suas Negras Poesias”**

A Capulanas Cia de Arte Negra composta por mulheres negras de movimentos artístico-políticos da periferia sul da cidade de São Paulo, estrearam o espetáculo "Solano Trindade e suas Negras Poesias". Com o objetivo de retratar a força da mulher negra através das poesias de Solano Trindade, da escritora Elizandra Souza e integrantes da Cia. Buscando a ancestralidade das manifestações populares de matrizes afro-brasileiras em diálogo com a cultura Hip Hop. As intérpretes criadoras contribuem ainda com suas vivências narrativas traduzindo-as de forma poética.

*Esse espetáculo percorreu diversos quintais das periferias de São Paulo. A ideia de levar a peça para o quintal está relacionada ao fato de ser um espaço de convivência do público-alvo do projeto, ou seja, moradores das periferias que pouquíssimo consomem cultura, incluindo teatro. Fragmentos da peça foram apresentados em alguns saraus causando impacto por onde circulava. Destaco uma cena em que uma das personagens interpretando uma criança, entrava numa bacia de alumínio e tomava um banho de água sanitária para ver se conseguia tirar a cor preta de sua pele, o que ardia e machucava. Foi à luz dessa cena, que o racismo foi escancarado em espaços que mesmo com uma forte presença negra, ainda não colocavam o debate racial em primeiro plano, uma vez que a periferia nos unia, mas em alguma medida o racismo nos apartava.*

Fonte:

<http://cidinhadasilva.blogspot.com/2009/07/capulanas-cia-de-arte-negra-entra-em.html>

<http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/teatro/a-arte-hibrida-das-capulanas-cia-de-arte-negra>

<https://www.youtube.com/watch?v=pgYZdsymihU>

## **Nascimento do Sarau da Vila Fundão**

O Sarau da Fundão nasce com um viés de integração do povo da América Latina, das periferias, do Capão Redondo e Vila Fundão, colocando-se como um movimento social que integra a literatura marginal (pensamento do povo excluído) em um centro de trocas com o cinema, a poesia, o teatro e a música, fazendo desses elementos um caminho para a liberdade do pensamento. Tendo como meta a formação de cidadãos críticos, combatentes, guerreiros que confrontam a injustiça social, a falta de liberdade intelectual. Os encontros do Sarau da Vila Fundão, no Capão Redondo, eram realizados todas as quintas-feiras.

*O Sarau da Fundão atraía por sua localização no seio do Capão Redondo. A Fundão, território de Mano Brown, onde podia ser encontrado circulando no sarau e convivendo era um atrativo para juventude da zona sul com referência no hip-hop. Para além disso, o Sarau tinha um aspecto de luta e de discussão muito fortes, o que atraía um público envolvido nas lutas sociais. O Sarau aconteceu no Bar da Fundão em uma rua com pouco fluxo de carros, de modo que a ideia de ocupar a rua na periferia de noite, também era motivador de conversas, encontros e articulações entre seus frequentadores.*

*Em uma das noites de 2010, o idealizador Fernando Ferrari, fez uma provocação às mulheres presentes naquele dia, estava frio e tinha pouca gente: "Vocês mulheres vem aqui, aplaudem, conversam, mas eu não vejo nenhuma de vocês vindo recitar no microfone. Eu queria ver no microfone, então coloco o desafio de ver vocês aqui recitando".*

*Estavam presentes Ana Paula Rossi, Martinha Soares e Jenyffer Nascimento que se sentiram extremamente incomodadas com o tom da fala e resolveram apresentar textos e escritos que já faziam e reuniram mais de 20 mulheres para recitar na semana seguinte. Apesar da vergonha, era efetivamente a primeira vez que muitas mulheres iam ao microfone. Frequentadores presentes no dia chegaram a perguntar "de quem é o texto que você leu?". Uma parte dessa leitura foi atribuída também a uma discriminação de gênero, que tinha como pressuposto que os textos não tinham sido escritos pelas próprias mulheres.*

*O Sarau da Fundão permaneceu atuante de 2009 a 2012, tendo realizado uma edição especial de comemoração aos 10 anos do Sarau em 2019.*

Fonte:



**2010**

### **Comemorações dos 50 anos do Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus**

Em agosto de 2010 completou-se 50 anos do lançamento do livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Para comemorar esta data e relembrar vida e obra desta autora que marcou de forma surpreendente o cenário literário brasileiro em sua época, foi realizado o Seminário 50 anos de Quarto de Despejo, homenageando Carolina Maria de Jesus.

O Seminário apresentou mesas de discussão sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, com intervenções de pesquisadores, escritores, cineastas, atores e músicos, com o intuito de proporcionar a difusão pública da memória e da produção artística de Carolina, através de diferentes linguagens artísticas.

O evento é uma parceria da Ciclo Contínuo, Quilombaque, Louva Deusas, Elo da Corrente, Poesia na Brasa e Literatura Suburbana.

*Temos na figura de Carolina Maria de Jesus e em seu primeiro livro, “Quarto de Despejo”, um marco inaugural da literatura negra e periférica. O resgate da memória de Carolina antes de ganhar projeções midiáticas, era realizado nos saraus periféricos, de modo a revelar que essa literatura tem uma raiz antiga e forte, pautada pelo cotidiano e os problemas da favela, das desumanidades e humanidades construídas e da perspectiva de ser uma pessoa negra. Carolina, apresentada e lida nos saraus, denota o apagamento de autoria negra, que sequer nunca foi falada ou citada durante a formação escolar do nosso povo.*

Fonte:

<https://www.geledes.org.br/50-anos-de-quarto-de-despejo-homenageando-carolina-maria-de-jesus/>

### **Estatuto da Igualdade Racial**

A Lei Nacional Nº 12.288/10, institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm)

**2011**

### **Nascimento do Coletivo Katu**

Um grupo de jovens educadores e professores inconformados com as desigualdades da sociedade capitalista e insatisfeitos com os sistemas de educação do Estado e das organizações sociais do terceiro setor, buscaram organizar um coletivo autônomo, onde fosse possível construir coletivamente novas formas de educação, e novas formas de debater as questões sociais e políticas com a juventude. As formações realizadas de 2011 a 2016 foram norteadas pelos temas e acontecimentos políticos e sociais do contexto brasileiro e mundial com base nos princípios da educação popular.

Devido ao caráter itinerante de suas ações, o Coletivo Katu, adentrou escolas estaduais e municipais além de ter sido encampado o debate sobre questões indígenas, de gênero e LGBTs, em uma época que essa discussão ainda não tinha ganhado tanta força localmente. O Coletivo Katu não tinha nenhuma vinculação partidária, tendo como princípio o anticapitalismo, a horizontalidade, a autonomia e a educação popular como metodologia.

*Alessandra Tavares, André Nakran, Anabela Gonçalves, Anderson Benelli e Márcio foram fundadores do coletivo, posteriormente, Pezão, Aline Anaya e Jenyffer Nascimento integraram o coletivo.*

Fonte: <https://katu.milharal.org/pagina-exemplo/>

### **Primeira saída do Bloco Afro É Di Santo no Carnaval**

Bloco Afro É Di Santo constitui-se como grupo de musicalidade afro percussiva que celebra as tradições negras com os tambores, as danças, os cantos, a religiosidade e a ancestralidade negra. A musicalidade afro percussiva presente é conectada com os ritmos e músicas que (r)existem na cultura afro-brasileira de influências das matrizes africanas, como: samba reggae, samba afro, samba de roda, ijexá, congo de ouro, cabula, funk e criações próprias. O repertório inclui músicas compostas, ritmos, convenções e variações criadas pelo Bloco, assim como músicas dos blocos afro tradicionais da Bahia. O Bloco é composto por 22 pessoas, sendo: percussionistas (mulheres e homens), cantoras, dançarinas e dançarinos e maestria.

*Vibrando em amarelo e branco, cores escolhidas pelo Bloco É Di Santo, as ruas do entorno da Piraporinha, bairro onde fica localizada a Casa de Cultura de M'Boi Mirim, foram tomadas pelo desfile que reuniu cerca de 300 pessoas em sua primeira edição. O Bloco trazendo a força e inspiração de grandes blocos carnavalescos da Bahia, viria a se tornar uma das referências da cultura negra dos blocos carnavalescos de periferia.*

*O Bloco Afro É Di Santo completou 10 anos de existência em 2021.*

Fonte:

### **Caso de racismo sofrido por mulheres negras da Capulanas Cia de Arte no Sarau**

*Ao término de um evento, duas integrantes da Capulanas estavam conversando, quando foram abordadas por um poeta (um homem branco, já na casa dos 50 anos), que pegou na cintura de uma delas e proferiu as seguintes palavras “Se ainda fosse na época da escravização eu ia pegar essas duas neguinhas e foder a noite toda”. Rapidamente, as duas integrantes recuaram e uma terceira que ouviu o que o poeta falou começou uma discussão falando do absurdo de tal colocação e quase se iniciou uma briga que foi separada por algumas pessoas que estavam no local. O poeta chegou a pedir desculpas dizendo que não tinha falado com “más intenções”, que era apenas uma brincadeira.*

*Esse episódio foi denunciado publicamente no Sarau da Cooperifa como caso de racismo de extrema gravidade, em que se exigiu um posicionamento sobre sua presença e permanência no Sarau.*

*O poeta, depois da exposição e de outras ações de enfrentamento do machismo realizadas em 2011, aos poucos afastou-se da cena dos saraus periféricos, uma vez que um grupo grande de mulheres do circuito cultural sentiam uma profunda repulsa e incômodo com sua presença. O poeta acabou se afastando dos saraus. A máscara era um poema de sua autoria recitado com frequência pelo poeta nos saraus.*

Fonte: registros pessoais

### **1º Encontro do Sarau com Elas**

*Organizado por Martinha e Ana Paula Rossi, nasceu com a perspectiva de ser um espaço em que as mulheres se sentissem à vontade para recitar poesias ou quaisquer manifestações artísticas. A 1ª Edição aconteceu em um bar na Estrada de Itapecerica, na região do Campo Limpo. Na primeira noite, apenas mulheres poderiam recitar ou manifestar-se ao microfone, uma noite histórica para o primeiro Sarau feminino da zona sul de São Paulo.*

*No decorrer de sua duração, Jenyffer Nascimento colaborou na produção e na apresentação. Posteriormente o Sarau tornou-se um espaço misto em que homens recitavam, mas as mulheres tinham sempre prioridade na fala.*

*O Sarau com Elas encerrou suas atividades no ano de 2013.*

Fonte: registros pessoais

### **1º Encontro da Pererecada**

*Organizado pela Alânia Cerqueira (educadora popular e articuladora de redes), a Pererecada era um espaço exclusivo de mulheres para dialogar sobre vida, afeto e sexualidade feminina, nascido da vontade de estarmos exclusivamente entre mulheres para falarmos abertamente sobre questões que ainda figuravam como tabus em espaços*

*mistos. O ambiente preparado pela própria Alânia, no quintal de sua casa, tinha uma mística ritualística com luz de velas e incensos, comidas e drinks, somados aos risos e partilhas criando um clima intimista e de confiança. Nesse primeiro encontro, havia aproximadamente 12 mulheres com predominância de mulheres negras, nem todas eram amigas, mas muitas já se conheciam do circuito dos saraus.*

*Algumas das mulheres presentes: Silvana Bahia, Alessandra Tavares, Jenyffer Nascimento, Luciana Dias, Débora Marçal, Ligia Harder, Arailda Carla, Rita Carneiro, Flávia Rosa, Alânia Cerqueira.*

*O evento aconteceu no Jd. Novo Santo Amaro, localizado entre o Jd. São Luís e o bairro da Piraporinha.*

Fonte: registros pessoais

### **1ª Noite dos Tambores**

A Noite dos Tambores organizada por Euler Alves e o grupo UMOJA é um dos grandes acontecimentos do calendário da periferia da zona sul de São Paulo. Uma noite de festa em que os tambores e seus ritmos são protagonistas, com a presença, a resistência e a memória afro diaspórica no Brasil.

Realizado tradicionalmente na Casa de Cultura de M'boi Mirim, é um Festival de Música Instrumental Percussiva que reúne uma mostra da diversidade rítmica de várias matrizes, através de apresentações musicais, exposições, palestras e oficinas. A Noite dos Tambores aglutina pesquisadores, músicos e construtores de instrumentos com a intenção de apresentar uma mostra cultural diversa e significativa, a partir de uma abordagem global, Histórica, Antropológica, Terapêutica, Educacional e Criativa.

*A Noite dos Tambores é considerada uma das noites épicas vividas na zona sul de São Paulo, como marco celebrativo da potencialidade negra, que desloca a lógica centro-periferia, evento esse marcado pela presença de pessoas negras de toda a cidade, com mais de 2.500 pessoas.*

*A última noite dos tambores foi realizada em 2019, em que foi realizada sua 7ª edição.*

Fonte: <http://noitedostambores.com/>

### **ONNIM - II Ciclo de Palestra Saúde Cultural, Física e Psíquica das Mulheres Negras, organizado pela Capulanas Cia de Arte Negra**

Onnim é um símbolo ADINKRA dos povos Akan, de Gana. É o símbolo do conhecimento, da educação através da vida e da contínua busca pelo saber.

Nas culturas de matriz africana, os corpos são atravessados por usos, símbolos e significados que entraram em conflito com as visões europeias. Os conhecimentos, vivências e experiências sobre Artes, Identidade, Saúde, Doença e Religiosidade podem ser pistas dos (des)caminhos do corpo espaço/tempo e na cultura.

*O Ciclo de Palestras cumpriu um papel dialógico de formação para o público de mulheres negras ao trazer interlocutoras com vivências, experiência profissional e de pesquisa sobre a saúde integral de mulheres negras.*

*À luz do tempo, a discussão sobre saúde integral abriu um campo gigantesco de imersão subjetiva nas experiências individuais e coletivas de mulheres negras, uma vez que discutir saúde é ao mesmo tempo discutir cuidado e autocuidado como forma de enfrentamento ao racismo. Mais adiante, em 2015, o Núcleo de Mulheres Negras - o Amor Cura, composto por diversas mulheres que foram nutridas por esses encontros anteriores, utilizou desses pontos de partida para pensar sobre o cuidado de si e o cuidado coletivo entre nós negras.*

Fonte: <http://mjiba.blogspot.com/2011/05/parabens-capulanas-por-quatro-anos-de.html>

### **Estatuto da Igualdade Racial**

A lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera a Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. O Estatuto é destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm)

### **Campanha WAPI “Eu Africanizo São Paulo”**

A campanha publicitária com o tema “Eu africanizo São Paulo” ganhou repercussão na internet com mais de 100 pessoas fotografada entre elas: artistas, pesquisadores, ativistas, educadores, sendo a maioria negros e alguns não-negros. Idealizada pelo rapper Panikinho que, ao participar em 2007 do Fórum Social Mundial em Nairobi, fez contato com os organizadores do WAPI, sigla em inglês de Words and Pictures, ou seja, palavras e imagens. Em parceria com a produtora, Janaína Machado deu início à concepção desse projeto.

O Evento multilinguagem de afirmação da cultura afro-diaspórica que começou em Nairobi, no Quênia, se espalhou pela África Subsaariana, chegou a países da diáspora, como Estados Unidos e agora no Brasil.

O lançamento da campanha aconteceu nos dias 12,13 e 14 de agosto no CEU Inácio Monteiro, na Zona Leste de São Paulo, no Festival Wapi Brasil 2011, atividade realizada pela Soweto Organização Negra em parceria com os coletivos e as organizações ligadas à Cultura Hip Hop.

*Algumas pessoas que eram moradoras ou circulavam no circuito da zona sul e fizeram parte da campanha: Elizandra Souza, Ylsão do Negredo, Lids Ramos, Naná Prudêncio, Carol Ewaci (Capulanas), Clarianas, Amanda Negra Sim, Wagnão (Preto Soul),*

*Capulanas Cia de Arte Negra, Baltazar, Mano Brown, Gaspar (Záfrica Brasil), Du Bronk's (Rosana Bronk's), Allan da Rosa, Dona Raquel Trindade, Raquel Almeida, Martinha (Fundão), Dêssa Souza, Zinho Trindade, Kenya (Cooperifa), Akins Kintê, Eduardo Brechó (Aláfia).*

Fonte:

<https://catracalivre.com.br/rede/%E2%80%9CeU-africanizo-sao-paulo%E2%80%9D-tematiza-o-primeiro-festival-wapi-brasil/>

<https://www.flickr.com/photos/wapibrasil/>

### **Caso de assédio no Sarau da Fundão**

*Um frequentador do Sarau da Vila Fundão conversava com uma companheira do lado de fora do sarau enquanto rolava uma cerveja. A conversa era apenas um bate-papo, quando ele insinuou que queria algo mais e recebeu a recusa. Diante da recusa, ele perguntou: “E onde está seu marido?”.*

*Um típico caso machista em que o marido não é colocado em questão quando ele aborda a mulher e espera uma resposta positiva. Ao não ter o seu interesse respondido, a estratégia de perguntar pelo marido é a de constrangê-la, já que o marido também era um conhecido dele e ao mesmo tempo de julgamento já que por ter marido não deveria ter dado “corda” para ele.*

*A mulher ficou enfurecida e sentiu-se profundamente desrespeitada. Imediatamente ela reagiu jogando o copo de cerveja no rosto dele. Assim teve início uma confusão, e prontamente algumas pessoas intervieram para não deixar esquentar o clima ainda mais. O tom mobilizado pelo homem era de ameaça, dizendo que as coisas não iam ficar “baratas”, na tentativa de amedrontar a vítima e as demais pessoas que estavam no lugar.*

*Esse dia foi considerado o “Dia D”, o dia que marcaria uma ruptura no enfrentamento ao machismo que ocorria com frequência nos saraus. O revide da mulher em questão e o receio de uma retaliação, uniu diversas mulheres que resolveram enfrentar essa situação coletivamente e não apenas individualmente como havia acontecido na primeira situação de assédio. A partir dessa situação algumas ações coletivas foram organizadas em diferentes espaços culturais.*

Fonte: registros pessoais.

### **Roda de conversa com as mulheres do circuito cultural do Sul para discutir as situações de machismo nos saraus**

*A história do assédio sofrido pela companheira branca espalhou-se. Amigas, conhecidas, artistas e trabalhadoras frequentadoras de saraus juntaram-se para entender como poderiam criar uma plataforma de enfrentamento público. Não sabiam o que fazer no*

*início, mas o espírito era de um levante, pois estavam com muita coragem de levar adiante e não se calar pelo silenciamento que imperava naquele momento.*

*A reunião aconteceu na Casa da Michelle Correa, no bairro do Jd. Lídia, zona sul de São Paulo. A presença foi massiva, com aproximadamente 30 mulheres. Algumas das pessoas presentes: Priscila Obaci, Jenyffer Nascimento, Helena Silvestre, Alânia Cerqueira, Cristina Roseno, Fabiana Xavier, Anabela Gonçalves, Flávia Rosa, Débora Marçal e outras. Mais da metade do grupo era composto por mulheres negras.*

*O encontro teve cerca de 4 horas de duração, praticamente um laboratório entre relatos pessoais de histórias de assédio e abuso que iam sendo trazidos e remontavam aspectos desde a infância. O sentimento coletivo era de raiva e indignação. Ações foram pensadas para intervenções em ambiente virtual e nos espaços culturais para os próximos dias. Ao final, bebemos e celebramos a nossa presença, afinal, era a primeira vez que nos reuníamos e nos enxergamos coletivamente enquanto coletividade feminina.*

Fonte: registros pessoais.

### **Manifesto virtual “Mordaças”**

*Uma das ações pensadas na reunião foi de uma agitação nas redes sociais, na época, o facebook foi a plataforma escolhida por ser de uso da maioria das pessoas. A ação consistia em trocar a foto de capa por uma nova foto. A nova foto, em preto e branco e com uma mordaça preta amarrada a boca, simbolizava o silêncio forçado das mulheres, como forma de externar o tabu em torno do machismo dos homens. As primeiras a aderirem e trocar suas fotos foram as mulheres que estavam presentes na reunião, mas outras mulheres também foram aderindo com o passar dos dias. Apenas essa movimentação orquestrada de forma coletiva, já estava gerando comentários, mas as mulheres não revelavam o motivo de estarem trocando suas fotos. Eles não esperavam o que ainda estava por vir.*

Fonte: registros pessoais

### **Intervenções nos saraus organizada por grupo autônomo de mulheres frequentadores do circuito cultural**

*Foram realizadas intervenções, ou podemos chamar de atos, nos três saraus mais frequentados da região sul: Sarau do Binho, Sarau da Fundão e Sarau da Cooperifa. Cada ação buscou entender e dialogar com a dinâmica de cada sarau para realizarmos as intervenções.*

*Sarau do Binho: chegada em bloco com a boca amordaçada, apitação com cartazes, intervenção poética e performance da carne (pedaços de carne crua eram atiradas nos homens de maneira aleatória). O impacto da ação foi tremendo! Os homens presentes não se dirigiam a nós e ficaram todos estarecidos tentando entender o que tinha acontecido. Um mal-estar silencioso de dúvida e apreensão se instaurou. Nossa avaliação é que havia dado muito certo.*



*Sarau da Cooperifa: ação consistia em individualmente cada mulher chamada ao microfone recitar o poema “Em Legítima Defesa” da poeta Elizandra Souza. Cerca de 10 mulheres se inscreveram para recitar. Enquanto uma recitava, as outras respondiam em coro “Já estou avisando, vai mudar o placar”, uma frase que se repete no poema. Os organizadores percebendo o que era uma ação organizada vetaram a participação de outras mulheres inscritas, de modo que apenas 4 conseguiram ir ao microfone. Mais uma ação que gerou confusão e inquietude e que avaliamos como assertiva.*

*Sarau da Fundão: chegada em bloco das mulheres com a mordança e o apitaco. O Sarau foi o último dos três a vivenciar a intervenção e tinha um cunho educativo de trazer explicitamente a questão do machismo para um debate aberto, com convidadas e falas organizadas. A expectativa é de que o assediador que era frequentador do sarau estivesse presente, mas ele não compareceu. Ainda assim, avaliamos o resultado como positivo.*

#### Registro:

*Em 2011, Mário Cezar Rabello registrou por meio de vídeo as intervenções realizadas nos saraus. Mário era companheiro de uma das integrantes que participou das ações. Os registros não foram editados na época. Em 2015, após a publicação de um texto da Jenyffer Nascimento e os novos acontecimentos que expunham o machismo nos circuitos culturais, o material foi editado e publicado, tornando-se um material de registro importante para ilustrar as lutas e resistências das mulheres do território contra o machismo.*

Fonte:

<https://vimeo.com/146804090>

<https://www.youtube.com/watch?v=B74GdHUXWfs>

#### **Lançamento do Livro e DVD [Em] Goma – Dos pés a cabeça, os quintais que sou**

O trabalho é fruto do “Projeto Pé no Quintal” da Capulanas Cia de Arte Negra, contemplado pelo Fomento de Teatro da Cidade de São Paulo, que circulou pelos bairros de São Paulo por um ano e meio. O livro foi lançado na Ação Educativa.

*Salloma Salomão, músico, artista, professor doutor e pesquisador negro e reconhecido como um mestre das artes negras e tem uma relação forte com a Cia Capulanas. A conselho dele, disse ao grupo, que se quisessem perpetuar suas histórias precisariam investir em registros, para que não fossem apagadas pelo tempo, algo absolutamente comum na trajetória de artistas negros e negras do teatro.*

*Na tentativa de romper o apagamento e a invisibilidade, Capulanas criou um registro histórico em que compartilham os processos e perspectivas da Circulação com o espetáculo do Teatro Negro.*



Fonte:

<https://catracalivre.com.br/rede/capulanas-cia-de-arte-negra-lanca-o-livro-na-acao-educativa/>

<http://cidinhadasilva.blogspot.com/2012/10/o-livro-de-capulanas-cia-de-arte-negra.html>

PAIXÃO, Adriana Pereira da. *Teatlântica: teatralidade negra, feminina e sem margem, feito nas margens*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2021.

## 2012

### Nascimento do Sarau Preto no Branco

Criado em 2012 pelo TAMO VIVO, coletivo de jovens do Jd. Ibirapuera para incentivar jovens da região, poetas e artistas do bairro, a se expressarem. O grupo de organização contava com jovens de até 21 anos de idade, que tinham como propósito mostrar que a juventude não estava calada, retratando alguns temas em poesias e músicas como desigualdade, corrupção, violência policial, afetividade e o cotidiano periférico.

O Sarau era realizado uma vez por mês, aos sábados, na Sedinha do Bloco do Beco.

*Com a provocação do poeta Vinicius Borba que realizava um Sarau na periferia de Brasília, e estava visitando o Bloco do Beco, os jovens dos coletivos foram convocados a agir e a trazer os jovens do bairro para mais perto a partir do protagonismo e organização coletiva protagonizada pela própria juventude. Cerca de 200 jovens, estudantes das escolas do entorno do Jd. Ibirapuera e de outros bairros ocupavam as ruas nos dias de Sarau. O Sarau Preto no Branco protagonizado por jovens negros, era um símbolo de renovação, que os saraus estavam dando frutos e sendo utilizado como ferramenta de transformação social e aglutinou muitas meninas e meninos negros que passaram a escrever e a expressar-se, o que culminou na publicação de uma antologia poética.*

*O Preto no Branco e sua energia contagiante entoava o emblemático refrão sempre no início dos saraus “O Estudo é o escudo, o conhecimento é libertador e a poesia salva vidas! A poesia salva vidas” tornou-se uma referência para a juventude e adentrou escolas, bibliotecas públicas e espaços culturais.*

*O Sarau encerrou suas atividades em 2017.*

Fonte: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/58/>

### Nascimento do Espaço Comunidade

O “Espaço Comunidade” é fruto do Projeto Comunidade Samba do Monte, inaugurado na tarde de domingo de 15 de janeiro de 2012, abrindo suas portas a todos interessados que quisessem *somar, fortalecer, trocar, multiplicar, agregar*, dando início ao Espaço Cultural voltado ao coletivo e à comunidade com o objetivo de compartilhar atividades e interesses na arte educação e cultura.

Um espaço cultural independente, sem fins lucrativos, localizado no Jd. Monte Azul, zona sul de São Paulo que promove eventos, além de apoiar e divulgar produções artísticas, culturais e iniciativas socioambientais, movimentos artísticos independentes, questões ambientais e referentes aos direitos humanos., desenvolvendo as ideias e práticas sempre em prol do bem comum e crescimento tanto individual como coletivo, contribuindo para a reforma de uma sociedade mais consciente, ativa e livre e democrática.

*O Espaço Comunidade foi importante na sociabilidade das juventudes do território, além de ter projetado muitas pessoas a atuar profissionalmente na área da cultura. O espaço encerrou suas atividades em 2018, agravado pela falta de incentivo público para subsidiar os próprios gastos de aluguel e manutenção e um tensionamento com vizinhos conservadores que não gostavam dessa movimentação de jovens pretos e periféricos.*

Fonte: <https://espacomunidade.blogspot.com/>

### **Nascimento do Sarau Verso em Versos**

O Verso em Versos é um sarau que reúne pessoas interessadas em expressar seu encanto pela arte por meio de intervenções poéticas, musicais, gastronômicas, audiovisuais ou performances. Os encontros aconteceram a cada terceira sexta-feira de cada mês. O sarau começou no Espaço Comunidade Jardim Monte Azul, na periferia da Zona Sul de São Paulo, a partir de 2017 se tornou itinerante.

Nossa celebração foi inspirada nos saraus mais antigos, na velha-guarda que representa os guardiões dos saberes; nossos grãos de quebrada. Diante deles somos erês urbanos, aprendizes de todos os saraus que acontecem nas periferias do nosso Brasil. Nos orgulhamos de fazer parte do circuito que se multiplica a todo momento entre becos e vielas. Acreditamos no poder da cultura no combate à violência. Expressar-se e consumir arte fortalece a autoestima do ser periférico, difunde informação e cria vínculos entre a comunidade, faixas etárias, origens e culturas.

*O Sarau Verso em Versos era mais um desses encontros potentes do território e revelou muitos jovens talentos da literatura, da música e das artes visuais.*

Fonte: [https://www.versoemversos.com.br/p/quem-somos\\_05.html](https://www.versoemversos.com.br/p/quem-somos_05.html)

### **Cia Capulanas de Arte Negra viaja para Moçambique**

*A perspectiva de pesquisa enquanto pessoas negras na diáspora, a busca pela ancestralidade e o desejo de ir além de uma imagem de África mítica foi o que moveu o grupo a realizar a viagem para Moçambique.*

*A Cia Capulanas de Arte Negra partiu para uma viagem de trinta dias com destino a Maputo para realizar apresentações do “Projeto Pé no Quintal” aprovado por um edital público.*

Fonte: <http://esperanca-garcia.blogspot.com/2012/03/teatro-avenida-capulanas-cia-de-arte.html>

### **Tese de doutorado de Érica Peçanha (2012)**

*É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*

Trata-se de uma etnografia que visa interpretar a produção cultural da periferia paulistana, a partir do trabalho desenvolvido pela Cooperifa (Cooperação Cultural da Periferia) nos anos de 2001 e 2011. Entre outras atividades, este autodenominado movimento cultural promove saraus literários que operam como encontros comunitários e oportunizam novas opções de lazer, produção e participação político-cultural. Nesse sentido, busco apreender os discursos acerca da periferia, tanto no que se refere ao espaço social quanto à sua cultura peculiar, construído pelos protagonistas deste movimento no cenário contemporâneo. Observa-se, assim, um processo de produção cultural em que não somente os produtos e circuitos de consumo periféricos apresentam-se como soluções criativas ao mercado cultural, mas, também, coloca novamente os moradores da periferia no centro da cena pública, a partir da elaboração de uma agenda comum.

Fonte: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/publico/2011\\_EricaPecanhaDoNascimento\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/publico/2011_EricaPecanhaDoNascimento_VCorr.pdf)

### **Lei de Cotas Raciais no Ensino Superior**

A Lei nacional de nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. As vagas reservadas às cotas (50% do total de vagas da instituição) serão subdivididas — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/cotas/legislacao.html>

### **I Mostra das Rosas: Feminismos em Foco**

*A Mostra das Rosas realizada no Centro Cultural Monte Azul, tinha como objetivo realizar uma programação de sensibilização do público para a potência da mulher dentro da sociedade, como sujeito ativo no campo cultural e político. Temas importantes sobre a mulher foram levados ao debate: a questão da violência, corpo e outras vivências do meio feminino, assim como reflexões sobre as várias lutas com protagonismo das*

*mulheres. O evento com uma programação ampla trazia também às manifestações artísticas: teatro, dança, cinema, grafite produzido por mulheres.*

*A Mostra das Rosas organizada pelo Coletivo Rosas foi um marco fundamental por ser no território a primeira mostra a ter apenas mulheres como convidadas.*

*Um poema que expressava a vida das mulheres foi encomendado à poeta Jenyffer Silva do Nascimento, por Cristina Roseno e Danielle Regina de Oliveira, que eram membros da organização da Mostra. Assim nasceu o poema “O Grito publicado posteriormente no livro “Terra Fértil”, o primeiro da autora. Foi também a primeira vez que Alessandra Tavares fez participação em uma atividade pública.*

*A mostra também foi a primeira vez em que o termo feminismo passou a figurar como uma luta organizada e protagonizada por mulheres, contudo, naquele momento, entendia-se que o feminismo era algo acadêmico e uma luta de mulheres de outra classe social.*

Fonte:

<https://mostradasrosas.wordpress.com/i-mostra-das-rosas/programacao/>

### **Lançamento do Livro *Águas da Cabaça* de Elizandra Souza (Ação Educativa)**

*Elizandra Souza relata que precisou pensar em publicar o próprio livro, uma vez que sempre mandava o poema “Em Legítima Defesa” para antologias e o texto era recusado por ser um texto de cunho feminista de enfrentamento ao machismo.*

*Dessa forma, a publicação, que contou com apoio do Programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), tornou-se o primeiro livro a ser publicado pelo coletivo MJIBA, um coletivo de mulheres negras, que tinha Elizandra Souza como fundadora, junto com outras mulheres negras.*

*O livro com uma apresentação estética que não deixava nada a dever a qualquer grande editora, foi a segunda publicação da escritora.*

*O lançamento foi realizado na Ação Educativa.*

Fonte: <http://periferiaemmovimento.com.br/mulheres-negras-protagonizam-paginas-do-novo-livro-de-elizandra-souza/>

### **Lançamento do Livro “A Calimba e a Flauta” de Priscila Preta e Allan da Rosa**

*A poeta Priscila Preta protagonizou pelas redes sociais uma série poética intitulada “Um Poema para essa madrugada”. Em conversas com o escritor Allan da Rosa, surgiu o convite para a escrita de um livro conjunto. Fundamentado no erotismo negro, uma perspectiva afrocentrada de contraposição a sujeição de corpos negros ao desejo branco, a sexualização racista e a estereotipia.*

*Priscila Preta, tem o nome artístico atual de Priscila Obaci é a primeira autora negra da zona sul a publicar um livro de cunho erótico. A autora, a partir desses textos, também passou a sofrer assédios nos saraus, uma vez que homens poetas se aproximavam e buscavam uma abordagem sexual com a autora, por acreditarem que o poema era um convite.*

Fonte:

<http://cidinhadasilva.blogspot.com/2012/10/priscila-preta-e-allan-da-rosa-lancam.html>

## 2013

### **Desaparecimento de Amarildo (RJ)**

Amarildo Dias de Souza (Rio de Janeiro, 1965/1966 - Rio de Janeiro, 2013) foi um ajudante de pedreiro brasileiro que ficou conhecido nacionalmente por conta de seu desaparecimento, desde o dia 14 de julho de 2013, após ter sido detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa, na Favela da Rocinha, em direção a sede da Unidade de Polícia Pacificadora do bairro. Seu desaparecimento tornou-se símbolo de casos de abuso de autoridade e violência policial. Os principais suspeitos no desaparecimento de Amarildo eram da própria polícia. Em 2016, 12 dos 25 policiais militares denunciados pelo desaparecimento e morte de Amarildo foram condenados em primeiro grau, e no segundo grau, oito condenações foram mantidas, enquanto quatro foram absolvidos.

Fonte: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Caso\\_Amarildo](https://wikifavelas.com.br/index.php/Caso_Amarildo)

### **Ensaio Fotográfico / Piquenique no Parque Ibirapuera com mulheres negras**

*Como parte da composição da antologia literária “Pretextos de Mulheres Negras”, o dia de fotos foi pensado para viver, experimentar e ressaltar a beleza de mulheres negras, em contraponto ao apagamento e às imagens sempre distorcidas enquanto representação de mulheres negras. Um fator relevante é que toda a equipe de produção do trabalho só tinha mulheres negras (produção, fotógrafa, assistente de produção etc.).*

Fonte: registros pessoais

### **Lançamento do álbum Aláfia da Banda Aláfia**

A banda Aláfia teve sua formação inicial em 2013, um grupo formado por nove pessoas, entre elas a vocalista Xênia França.

*O grupo carregava em suas letras musicais uma proposta bastante ligada à luta da juventude negra e à cultura da quebrada. A banda Aláfia misturava rap, funk, MPB e beats africanos, com um discurso político sobre a raça, gênero, class e as violências atreladas a ela.*

*A banda já se apresentou em lugares da zona sul como o sarau da Cooperifa e o Sarau do Binho.*

Fonte: <http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/operacao-alafia>

### **Lançamento do Espetáculo Sangoma da Capulanas Cia de Arte Negra (GOMA Capulanas)**

O espetáculo discute temas relacionados à saúde das mulheres negras. Seis mulheres Sangomas habitam uma casa sagrada com laços ancestrais. Mulheres que romperam com o silêncio, compartilham suas histórias de vida e seus caminhos para chegar à cura. Ambientada em uma casa onde os espectadores percorrem cada cômodo sentindo de perto a força do depoimento das personagens, a peça sugere que a construção negativa da identidade atinge o corpo físico. Sangoma, na verdade, são as mulheres escolhidas espiritualmente por seus ancestrais para dar continuidade aos trabalhos de cura espiritual e física dentro das comunidades zulus, na África do Sul. “Já no Brasil, é toda a pessoa que goza de boa saúde, e goma é uma gíria para nomear casa, utilizada nas periferias de São Paulo. Neste sentido, sangoma simboliza ‘casa sã’”.

*A peça Sangoma é um divisor de águas na experiência de mulheres negras da zona sul de São Paulo e arrisco dizer de diversas mulheres que tiveram a oportunidade de assisti-la. Seis vidas de mulheres negras são encenadas, todas trabalhando um aspecto da saúde emocional de mulheres negras. Cada personagem compõe histórias negras, histórias de costumeira dor, seja aquela que passamos ou aquelas que ouvimos das mais velhas ou de amigas.*

*A peça toda ambientada dentro da Goma Capulanas, era também um convite para olharmos para nossa casa de dentro, esse corpo morada que carregamos e precisamos adentrar os quartos, organizar as gavetas bagunçadas, aguar as plantas e limpar o quintal dos sentimentos.*

*Contudo, Sangoma não se encerra na dor e propõe um caminho de cura que vai desde a espiritualidade ao ato de fazer as pazes consigo mesma, combatendo auto ódio com autoamor e cuidado. Aponta que o caminho da cura é possível.*

*Sangoma enquanto experiência de Teatro Negro é de uma sensibilidade ímpar, a força das personagens se traduz também nas suas fragilidades, embalada pela musicalidade, a beleza estética das instalações, cenário e figurino e da qualidade do trabalho de cada artista e toda equipe. Nunca mais ir ao Teatro seria a mesma coisa, nunca mais ser uma mulher negra sem pensar na força que emana de Sangoma e habita em nós.*

Fonte:

<https://correionago.com.br/saude-da-mulher-negra-sobe-ao-palco-em-producao-da-periferia-paulistana/>

<https://cidinhadasilva.blogspot.com/2013/09/cia-capulanas-estreia-sangoma-dia-21-de.html?m=0>

## **II Mostra das Rosas do Coletivo Rosas: Feminismo em Sala de Aula**

A Mostra tinha como objetivo levar grupos artísticos e artesanais para ensinar mulheres do CIEJA Campo Limpo sobre suas artes, sempre debatendo a questão de gênero. Como não conseguimos aprovação do projeto pelo programa VAI, decidimos realizar a II Mostra das Rosas sem recursos financeiros e contamos com o apoio da própria escola para a realização. Optamos por trabalhar temas fundamentais do feminismo – como conceitos de gênero e sexualidade, divisão sexual do trabalho e corpo da mulher. Objetivando, ainda, conciliar a teoria à prática e acreditando no potencial de produção das mulheres, tivemos discussões e reflexões que se reverteram em produções autorais das estudantes.

Fonte: registros pessoais

## **Lançamento do Pretextos de Mulheres Negras - Coletivo MJIBA (Ação Educativa)**

*Organizado por Elizandra Souza e Carmen Faustino*, o volume de quase 140 páginas apresenta em cada uma das 22 autoras - 20 de São Paulo e as convidadas Queen Nzinga Maxweell (Costa Rica) e Tina Mucavele (Moçambique) - subjetividades e autorrepresentações, seja nos textos, nas imagens, nos perfis biográficos ou na forma como lutam por resistência, memória, pertencimento, ludicidade, corporeidade, musicalidade, religiosidade e outros valores presentes nas africanidades e na diáspora. A obra é parte das ações do coletivo Mjiba, que fortalece o protagonismo da mulher negra em diferentes esferas e foi também inspirada no livro “Oro Obínrin – 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a Condição da Mulher Negra”, publicado em 1998. O volume é também uma homenagem à escritora Maria Tereza (em memória) e faz também referência às crianças do círculo de convivência das autoras.

*Marcaram presença no lançamento, Jenyffer Nascimento, Carmem Faustino, Débora Marçal, Flávia Rosa e Priscila Obaci. Este encontro foi marcado pela efetividade das escritas de mulheres negras de periferia serem publicadas em um livro, aquele momento representou a possibilidade de muitas ali serem legitimadas escritoras.*

Fonte: [https://www.geledes.org.br/antologia-pretexos-de-mulheres-negras-reune-22-escritoras-contemporaneas/?gclid=Cj0KCQIAxoiQBhCRARIsAPsvo-xfVtLqxtitqY0BKxYc7WqZVB8NFJ13TuSRQohEQaRdKKWYtC1bluEaArqWEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/antologia-pretexos-de-mulheres-negras-reune-22-escritoras-contemporaneas/?gclid=Cj0KCQIAxoiQBhCRARIsAPsvo-xfVtLqxtitqY0BKxYc7WqZVB8NFJ13TuSRQohEQaRdKKWYtC1bluEaArqWEALw_wcB)

## **Chacina no Jd. Rosana e Assassinato do Dj Lah**

Era 3 de janeiro de 2013, por volta das 23h, quando Rodrigo Barbosa, que era deficiente visual, foi abordado em frente de casa e morto com um tiro na nuca por homens que, segundo testemunhas, se identificaram como policiais. O assassinato de Rodrigo era o início do que estaria por vir. Outros sete homens foram assassinados no bairro no dia seguinte, os crimes ficaram conhecidos como chacina do Rosana. Além de João e Edilson, O DJ Lah foi assassinado no Jardim Rosana. A morte do DJ Lah foi bastante comvente, ele era integrante do grupo de rap Conexão do Morro e era muito conhecido em toda a zona sul. Segundo denúncias apresentadas em manchetes de jornais, a tensão se dá ainda em 2012, quando apontam que o DJ Lah fez circular um vídeo denunciando policiais por



agredir e assassinar um ajudante de pedreiro morador do bairro. Um único policial foi preso e acusado de participar da chacina do Jd Rosana.

Fonte: <https://theintercept.com/2018/12/03/chacina-rosana-joao/>

### **Jornadas de 2013**

“Se a tarifa não baixar a cidade vai parar”, e parou. As jornadas de 2013 iniciadas na cidade de São Paulo pelo Movimento Passe Livre, foram um movimento marcado por uma série de manifestações e ocupações das ruas de inúmeras cidades e estados do Brasil. Os manifestantes, coletivos e organizações políticas, aproveitaram a mobilização de milhares de pessoas para pautar a tarifa zero, mais muito além da tarifa, pautas como o fim da violência policial nos atos e nas periferias e maiores investimentos nas políticas públicas, foram temas prioritários reivindicados nas manifestações.

Essa jornada também ficou conhecida mundialmente, pois muitas pessoas foram perseguidas pela polícia militar, sofrendo com mandados de prisões inexplicáveis e violências físicas como lesões sofridas por tiros de balas de borrachas ou armas de fogo.

Importante ressaltar que muitos jornalistas e pessoas periféricas, estudantes ou não e isso inclui mulheres negras, participaram das jornadas e sofreram represálias e perseguições políticas em seus territórios.

Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes/>

## **2014**

### **Centenário de Carolina Maria de Jesus**

O mês de março é centenário de nascimento de uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira. Carolina Maria de Jesus, nasceu em 14 de março de 1914, encontrou uma caderneta, onde passou a registrar seu cotidiano de favelada, em forma de diário. Carolina teve publicações como “Quarto de Despejo”, “Pedacos da Fome”, “Diário de Bitita” e algumas composições de letras musicais. Foi através das escritas como Carolina Maria de Jesus, que escritoras como Tula Pilar, se sentiram validadas para escrever e publicar suas poesias, ideias e memórias.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/centenario-de-carolina-maria-de-jesus/>

### **Morte de Claudia Ferreira da Silva - RJ**

Claudia, mulher negra, mãe e moradora de favela, trabalhava como auxiliar de serviços gerais em um hospital e foi vítima de “bala perdida” enquanto ia comprar comida para seus 4 filhos. Os policiais colocaram seu corpo dentro do porta-malas da viatura, alegando



estarem prestando socorro. Segundo os policiais, durante o trajeto, o porta-malas do carro abriu, o corpo de Claudia rolou em direção à pista e ficou preso por um pedaço de roupa, o que resultou no corpo de Claudia sendo arrastado por aproximadamente 350 metros, na Zona Norte do Rio de Janeiro, morro da Congonha em Madureira.

*A falta de humanidade e a brutalidade racista que Claudia sofreu, fez com que as notícias tomassem grandes proporções nacionais e internacionais, movimentando grandes manifestações e campanhas em redes sociais. Seis policiais envolvidos no caso foram acusados e detidos, porém não chegaram a completar seis meses e foram soltos, além de receberem licença para voltar a trabalhar. Ativistas e artistas organizavam no centro da Cidade de São Paulo, na frente da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos, um ato/performance chamado de Paixão de Cláudia.*

Fonte: <https://mst.org.br/2020/03/17/apos-seis-anos-policiais-acusados-do-assassinato-de-claudia-ferreira-ainda-nao-foram-julgados-ou-punidos/>

### **Poetas da Periferia participam da Feira do Livro de Buenos Aires**

A produção dos saraus atravessou fronteiras: em 2014, a cidade convidada para a Feira Internacional do Livro de Buenos Aires (importante evento editorial latino-americano) foi São Paulo, e a Prefeitura da cidade, por meio da Biblioteca Mário de Andrade, decidiu escolher como participantes os poetas dos saraus das periferias. 80 poetas viajaram representando 16 saraus de São Paulo.

Fonte: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/06/26/cuidado-com-os-poetas-entrevista-com-lucia-tennina/#.YwNzq3bMLIV>

### **Lei de Cotas Raciais nos Concursos Públicos**

A Lei nacional 12.990/2014 reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

Fonte: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/123011825/lei-12990-14>

### **5º MJIBA em Ação (CEU Três Lagos)**

Celebrando o Dia da Mulher Negra (25 de julho) o 5º “Mjiba em Ação”, que também alcança a bonita marca de 10 anos de existência. Realizado no CEU Três Lagos, na Zona Sul de São Paulo, o evento reúne inúmeras atrações da cultura Hip Hop, como a DJ Vivian Marques, grafiteiras e rappers, mas também outras artes. “Vamos dialogar com as jovens mulheres negras e reunir as diversas linguagens artísticas como música, dança, literatura, teatro e artes visuais”, disse Elizandra Souza, uma das organizadoras do evento e do coletivo.

Fonte: <https://vaiserrimando.com.br/coletivo-celebra-dia-da-mulher-negra-evento-sao-paulo/>

### **Gravação e show de Fernanda Coimbra e os Dignísimos**

*Fernanda Coimbra, uma cantora reconhecida dos saraus e espaços culturais da zona sul, realizou a gravação do seu show com uma estrutura de banda, backing vocal, figurino e iluminação, digno das divas do jazz dos anos 70.*

*Fernanda Coimbra, mulher negra, trazia canções autorais e dentre elas musicou junto com Daniel Fagundes um poema de Jenyffer Nascimento, intitulado “Daria Um Samba”.*

*O show reuniu muitas mulheres da zona sul de São Paulo para prestigiar alguém que sempre nos presenteava com a sua voz, beleza e presença de palco.*

### **Lançamento do Livro Terra Fértil de Jenyffer Nascimento (Ação Educativa)**

“Terra Fértil” chega às ruas por meio de uma ação do coletivo Mjiba: Espalhando Sementes, que visa o fortalecimento da escrita negra e feminina e que teve início com o evento Mjiba em Ação e a Antologia Pretextos de Mulheres Negras. A autora tem poesias publicadas em duas antologias: Pretextos de Mulheres Negras e Sarau do Binho, seus textos também estão vivos nos espaços de cultura que frequenta e nas redes sociais, que usa para divulgar o próprio trabalho desde 2010.

#### Aspas de Jenyffer Nascimento

“Às vésperas do lançamento eu me sinto muito ansiosa (risos). Há dois anos, por exemplo, lançar um livro era algo totalmente impensado por mim, por mais que eu já escrevesse. Não dimensionou a projeção que a minha escrita poderia ter para outras pessoas. A verdade é que me sinto privilegiada em ter sido convidada pelo Coletivo Mjiba. Elas como irmãs pegaram na minha mão e me encorajaram a parir esse filho-livro. Sinto que represento outras além de mim, afinal, quantas mulheres negras e periféricas você conhece que estão lançando livros de poesia? Sinto uma tremenda responsabilidade por representar as mulheres, em especial as negras, periféricas e suburbanas”, pontua.

“Com o livro eu posso dizer: Sim, eu tenho direito de ser e sou uma afronta aos seus padrões”, acrescenta.

“Estou me projetando no cenário da literatura periférica brasileira e esse pode ser um grande passo na minha trajetória para tantas outras coisas que pretendo criar nesse meu caminhar”

Fonte:

<https://acervobf.bocadaforte.com.br/noticias/da-terra-fertil-floresce-uma-nova-poeta.html>

<https://catracalivre.com.br/agenda/coletivo-mjiba-lanca-livro-terra-fertil-de-jenyffer-nascimento/>

### **1º Congresso de Escritores da Periferia**

A ideia do congresso foi abordar temáticas que estavam em evidência, segundo Raphael Poesia, um dos organizadores “o evento proporciona um espaço para os escritores de periferia discutirem questões da área e se fortalecerem”. A iniciativa é do coletivo de comunicação Desenrola e Não Me Enrola, com apoio do VAI (Programa Municipal de Valorização de Iniciativas Culturais).

*Nesse evento uma das mesas da programação tinha como tema “Literatura Negra - Discussão sobre a inclusão social do negro por meio da literatura periférica”. Com isso é possível notar como a temática negra vai ampliando sua inserção nos debates periféricos.*

*O encontro foi realizado na Fábrica de Cultura do Jd. São Luís.*

Fonte: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/12/03/jardim-sao-luis-recebe-1o-congresso-de-escritores-perifericos/>

### **Lançamento do Livro Sagrado Sopro - Do solo que Renasço de Raquel Almeida (MINC - Fundação Palmares)**

Mulher, negra e mãe, Raquel Almeida insere-se no grupo de mulheres protagonistas de suas histórias. Ela acompanha a cena da literatura periférica desde 2007, quando o coletivo também foi criado. Entre suas referências estão Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, poetisas do samba e do rap, além de Malcolm X, Angela Davis, e sua avó Adélia. “Nós arrombamos a porta e estamos colocando os trabalhos na rua. Fazendo e falando a poesia negra. Neste ano tivemos lançamentos lindos de mulheres como Jennifer Nascimento e Débora Garcia. Vejo que estamos nos empoderando cada vez mais e sinto orgulho de fazer parte desta geração literária de mulheres”, diz.

*Raquel Almeida é da zona noroeste, mas sempre circulou em diversos saraus da cidade, incluindo os da zona sul. Junto com Elizandra Souza, é uma das referências de escritoras negras oriunda da periferia. Raquel tem uma escrita sensível que contrapõe os estereótipos de mulher negra raivosa ou de dureza sentimental.*

Fonte: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/escritora-de-piritiba-lanca-livro-na-funarte-amanha/>

## **2015**

### **Década Internacional de Afrodescendentes (2015 – 2024)**

O evento realizado no dia 10 de dezembro de 2014, na Cidade de Nova York, em Assembleia Geral da ONU lançou a “Década Internacional dos Afrodescendentes”, que teve início em 1º de janeiro de 2015 e terminará em 31 de dezembro de 2024. A Assembleia Geral da ONU proclamou o período entre 2015 e 2024 como a Década Internacional de Afrodescendentes.

Ao fazê-lo, a comunidade internacional reconhece que os povos afrodescendentes representam um grupo distinto cujos direitos humanos precisam ser promovidos e protegidos. Com o tema “reconhecimento, justiça e desenvolvimento”, a Década enfatiza a necessidade de reforçar a cooperação nacional, regional e internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos de pessoas de afrodescendentes, bem como sua participação plena e igualitária em todos os aspectos da sociedade.

Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/campanhas-e-advocacy/decada-afro/>

### **Encontro do Núcleo de Mulheres Negras**

*O Núcleo de Mulheres Negras organizado por Alessandra Tavares e Mari Brito, iniciou como um Núcleo Comunitário das Práticas de Justiça Restaurativa do CDHEP e posteriormente seguiu como um grupo autônomo. Consistia em encontros mensais voltado apenas para mulheres negras para escuta, partilha e realização de práticas corporais, ancestrais e holísticas diversas. O Núcleo de Mulheres Negras se consolida como o Núcleo de Mulheres Negras - O Amor Cura e foi um importante impulsionador, um espaço potencial de vida e de trocas afetivas e profunda sobre a experiência de mulheres negras na maioria da zona sul de São Paulo, no entanto, outras mulheres ao longo do percurso foram incorporadas. Cerca de 40 mulheres negras passaram pelo núcleo.*

*O Núcleo de Mulheres Negras - O Amor Cura realizou encontros mensais, por três anos, no período de 2015 até 2017.*

### **Chacina de Costa Barros - 111 tiros (RJ)**

No dia 28 de novembro de 2015, cinco jovens foram fuzilados com 111 tiros em Costa Barros, no Rio de Janeiro, quando saíam para comemorar o novo emprego de um deles. O caso ficou conhecido como a ‘Chacina de Costa Barros’. No carro estavam Carlos, Roberto, Cleiton, Wilton e Wesley, todos pretos com idades entre 16 a 25 anos. Em 2019 dois dos policiais militares foram condenados a 52 anos de prisão e um foi absolvido, na época os policiais chegaram a alegar que houve troca de tiros, porém a perícia descartou que houvesse qualquer possibilidade de troca de tiros.

Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/28/politica/1480370686\\_545342.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/28/politica/1480370686_545342.html)

### **Evento/Encontro Periferia Segue Sangrando**

No Dia Internacional da Mulher, muitas delas se encontram no “Periferia Segue Sangrando”, que tem como objetivo discutir e vivenciar as diversas facetas da vida das

mulheres e suas contradições no século XXI. A programação é diversificada e conta com oficinas, debates, caminhada, sarau e show.

*O tema central do círculo que é um dos pontos altos do encontro, teve como mote os líquidos sagrados (suor, saliva, sêmen, sangue e lágrima), inspirado na peça de Capulanas SANGOMA que trouxe para a centralidade essa simbologia do povo Zulu.*

*Periferia Segue Sangrando abriu um espaço seguro de confiança e troca e desse primeiro encontro novos coletivos de mulheres se formaram, como o coletivo Audácia.*

Fonte: <http://periferiaemmovimento.com.br/periferia-segue-sangrando-um-encontro-sobre-a-vida-das-mulheres-e-suas-contradicoes/>

### **Intervenção artístico-política no Restaurante Senzala**

Junho de 2015, algumas pessoas, todas negras, entram e sentam nas mesas do restaurante Senzala no alto de Pinheiros. Cervejas e porções eram o mais pedido do cardápio daquela noite de terça-feira. Após quarenta minutos aproximadamente, Ana Musidora, Juliana Piauí e Érica Malunguinho levantam-se e se direcionam ao banheiro, ao retornar, usavam máscaras de ferro nos rostos e correntes nos pés, chamando a atenção de quem calmamente degustava as comidas e bebidas do restaurante que carrega o nome de um dos espaços mais violentos das pessoas escravizadas na casa grande.

No meio da manifestação, cartazes foram levantados com os dizeres “Hiroxima Grill” e “Restaurante Auschwitz. A intervenção artística buscou representar um grito de liberdade do povo negro, protagonista da História mal contada e a condição do negro no Brasil.

Fonte:

[https://www.geledes.org.br/senzala-nunca-mais-intervencao-artistica-contesta-nome-de-restaurantem-sp/?fbclid=IwAR0KaBDNWvw17q\\_0H5qTvBdKgLG6QxonDyzxQZ8fzYXCdIHbA86II21MRCl](https://www.geledes.org.br/senzala-nunca-mais-intervencao-artistica-contesta-nome-de-restaurantem-sp/?fbclid=IwAR0KaBDNWvw17q_0H5qTvBdKgLG6QxonDyzxQZ8fzYXCdIHbA86II21MRCl)

### **Início do curso de Comunicadoras Populares: Mulher e Mídia na Quebrada pela Coletiva Rosas**

Organizado pelo coletivo feminista Fala Guerreira! o curso oferece oficinas de jornalismo, fotografia e diagramação. O objetivo da iniciativa é disseminar a produção de revistas impressas e digitais que deem voz às mulheres da periferia. Com workshops diversos de fotografia, diagramação, escrita e outras oficinas.

*Tivemos mais de 50 mulheres inscritas e com a composição e formação do curso, a Coletiva Rosas, acabou se transformando na Coletiva Fala Guerreira, composta também por mulheres que fizeram parte do curso.*

*O curso foi realizado no Bloco do Beco e na Fábrica de Cultura do Capão Redondo.*

Fonte: <https://mondodebo.wordpress.com/2015/09/01/inscricoes-curso-gratis-mulher-e-midia-na-quebrada/>

### **I Edição da FELIZS (Feira Literária da Zona Sul)**

Em setembro de 2015 aconteceu a primeira edição da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS). O Sarau do Binho foi o responsável por dar o pontapé inicial. Acontecia na praça do Campo Limpo, aberto a todos os públicos com programação a semana inteira, o evento visava articular e pensar sobre o panorama pulsante de múltiplas linguagens que vinha sendo impulsionada pelos saraus nas periferias.

*A Feira estava munida de saraus, rodas de conversa, debates, contação de história, apresentações musicais, multimídia e fotografia, destacando também oficinas, intervenções, exposição e venda de livros, além de tendas para crianças e apresentações musicais. Os debates se pautavam na pertinência dos saraus, literatura negra, literatura e a cidade, literatura feminina, o jovem e a produção literária e o mercado editorial. E foi na praça do Campo Limpo que fomos FELIZ(S).*

Fonte: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/09/14/felizes-feira-literaria-da-zona-sul-conecta-e-amplifica-arte-das-periferias-de-sao-paulo/>

### **Intercâmbio de vivências com as Mulheres de Pedra (Pedra de Guaratiba \_ RJ)**

Numa perspectiva de articulação em rede, à convite de Mulheres de Pedra o Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura e o Periferia Segue Sangrando foram convidados a realizar um intercâmbio de práticas e participar da gravação da série Fé Menina (que consistia na performance coletiva ou individual de artistas e grupos convidados para uma montar um filme). O Periferia Segue Sangrando e o Núcleo de Mulheres Negras conduziram um círculo e realizaram um pequeno cortejo, participando de cenas da gravação da série e da formação do Ciclo Lunar com Isabella Duvivier.

#### Sobre Mulheres de Pedra:

Somos um coletivo que objetiva valorizar o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo no qual as relações se tecem através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural. Um grande investimento do trabalho se refere ao desenvolvimento local, no bairro de Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

### **Lançamento da Revista 1 Fala Guerreira no Sarau Preta na Branca**

O Sarau Preta na Branca – Mulheres no Controle, com Pocket Show da Banda Agbê e lançamento da Revista do Coletivo – Fala Guerreira. “O estudo é escudo, conhecimento e liberdade salvam vidas”. Este é o lema do encontro e a ideia é compartilhar as

experiências no #MOMENTOFALAGUERREIRA, além da exibição de vídeos e apresentação artística. A Revista buscou a construção e fortalecimento de uma experiência feminista periférica. As mulheres soltaram suas vozes, dores e indignações como Guerreiras da Quebrada. Na programação a exposição fotográfica de Thais Buarque, projeção de vídeos feministas, e o espaço aberto para todas as guerreiras.

*O lançamento da primeira revista foi épico, com direito à taça de champanhe e brinde na rua junto com todos os presentes no Sarau. Era preciso celebrar esse nascimento, uma revista por e para mulheres da periferia. Falas emocionantes das integrantes do coletivo e abraços. Estava nascendo ali algo potente, estávamos narrando em primeira pessoa, algo que muitas de nós nem imaginávamos ser possível, rompemos a fronteira do improvável.*

Fonte:

[https://periferiaemmovimento.com.br/fala-guerreira-lancamento-da-revista-da-mulher-periferica/?fbclid=IwAR2IKN0r0ol4mxGaeDoaVQuAorQ6WuRnM-8BjG69IQatT\\_LmGumF9htVVc0](https://periferiaemmovimento.com.br/fala-guerreira-lancamento-da-revista-da-mulher-periferica/?fbclid=IwAR2IKN0r0ol4mxGaeDoaVQuAorQ6WuRnM-8BjG69IQatT_LmGumF9htVVc0)

<https://www.facebook.com/events/950770861655934/>

### **Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e pelo Bem Viver**

Em 18 de novembro de 2015, cerca de 100 mil mulheres negras de todos os cantos do Brasil se encontraram em Brasília (DF), na primeira Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, o Machismo, a Violência e pelo Bem Viver. A ideia de marchar pelos direitos de mulheres, e população negra como um todo, foi apresentada por Nilma Bentes, ativista do Centro de Estudo e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), em 2011, durante o Encontro Ibero-americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes (Afro XXI), realizado em Salvador.

Importante ressaltar que durante a Marcha das Mulheres Negras em Brasília o ato sofreu um atentado. Na ocasião alguns manifestantes contrários à Marcha estavam acampados no gramado da Esplanada dos Ministérios, pedindo intervenção militar no país e ao avistarem a Marcha atiraram em direção às mulheres negras e indígenas que ali marchavam. A polícia Militar por sua vez, contribuiu com a violência ali apresentada e dispararam balas de borracha sobre as mulheres e bombas de gás lacrimogêneo.

*Um agrupamento de mulheres negras do Núcleo saiu de SP nas vagas de ônibus oferecidos pela marcha e foram feitas 17 horas de viagem até Brasília. A rede de mulheres em âmbito nacional se encontrava em Brasília, como o grupo de Mulheres de Pedra, Coletiva Luana Barbosa, e tantas outras coletivas e grupos que constroem o movimento feminista no Brasil. Marchamos. E ver aquele mar de mulheres negras diante dos olhos foi de uma grandeza ímpar, talvez nunca experimentada. O DF é tenso, não tinha água, nem bares, caminhamos um longo percurso, não tomamos banho e nos alimentamos mal, contudo, foi uma reafirmação dos horizontes políticos com os quais estávamos conectadas e com as nossas próprias vidas.*



Fonte:

<https://www.ipea.gov.br/participacao/noticiasmidia/participacao-institucional/movimentos-sociais/1310-marcha-mulheres-negras-2015>

<https://institutoodara.org.br/seis-anos-da-marcha-das-mulheres-negras-contra-o-racismo-a-violencia-e-pelo-bem-viver-para-onde-marchamos/>

<http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Carta-das-Mulheres-Negras-2015.pdf>

### **Campanhas virtuais que tomaram grande proporção nas redes #nãopoetizeomachismo #meuamigosecreto #meuprimeiroassedio**

Durante os meses de outubro e novembro de 2015, um enxame de denúncias de assédios bombardeou as redes sociais e teve ampla adesão e repercussão nas redes sociais, obviamente, não dissociada de toda movimentação de mulheres negras, mulheres feministas na periferia e em outros circuitos movimentavam a cena e o debate. Muitos casos foram expostos, escrachos e muitos homens foram apontados nominalmente por seus feitos, a partir disso, novos agrupamentos de mulheres também se formaram, como foi o caso do Slam das Minas. Na época, a rede social mais utilizada era o Facebook.

Fonte:

[https://www.facebook.com/hashtag/n%C3%A3opoetizeomachismo?source=feed\\_text&epa=HASHTAG](https://www.facebook.com/hashtag/n%C3%A3opoetizeomachismo?source=feed_text&epa=HASHTAG)

<https://epoca.oglobo.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html>

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2015/12/tag-meuprimeiroassedio-foi-uma-das-mais-buscadas-do-ano-diz-google.html>

### **Lançamento da Revista 2 Fala Guerreira - Especial Mulheres negras (Casa de Cultura do Campo Limpo)**

Revista Fala Guerreira! Beleza, coragem, em uma nova experiência feminista que traz às páginas a vivência da mulher negra da periferia. A revista é feita por e para todas as guerreiras da quebrada. A programação engloba o lançamento da reimpressão de livros da escritora Jenyffer Nascimento, a roda de conversa “Periferia Segue Sangrando”, com discotecagem da DJ Michelle Correia, apresentação do grupo Semente Crioula e outras intervenções, além de expositoras com seus produtos. Lembrando que o rango é vegano!

Fonte: <https://periferiaemmovimento.com.br/fala-guerreira-segunda-edicao-da-voz-as-mulheres-negras/>



### **Dissertação de mestrado de Ana Paula de Santana Correia (2015)**

*Mulheres da periferia em movimento: um estudo sobre outras trajetórias do feminismo*

O estudo que apresentamos sob a forma de dissertação de mestrado tem por objetivo compreender diferentes visões do feminismo, em especial o feminismo negro. O foco empírico principal são as mulheres que atuam na periferia da Zona Leste de São Paulo. A metodologia aplicada é de natureza etnográfica. Durante aproximadamente dois anos acompanhamos as práticas e representações das mulheres, narrativas de dramas da vida familiar, em sua maioria, centrados na violência doméstica, tema que apareceu de maneira enfática, embora não fosse o objeto privilegiado do nosso estudo. Registramos também as ações e reações das mulheres em uma perspectiva histórica. O estudo da AMZOL foi estratégico no sentido de estabelecer conexões com o passado recente. Compreendemos que as lutas das mulheres na periferia possuem especificidades e se articulam com os movimentos sociais urbanos dos anos 1970. Constatamos posteriormente que, os problemas da segregação socioespacial, racismo e desigualdades econômicas articulam-se na contemporaneidade com as questões de gênero. Os estudos etnográficos realizados em duas entidades que atuam no apoio às mulheres, a Casa Viviane dos Santos e a Casa Anastácia, revelaram conexões com o passado de lutas dos anos 1970, mas, indicaram também que novas temáticas e estratégias estão sendo pautadas. O racismo, por exemplo, aparece como uma questão importante a ser enfrentada pelas militantes, usuárias e técnicas na Casa Anastácia. Os resultados a que chegamos indicam que as mulheres da periferia enfrentam questões particulares. A condição de mulher negra e as localidades em que vivem, marcadas pelos problemas da segregação urbana, racismo, desigualdades de classe, socioeconômicas e de gênero, configuram um quadro específico que conduzem a reflexões e experiências também particulares, que explicam as alternativas e caminhos de uma prática feminista em consonância com as experiências de mulheres negras e pobres.

Fonte: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/48082>

## **2016**

### **Encontro Periferia Segue Sangrando - Ano 2 (Bloco do Beco)**

*Anualmente o encontro é realizado partindo da organização autônoma de mulheres. Sempre com uma programação ampla, o Periferia Segue Sangrando é composto por um círculo de mulheres para trocas íntimas, momento para socialização no café da manhã, almoço e jantar. Oficinas e um cortejo realizado nas ruas do Jd. Ibirapuera acompanhado pelo grupo de Maracatu Baque Atitude.*

### **Lançamento da Revista 3 Fala Guerreira - Especial Mães de Maio**

*A terceira edição da Revista Fala Guerreira teve uma edição especial dedicada a luta das mães de maio e a discussão sobre genocídio, violência, cuidado, luto e luta. O lançamento aconteceu no SESC Santo Amaro. Foi organizado um Sarau com importantes mulheres periféricas da cena cultural e uma programação diferente intervenções com microfone aberto. Para essa atividade foram convidadas ativistas do Núcleo de Mulheres Negras e artistas da cena cultural da zona sul de São Paulo. O lançamento foi bastante emocionante, contudo, o editorial desta revista marcava os 10 anos dos crimes de maio e a busca por justiça.*

Fonte: Registro pessoal

### **Assassinato de Luana Barbosa**

No dia 8 de abril de 2016, Luana saiu de casa com sua moto para levar o filho até o curso de informática. Ao estacioná-la em frente a um bar - na Rua João Maria Jorge Esteves, nº 171 no Jardim Paiva - bem na esquina da sua casa, Luana se deparou com uma abordagem policial. Segundo sua irmã, aquela era a quarta abordagem que Luana tinha passado naquele dia. Foi agredida quando se negou a ser revistada por três policiais homens, o que é um direito das mulheres, levando um chute para abrir as pernas, caindo no chão e, ao se levantar, atingiu um dos policiais com um soco. A partir disso começou a ser espancada na frente de seu filho e a apanhar com os cassetetes, mesmo estando algemada. Apesar de muitos ferimentos, Luana foi levada para delegacia de Ribeirão Preto (51º DP) para responder pelo crime de agressão. No mesmo dia, Luana deu entrada no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto com suspeita de AVC (Acidente Vascular Cerebral), ficando internada e depois de cinco dias foi a óbito.

Em janeiro de 2017, a Justiça Militar do Estado de São Paulo arquivou o processo contra os três policiais acusados pelo espancamento de Luana. Em 2019 após inúmeras audiências de instrução a juíza responsável pelo caso determina que os policiais vão a júri popular com o agravamento de crime qualificado, os advogados de defesa dos policiais recorrem da sentença e em 2021 o crime contra Luana deixa de ser qualificado e passa a ser um crime simples, no qual o agravamento pautado no racismo e na lesbofobia deixa de existir.

Fonte:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/13/mae-negra-e-periferica-assassinato-de-luana-barbosa-permanece-impune-apos-tres-anos/>

### **Criação da Coletiva Luana Barbosa**

*Uma notícia abala a reunião do grupo de trabalho das pretas da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo que estava sendo realizada no vão do MASP, Luana Barbosa do Reis morreu após ser espancada por três policiais em Ribeirão Preto - SP. Naquele momento, o grupo de trabalho estava discutindo os marcadores de sexualidade, gênero e raça e as formas de aproximar mulheres negras periféricas do movimento lésbico da Caminhada de Lésbicas e Bissexuais que iria acontecer na Av. Paulista. A notícia evidenciava as opressões de raça e classe que viviam grande parte destas*

*mulheres, uma emoção e revolta muito grande tomou parte do grupo de trabalho e, neste mesmo dia, nascia Coletiva Luana Barbosa, composta por nove mulheres lésbicas e bissexuais, pretas e indígenas de múltiplas periferias da grande São Paulo na luta por visibilidade e busca de justiça por Luana e por outras lésbicas negras.*

Fonte: registro pessoal

### **Nascimento do Aparelha Luzia**

O espaço que funciona de quinta-feira a domingo oficialmente, mas de maneira informal também abre terça e quarta-feira, é um centro cultural e político. Inaugurado em abril de 2016, o nome incomum do local remete a um passado mais distante. Aparelhos eram apartamentos ou casas onde ativistas que resistiam à Ditadura Militar se encontravam clandestinamente, faziam reuniões ou se refugiavam. Luzia, por sua vez, é o nome do fóssil mais antigo já encontrado na América, datado em cerca de 13.000 anos. Descoberta em Minas Gerais, ela tinha traços e fenótipos negros muito antes do início do tráfico de escravos no século XVI.

*Importante espaço de socialização e aquilombamento de pessoas negras, o Aparelha Luzia é uma referência cultural negra da cidade de São Paulo. Embora localizado na região central, no bairro da Santa Cecília, foi muito frequentado por mulheres negras da zona sul, como forma de se conectar com pessoas negras de outras regiões da cidade. Um espaço festivo, político e de resistência negra.*

Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/01/cultura/1509557481\\_659286.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/01/cultura/1509557481_659286.html)

### **Viagem da Trama Sangre Buena no Festival de Artistas Feminista**

(Cidade do México)

O Festival aconteceu no dia 21 de maio de 2016 nas dependências da UACM (Universidade Autônoma da Cidade do México). Foi organizado pela Ímpetu, uma associação formada por jovens que trabalham pelos direitos das juventudes a partir da perspectiva de gênero. A Ímpetu oferece uma série de cursos e capacitações em Direitos, Gênero, Saúde, Arte e História das Mulheres. O Festival contou com a participação de diversas ativistas mexicanas e latino-americanas que compuseram a programação expondo fotografias, publicações, música, dança, culinária performance, além de oficinas de conteúdo artístico e político. Periferia Segue Sangrando e a Observatóri@ formaram “La trama Sangre Buena” que apresentou a atividade com a intervenção “Onde meu Sangue me Liberta?”. A atividade se baseia nos fundamentos da metodologia do círculo, utilizada em processos restaurativos. Foram disponibilizados materiais de pintura para construir um mapa coletivo que teve como tema de reflexão, “Onde meu sangue me liberta?”. Aos poucos, o encontro e a reflexão sensibilizaram as participantes que compartilharam experiências, criando símbolos e significações próprias para seus corpos e seu sangue que transitam e ocupam o território.

Mariana Salomão, Mariana Feliz, Juliana Mercuri, Mariana Nascimento, Alessandra Tavares, Jenyffer Nascimento, Silvana Martins e Carolina Teixeira, estiveram no festival representando o Periferia Segue Sangrando e o Observatório.

Fonte:

<http://impetumexico.org/>

<https://www.laquearde.org/2016/05/25/la-manada-feminista-me-respalda-ii-festival-internacional-de-artes-feministas-en-cdmx/>

[https://www.observatoriadcm.com.br/pdf/10%20-%20RO1\\_mexico\\_II%20Festival%20Internacional%20de%20Artes%20Feministas%20da%20Cidade%20do%20Mexico\\_Vera%CC%83o\\_1,3,4.docx.pdf](https://www.observatoriadcm.com.br/pdf/10%20-%20RO1_mexico_II%20Festival%20Internacional%20de%20Artes%20Feministas%20da%20Cidade%20do%20Mexico_Vera%CC%83o_1,3,4.docx.pdf)

### **Viagem de Elizandra Souza para Havana / Cuba**

Festival Internacional de Poesia de Havana (Cuba)

*O “Festival Internacional de Poesía de La Habana”, realizado com apoio do Ministério de Cultura, a “Unión de Escritores y Artistas de Cuba” e a “Oficina del Historiador de la Ciudad”, no período de 22 a 28 de maio, no Centro Cultural CubaPoesía.*

*A Elizandra Souza, foi a única representante do Brasil nessa edição do evento, que além de recitar poesias durante o evento e realizar intercâmbio com as outras escritoras e escritores negros da diáspora como Marta Portillo (Cuba) e Shepsa Nzinga Maxwell (Costa Rica), também palestrou no dia.*

*Não havia subsídio financeiro para custeio das passagens, hospedagem e alimentação. Para viabilizar a viagem, a autora decidiu fazer uma vaquinha com amigos, parceiros e pessoas implicadas com as artes e a literatura, em que foi possível arrecadar R\$ 7.000 reais. Partindo do entendimento coletivo que essa viagem era importante não apenas para a autora, mas para toda cena literária, afinal, poder falar de literatura negra feminina e circular o mundo, atravessar fronteiras é um desafio para escritores e escritoras negras de periferia.*

Aspas de Elizandra Souza:

“Tinha muitas atividades descentralizadas, muitas tertúlias, apresentações culturais por toda Havana. Brasileira apenas eu. Havia shows noturnos. Almoços e Jantares com atividades culturais. Visitas e apresentações fora de Havana também. Foi uma viagem inesquecível, conheci pessoas incríveis e dialoguei com escritoras negras em diáspora. As imagens podem traduzir algumas das impressões, mas nem tudo conseguimos dizer, as sensações vivenciadas talvez um dia saia em forma de poesias. Agradeço a todos que possibilitaram essa viagem, esse encontro com a poesia e com o mar caribenho. Recomendo que possam visitar Havana - Cuba um dia. Observação: É mentira português não se parece com o espanhol. Pastei que

nem uma condenada...Entendia só metade das coisas e as demais eu imaginava. Vi Cuba com as lentes turvas de quem não compreendi o idioma.”

### **Carta aberta a Festa Literária Internacional de Parati – Cadê as Nossas Escritoras Negras na FLIP 2016?**

Tensionamento realizado por Giovanna Xavier, enviado a FLIP, após uma roda de conversa com autoras negras consolidadas na cena da literatura negra que teve repercussão e gerou amplo debate público em torno da ausência de representação.

*Partindo dessa carta e com falas de Conceição Evaristo que denunciava a ausência de escritores negros na FLIP, a organização da Feira constrangida passou a olhar para a autoria negra e ano a ano vem buscando a inserção de pessoas negras na programação e homenageando autoras e autores negros. Ainda é cedo para concluir se é uma efetiva reparação apenas atendendo a pressão dos movimentos que reverberaram na mídia. Só o tempo poderá dizer se um dia teremos uma FLIP com as mesmas possibilidades para escritores brancos e negros.*

Fonte: <https://www.geledes.org.br/carta-aberta-festa-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016/>

### **Festa Fala Guerreira - A Revolução Será Embucetada**

A festa intitulada a revolução será embucetada, foi pensada na perspectiva de criar uma ruptura que não passa só pela linguagem, mas sim pelos nossos corpos que carregam bucetas. Nosso maior objetivo foi pautar a importância da buceta e ressignificar o peso carregado por anos. A ideia foi de fazer a buceta revolucionária aos olhos das mulheres de periferia, falar do amor que devemos cultivar pela buceta. A festa foi realizada no sacolão das artes, as mulheres estavam embucetadas colando lambe aos entornos do sacolão. Contamos com vários Djs residentes do território, a festa foi até as 6 da manhã e o lema era alegria e rebeldia.

### **Viagem de Elizandra Souza para Paris - França**

*Formada em Aromaterapia, com a intenção de realizar sua especialização, Elizandra Souza viajou à Paris para realizar o Curso de Perfumaria Botânica, pago pela própria escritora. Elizandra fundou sua própria marca onde produz óleos essenciais, perfumes e outros produtos naturais.*

*Fonte: Caderno de Campo*

### **Viagem de integrantes da Coletiva Fala Guerreira a San Cristobal de Las Casas - Escola Zapatista (México)**

*Julho de 2016, foi a vez de Arailda Carlos, Beatriz Oliveira, Dani Regina, Dayse Oliveira e Rita Carneiro da Revista Fala Guerreira, embarcarem rumo ao México-Chiapas. A história de luta, coragem, rebeldia e vida digna dos Zapatistas, traçavam os planos daquela viagem e não menos especial o I Festival Comparte Por La Humanidade, foi o espaço escolhido por elas e tantas outras para receber a ciranda de mulheres sábias, marcada por histórias de mulheres que tiveram seus corpos atravessados pela violência do estado e pelo machismo, histórias não tão distantes das brasileiras, mas com marcas distintas a partir da cultura de cada país. Naquele mês, as professoras mexicanas estavam a muitos dias na luta contra a precarização da educação do país e contra o massacre de estudantes. Dessa viagem saiu uma entrevista publicada da revista fala guerreira, com as professoras feministas que estavam na luta pela educação no México.*

Fonte: Fala Guerreira, número 4, Edição Independente, 2017.

### **Viagem da Coletiva Fala Guerreira para Manizales Colômbia**

*Ana Liz, Danielle Braga, Daniella Regina de Oliveira, Gabriela Miranda, Mariana Brito, Patricia Tirola, Alessandra Tavares, Carolina Teixeira, Nath Pires e Silvana Martins, fecham os ciclos de cirandas na América Latina no mês de novembro de 2016 em Manizales-Colômbia, na II Bienal Ibero Americana de Infância e Juventudes – CLASCO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais). A Bienal recebeu diversas intelectuais e coletivos de diversos países, ficamos encantadas e com medo do novo, o que não nos impossibilitou de construir e dar continuidade nessa teia, que também é rede, que também é força de mulheres da América Latina.*

### **Estreia do Espetáculo Grajaú conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis**

Com direção de Tatiana Monte, a peça teatral faz relação direta entre a periferia da cidade de São Paulo com quilombo, encarnando na voz dos moradores, os símbolos da resistência Dandara e Zumbi.

*O espetáculo traz narradores, catadores de histórias e andarilhos das vielas que chegam da rua para contar histórias e narrativas do Grajaú para o Grajaú: Dandaras e Zumbis da periferia de São Paulo. Grajaú que pulsa vida, calor, bares, varais e poesia. Cenas que vão do despencar das estruturas machistas, cenas de cebolas, mães solas, mulheres pretas que se acolhem, meninos pretinhos que nadam na represa, pássaras e voos, bixinhas das vielas. As Dandaras e Zumbis que foram escondidos da história, empurrados para beira da cidade fazedores de potência nas margens da sociedade.*

*A peça aconteceu no Espaço Humalada, no Grajaú, extremo sul de São Paulo.*

## **Lançamento da publicação *Sujeitos, frutos e percursos: Projeto Jovens Facilitadores de Práticas Restaurativas***

*Projeto criado pensando na formação de jovens facilitadores de práticas restaurativas, que tem a perspectiva de construir reflexões e práticas de resistência contra as violências produzidas nas periferias da zona sul de SP. Que teve como educadoras mulheres periféricas, entre elas, Milena Mateuzi, Mariana Brito e Alessandra Tavares.*

*A publicação contou com artigos do Núcleo de Mulheres Negras e Periferia Segue Sangrando, entre outros coletivos e espaços que atuaram com Justiça Restaurativa.*

Fonte: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/sujeitos-frutos-e-percursos-projeto-jovens-facilitadores-de-praticas-restaurativas,d8ef7c6d-2abe-46fb-abbb-b5214b156ec2>

## **Estreia do Espetáculo *Cia Sansacroma Sociedade dos Improdutivos***

O espetáculo “Sociedade dos Improdutivos”, da Cia. Sansacroma, tem direção de Gal Martins e é o resultado de dois anos de pesquisa teórica e de campo sobre a loucura. O questionamento central do espetáculo contrapõe o corpo que é socialmente invalidado ao corpo que é socialmente produtivo. O primeiro é marginal, portador de algum tipo de loucura. O segundo é medicado, incluído e sujeitado ao modo de vida capitalista – corpo explorado até o esgotamento das suas capacidades produtivas. Trata-se da invalidez da reprodução. Força invisível chamada de loucura, transcender o coletivo. A não-adequação social produtiva. É solidão. É a história, um itinerário da loucura em fusão para um embate contra o capital. O controle ocidental contrapondo a corporeidade do imaginário africano. São vozes potentes, negras, de territórios e seus povoamentos. Um cotidiano dos que estão à margem e dos que não estão. São vozes da “Sociedade dos Improdutivos”.

Cia Sansacroma: grupo de dança paulistano que tem como ponto de partida de criação as poéticas e políticas do corpo negro.

*Forte, sensível, impactante e perturbador seriam boas descrições para este espetáculo. Ao mesmo tempo que expressa a loucura e seus marcadores raciais explora com delicadeza a fronteira entre a loucura e a razão. Durante o espetáculo percebi que algumas pessoas saíram ainda no meio do espetáculo aos prantos, outras estáticas. Ao final, pairava um silêncio como se as palavras não pudessem expressar a experiência.*

*O espetáculo aconteceu na Casa de Cultura de M’Boi Mirim.*

Fonte: <http://periferiaemmovimento.com.br/no-mboi-mirim-cia-sansacroma-danca-loucura-em-sociedade-dos-improdutivos/>



**2017**

### **8M na quebrada**

*O 8M na Quebrada é uma rede composta por algumas coletivas e mulheres autônomas, criado em 2017 na perspectiva de traçar intervenções referente ao dia 8 de março. 8 M na quebrada é pensado de maneira a pautar discussões que envolva o 8 de março também dentro das quebradas, nos terminais e transportes públicos de forma crítica, trazendo às mulheres das periferias discussões que permeiam raça, classe e gênero.*

Fonte: <https://youtu.be/e3nCaBZxCKo>

### **Encontro Periferia Segue Sangrando e lançamento da Revista Fala Guerreira - Especial América Latina**

*No dia 25 de março, o Coletivo Fala Guerreira realizou uma edição do evento “Periferia Segue Sangrando” no Jardim Ibirapuera. O evento partiu da vontade de encontrar todas as mulheres à nossa volta, para falar de nós e da necessidade de nos cuidar, de olhar nos olhos uma das outras, pensar, falar e transferir amor.*

Fonte: [https://nosmulheresdaperiferia.com.br/periferia-segue-sangrando-revista-fala-guerreira-chega-a-4a-edicao-com-festa/?fbclid=IwAR2\\_yDkZs98YgUPrH2YviNw0tEJU4EFq2CRDfbs94dDUhszJL6FZgP5Ab7M](https://nosmulheresdaperiferia.com.br/periferia-segue-sangrando-revista-fala-guerreira-chega-a-4a-edicao-com-festa/?fbclid=IwAR2_yDkZs98YgUPrH2YviNw0tEJU4EFq2CRDfbs94dDUhszJL6FZgP5Ab7M)

### **Lançamento da Revista Fala Guerreira - Especial Afetividades**

*Lançada em julho de 2017, a revista Fala Guerreira – Especial Afetividades foi pensada em tocar uma dimensão fundamental, mas não tão simples que carregamos na vida, que é o amor, amor que nos caiba inteira, amores que afetam e sangram, amores que são cura e que são nossos.*

### **Estreia do 1º Espetáculo da Zona Agbara: "Vênus Negra – Um manual de como engolir o mundo!"**

O espetáculo de dança "Vênus Negra -Um Manual de Como Engolir o Mundo" estreou em julho de 2017 no Centro de Referência da Dança. O projeto propôs a criação de um espetáculo de dança que utilizava como uma de suas inspirações a história de Saartjie Baartman, a Vênus Negra, mulher negra e gorda que há dois séculos foi exibida em uma jaula na Europa.

*O espetáculo Vênus Negra circulou por vários equipamentos de cultura nas periferias de São Paulo, todas as atrizes e criadoras do espetáculo são mulheres pretas e gordas e sua*



*formação inicial contava com Dandara Kunte, Gal Martins, Fabiana Pimenta e Luciane Barros.*

Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/07/agbara-venus-negra-um-manual-de-como-engolir-o-mundo.html>

### **Conceição Evaristo na Feira Literária da Zona Sul**

*Conceição Evaristo foi uma das principais atrações da FELIZS 2017, junto a arte-educadora Rosa Iavelberg, participaram de conversas literárias sobre suas obras no SESC Campo Limpo, com encontros abertos ao público. Mulheres pretas e escritoras como Jenyffer Nascimento, Dandara kunte e Carmem Faustino marcaram presença na conversa literária com a escritora.*

Fonte: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/conceicao-evaristo-e-atracao-da-3o-feira-literaria-da-zona-sul/>

### **Viagem de Jenyffer Nascimento para Salon du Livre d'Art des Afriques (Salão do Livro de arte das Áfricas) - Paris/França**

*O evento realizado do dia 18 a 22 de outubro contou com a exposição de livros, materiais gráficos, revistas, folhetins de 22 editores independentes de África e da diáspora (Senegal, França, Alemanha, Áustria, África do Sul, Camarões, Haiti, Cuba).*

*Além da exposição dos materiais na feira de livros, uma programação cultural e artística, contendo debates e palestras foi realizada no espaço La Colonie. Participou de uma roda de conversa sobre produção de mulheres negras com intersecção um bate-papo com mulheres da França e Brasil.*

*Jenyffer Nascimento viajou com recurso próprio e levou publicações (livros, zines, folhetins e material gráfico) de mulheres negras do território para expor. Além dela, a artista Renata Felinto do Brasil também estava presente no evento.*

Fonte: registro pessoal

### **Clipe Voz Negra de Luana Bayô**

*A artista, cantora e compositora Luana Bayô, convidou o Núcleo de Mulheres Negras para participar da gravação do seu clipe em outubro de 2017. “Sofri, chorei, sangrei, mas eis me aqui, falarei para o mundo inteiro então me ouvir”, trecho da música Voz Negra faz referência à ruptura com o silêncio e o silenciamento de mulheres negras, voz negra que ecoa para o “o mundo inteiro ouvir”.*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=f1-TBHZ2RJ4>

### **Vivência de cuidado voltado às nossas mais velhas e gravação do Filme Mulheres Periféricas - apoiado por mais de 500 mil manas**

*Um dia preparado e voltado para o autocuidado de nossas mais velhas, aquelas que nos conceberam, nos criaram, nos educaram, amaram e permitiram que pudéssemos nos tornar mulheres de luta. O discurso feminista por vezes não considera a luta dessas mulheres, ao mesmo tempo a distância geracional abre lacunas para o diálogo que nem sempre é possível para todas. Dessa forma, a intenção era de agradecer e entregar um dia especial em que pudessem se divertir, se sentir bonitas e cuidadas. Esses momentos foram gravados e algumas entrevistas foram concedidas para transformarmos em um documentário, de modo a eternizar suas vozes enquanto mulheres de periferia.*

Fonte: <https://youtu.be/xLleLwgfnRc>

### **Lançamento da revista audiovisual Fala Guerreira #6 (Sacolão das Artes)**

*Lançada no Sacolão das Artes, intitulada de revista audiovisual, foi um documentário de 30 minutos com registro das entrevistas e atividades vivenciadas pelas mães das mulheres do Fala Guerreira.*

*Um dia incrível que por esforço coletivo, conseguimos levar muitas delas para se verem na telona na projeção e trocar sensações, uma troca importante de mulheres guerreiras de diferentes.*

Fonte: registro pessoal

## **2018**

### **Assassinato de Marielle Franco (RJ)**

Quem mandou matar Marielle?

A vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Pedro Gomes, foram mortos a tiros dentro de um carro no bairro do Estácio após saírem de um evento na Casa Das Pretas, na região central do Rio de Janeiro, espaço político conhecido por promover debates, rodas de conversas e vivências afetivas entre mulheres.

Marielle foi socióloga, mestre em Administração Pública e atuou na coordenação da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Cria da Maré, Marielle Franco pautava em seu mandato a luta contra a violência policial nos morros e nas favelas do Rio de Janeiro, além de debates de raça, gênero e sexualidade na ALERJ, assim como a participação de negros, indígenas e de pessoas LGBTQIAP+ na política.

*A morte de Marielle atravessou de maneira brutal o corpo de mulheres negras da rede que falavam umas com as outras, por ligação, por mensagem tentando acreditar no que havia acontecido. A eleição do presidente Bolsonaro e o acirramento de discursos conservadores, lgbtfóbicos e da perseguição às mulheres já era assustador e a morte prematura de Marielle Franco nos colocava em estado de alerta e apreensão, deflagrando o iminente risco político de denunciar o racismo, a violência policial e todo o sistema que encarcera e mata pessoas negras no Brasil.*

Fonte: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/03/14/assassinato-de-marielle-franco-completa-quatro-anos-sem-que-se-conheca-mandante-do-crime.ghtml>

### **8M na quebrada**

*Segundo ano de intervenções com o 8M na quebrada. Mulheres de diversos coletivos posicionadas nas ruas com cartazes e intervenções artísticas, pautando questões de raça, classe, sexualidade e gênero numa perspectiva periférica. Ocupando terminais de ônibus, saídas de metrô e ruas na região dos distritos do Jardim São Luiz, Jd Ângela e Capão Redondo. As crianças, filhos e filhas das componentes da rede, também se fizeram presentes e apoiaram a intervenção.*

Fonte: registro pessoal

### **Brejo da Madrugada**

*O primeiro Brejo da Madrugada foi organizado pelo Brejo da Sul, grupo de mulheres lésbicas e bissexuais pretas de diversos bairros da zona sul. O brejo da madrugada, foi um encontro organizado exclusivamente para negras lésbicas e bissexuais de quebrada, que partia de um objetivo comum entre elas de pensar coletivamente o acolhimento entre mulheres, o cuidado coletivo e a afetividade partilhada. O evento contou com rodas de conversas sobre violência entre mulheres, saúde e maternidade. O encontro contava com espaço exclusivo de brincar para crianças e havia uma programação exclusiva para elas.*

Fonte: registro pessoal

### **Intercâmbio Mulheres de Pedra + Periferia Segue Sangrando**

*Este foi um encontro imersivo em Pedra de Guaratiba com mulheres do Periferia Segue Sangrando, Mulheres de Pedra, Coletiva Carolinas e Coletiva Luana Barbosa. Um fim de semana composto por rodas de conversas com mulheres mais velhas de Pedra de Guaratiba, ciranda e festejo e sarau na Casa de Mulheres de Pedra.*

Fonte: registro pessoal

### **Falecimento da artista Raquel Trindade**

*Abril de 2018 ficou marcado com a notícia da morte de Raquel Trindade. A escritora, filha de Solano Trindade, também era artista plástica, folclorista e dançarina. Raquel Trindade esteve à frente do ativismo cultural de Embu por décadas, levando o nome da cidade para onde quer que passasse, foi professora convidada na Unicamp e Universidades do Rio de Janeiro. Recebeu, em seu nome e de seu pai, a Comenda de Mérito Cultural da República, entregue pelo então Presidente da época, Luiz Inácio Lula da Silva.*

*Seu velório, uma despedida a uma grande mulher que agora se tornava uma ancestral, reuniu centenas de pessoas, integrantes dos movimentos culturais e movimentos negros que fizeram uma linda despedida. Seu legado é uma referência para inúmeras mulheres negras da zona sul de São Paulo.*

Fonte: caderno de campo

### **Encontro Periferia Segue Sangrando - Ano 4**

*O encontro do Periferia Segue Sangrando deste ano contou com a participação de mais mulheres na organização. O encontro foi dividido em dois grupos de acolhida, a roda das mulheres negras e a roda das mulheres lésbicas e bissexuais, finalizando com um grande círculo no qual as participantes trouxeram suas impressões, sensações e emoções da roda na qual participaram. O encontro contava com uma deliciosa refeição, comidas que foram feitas por participantes dos encontros e fechado com o costumeiro cortejo guiado pelo grupo Baque atitude.*

Fonte: caderno de campo

### **Acompanhamento da Audiência do Caso Luana Barbosa em Ribeirão Preto**

*Manifestantes de alguns lugares do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, se reuniram na frente do Fórum de Ribeirão Preto, para acompanhar o resultado da primeira audiência de instrução do caso Luana Barbosa. Em sua maioria mulheres lésbicas e bissexuais negras, elas traziam faixas pedindo justiça por Luana Barbosa com reivindicações "Nenhuma Luana a menos" e "Contra o Racismo e o Lesbocídio do Estado".*

*Da capital de São Paulo, a coletiva Luana Barbosa organizou um ônibus com mulheres de diversos cantos da cidade, para acompanhar a audiência e fortalecer a família de Luana. Importante ressaltar que neste dia as irmãs de Luana foram barradas na porta do fórum e impedidas de entrar, os seguranças do fórum se justificaram dizendo que elas estariam usando camisetas com a foto de Luana, com a frase "amor eterno" e isso poderia provocar os réus durante a audiência.*

*Fernanda Gomes, Jenyffer Nascimento, Renata Alves, Aline Anaya e Luana Oliveira, estiveram presentes em Ribeirão e duas das advogadas que acompanham o caso Luana*

*Barbosa são militantes do movimento negro de São Paulo, são elas Dina Alves e Maria Silvia do GELEDÉS.*

Fonte: <https://www.revive.com.br/noticias/cidades/testemunhas-de-acusacao-do-caso-luana-reis-foram-ouvidas-nesta-quarta-feira-18/>

### **Estreia do Espetáculo Ialodês - Um manifesto da cura ao gozo da Cia Capulanas de Arte Negra**

Trilogia da Mulher Negra, uma ficção afrofuturista. O espetáculo é um manifesto poético, em forma de fábula, onde cinco mulheres-abelhas guerreiras, as Ialodês, governam a Colmeia, uma cidade/mundo herdada por elas de suas ancestrais. O espetáculo foi contemplado pela 29ª edição da Lei de Fomento ao Teatro da cidade de São Paulo e teve sua estreia no Galpão Humbalada no Grajaú.

*A peça inaugura uma perspectiva estética e discursiva afrofuturista, abrindo um novo campo para pensarmos o futuro e a vida que queremos enquanto mulheres negras, mas sem deixar de reverenciar a ancestralidade.*

Fonte: <https://mundonegro.inf.br/capulanas-cia-de-arte-negra-apresenta-os-prazeres-da-mulher-negra-na-fabula-ialodes-um-manifesto-da-cura-ao-gozo/>

### **Dissertação de Mestrado de Sulamita Assunção (2018)**

*Quebradas feministas: Estratégias de resistência nas vozes das mulheres negras e lésbicas negras da periferia sul da cidade de São Paulo.*

Esta dissertação pretende conhecer as ações, de cunho feminista-política-artística, desenvolvidas na periferia sul da cidade de São Paulo, pelas mulheres negras e lésbicas negras organizadas em coletivos. A pesquisa intenciona apresentar como esses encontros possibilitam narrativas que subvertem os discursos racistas e sexistas, para contribuir com novas produções de sentidos para as experiências individuais e coletivas. Observa-se que as atividades e intervenções empreendidas pelas mulheres oferecem caminhos possíveis de rompimento com a discriminação, estigma e submissão que são atribuídos pelos marcadores sociais de gênero, raça, sexualidade e classe. Para acompanhar a atuação das mulheres neste cenário, uma vez que suas narrativas e práticas também partem do plano crítico incomum em que estou inserida, foram realizadas observações a partir da pesquisa-ação participante nas atividades produzidas, análise dos materiais elaborados por elas, entrevistas individuais com três mulheres e um grupo focal. A epistemologia feminista é utilizada, apoiada nas perspectivas feministas negras, lésbicas e latino-americanas referenciais que se mostram apropriados, pois refletem sobre as experiências de opressão de diferentes mulheres em variados contextos

*Sulamita foi a segunda mulher da rede Periferia Segue Sangrando a defender sua dissertação. Neste dia a PUC foi ocupada por diversas pessoas da zona sul e leste que foram prestigiar a pesquisa. Importante destaque da banca foi Rosângela Costa Araújo - mestra Janja da Bahia.*

Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21708>. Acessado em 28 de agosto de 2022.

## **2019**

### **8M na quebrada**

*No ano de 2019 a organização do 8M na quebrada foi pensada de maneira a resgatar os afetos. Nesse sentido, cada mulher da organização escreveu uma carta que tinha como destinatário outras dos distritos do Jd São Luiz e Jd Ângela. O grupo, assim como todos os anos, se mobilizou na frente dos terminais e nas principais ruas desses distritos e fizeram as entregas das cartas, além de se colocarem disponíveis para uma conversa despreziosa caso as mulheres abordadas apresentassem o desejo.*

Fonte: registro pessoal

### **Morte da poeta e artista Tula Pilar**

*Recebemos a notícia de sua morte no dia 11 de abril de 2019. Tula Pilar sofreu uma parada cardíaca, chegou a ser levada ao pronto socorro em Taboão da Serra, mas os médicos não conseguiram reanimá-la. Tula foi poeta e durante muitos anos viveu de poesia, suas escritas carregam a importância da insubmissão contra as ordens impostas por herdeiros e herdeiras da casa grande.*

*Tula foi mãe de três filhos, trazia como referência Carolina Maria de Jesus nas suas escritas e criações, escreveu poesias eróticas, participou de saraus na periferia de São Paulo e criou seu próprio coletivo, o RAIZARTE, formado por ela, pelo filho e pela filha mais nova.*

*A partida de Tula Pilar, deixou uma dor no seio do nosso território, que sempre foi tão viva e ativa nos diversos saraus e espaços de cultura da periferia e de toda a cidade.*

Fonte: caderno de campo

### **I Encontro de Lésbicas e Bissexuais Pretas de Quebrada (ELBP)**

*As mulheres do Brejo da Sul em parceria com outras coletivas de mulheres lésbicas e bissexuais, realizaram o Primeiro Encontro de Lésbicas e Bissexuais Periféricas de SP. O encontro aconteceu no bairro chamado Terra Preta na cidade de Mairiporã. O espaço escolhido foi um sítio e a programação foi pensada de maneira a articular formação política e lazer, organizado de maneira autônoma, o brejo do sul contou apenas com vaquinha online e doações de pessoas conhecidas. Encontro pensado para 100 pessoas, entre mulheres e crianças, todas autodeclaradas negras ou indígenas periféricas.*

### **Encontro Periferia Segue Sangrando (Ano 5)**

*Seguindo os mesmos moldes dos anos anteriores, este ano o encontro teve como disparador a pergunta “Onde habita a minha presença?”. Tornou-se um encontro emblemático porque foi o último realizado antes da pandemia. Dessa a imersão mulheres de pedra e periferia segue sangrando foi realizado no Bloco do Beco- Jd Ibirapuera.*

### **Viagem de Jenyffer Nascimento para Congresso na Howard University em Washigton - DC (EUA)**

International Conference African/Diaspora Migrations, Displacements and Movements: Histories, Politics and Poetics

A poeta Jenyffer Nascimento foi convidada pela Universidade de Howard a participar da Conferência Internacional Migrações, Deslocamentos e Movimentos Africanos/Diaspóricos: Histórias, Políticas e Poéticas, realizado pelo College of Arts and Sciences, Department of World Languages and Culture da Howard University's Interdisciplinary Research Group on African and African Diaspora Studies.

A poeta dividiu a mesa de abertura do Congresso com a escritora brasileira Raquel Almeida sobre o lugar da mulher negra na literatura e sociedades brasileiras. Na segunda mesa esteve dialogando com as escritoras Marie Célie Agnant (Haiti) Cristina Cabral (Uruguai), Shirley Campbell (Costa Rica), Nacer Wabeau (Argélia) sobre literatura e ativismo e no encerramento participou de um recital poético com essas autoras e outras poetisas convidadas.

O evento ocorreu do dia 30 de outubro a 01 de novembro.

Os custos de passagem, hospedagem e alimentação foram custeados pela universidade.

Fonte: registro pessoal

### **Viagem de Elizandra Souza para Boston (EUA)**

Congresso LASA / Nuestra América: Justice and Inclusion.

A poeta e escritora Elizandra Souza foi convidada para o Congresso realizado pela LASA (Latin American Studies Association) em Boston (EUA) em 24 de maio de 2019, no Salão A do Boston Marriot Hotel.

LASA (2019) trazia o tema central “Nuestra América: Justiça e Inclusão”. Elizandra Souza (Brasil) palestrou na sessão presidencial do evento intitulada: Vozes/Voces: Poesia, Performance e Política das Mulheres Negras, acompanhada da poeta e romancista lésbica Ana-Maurine Laura (EUA-República Dominicana).

Fonte: registro pessoal

### **Dissertação de mestrado de Danielle Regina Oliveira (2019)**

*Encruzilhada das guerreiras da periferia sul de São Paulo: feminismo periférico e fronteiras políticas.*

Este estudo reflete algumas perspectivas do feminismo periférico tais como: a) noção de feminismo amparado no cotidiano de mulheres da periferia; b) território como relação social que marca experiências femininas atravessando suas relações de classe, raça e gênero; c) ações coletivas baseadas na construção de subjetividades rebeldes. Dessa forma, parte-se da experiência de mulheres da periferia da zona sul de São Paulo, sendo o coração das análises a produção política-intelectual de ativistas da coletiva Fala Guerreira, registrada através de entrevistas individuais/coletiva e suas ações promovidas desde o início dos anos 2010, histórias das quais também faço parte.

Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/teses/2019/09/17/encruzilhada-das-guerreiras-da-periferia-sul-de-sao-paulo-feminismo-periférico-e>. Acessado em 28 de agosto de 2022.

*Dani Regina foi a terceira da rede Periferia Segue Sangrando a defender uma dissertação de mestrado na UNICAMP-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em Campinas. Entre as pessoas presentes no dia da apresentação da pesquisa estavam, Alessandra Tavares, Dayse Oliveira, Arailda Carlos e Mari Brito, além de familiares e outras pessoas que lotaram uma Van que teve sua saída do Bloco do Beco.*

### **Visita de Intelectual Zethu Matebeni e Laura Moutinho ao Bloco do Beco acompanhadas pela Rede Periferia Segue Sangrando**

*Zethu Matebeni visitou o Bloco do Beco e conheceu o Jd. Ibirapuera e nossa atuação local no território numa perspectiva de intercâmbio Brasil - África do Sul.*

*Na época, algumas mulheres da rede faziam uma matéria com a Laura Montinho como alunas especiais na USP, uma espécie de preparação para o mestrado. Zethu estava no*



*Brasil para se participar de um seminário e a Laura Moutinho articulou com as mulheres da rede Periferia Segue Sangrando uma conversa no espaço do Bloco do Beco.*

*A troca foi incrível, uma pena que muitas vezes a barreira do idioma atrapalhou um pouco nosso diálogo. Estavam presentes: Milena Mateuzi, Dandara Kuntê, Jenyffer Nascimento e Arailda Carla.*

## **2020**

### **Viagem de Elizandra Souza para Texas – EUA**

*A poeta e escritora Elizandra Souza foi convidada para a Conferência Lozano Long, 2020 com tema central “A contribuição intelectual de mulheres negras nas Américas: Perspectivas do Sul”, organizado pela LLILASBENSON (Latin American Studies and Collections) na Universidade do Texas de 20 a 22 de fevereiro de 2020.*

*A Conferência buscava mulheres negras pesquisadoras e militantes de diversas regiões da América Latina, com o propósito de dialogar sobre a riqueza epistemológica de mulheres negras nas Américas, privilegiando as mulheres negras de fora dos EUA.*

*O trabalho de Elizandra Souza (Brasil), tanto da perspectiva poética quanto sua militância foi considerado de extrema relevância para genealogia do feminismo negro no mundo.*

Fonte: Caderno de Campo

### **Campanha “Quebrada Inteira” organizado por Periferia Segue Sangrando e 8M na quebrada**

*Foi marcada pela distribuição de cestas básicas e produtos de primeira necessidade para famílias da zona sul de SP. Durante 3 meses, a Rede de Mulheres Periferia Segue Sangrando e 8M na quebrada realizou a distribuição de alimentos, cerca de 450 famílias foram contempladas nesse período e mais de 1.000 cestas básicas entregues.*

*As entregas foram feitas em diversas regiões do extremo sul de São Paulo.*

*As integrantes se revezavam para realizar as entregas de carro, de modo a não onerar ainda mais essas mulheres que precisavam das cestas básicas. É importante destacar, que muitas mulheres que também são membros da rede foram contempladas com cestas, afinal, não estávamos no lugar de quem dá porque tem, e sim, em um lugar de profunda empatia por também experimentamos em nossas vidas parte dessas faltas.*

*Nos arriscamos porque ficamos mais expostas ao vírus mesmo tomando cuidado, mas era um momento em que não era possível ficar paralisada, uma vez que o poder público havia negligenciado a segurança alimentar de milhares de pessoas nas periferias. A pergunta é quem mata mais, a fome ou o vírus?*

Fonte: registro pessoal

### **Lançamento do Livro “Estado de Libido ou poesias de prazer e cura” de Carmen Faustino (Amor e Cura)**

A escritora Carmen Faustino enaltece o erótico em seu primeiro livro de poesias. A publicação reúne parte de seus textos escritos na última década, em uma coletânea que oferece mais do que erotismo e nos convida à reflexão sobre intimidade, prazer, descobertas, autocuidado e curas, no universo de feminilidade da mulher negra.

*Carmen Faustino atuou como editora e organizou e publicou livros publicações de muitas mulheres negras ao longo de sua carreira. Esse evento foi especialmente especial, pois apesar de ser reconhecida como escritora e ter participado de uma série de antologias este foi o seu primeiro trabalho autoral. Grande parte das mulheres do núcleo de mulheres negras estavam presente para celebrar a conquista que, em parte, foi gestada dentro dos encontros formativos.*

*As discussões sobre prazer, cura e gozo, são um horizonte permanentemente apontado para não sucumbirmos ao racismo, por isso, tão importante de ser anunciadas para nós e tantas outras leitoras que encontraram essas poesias no caminho.*

Fonte: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/06/30/afogar-estereotipos-com-poesias-de-prazer-e-cura.htm>

### **Live Quebrada Inteira - Plataforma EhChO convida Periferia Segue Sangrando**

O texto de apresentação da *live* apresentava o agrupamento de mulheres

Periferia Segue Sangrando é uma ação, uma coletiva? É uma rede de mulheres que vive, produz, atua e pensa o território e nossas experiências enquanto mulheres periféricas. Nasceu em 2015, como um encontro de mulheres da zona sul de São Paulo e foi tornando-se um espaço seguro para experienciar conexões profundas em que a fala, a escuta e a ação perpassam as lutas cotidianas, as dores partilhadas, a potência da criação, as artes, os afetos e o pertencimento entre nós. Periferia Segue Sangrando é o dedo na ferida, o confronto, a guerra, é demarcação da nossa voz e corpo nas ruas, no bairro, no mundo. É sobretudo, uma conexão de afeto, um encontro no qual as mulheres se fortalecem no presente e produzem futuros para si e seus entornos, um desvio da linha do tiro, um respiro para seguir e não desistir.

*A Live Quebrada Inteira tinha por objetivo partilhar um pouco da atuação da Rede Periferia Segue Sangrando, sobretudo, no momento de pandemia, dialogar sobre o que atravessava as corpos dessas mulheres negras e periféricas e o que foi importante para suportar esse universo pandêmico. Mesmo intermediada pela virtualidade, a troca entre mulheres do grupo fazia parte de algo comum: a partilha íntima; ao mesmo tempo relatar como tinha sido a Campanha Quebrada Inteira, momento em apesar do vírus mortal da COVID-19 foram para às ruas, realizar as entregas de cestas básicas na tentativa de*

*contribuir com a segurança alimentar de famílias em que as mulheres são as responsáveis pela gestão e sustento de seus filhos.*

Fonte: <https://ehcho.org/conteudo/periferia-segue-sangrando-quebrada-inteira>

### **Tese de doutorado de Eliana Pereira Silva (2020)**

*A flor que nasce do impossível chão: lutas e resistências de mulheres negras na periferia da zona sul de São Paulo*

PUC-SP - Faculdade de Ciências Sociais Programa de Estudos de Pós-Graduação em Serviço Social

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a partir da antropologia da imagem de Hans Belting e Dietmar Kamper a transformação do corpo em imagem acarretando na perda da sua dimensão (Pross) e consequentemente da visibilidade, naquilo que o Prof. Dr. Norval Baitello Junior chama de era da iconofagia, na qual as imagens são devoradas por outras pela aceleração do tempo de sua contemplação. O imigrante boliviano, desde o período pré-incaico sofreu com perdas, muito ouro, árvores, pássaros, animais e pessoas foram levados à Europa, regiões foram tomadas por Brasil e Chile, governos ditatoriais entregaram a exploração de minas aos Estados Unidos e a Inglaterra e recentemente o crescimento do trabalho informal obrigou-o novamente a ser um nômade tendo que atravessar pontes e migrar. Para sobreviver na cidade de São Paulo esse imigrante se sujeita às condições precárias do trabalho nas oficinas de costura em condições análogas ao trabalho escravo. Algumas vezes impulsionado pela mídia terciária, mas sobretudo, por uma rede de contatos de familiares e amigos no Brasil. A imagem desse imigrante remonta a chegada de Colombo à América e a uma 'colonização das imagens' no imaginário e no cotidiano. A imposição de uma língua, a cristianização, a ideia de superioridade do colonizador, o tráfico de droga nos dias de hoje, marca esse corpo e o torna exilado em São Paulo. Mas, de corpo máquina à corpo invisível ele transcende e resiste com festa.

Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23408>. Acessado em 28 de agosto de 2022.

## **2021**

### **Encontro fechado do Periferia Segue Sangrando e Denise Ferreira da Silva**

*Durante o processo de construção da Revista Quebrada Inteira, em uma das conversas virtuais com um grupo pequeno que estava dedicada aos processos de edição dos textos recebidos, rolou um desabafo sobre o esgotamento desse segundo ano vivendo em isolamento, sem certezas, muito cansaço e uma sobrecarga mental absurda.*

*A partir desse diálogo, Denise propôs que fizéssemos uma conversa ampliada com todo o grupo para falarmos justamente desse pesar, das nossas dores em vivenciar esse processo. O convite foi feito às mulheres do Periferia Segue Sangrando e às autoras convidadas que enviaram material para revista.*

*O encontro fechado na plataforma Zoom, durou cerca de cinco horas, mais uma vez, um momento íntimo de partilha fundamental para suportar o momento. Além de falas, Denise nos presenteou com a leitura do Tarô, que nos aterrou um pouco e trouxe certo alento do tamanho do desafio que ainda enfrentaríamos coletivamente, ao mesmo tempo, que nos deu sustentação, uma vez que as cartas revelaram que tínhamos as ferramentas necessárias dadas pela nossa ancestralidade para nos mantermos sã e salvas.*

Fonte: registro pessoal

### **Congresso Internacional de Justiça Restaurativa da OAB-SP (Ordem dos Advogados do Brasil)**

O Congresso Internacional de Justiça Restaurativa: discursos dominantes e caminhos de resistências e potências, realizado integralmente em formato virtual, teve como proposta apresentar ideias e debates críticos, antirracistas, decoloniais, anti-patriarcais e anti-hegemônicos no que se refere à justiça restaurativa. O evento contou com mesas, GTs de discussões de trabalhos submetidos e atividades extras entre 12 e 30 de julho.

*Nesta edição integrantes do Periferia Segue Sangrando foram convidadas a participar, dentre elas: Mariana Brito, Edjane Alves, Anabela Gonçalves, Dandara Kuntê, Andreia Arruda, Fernanda Gomes e Alessandra Tavares, em sua maioria mulheres negras.*

*A surpresa é que apesar do tema proposto, muitos advogados e pessoas ligadas a OAB, expressaram de diversas formas desconforto e questionamentos racistas não somente a fala das integrantes do Periferia Segue Sangrando, como em outras discussões ao longo do Congresso.*

Fonte:

<https://sites.google.com/oabsp.org.br/congressojusticarestaurativa/in%C3%ADcio>

### **Jantar presencial de celebração do Núcleo de Mulheres Negras organizado por Jenyffer Nascimento**

Convite do jantar:

“Salve, salve, mulherada do Núcleo de Mulheres Negras. O que inicialmente era um pequeno jantar com as amigas, já vem se configurando como um momento de encontro e celebração com as mulheres do Núcleo de Mulheres Negras.

Tomei o cuidado de chamar as pessoas que estavam mais presentes no Núcleo, nesse momento em que farei um jantar para nós e que é um respiro depois de tanto tempo sem nos ver. Não tem nenhum caráter formal, é mesmo para a gente se ver, beber, comer e falar da vida! <3

Sabemos que ainda estamos na pandemia, então, é importante que cada uma tenha consciência do risco e se responsabilize em participar dessa “pequena” aglomeração. Aqui em casa o espaço é grande, podemos nos espalhar, tem varanda e um quintal também. Mas, confesso que vou abraçar todas!

Alguns de vocês me perguntaram o que trazer, eu vou fazer a comida, então caso queiram trazer bebida, fica a caráter de cada uma. Ah, quem tiver uma *playlist* boa, pode trazer também. E lógico, aquele amor no coração que habita no coração de vocês é muito bem-vindo. “

*Na casa da Jenyffer, pudemos experimentar os sentidos de abundância e fartura. Ela celebrava também a casa nova em que está morando e que ainda não havia tido a oportunidade de convidar muita gente, justamente por conta da pandemia. Esse jantar foi muito especial, porque nas conversas do Núcleo de Mulheres Negras nos idos de 2015, parecia que estávamos muito perdidas e sem caminho sobre o que conseguiríamos fazer de nossas vidas, não eram todas, mas muitas ainda precisam se estruturar tanto na carreira profissional quanto em questões pessoais. Esse reencontro celebrou uma nova fase em que conseguimos notar as conquistas uma das outras e rememorar o quanto foi importante passarmos por aquele momento juntas. Bebemos, rimos e ritualizamos em círculo como era comum em nossos encontros do passado, oferecendo palavras de agradecimento a cada mulher presente.*

*Jenyffer é moradora do Parque Santo Antônio, na zona sul de São Paulo*

Fonte: registro pessoal

### **Jantar presencial de celebração do Núcleo de Mulheres Negras organizado por Gislene**

*O jantar na casa da Gislene marcou a mudança de sua carreira profissional. A recepção ao Núcleo de Mulheres Negras foi no andar térreo de sua casa que foi transformado em espaço colaborativo, cultural e de economia criativa de empreendedores negros nomeado como “Pretextos”. Na realidade o jantar foi a inauguração deste espaço e de um novo momento construído a partir das relações de afeto e cuidado dentro do núcleo.*

*Gislene mora no Jd. Monte Kemmel, na zona oeste de São Paulo, próximo a Chácara do Jockey.*

### **Live de lançamento da coleção de Joias da Preta Rainha: PRATA PRETA**

Convite do lançamento:

“Batizada de PRETA RAINHA pelas centenas de clientes, amigas, parceiras, rainhas, reis, princesas e príncipes. Essa é a primeira linha de joias em Prata, Cobre e Latão inteiramente desenvolvida, produzida e forjada pela artista e joalheira Débora Marçal. Essa linha é autoral, artesanal e ancestral, está sendo gestada a tanto tempo, aguardando a coragem para se apresentar e agora estamos aqui, chegou a hora. Se lançar como qualquer coisa é bem desafiador, é um mar de incertezas, chega falta o ar, mas é extremamente necessário colocar para fora, girar a roda, botar para jogo nossos conhecimentos, saberes, expertises. O frio na barriga é como de uma estreia e ainda bem. Convocamos a todes para celebrar mais esse passo dessa marca que, sabemos, principalmente por todos os retornos de vocês, que traz muitas alegrias para quem usa”.

*Devido à pandemia, o lançamento foi feito de forma virtual. A virtualidade não atrapalhou a emoção e muitos comentários amorosos “que riqueza”, “somos rainhas e merecemos isso”, “nunca imaginei que um dia usaria joias” e tantos outros de celebração foram entoados ao longo da live. Preta Rainha marca positivamente as mulheres negras do nosso circuito por trazer a “permissão” para nos adornarmos e nos sentirmos bonitas, salientando que a beleza é importante como um aspecto subjetivo de autoestima, mas também nos convidando a ser prósperas atraindo a riqueza imaterial e material em nossas vidas, a partir de uma perspectiva africana, afrocentrada.*

Fonte: <https://www.facebook.com/PretaRainha/posts/4550163955018647/>

### **Jantar presencial de celebração do Núcleo de Mulheres Negras - O Amor Cura, organizado por Débora Marçal**

*O jantar na casa da Débora aconteceu perto do final do ano, justamente, um ciclo de encerramento e que de alguma forma representava também um novo momento diante da pandemia em que finalmente parecia que a vida voltaria ao normal. O Jantar, pouco depois do lançamento da coleção Preta Rainha, celebrava também esse retorno da Débora à confecção de joias. Com muito cuidado no preparo do alimento e na apresentação da comida, o jantar foi servido em uma esteira com luzes baixas, trazendo uma atmosfera sagrada, como quando se faz uma oferenda em religiões de matriz africana, afinal, Débora é uma mulher de candomblé.*

*Foi mágico também por toda simbologia do lugar, afinal a Goma Capulanas, foi durante muito tempo um espaço frequentado onde aconteciam as reuniões do Núcleo e frequentado pelas próprias atividades que eram oferecidas pela Cia. Foi um momento de reconexão profunda e de agradecimentos verbalizados de modo ritualístico. Apesar do cansaço numa noite de sexta-feira, depois de uma semana cansativa, a sensação era de pertencimento e amor.*

*O jantar foi oferecido na Goma Capulanas Cia de Arte Negra, no bairro do Jd. Novo Santo Amaro, zona sul de São Paulo.*

Fonte: registro pessoal